



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ELOAH MARIA MARTINS VIEIRA

**REFLEXÕES SOBRE AS REDES DE VENEZUELANOS NA REGIÃO
METROPOLITANA DO RECIFE (BRASIL)**

Recife

2025

ELOAH MARIA MARTINS VIEIRA

**REFLEXÕES SOBRE AS REDES DE VENEZUELANOS NA REGIÃO
METROPOLITANA DO RECIFE (BRASIL)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Área de concentração: Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Alex Vailati

Co-Orientadora: Prof. Dra. Sofia Venturoli

Recife
2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Vieira, Eloah Maria Martins.

Reflexões sobre as redes de venezuelanos na Região Metropolitana do Recife (Brasil) / Eloah Maria Martins Vieira. - Recife, 2025.

164 f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Antropologia, 2025.

Orientação: Alex Giuliano Vailati.

Coorientação: Sofia Venturoli.

Inclui referências bibliográficas e apêndices.

1. Imigração; 2. Venezuelanos; 3. Rede; 4. Recife; 5. Pernambuco. I. Vailati, Alex Giuliano. II. Venturoli, Sofia. III. Título.

UFPE-Biblioteca Central

ELOAH MARIA MARTINS VIEIRA

Reflexões sobre as redes de venezuelanos na Região Metropolitana do Recife (Brasil).

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Área de concentração: Antropologia.

Aprovada em 15/04/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alex Giuliano Vailati (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Sofia Venturoli (Co-orientadora)
Università degli Studi di Torino

Prof. Dr. Russell Parry Scott (Examinador Titular Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Camila da Silva Lucena (Examinadora Titular Externa ao Programa)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dra. Manuela Tassan (Examinadora Titular Externa à Instituição)
Università degli Studi di Milano-Bicocca

A meu pai (in memorian), que me colocou na trama da
migração;

A minha mãe, que nos acompanhou e teceu redes entre aqui e lá;

A meus avós (Tchê, in memorian, e Zé do Joca, in memorian)
que sempre me mostraram que um lar também pode estar a mais
de 3 mil de quilômetros de distância;

À família Vieira, com quem aprendo que sempre é tempo de
tecer e retecer redes;

À Helena, que ainda em meu ventre, me mostrou que força e
suavidade são fios preciosos da trama da vida.

AGRADECIMENTOS

Escrever esta tese é uma alegria e envolve muitas outras emoções. A alegria de ter esta tese escrita deve-se ao fato de eu ter conseguido concluir esta etapa de minha formação, mas não só a isso. Para mim é uma alegria escrever sobre Recife. Eu não nasci aqui, mas considero que sou daqui. Então falar dessa cidade gera em mim grande emoção.

Agradeço a cada pessoa que se disponibilizou a dividir suas trajetórias comigo e, assim, a construir esta pesquisa. Muito obrigada!

Agradeço à minha filha Helena que, de sua forma, mostra-me que a vida pulsa para além desta tese. E como é bom saber que o tecer da rede não se encerra aqui. Você surgiu quando o doutorado já estava presente em minha vida. E, desde a barriga, acompanhou escritas, leituras, reflexões e minha (nossa) ida à Unito. Helena é a primeira pernambucana de nossas famílias, finalmente nossa rede tem um ponto nascido aqui! Agradeço a você, minha filha, por tudo o que vem me mostrando de encantado no mundo! Defender esta tese com você ao meu lado tem um sabor muito mais especial.

Agradeço a meu pai por ter estado comigo durante vários momentos deste doutorado. Obrigada por, mesmo depois de se encantar, seguir comigo, me mandando força e me lembrando que serenidade e força seguem conosco. Obrigada, papito, por me formar doutora e me estimular a seguir meus sonhos. Agradeço aqui também à minha mãe. Ver você agora como mestrandia, é motivo de muita alegria e orgulho. Obrigada pela presença constante, por tudo o que você sempre fez por mim. Ser filha de vocês é um título mais do que precioso.

Flávia, minha mana, ser sua irmã é um prazer imenso, e ser antropóloga ao seu lado me dá muito orgulho.

Agradeço à Flávia e à Mônica por me mostrarem em nossos Encontrinhos do Amor Antropológico, que pensar coletivamente é uma potência. Mais do que isso, agradeço por nossa amizade e parceria. Mônica, amiga, obrigada por estar junto e me incentivar a seguir neste e noutros projetos na vida. Ser antropóloga com vocês duas é muito especial.

A Franzé, agradeço pela companhia desde muito antes deste doutorado. Você me ajudou muito a conseguir finalizar este passo. Desde a seleção do doutorado, você foi muito importante. Os lanches e todas as outras refeições que você sempre fez me deram muito mais gás para a seleção de doutorado, escrita e agora defesa. Obrigada pela parceria, pelo amor e pela presença.

A Bella e Floquinho (in memoriam) por fazerem bagunça e darem leveza e ânimo ao dia a dia de nosso lar.

A Julie e Valentin agradeço pela parceria mesmo com quilômetros de distância. Amiga amada, obrigada por me escutar e me dar força em muitos momentos. Nós dividimos o desafio de escrever nossas teses ao mesmo tempo em que criamos nossos filhos. Ser mãe e cientista social do seu lado é muito melhor! Obrigada!

A Dudu, João, Nilo, Bem e Maya porque desde as barrigas de suas mães vocês me dão força. E a elas então? Agradeço às amigadas, cada uma à sua maneira, de Carol, Ka e Ray. Que bom que estamos juntas nessa vida !

A Poli, Suenia, Rosalia, Maira e Jeiza por compartilharem comigo essa trilha tortuosa que é o doutorado. Ainda bem que minha turma é com essas mulheres fecheção! Admiro muito a trajetória de cada uma de vocês.

Ao Núcleo Migra, por me jogar no mundo da extensão e me ensinar a força da pesquisa em companhia. Dani, Camila, Assíria, Fagner, Júlia, Bruna, Renato, Carol, Sofia, Mari e Bertrand, obrigada!

Agradeço também aos queridos colegas da Unitversità degli Studi di Totino: Ingrid, Anna, Santiago, Maria, Margherita. Reforço aqui também minha alegria de ter encontrado Sofia Venturoli como co-orientadora e por ela ter me acolhido junto a Fabio, Ernesto e Isabela. Os dias por Torino e pela UNITO muito embalam a mim e a cebolinha (Helena), como uma boa rede embala. Grazie mille per tutto!

A Alex, meu orientador, por sempre se disponibilizar a me escutar de forma gentil e humana. Receber suas orientações foram fundamentais pra esse processo de tese. Orientações sempre em diálogo e troca. Muito obrigada por toda escuta e paciência. Agradeço por ter acreditado nesta pesquisa junto a mim. Aprendi muito com a sua postura como professor, pesquisador e orientador.

Agradeço a escuta atenta e as sugestões gentis de Parry Scott e Vânia Fialho nos momentos de qualificação do projeto e da tese. Obrigada por lerem este trabalho em diferentes estágios e se disponibilizarem a contribuir com o texto e com as ideias que aqui apresento. Lembro-me com carinho das palavras de Scott na minha banca de qualificação da tese. Ele disse que gostaria de me ver mais ousada no texto. Espero ter conseguido.

Também agradeço a todos os professores e professoras que me deram aulas no doutorado. Obrigada por tudo que aprendi com vocês. Em especial, agradeço a Ana Cláudia

Rodrigues a quem desde a minha graduação muito admiro e muito me inspira. Que privilégio ser sua aluna!

Agradeço também a Ademilda por, desde o mestrado, tornar as minhas idas ao PPGA momentos de muita conversa, troca e ensinamentos.

Agradeço a todos os estudantes que estiveram comigo em sala nas minhas aulas como professora substituta do Departamento de Antropologia e Museologia da UFPE. Estudantes de fisioterapia, odontologia, ciências sociais, museologia, geografia, ciência política, direito e serviço social. Tudo que discutimos em sala contribuiu para a minha formação como professora. Muito do que conversamos em aula também constrói esta tese e me forma como antropóloga. Obrigada.

Agradeço ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa e à FACEPE por possibilitar minha ida à UNITO e, conseqüentemente, a execução deste doutorado em cotutela.

RESUMO

Esta tese discute as redes acessadas por venezuelanos que estão na Região Metropolitana do Recife. O objetivo geral desta tese é entender como são construídas e operadas as redes que influenciam a chegada e a permanência de venezuelanos e venezuelanas em Recife e Região Metropolitana. Para alcançar esse objetivo, foi necessário analisar quem são os venezuelanos que estão em Recife e região; identificar que redes são acessadas e construídas por essas pessoas, analisando como são formadas e quais elementos as compõem; e debater epistemológica e metodologicamente a noção de rede, problematizando-a teoricamente e a partir dos usos e compreensões que os interlocutores têm sobre este termo. Ao analisarmos como os próprios interlocutores utilizam o termo rede em campo, foi possível fazer aproximações com teorias sobre redes. Em campo, foi possível perceber uma forte presença de instituições nas redes de venezuelanos na região estudada, o que difere da forma como outras migrações se organizaram historicamente em Recife e em Pernambuco. Entretanto, percebeu-se que a assistência institucional prestada aos venezuelanos é precária. Além disso, mediante o diálogo entre campo e teoria também ganhou destaque a presença dos conflitos nas redes, além da solidariedade e seu caráter transnacional. Dessa forma, foi possível refletir também sobre a imobilidade e a grande securitização do movimento das pessoas.

Palavras-chave: imigração; venezuelanos; rede; Recife; Pernambuco.

ABSTRACT

This thesis discusses the networks accessed by Venezuelans living in the metropolitan region of Recife. The general objective of this thesis is to understand how the networks influence in the arrival and in the permanence of Venezuelans in Recife and in the metropolitan region. To achieve this objective, it was necessary to analyze who the Venezuelans living in Recife and the region are; to identify which networks are accessed and constructed by these people, analyzing how they are formed and what elements compose them; and to debate epistemologically and methodologically the notion of network, problematizing it theoretically and based on the uses and understandings that the interlocutors have of the term network. By analyzing how the interlocutors themselves use the term network in the field, it was possible to make approximations with theories about networks. In the field, it was possible to perceive a strong presence of institutions in the networks of Venezuelans in the region studied, which differs from the way other migrations have been historically organized in Recife and Pernambuco. However, it was noted that the institutional assistance provided to Venezuelans is precarious. Furthermore, through the dialogue between field and theory, the presence of conflicts in networks was also highlighted, as well as solidarity and its transnational character. In this way, it was also possible to reflect on immobility and the securitization of people's movement.

Keywords: immigration; Venezuelans; network; Recife; Pernambuco.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 01. RECIFE E PERNAMBUCO: O contexto da migração de venezuelanos, mas não apenas deles, para cá.	14
1.1 Historicizando as migrações internacionais para Recife e Pernambuco.....	14
1.2 Contextualizando a migração de venezuelanos para Recife e Pernambuco	29
CAPÍTULO 02. METODOLOGIA	51
2.1 Caminhos e surpresas	51
2.2 Os principais interlocutores	55
2.3 O campo e as interações mediadas pela internet	64
2.4 Registro e organização de dados	65
CAPÍTULO 03. MAS AFINAL, O QUE É REDE?: Conceitos e usos do termo rede	89
3.1 Rede nos estudos antropológicos	89
3.2 Rede gerando migrações	92
3.3 Rede para além da teoria antropológica	96
3.4 A presença de instituições nas redes	101
3.5 Quando rede é o nome de uma iniciativa	115
CAPÍTULO 04. REDES PARA ALÉM DE RECIFE	125
4.1 Os caminhos até chegar em Pernambuco.....	125
4.2 Redes transnacionais na experiências de transmigrantes.....	132
4.3 Internet e redes sociais nas redes dos migrantes	137
4.4 Refúgio e visitas à Venezuela.....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	162
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista	163

INTRODUÇÃO

Quando decidi fazer o doutorado continuando na área de estudos sobre migrações, tinha o forte desejo de pesquisar sobre migrações internacionais contemporâneas no Recife ainda que este não fosse o tema mais recorrente no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE (HAZIN, 2016; TCHAM, 2012 e 2016; KAUFMAN, 2009; FABREAU, 2009 e 2016; SILVA, 2008)¹. Em análise sobre a produção antropológica brasileira sobre migrações, Giralda Seyferth (2004) comenta que, mesmo que o Nordeste tenha recebido imigrantes em diferentes épocas, há ainda pouca literatura sobre eles. Em contraposição a isso, eu me movia pelo desejo de que esta fosse uma temática forte aqui também, por eu ver que existiam migrantes internacionais na cidade, ainda que não da forma como observei em São Paulo durante meu mestrado. Afinal, cada cidade tem sua especificidade. Lá existem muitos estudos sobre migrações internacionais. De forma que, por vezes, parece mais óbvio pesquisar migrações internacionais naquele Brasil do que no Brasil daqui, em Recife.

Tomada pelo desejo de mudar de campo com relação a meu mestrado e trazer a minha pesquisa para o lugar onde moro e com o qual tanto me identifico, decidi pesquisar migrações internacionais aqui. Neste início eu não sabia que pesquisaria sobre venezuelanos na Região Metropolitana do Recife. Ainda no final de minha experiência de campo no mestrado, a questão venezuelana passou a ser mais debatida no Brasil em função do aumento no número de venezuelanos chegando ao país (BAENINGER, et al. 2018, 2020), mudando uma dinâmica anterior, quando brasileiros iam mais à Venezuela do que o contrário (VASCONCELOS, 2013). E assim, aos poucos, para além de números, fui me aproximando do tema que tanto queria

- 1 Durante a disciplina de Etnologia Brasileira com os professores Parry Scott e Luiz Eduardo Sarmiento pude escolher um tema a levantar em diferentes departamentos de antropologia. Ao longo da disciplina, pesquisei as produções sobre migrações internacionais do Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFPE, do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UNICAMP e do Doutorado em Antropologia da Università degli Studi di Torino (Itália). No PPGA (UFPE), não há uma linha de pesquisa ou sublinha específica sobre migrações, mas diferentes pesquisadores trabalham com este tema de forma transversal. Dentre estes pesquisadores estão alunos (SILVA, 2008; HAZIN, 2016; TCHAM, 2012 e 2016; FABREAU, 2009; 2016) e professores. Aqui destaco os trabalhos de Antonio Motta sobre experiências de pessoas vindas de diferentes países africanos (MOTTA, LOBO, TRAJANO, 2018), assim como sobre o Japão (2011); Sobre a presença japonesa no estado, Renato Athias (2011) também já escreveu; Destaco também Parry Scott e seus estudos sobre parentesco nas experiências de famílias atravessadas pela migração tanto interna como internacionalmente (SCOTT et al, 2015). Além deles, Mísia Reesink também trabalha com a temática das migrações a partir de estudos sobre religião; Salete Cavalcanti tem ampla gama de produções sobre globalização, migrações e sistemas alimentares e agrícolas, como Cavalcanti (2011); Tânia Kaufman (1991, 2009) e seus estudos sobre a comunidade judaica no estado de Pernambuco. Por fim, mas não menos importante, também os trabalhos de Alex Vailati sobre migrações e suas conexões com outras áreas como antropologia visual, juventude, classe e infraestrutura.

(migrações internacionais no Recife) a partir da experiência de venezuelanos na Região Metropolitana do Recife.

Na minha pesquisa de doutorado, meu objetivo geral foi entender como são construídas e operadas as redes que influenciam a chegada e a permanência de venezuelanos e venezuelanas em Recife e Região Metropolitana. Para alcançar esse objetivo, foi necessário analisar quem são os venezuelanos que estão em Recife e região; identificar quais redes são acessadas e construídas por essas pessoas, analisando como são formadas e quais elementos as compõem; e debater epistemológica e metodologicamente a noção de rede, problematizando-a teoricamente e a partir dos usos e compreensões que os interlocutores têm sobre o termo rede.

Com intenção de alcançar esses objetivos, construí quatro capítulos. Início esta tese apresentando um panorama histórico sobre as migrações internacionais para Recife e Pernambuco. Ao apresentar esse panorama, intento não só mostrar quais outros grupos já migraram para Recife e para o estado como um todo, como também refletir sobre possíveis diferenças entre essas migrações e a migração venezuelana. Tendo em vista que o foco desta tese é a migração venezuelana para Recife e região, sigo no primeiro capítulo apresentando, de forma mais detalhada, as características dessa migração.

Considerando que, a partir do primeiro capítulo, apresentei a migração venezuelana para Recife e Pernambuco, sigo para o segundo capítulo com o objetivo de mostrar como foi o percurso para realizar uma pesquisa sobre esta migração. Para isso, mostrei quais foram os passos dessa pesquisa e como foram construídas as relações com os interlocutores, considerando a apresentação dessas pessoas como parte importante de todo o processo. A caracterização que faço desses interlocutores no segundo capítulo dá informações que permitem melhor compreensão do que será abordado nos capítulos seguintes a partir de diálogos com eles. Também foi parte fundamental deste segundo capítulo refletir sobre a minha presença e imagem em campo, assim como sobre os desafios da pesquisa. Um dos maiores desafios desta pesquisa foi ter realizado a maior parte de seu trabalho de campo durante a pandemia, em isolamento. Por isso, neste capítulo, discuto também sobre como utilizei recursos digitais para poder coletar dados e interagir em campo. Uma vez coletados os dados, comento também no segundo capítulo sobre como os armazenei e analisei. É a partir desta análise que pude construir o terceiro e o quarto capítulos desta tese.

No terceiro capítulo, apresento como a antropologia discutiu a ideia de rede a partir de autores clássicos como Clyde Mitchell e contemporâneos como Gláucia Assis. Além disso,

discuto como este termo se apresentou em campo, sendo citado pelos interlocutores antes mesmo que eu comentasse esta palavra. Assim, para poder refletir sobre como as redes dos interlocutores influenciaram na chegada e permanência em Recife e região, apresentei como os próprios interlocutores refletiam sobre rede, mostrando quais significados e usos eram dados a esta palavra. Também é parte fundamental deste capítulo refletir sobre quem são os integrantes das redes dos interlocutores. Por isso, presenças, ausências, ajudas e conflitos aparecem neste capítulo com o intuito de facilitar a compreensão de como os interlocutores, através de redes, não só chegaram como permaneceram em Recife e região.

Por fim, no quarto capítulo, decido refletir sobre como, a partir de Recife, os interlocutores constroem e acessam redes que estão para além desta cidade. Assim, neste capítulo debato a transnacionalidade das redes dos interlocutores a partir de autoras como Nina Glick Schiller e Bela Feldman-Bianco. Para isso, discuto não só sobre como os interlocutores mantêm relações com outras cidades e países, mas também sobre como há diferentes possibilidades de contato. Neste debate, experiências na fronteira são debatidas e, assim, reflito não só sobre a mobilidade mas também sobre as restrições a esta em um contexto global de grande militarização e controle do movimento das pessoas.

CAPÍTULO 01. RECIFE E PERNAMBUCO: O contexto da migração de venezuelanos, mas não apenas deles, para cá

1.1 Historicizando as migrações internacionais para Recife e Pernambuco

Antes de apresentar a chegada de venezuelanos à cidade de Recife e Região Metropolitana nos últimos anos, trarei um pouco da história das migrações para Recife e Pernambuco. Isto com a intenção de mostrar elementos para pensarmos, com base nessa tese, se a migração venezuelana recente tem especificidades em relação a outros movimentos já observados na cidade e região. Diante do nosso olhar voltado para as redes, percebemos, nos textos que fomos lendo sobre outros migrantes que chegaram à cidade, que foram mencionadas as atuações ou ausências de políticas públicas e seus impactos na chegada das pessoas, assim como a influência de redes de amigos, familiares e conterrâneos no estabelecimento de recém chegados a um novo local. Assim, antes de detalharmos a migração de venezuelanos para Recife e Região Metropolitana, esperamos apresentar elementos para pensarmos como as redes são construídas e remodeladas ao longo do tempo e entre diferentes grupos que chegaram à cidade de Recife e ao estado de Pernambuco. Nos relatos que lemos para a construção deste texto, diferentes atores (Estado, família, amigos, conterrâneos, brasileiros) apareceram na composição das redes que influenciaram na chegada e permanência de imigrantes por aqui.

Historicizar a presença estrangeira em Recife é um tanto desafiador. A partir de quando começa esta história? Quem está incluído ou não nas histórias que ouvimos e contamos? Sabemos que o Brasil, no século XVI, ainda que uma terra já muito bem ocupada por povos originários, foi invadido – e não descoberto – por portugueses. Houve aí, então, um desencontro violento. Durante o período de exploração colonial portuguesa, houve também a presença de holandeses em Pernambuco. A dominação holandesa aqui, durante o século XVII, como coloca Souza (2019), é um período muito bem documentado na história colonial. Mas, mais do que isso, é um período sobre o qual se tem uma imagem nostálgica equivocada de que “teria sido melhor para nosso desenvolvimento histórico se houvéssimos cambiado de colonizador naquela ocasião” (SOUZA, 2019, p.11). A obra de Daniel Vieira (2019), como comenta Souza (2019), faz a conexão entre discursos políticos e a construção de imagens como esta.

A distorcida imagem de prosperidade no período colonial foi comentada, no campo de pesquisa, por um funcionário de instituição que atua junto a imigrantes atualmente:

Recife, nós sabemos que, historicamente, é uma cidade internacionalizada, desde a época das capitanias, não é verdade? Pernambuco foi uma capitania que se destacou no cenário brasileiro economicamente com a cana-de-açúcar, tudo mais, né? (...) Então, Pernambuco sempre foi um lugar de destaque no cenário internacional. (Alberto², Entrevista, agosto de 2020)

Para além dos colonizadores, pessoas escravizadas, trazidas violentamente de países do continente africano, também estavam aqui ao longo do período colonial, mas sobre essa exploração não há a mesma nostalgia que se comenta em relação aos holandeses. Na fala destacada acima, não aparece a violenta correlação entre a cana-de-açúcar e a escravidão. Como coloca Domingues da Silva (2005a), a produção açucareira e seu avanço estavam relacionados ao tráfico de pessoas do continente africano. Pernambuco foi o terceiro maior porto de desembarque de pessoas escravizadas no Brasil (DOMINGUES DA SILVA, 2005a). Valéria Costa (2013) reforça que as áreas de Angola e Congo foram de onde mais vieram pessoas escravizadas, forçadamente trazidas para a província de Pernambuco. Costa (2013) também comenta que foram trazidas pessoas forçadamente do:

- Golfo do Benim (antiga Costa da Mina) abrange atualmente Togo, as cidades de Porto Novo e Uidá no Benim e a parte ocidental da Nigéria. (...)
- Golfo de Biafra, ou Golfo da Guiné, estende-se do rio Níger até o Cabo Lopez, ilhas de São Tomé e Príncipe – hoje Camarões, Guiné Equatorial, oeste da Nigéria e norte do Gabão (...).
- Sudeste da África, principalmente Moçambique (...)
- áreas da Costa do Ouro (atual país de Gana) e da Senegâmbia (onde estão situados Guiné, Guiné-Bissau, Gâmbia e Senegal) (p.202 – 203).

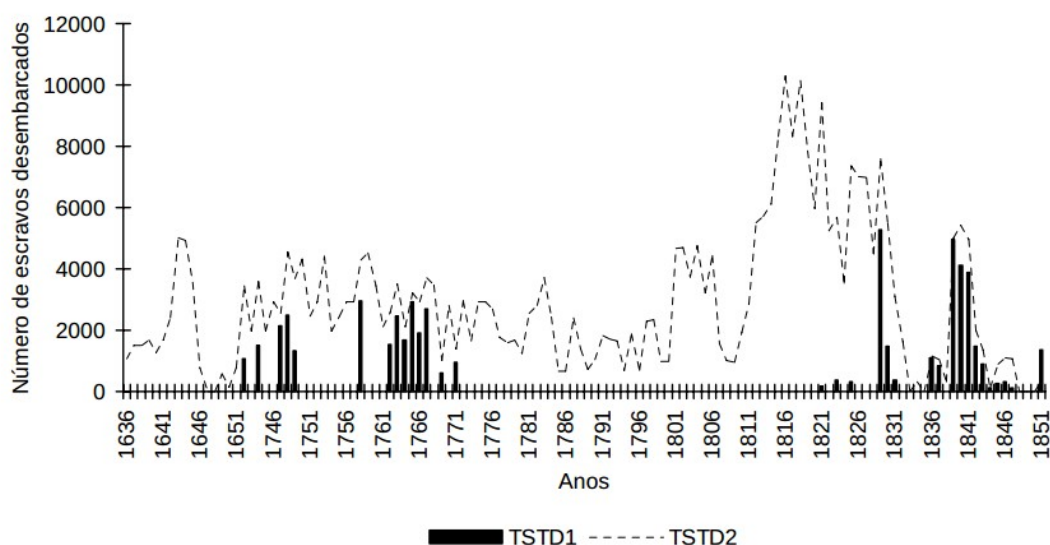
Para além de mostrar “áreas de procedência”, Costa (2013), ao focar sua análise no século XIX, analisa estas e outras terminações (“gentio da costa da África” e “África”) e o quanto elas são genéricas. Costa (2013) também complexifica sua análise, mostrando como as pessoas escravizadas negociavam suas identidades. Assim, a autora nos faz pensar nessas pessoas para além de suas áreas de procedência, problematizando como negociavam suas identidades uma vez já em diáspora, agora que se encontravam em Recife.

Segundo Domingues da Silva (2005b), na segunda década do século XIX ocorreram os maiores desembarques em Pernambuco, quando 71.064 pessoas escravizadas foram violentamente trazidas. Durante o tráfico atlântico, Valéria Costa (2013) pontua que mais de 900

2 Como acordado com os interlocutores, serão utilizados nomes fictícios ao longo de toda a tese para garantir o anonimato.

mil pessoas desembarcaram em Pernambuco. No gráfico a seguir, Domingues da Silva (2005b) apresenta mais números³:

Gráfico 1: Número estimado de desembarque de escravos em Pernambuco, 1636-1651 e 1742-1851



Fonte: TSTD2

Mesmo com esses dados disponíveis, Costa (2013) comenta que muitas vezes os números são imprecisos, não só sobre as populações africanas como também sobre outros habitantes de Pernambuco nesse período. Segundo a autora, à imprecisão numérica soma-se a ausência de muitas informações sobre grupos de procedência e etnias das pessoas trazidas violentamente do continente africano. A historiadora também pontua que as populações africanas no Recife eram subestimadas nos censos e, portanto, bem maiores do que indicavam esses números.

Costa (2013) apresenta os dados do censo de 1872, quando Recife tinha 116.667 habitantes. Destes, 21.359 eram pessoas de cor preta, e 1.859 de origem africana, tanto livres quanto escravizados. Neste mesmo censo de 1872, pode-se ver que, no centro urbano, as populações africanas se concentravam majoritariamente no bairro da Boa Vista (COSTA, 2013), como demonstra Costa (2013) no seguinte gráfico:

3 No gráfico aparecem referências às siglas TSTD1 e TSTD2. Estas são suas edições do The Trans-Atlantic Slade Trade: a Database (ELTIS, BEHRENDT, RICHARDSON & KLEIN, 1999), que Domingues da Silva (2005a) identifica pela sigla TSTD. Os números 1 e 2 se referem ao à ordem de publicação destas bases de dado. 1 é referente à primeira edição publicada em 1999 e 2 é referente à segunda edição publicada na primeira década dos anos 2000. Este é um banco de dados que rastreia as viagens negreiras que cruzaram o Atlântico.

População africana do centro urbano do Recife - 1872



Dentre os estrangeiros na cidade, as pessoas vindas do continente africano eram o segundo maior grupo, atrás dos portugueses (COSTA, 2013). As condições de chegada desses grupos eram completamente diferentes. Como sabemos, pessoas foram trazidas de África violentamente, enquanto outras migraram por uma série de outros motivos e interesses para cá durante o período colonial.

Já no século XVI, e também durante a ocupação holandesa no século XVII, há registros sobre a vinda de imigrantes judeus, tanto portugueses quanto holandeses, para Recife. É no século XVII que a primeira sinagoga das Américas é construída, da qual parte de sua estrutura pode ser encontrada ainda hoje na Rua do Bom Jesus, no Recife Antigo (KAUFMAN, 1991). Posteriormente, no final do século XIX e início do século XX, houve um segundo momento histórico de migração de judeus para cá (KAUFMAN, 1991). Sobre este período, há registros sobre a migração de judeus para Recife vindos tanto da Europa Ocidental quanto Oriental (KAUFMAN, 1991; 2009).

Segundo Giralda Seyferth (2008), é só em meados do século XIX que a categoria “imigrante” surge no campo político. A imigração de europeus, asiáticos e árabes com destino ao Brasil, no final do século XIX, concentrou-se no estado de São Paulo, mas também teve como destino a região Nordeste. Pernambuco foi o segundo estado dessa região que mais recebeu imigrantes entre o final do século XIX e início do século XX (TEIXEIRA, 2022), com grande concentração na cidade do Recife. Antes de mencionar aspectos sobre outros grupos de

migrantes na cidade do Recife, gostaria de reconhecer o trabalho que vem sendo feito por Rosane Teixeira por meio do site do projeto “Recife, uma sociedade plural: histórias de descendentes”⁴. [No referido site esta historiadora vem construindo um acervo e vem gentilmente compartilhando textos, reflexões e relatos sobre a experiência de migrantes do século XIX e XX e seus descendentes na cidade do Recife. Informações compartilhadas por Teixeira neste site fizeram-me chegar a algumas das referências que estão neste tópico da tese. Por isso, estímulo o conhecimento do site/acervo, e agradeço.

Um dos grupos de migrantes comentados por Teixeira (2022) são os ingleses. Eles teriam chegado aqui a partir de 1808 com a Abertura dos Portos (TEXEIRA, 2022). A presença inglesa no estado também foi destacada em campo por Alberto, um funcionário de uma instituição que atua com imigrantes:

Recife, pra vocês terem uma ideia, o consulado britânico aqui em Recife é um dos mais antigos do Brasil, é de 1815. Foi um dos primeiros postos consulares do Brasil (...). O (consulado) americano também tem 200 anos aqui em Pernambuco. De forma que Recife sempre foi cosmopolita até por conta da nossa localização geográfica, por conta do comércio internacional também, que eu acabei de citar. (Entrevista, agosto de 2020)

A presença de estadunidenses em Recife é destacada também por Teixeira (2022). Ela evidencia não só a presença de missionários como de agricultores estadunidenses (TEIXEIRA, 2020). A atuação dos missionários é marcada pela autora com a construção do Colégio Americano Batista, no século XX, onde estudou Gilberto Freyre.

Gilberto Freyre escreveu um dos livros que comentam sobre a presença de outro grupo de imigrantes em Pernambuco, os alemães (FREYRE, 1987). Segundo Teixeira (2022), esses imigrantes chegaram a Recife a partir das primeiras décadas do século XIX. Já no século XX, em 1920, parte dos alemães presentes na cidade fundou o Clube Alemão de Pernambuco, que inicialmente era restrito a alemães e descendentes. Essa restrição não está mais em vigor (CLUBE, 2022).

Outro clube na cidade que mostra a presença de imigrantes é o Clube Português, fundado em 1934 (MENDONÇA, 2010). Antes disso, em 1850, fora fundado na cidade, o Gabinete de Língua Portuguesa (MENDONÇA, 2010). Este, assim como o Clube, são evidenciados por Teixeira (2022) como espaços de sociabilidade da comunidade migrante portuguesa. Mendonça (2010) também destaca a construção do Real Hospital Português de Beneficência em 1855. Este

4 Todo o material deste projeto está disponível no site: <http://www.imigracaohistorica.info/>.

foi um hospital inicialmente destinado aos imigrantes, mas depois foi também aberto à sociedade local, o que teria atenuado, de certa forma, o antilusitanismo presente na cidade (MENDONÇA, 2010). Como bem sabemos, os portugueses não chegaram a Recife no século XIX ou XX, mas bem antes disso, no início da exploração colonial. Passado o período de exploração colonial, os portugueses se mantiveram durante um bom tempo como o maior grupo de imigrantes na cidade do Recife (FERRAZ, 2014). O censo de 1940 aponta a presença de um pouco mais de três mil portugueses no estado de Pernambuco (ZAMBERLAM, 2004).

Outro grupo de imigrantes em Pernambuco que ganha destaque nos trabalhos de Rosane Teixeira (2022) e de Jurandir Zamberlam (2004) é o de italianos. Quando se fala em italianos vindos ao Brasil, muito se comenta sobre um movimento de grande quantidade de italianos do final do século XIX ao início do século XX, com grande concentração nas regiões Sul e Sudeste (ALBUQUERQUE, 2017). O que autores como Manuel Correia de Andrade (1992), Valéria Albuquerque (2017) e Vittorio Cappelli (2007) nos mostram é que o Nordeste, incluindo o estado de Pernambuco e a cidade de Recife, também foi destino de imigrantes italianos. Estes teriam um perfil diferente dos que se destinaram àquelas outras regiões do país. Aqui, muitos se dedicaram ao comércio, ao artesanato e à indústria com maior destaque do que às atividades rurais e agrícolas (ALBUQUERQUE, 2017; CAPPELI, 2007; TEIXEIRA, 2022). Albuquerque (2017), por exemplo, evidencia em sua análise a fábrica de refrigerantes Fratelli Vita e a Indústria Metalúrgica Pernambucana, ambas fundadas por italianos.

Ao analisar o período de 1880 a 1930, Valéria Albuquerque (2017) mostra que este foi também um período em que políticas públicas nacionais voltadas à imigração estavam em vigor. Políticas muitas vezes baseadas em ideias eugenistas e com o objetivo racista de embranquecimento da população (ALBUQUERQUE, 2017). Ao focar em Pernambuco, a historiadora nos mostra que aqui, por exemplo, houve a criação da Inspetoria Especial de Terras e Colonização para estimular a imigração em Pernambuco, e para fazer a “*comunicação de entrada de imigrantes em Recife; comunicação dos repasses monetários da Tesouraria da Fazenda à Inspetoria em Pernambuco; criação de comissão encarregada dos serviços de colonização e imigração na província; demarcação e construção do núcleo colonial Suassuna, em Itamaracá; criação e construção da Hospedaria da Jaqueira, voltada para recepção de imigrantes; prestação de contas*” (ALBUQUERQUE, 2017).

O que Albuquerque (2017) destaca, entretanto, é que muitas dessas iniciativas institucionais não foram bem-sucedidas em Recife e Pernambuco, além do que este não era um

local economicamente interessante para as bases governistas do período. Mas, mesmo assim, a autora mostra que italianos não deixaram de chegar à cidade de Recife e ao estado de Pernambuco entre 1880 e 1930. Por isso, ela caracteriza essa migração como controcorrente (termo em italiano semelhante a ideia de contra corrente): “*que segue na contramão das políticas institucionalizadas para a recepção e alocação de comunidades estrangeiras migrantes no Brasil.*” (ALBUQUERQUE, 2017, p.17). Segundo Andrade (1992), era comum que os italianos viessem para o Nordeste não através de políticas públicas, como acontecia quando se tratava de outras regiões, mas através do apoio de suas famílias e amigos.

Pensar a presença italiana para além dos lugares de maior concentração numérica destes imigrantes também foi o esforço de Vittorio Capelli (2007). Ao comentar sobre a vinda de italianos para América Latina, Cappelli (2007) nos mostra como eles se destinaram também a lugares periféricos, nas palavras do autor, para além de cidades como São Paulo e Buenos Aires. Em seu texto, Cappelli (2007) destaca que muitas dessas outras cidades destino de italianos na América Latina eram cidades portuárias, como Recife. Sobre o Porto do Recife, Albuquerque (2017), com base em Alessandro Gomes (2016), fala que nos anos 1800, o porto passava por grandes problemas estruturais, o que dificultava a chegada de pessoas. Entretanto isto não impediu que italianos, entre outros, se deslocassem para cá “*a contrapelo da estrutura normatizada*” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 71).

Mais adiante, falaremos também sobre a chegada de estudantes vindos de países como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe para Recife a partir da década de 1960, com base nos estudos de Ismael Tcham (2016). Por ora, avanço no tempo para destacar que a infraestrutura da cidade e sua relação com a migração também são rapidamente comentadas por Tcham (2016) quando ele faz alusão à relação entre a imigração e a existência de voos internacionais entre o aeroporto de Recife e Cabo Verde. Infraestrutura não é uma categoria de destaque desta tese mas, tratando-se da apresentação de um contexto, não podemos deixar de mencionar sua relação com os processos migratórios bem como o fato de que estudos têm sido feitos em nosso departamento, seja sobre esta categoria de forma mais ampla (VAILATI; D’ANDREA, 2020), ou sobre sua relação com as migrações através de casos específicos como o do Centro Islâmico do Recife (KUROWICKA, 2020). Pensando na construção da cidade e na relação com imigrantes, Teixeira (2022) comenta sobre a influência de ingleses, franceses e italianos na construção de algumas edificações de Recife; e Cappelli (2007) a exemplifica com o Palácio da Justiça, do arquiteto Giacomo Palumbo, inaugurado em

1930. Além disso, Silva (2008) destaca a vinda de engenheiros chineses para Pernambuco em 1950 para trabalharem em obras urbanas.

Sobre o período de 1940 a 2000, Zamberlan (2004, p.122-124) constrói a seguinte tabela com a quantidade de imigrantes morando em Pernambuco a partir de dados do IBGE:

Imigrante por nacionalidade na Unidade Federativa de Pernambuco

QUADRO 20 - POPULAÇÃO DE PERNAMBUCO: TOTAL, NASCIDA NO BRASIL E NO EXTERIOR CENSOS 1940 a 2000

Países de Naturalidade	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000
População Total	2.688.240	3.395.766	4.138.289	5.161.866	6.143.503	7.127.855	7.911.937
Pop. Nasc. Brasil	2.681.518	3.390.179	4.131.829	5.155.480	6.136.660	7.122.384	7.906.605
Estrangeiros	6.722	5.587	6.460	6.386	6.843	5.471	5.332
América	257	327	582	721	1.082	1.110	1.172
Europa	6.014	4.856	4.519	4.751	4.527	3.508	3.332
Ásia	404	338	450	749	749	573	575
África	33	19	39	45	244	218	184
Oceania	-	4	8	6	-	10	8
Sem decl. de país	14	43	862	114	241	18	61
Total	6.722	5.587	6.460	6.386	6.843	5.471	5.332
Alemanha	622	500	416	510	356	258	401
Angola	-	-	-	-	132	157	26
Argentina	71	69	40	47	132	184	187
Austrália/Nova Zelândia	-	4	8	6	-	10	8
Áustria	76	52	31	45	32	15	25

Bélgica	57	35	4	35	52	34	23
Bolívia	6	9	20	36	72	86	29
Bulgária	1	1	-	2	-	-	-
Canadá	1	6	-	37	42	6	39
Chile	8	5	23	22	140	83	138
China	61	33	60	98	179	352	166
Colômbia	-	1	4	16	-	56	52
Coreia	-	-	-	16	20	-	41
Costa Rica	-	-	4	-	33	10	11
Cuba	5	5	28	20	15	34	31
Dinamarca	17	8	-	4	-	-	-
Egito	5	9	-	-	28	15	6
Equador	-	1	16	10	8	14	10
Espanha	226	187	299	249	237	149	129
E.Unidos/Porto Rico	86	183	352	398	288	284	361
Finlândia		1		4	4	15	
França	168	128	146	158	171	168	180
Grã-Bretanha	263	248	144	109	36	58	143
Grécia	23	15	24	52	36	24	30
Guatemala	-	1	12	3	8	20	-
Guiana Francesa	2	-	-	-	13	-	-
Guiana	3	2	-	-	-	-	-
Haiti	-	1	-	2	-	-	-
Holanda	69	73	137	101	107	99	77
Honduras	-	1	-	9	19	36	22
Hungria	17	28	20	23	32	59	22
Índia	2	-	-	9	7	4	61
Irlanda	5	-	-	1		12	13
Israel		-	-	35	43	6	26
Itália	599	523	592	639	545	484	466
Iugoslávia	2	5	12	13	15	4	
Japão	24	12	228	403	322	166	242
Lituânia	9		-				-
México	7	6	-	9	4	29	-
Moçambique			-		24		50
Nicarágua	1		4	1		5	19
Noruega	5	7	16	3	9		
Panamá	-	-	-	8	28	50	15
Paquistão	-	-	-	6	-	9	-
Paraguai	8	1	7	16	50	77	51
Peru	21	27	44	51	104	52	159
Polónia	142	133	43	71	55	18	27
Portugal	3.039	2.308	2.408	2.402	2.572	1.974	1551
Repúb. Dominicana	-	-	-	1	4	-	-
Roménia	259	267	87	130	81	20	42
Rússia	272	250	66	107	95	19	35
Salvador			4	1	26	20	31

Síri/Líban/Pales/Iraq/Árab	279	150	55	73	88	24	39
Suécia	10	9	-	12	-	-	9
Suíça	69	54	-	67	58	65	139
Suriname	-	-	4	-	-	11	-
Tchecoslováquia	57	22	11	12	21	33	13
Turquia	32	24	28	12	15	-	-
Uruguai	11	7	16	21	34	29	7
Venezuela	4	1	8	8	62	5	
Outros países A Central	23	1	-	5	-	19	10
Outros países Ásia	6	119	79	105	75	46	-
Outros países Europa	7	2	59	2	13	-	7
Outros países África	28	10	39	45	60	46	102
País ã declarado	14	43	862	106	241	18	61
Total	6.722	5.587	6.460	6.386	6.843	5.471	5332

FONTE: IBGE. Censos de 1940 a 2000

Zamberlam (2004) destaca a presença de portugueses, italianos, estadunidenses e japoneses no censo de 2000. Entre os números destacados por Zamberlam (2004), os japoneses são mencionados como um dos grupos de migrantes em Recife. Sobre japoneses em Pernambuco, alguns pesquisadores do PPGA já realizaram estudos, como Antonio Motta (2011), Renato Athias (2011), Martín Fabreau (2009; 2011; 2016) e Josefa Salete Cavalcanti (2011). Tanto Athias (2011) como Fabreau (2009; 2011) remetem à historiografia feita por Shiro Kurematsu (1996) sobre japoneses em Pernambuco. Eles destacam que, segundo este autor, japoneses chegaram a Recife na década de 1930. A maioria destes japoneses teria vindo de São Paulo ou do Amazonas e aqui se dedicava ao comércio (KUREMATSU, 1996 apud FABREAU, 2009), mas também havia *“algumas famílias que se instalaram en barrios alejados del centro (Várzea, Torre, Bongi) y se dedicaron a la horticultura y a la comercialización de sus productos”* (FABREAU, 2009, p. 68).

Com base em Kurematsu (1996), o autores Athias (2011) e Fabreau (2009; 2011) reforçam que antes disso, no final dos anos 1910, a primeira família japonesa chega a Recife: *“Asanosuke Gemba e seu segundo filho, Matsuichi Gemba, chegaram ao Recife em 1918”* (ATHIAS, 2011, p. 81). Depois de algum tempo, o filho mais novo de Asanosuke chegou a Recife. Ele, mais tarde, foi presidente da Associação dos Japoneses do Recife (ATHIAS, 2011). Segundo Athias (2011), essa família e as sorveterias que construíram na cidade entre 1930 e 1950 influenciaram a forma como os recifenses elaboraram representações sobre os japoneses. A imigração da família Gemba, segundo Athias (2011), não foi uma migração organizada como

a que ocorreu em 1958, com a vinda de 20 famílias japonesas para o município de Bonito, quando o estado oficializou formalmente uma colônia de imigrantes. Fabreau (2009) considera, então, esta chegada de japoneses ao Agreste como um segundo momento da chegada de japoneses ao estado. Já na década de 1970, juntamente com as políticas de modernização do país, imigrantes japoneses tornaram-se visíveis no Vale do São Francisco, por meio de sua participação na fruticultura de exportação relacionada a grandes investimentos nacionais e interesses também internacionais e globais (CAVALCANTI, 2011).

Considerando esses percursos, Fabreau (2011) destaca a presença japonesa atualmente em três áreas do estado: Recife e Região Metropolitana, zona de Rio Bonito no Agreste e Petrolina, no Vale do São Francisco. Falando sobre a presença japonesa na cidade do Recife atualmente, Motta (2011) também evidencia a feira japonesa que acontece no Recife Antigo.

O centro do Recife é também destaque quando falamos de outro grupo de imigrantes, os chineses. Em seu estudo sobre a presença chinesa no estado de Pernambuco, o antropólogo Marcos Silva (2008) destaca o centro do Recife como um dos espaços de circulação e convivência de chineses, em função do trabalho de muitos deste grupo em lojas que comercializam produtos chineses importados. Além disso, Silva (2008) também comenta sobre a atuação de chineses em restaurantes e lanchonetes chinesas, assim como em consultórios de medicina tradicional. Segundo este pesquisador, a imigração chinesa ocorreu no país mesmo sem o suporte das políticas públicas nacionais, a propósito voltadas à migração de europeus e eivadas de ideias eugênicas (SILVA, 2008).

A consolidação da vinda de chineses para o Brasil deu-se em 1950 (SILVA, 2008). Neste período, foi possível observar sua chegada ao estado de Pernambuco (SILVA, 2008). Este seria o primeiro de três momentos de chegada de chineses ao estado. Inicialmente, teriam vindo dez engenheiros a convite do governo do estado, que colaborariam com a conclusão de obras urbanas. Na sequência, entre as décadas de 1950 e 1960, chegaram mais famílias que aqui trabalharam não apenas como comerciantes em restaurantes, lanchonetes e lojas de produtos importados, mas também montaram lavanderias (SILVA, 2008).

Depois, as décadas de 1970 e 1980 são caracterizadas por Silva (2008) como um momento de vinda de chineses a Pernambuco, principalmente através de “*vínculos familiares e/ou afetivos com os que já estavam no Recife e região metropolitana*” (p.25). Esta teria sido uma época de grande expansão em nível mundial dos produtos fabricados na China (Made in China). A consolidação de redes transnacionais do comércio chinês teria influenciado a vinda

posterior de chineses ao estado, com início na década de 1990. Segundo o autor (SILVA, 2008), há várias lojas e boxes no centro da cidade que são de chineses, assim como lugares onde outros chineses trabalham. Isso é algo perceptível ao andar pelo centro do Recife.

O centro da cidade também é mencionado por Hissa Hazin (2016) ao tratar da imigração de palestinos para Recife. Em sua dissertação de mestrado, Hazin (2016) nos traz informações sobre palestinos e seus descendentes na cidade, assim como faz referência a outros poucos trabalhos que focam nesta temática. Segundo Hazin (2016), o comércio se destacou dentre as atividades desempenhadas por palestinos aqui. Hazin (2016) retoma o trabalho de Asfora (2002) para nos mostrar que muitos palestinos acabaram se concentrando em zonas centrais da cidade e até mesmo perto de mercados públicos, como o Mercado de São José e as proximidades da Praça Dom Vital.

Segundo Hazin (2016), os primeiros palestinos vieram entre o final do século XIX e início do século XX do território árabe do antigo Império Otomano, onde atualmente se encontra a Palestina. Para além deste primeiro grupo, Hazin (2016) identificou mais dois momentos de migração de palestinos para Recife. O segundo momento teve início após a Primeira Guerra Mundial e se estendeu até a fundação do Estado de Israel. Já a terceira fase desta migração se situa desde esta fundação até os dias atuais. Durante todo este processo, teriam imigrado algumas centenas de palestinos para o Nordeste, contabilizando cerca de 5 mil pessoas entre palestinos e descendentes morando em Recife nos anos 2000 (ASFORA, 2002).

Em sua análise, Hazin (2016) destaca que os palestinos vieram por conta própria, sem receber ajuda do governo daqui ou de lá. Assim, esse antropólogo caracteriza esta como sendo uma “*imigração informal*” (p.52). Diante do “*caráter informal*” (p.140) desta migração, Hazin (2016) evidencia a importância das redes de solidariedade entre origem e destino. Por elas circulavam ajuda financeira, auxílio no cuidado dos que ficaram no local de origem, concessão de moradia e trabalho no destino, além de ajuda mútua para consolidação de seus negócios. Em décadas passadas, também teriam sido criadas entidades como o Centro Cultural Palestino-Brasileiro (1982) e o periódico mensal Palestina Livre. Mas, segundo o autor, estes grupos e suas atuações perderam força. Atualmente, a partir de contatos pessoais, conheço a Aliança Palestina, um grupo formado por brasileiros e descendentes com o intuito de fortalecer a luta do povo palestino.

Voltando um pouco à análise da vinda de palestinos a Recife, outro ponto também destacado por Hazin (2016) é que a maioria destes palestinos era cristã e tinha como local de

origem a cidade de Belém. Segundo ele, enquanto a imigração palestina cristã direcionou-se majoritariamente para o Nordeste, palestinos muçulmanos escolheram outras regiões do país. Vale salientar que isto não quer dizer que não haja muçulmanos na cidade. Em seu trabalho sobre o Centro Islâmico do Recife, Anna Kurowicka (2020) destaca este como um espaço frequentado por diferentes imigrantes como egípcios, libaneses, senegaleses, nigerianos, beninenses, indianos, paquistaneses e também palestinos.

O Centro Islâmico do Recife se encontra em um bairro central da cidade do Recife, a Boa Vista, na Rua da Glória (KUROWICKA, 2020). Este Centro, além de suas atividades religiosas, é também sede da Associação de Senegaleses do Nordeste. Assim, podemos pensar também na migração de pessoas vindas de diferentes países africanos para Recife e Pernambuco nos séculos XX e XXI.

Dentre os migrantes internacionais que vêm chegando a Recife e à Região Metropolitana nas últimas décadas estão estudantes universitários vindos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP): Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. O antropólogo Ismael Tcham (2016) focou sua pesquisa entre estes estudantes que se encontravam nas cidades de Recife, Fortaleza e Salvador, por serem essas as cidades no Nordeste com maior concentração de pessoas vindas dos PALOP. Em sua análise, Tcham (2016) destaca o forte papel do Estado brasileiro, não sem interesses próprios, na criação de convênios com foco na vinda de estudantes de diferentes países africanos, como os PALOP.

A década de 60 é um marco na historiografia feita por Tcham (2016) pois foi nesta década que houve a criação do Programa de Estudantes Convênio Educação (PEC G), que também existe com foco em estudantes de pós-graduação (PEC PG). Podem participar do PEC G e PEC PG não só estudantes dos PALOP, como também de outros países africanos, asiáticos e latino-americanos com os quais o Brasil tem esta parceria. O autor destaca essa iniciativa como um momento diferente na política migratória brasileira, por vezes assumidamente eugenista e racista, como durante o Governo Vargas. Mesmo com essa afirmação, Tcham (2016) não deixa de considerar a contínua postura racista do Estado brasileiro, com interesses de expansão capitalista em relação ao continente africano. Segundo Tcham (2016), ainda que poucas, as pessoas vindas dos PALOP por motivo estudantil na década de 1960, são um marco na imigração africana para o Brasil por serem os primeiros a fixarem residência permanente aqui.

No que se refere a Pernambuco, é nos anos 2000 que aumenta o número de estudantes que integram o PEC G e PEC PG na Universidade Federal de Pernambuco. Vale destacar que,

além de estudantes vindos através destes programas, há também aqueles que vêm estudar em universidades particulares no país. Nestes casos, Tcham (2016) comenta sobre as dificuldades que enfrentam diante da necessidade de conciliar trabalho com estudos, visto que precisam pagar as mensalidades de suas faculdades.

Tcham (2016) destaca a permanência dos estudantes na cidade após a conclusão de seus estudos. Segundo o autor, a maioria dos que vieram para o Nordeste, permanece na cidade onde estudou. Nesta permanência, o autor evidencia a atuação de redes de amigos e conterrâneos. De acordo com Tcham (2016), alguns egressos das universidades se tornaram referências que atraem jovens estudantes. Segundo o autor: *“é muito mais fácil ficar onde existem já muitas pessoas de referência até mesmo amigos que os podem acolher e ajudar a delinear os projetos de vida futura.”* (p.272). Tanto que Tcham (2016) coloca como *“rede de amigos”*, além de família, o prosseguimento dos estudos como um dos fatores que influenciam na decisão de seus interlocutores por permanecerem nas capitais nordestinas onde estudaram, mesmo depois de findados seus estudos.

Ainda que o foco de seu estudo seja a migração de pessoas vindas de países membros do PALOP, Tcham (2016) também faz referência a outros imigrantes e refugiados vindos de países africanos, como é o caso de senegaleses. Recife, Fortaleza e Salvador também receberam refugiados angolanos nas décadas de 1980 e 1990 (TCHAM, 2016). Sendo assim, evidenciamos que os motivos de saída de imigrantes e refugiados do continente africano podem variar para além de motivos estudantis, englobando também questões de refúgio, trabalho e motivos médicos (TCHAM, 2016).

Em campo, pudemos conhecer uma instituição que vem atuando junto a imigrantes e refugiados africanos em Pernambuco: o Escritório de Assistência à Cidadania Africana em Pernambuco (EACAPE). Esta instituição foi criada em 2011 com o intuito de apoiar alunos universitários intercambistas africanos que chegavam à cidade, tanto para estudar em universidades públicas quanto privadas. No início de sua fundação, a instituição atuava principalmente junto a estudantes intercambistas vindos dos PALOP. Desde então, o EACAPE já participou, com estes alunos, de palestras e eventos culturais em suas universidades para apresentar e debater as realidades africanas dos estudantes. O escritório também atua por meio de parcerias com outras instituições como a Sociedade Consular, a Comissão de Assuntos Internacionais da Assembléia Legislativa de Pernambuco, a Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura do Recife, a SECASIMI, a Defensoria Pública da União, o Instituto de Medicina

Integral Professor Fernando Figueira (IMIP) e o Hospital das Clínicas, visando a assessoria jurídica, assim como a garantia de acesso a direitos como saúde e moradia de imigrantes e refugiados africanos. Durante a pandemia da Covid-19, com o aumento do desemprego e com a paralisação de atividades laborais e universitárias, o EACAPE também organizou a distribuição de cestas básicas, visando a segurança alimentar daqueles que acompanha (Entrevista com Alberto e informações do Diário de campo, agosto de 2022).

Outros parceiros do EACAPE são o Centro Islâmico do Recife e a Associação Senegalesa do Nordeste do Brasil. Foi através desta associação que o EACAPE começou a atuar junto a senegaleses no estado de Pernambuco. Assim, o EACAPE assessora não só estudantes intercambistas vindos de diferentes países africanos, como também senegaleses. Segundo Alberto (Entrevista, agosto 2020), os senegaleses atendidos pelo EACAPE têm demandas diferentes dos estudantes intercambistas. Eles vieram para Recife com o objetivo de trabalhar e enviar recursos a suas famílias no Senegal. Alguns migraram anteriormente para São Paulo e depois se encaminharam para cá. A maioria dos senegaleses assessorados pelo EACAPE trabalha no comércio informal da cidade do Recife. Atualmente, alguns se dirigem também ao interior do estado (Diário de campo, agosto de 2022).

Segundo Mariano Hebenbrock e Kywza Fideles (2014), a chegada de senegaleses em Recife tem como destaque o ano de 2011. Estes autores reforçam o trabalho de vários destes imigrantes no comércio como ambulantes no centro da cidade, além de tecerem comentários sobre as estratégias que utilizam para se manterem conectados entre si e com o local de origem, fazendo uso da internet e de suas redes sociais (HEBENBROCK, FIDELES, 2014). Hebenbrock e Fideles (2014) também destacam a presença da fé islâmica que estes migrantes cultuam. Como dissemos, a partir do trabalho de Kurowicka (2020), podemos perceber que o islamismo é cultuado em Recife por brasileiros e imigrantes de diferentes nacionalidades.

O centro da cidade também apareceu em nossa pesquisa de campo. É em suas redondezas que funciona a Casa de Direitos, onde fui várias vezes para atividades da pesquisa. A Casa de Direitos é um espaço na Universidade Católica de Pernambuco, inaugurado em 2018 pela Cáritas Brasileira Regional Nordeste 2⁵, em parceria com Cáritas Suíça e o Instituto Humanitas Unicap (IHU). A Casa de Direitos atende migrantes e refugiados de todas as nacionalidades, oferecendo atendimento jurídico, acompanhamento psicossocial e capacitações. Sua coordenação é feita pela Cáritas Regional Nordeste 2 (CÁRITAS, 2018).

5 Mais a frente e em diferentes momentos desta tese irei me referir à Cáritas Brasileira Regional Nordeste 2 apenas como “Cáritas”.

Além disso, no centro da cidade também está o Convento da Glória que já acolheu mais de uma atividade voltada aos indígenas venezuelanos Warao. E para dar só mais um exemplo, também foi no centro, pelas imediações do bairro dos Coelhos, que estavam as moradias alugadas pela Cáritas e concedidas a venezuelanos vindos através do programa de interiorização, sobre o qual falaremos mais adiante.

Ao longo do histórico de migrações internacionais que tratamos neste capítulo da tese, pudemos observar que diferentes movimentos de pessoas chegaram a Recife e Pernambuco, alguns com maior e outros com menor ou nenhuma participação de iniciativa institucional e/ou pública. Tanto que alguns dos autores que comentamos falam em migrações informais, assim como “por conta”. Por vezes, alguns autores evidenciaram a atuação de redes pessoais diante da falta ou inexistência da presença do Estado ou outras instituições nas redes que estudaram. E como seria no caso dos venezuelanos? Com o objetivo de analisar não só como e por quem vêm sendo formadas as redes, mas também de que forma elas vêm influenciando a chegada e a permanência de venezuelanos, seguiremos refletindo sobre como a migração dos venezuelanos tem ocorrido nos últimos anos em Recife e região.

1.2 Contextualizando a migração de venezuelanos para Recife e Pernambuco

Para pensar sobre a vinda de venezuelanos para Recife, outras cidades pernambucanas e o Brasil como um todo, precisamos antes analisar um pouco o contexto venezuelano. Diferentes autores já se debruçaram sobre a história da Venezuela para contextualizar o que vem ocorrendo no país e complexificar a discussão sobre migrantes venezuelanos (FERNÁNDEZ, 2019; SIMÕES, 2017; VASCONCELOS, SANTOS, 2021).

Adrián Fernández (2019) analisa os últimos 200 anos de história venezuelana, desde a ruptura com o domínio espanhol até a contemporaneidade. Ao longo de sua análise, o autor destaca a Venezuela como um país petroleiro e chama atenção para a posição geopolítica deste país diante dos Estados Unidos. A questão do petróleo, segundo o autor, ganha destaque no século XX, com muitas atividades econômicas relacionadas à exploração deste recurso (FERNÁNDEZ, 2019). Iana Vasconcelos e Sandro Santos (2021) pontuam que, para compreender a instabilidade política do país, é necessário analisar como os interesses pelos recursos minerais do território venezuelano envolvem questões geopolíticas que mesclam dimensões internas com influências externas. Na história da Venezuela, houve momentos de

fartura, mas também de escassez. Momentos estes relacionados com a dependência do petróleo e suas consequentes instabilidades políticas e econômicas (VASCONCELOS E SANTOS, 2021). Estas e outras instabilidades políticas e institucionais são destacadas na história recente da Venezuela por Gustavo Simões (2017).

A inserção da Venezuela na exploração petrolífera muitas vezes se deu através de empresas de outras nações como Inglaterra e Estados Unidos, complexificando as relações geopolíticas relacionadas ao petróleo e criando relações de dependência da Venezuela em relação a países como os Estados Unidos (FERNÁNDEZ, 2019). Este, por sua vez, teria construído uma relação de dominação com a Venezuela, que Fernández (2019) chama tanto de colonização contemporânea quanto de neocolonialismo do século XX. Nesta relação, a Venezuela não só seria fonte de petróleo, como também de outras matérias-primas centrais para a indústria de guerra dos Estados Unidos (FERNÁNDEZ, 2019).

Junto ao crescimento do espaço econômico e geopolítico do petróleo para a Venezuela, houve uma diminuição da produtividade do mundo rural venezuelano (FERNÁNDEZ, 2019). Segundo Vasconcelos e Santos (2021): *“a centralização da produção petrolífera como a principal atividade econômica do país proporcionou uma economia dependente que exportava produtos primários e dependia da importação de bens de consumo de grandes potências econômicas, especialmente dos Estados Unidos”* (p.31).

Além disso, ao longo do século XX, a história da Venezuela teria sido marcada por poderes nacionais autoritários, atuando de forma repressiva e permeados por crises que geraram várias tentativas de revoltas e revoluções, como a chefiada por Hugo Chávez no final do século XX. No ano de 1998, Chávez venceu as eleições presidenciais e começou a questionar a atuação dos Estados Unidos na Venezuela (FERNÁNDEZ, 2019).

O governo de Chávez, com a alta no preço do petróleo, pôde executar programas sociais na Venezuela direcionados à educação, saúde, alimentação e moradia, por exemplo (FERNÁNDEZ, 2019). Mesmo assim, não deixou de ser uma gestão com impasses e tensões diplomáticas e geopolíticas (FERNÁNDEZ, 2019). As ações do governo de Chávez foram motivo de bastante divisão entre venezuelanos que as apoiavam e os que não as apoiavam (VASCONCELOS E SANTOS, 2021). Fernández (2019) aponta que violentos embates políticos aconteceram no país, o que se agravou com o falecimento de Chávez em 2013. Embates estes também relacionados a questões econômicas, uma vez que houve uma queda do

preço do petróleo a partir de 2014 o que, por sua vez, atingiu fortemente a Venezuela, já que sua principal fonte de renda era justamente proveniente do petróleo (FERNÁNDEZ, 2019).

A morte de Chávez e todos os desafios que a Venezuela encarou neste período também foram destacados por alguns interlocutores de nossa pesquisa, como Nancy e Juan⁶:

Era tempo de crise. Já Chávez tinha morrido no 2013 (...), tudo já tava começando, a economia tava já começando a decair. (Entrevista com Nancy, 06/04/2021).

Estava começando *la* decadência da crise. Já nos 2 mil e... desde a morte de Chávez (...). Mas daquela época a gente já tinha perda de peso corporal e tal. E estava sendo muito difícil. (Entrevista com Juan, 18/03/2021).

É neste período que uma série de sanções econômicas à Venezuela são implementadas pelo governo de Barack Obama (FERNÁNDEZ, 2019). No ano de 2015, o governo chavista, agora com o mandato de Nicolás Maduro, perde a maioria do Parlamento nas eleições, o que intensifica uma crise institucional (SIMÕES, 2017). Para além disso, Gustavo Simões (2017) destaca que já era possível perceber a escassez de comida e medicamentos no país. O acesso a alimentos é também bastante discutido por Vasconcelos e Santos (2021), que mostram que mais do que uma redução na variedade de alimentos consumidos, todo um estilo de vida necessitou ser alterado. Vasconcelos e Santos (2021) analisam como a alimentação e as restrições a ela impostas têm relação com dimensões políticas e socioeconômicas.

Entre os anos de 2016 e 2017, a tensão entre a Assembleia e a Presidência se intensificou (FERNÁNDEZ, 2019). Em 2016, alguns deputados eleitos da oposição foram impedidos de tomar posse e a oposição tentou cassar o mandato de Nicolás Maduro (SIMÕES, 2017). Para além disso, houve queda na receita do setor petrolífero. Assim, em 2016, Maduro declarou emergência econômica no país, o que foi amplamente criticado pela oposição e setores pró-livre mercado. A situação econômica do país não se restabeleceu e, em 2017, Maduro decretou novo estado de exceção e emergência econômica. Os índices de pobreza no país aumentaram e o acesso a alimentos e medicamentos ficou bastante comprometido (SIMÕES, 2017).

No ano de 2018, alguns grupos políticos consideraram ilegítima a reeleição de Maduro, tanto que, em 2019, Juan Guaidó se autoproclamou presidente interino (FERNÁNDEZ, 2019). Sua autoproclamação foi reconhecida não só pelos Estados Unidos, como também pelo Governo brasileiro na gestão de Jair Bolsonaro (VASCONCELOS E SANTOS, 2021).

6 Os interlocutores serão detalhadamente apresentados no próximo capítulo.

Simões (2017) associou todos estes fatores sociais, econômicos e políticos à emigração crescente de venezuelanos, sendo o Brasil um dos destinos, ainda que não o principal. Fernández (2019) evidenciou que a situação venezuelana não se restringe a tensões internas como também internacionais e geopolíticas, com grande destaque para atuação dos Estados Unidos. Portanto, toda a dimensão geopolítica precisa ser levada em consideração quando se analisa a situação venezuelana. Segundo Vasconcelos e Santos (2021), “*A dependência econômica de um recurso natural muito cobiçado colocou o território venezuelano, há décadas, no mapa das disputas geopolíticas internacionais*” (p.44). Assim, os autores defendem que é necessário complexificar o debate, para além de culpar exclusivamente Nicolás Maduro, sem que isso signifique defender as medidas autoritárias de seu governo (VASCONCELOS E SANTOS, 2021).

Toda a complexidade que tem atravessado a Venezuela nos últimos anos fez com que sua tradição de país que recebia imigrantes se invertesse, principalmente a partir de 2016, com uma grande e contínua saída de venezuelanos de seu país de origem (FERNÁNDEZ, 2019; VASCONCELOS E SANTOS, 2021). Esta recente inversão se fez presente em relatos que ouvimos em campo, referentes a parentes de interlocutores que imigraram para a Venezuela há muitos anos, antes mesmo que estes viessem para o Brasil mais recentemente. Ainda não apresentamos os interlocutores com detalhes, mas aqui mencionaremos rapidamente como a migração para a Venezuela também foi um assunto que surgiu em campo. Este é o caso dos pais de Santiago, que imigraram para Venezuela saídos da Argentina na época da ditadura neste país; do esposo brasileiro de Nancy; da mãe de Carmen, que migrou do Brasil pra Venezuela quando se casou com seu pai; além do marido de Carmen, que migrou da Áustria para a Venezuela depois da Segunda Guerra Mundial, muito antes que Carmen migrasse pro Brasil.

Entretanto, este cenário mudou, como diz Elizabeth em entrevista:

Que os venezuelanos não fôssemos migrantes massivamente porque estávamos muito bem no nosso país, em função do que a gente recebia, em função do petróleo, em função das garantias que a gente tinha na Venezuela. Nós não éramos as pessoas que migravam. Sim, algumas pessoas saem do país, mas não era da quantidade que temos hoje como migrante. (Entrevista, 09/04/2021)

De acordo com Fernández (2019), a Venezuela passou a ser mais ponto de partida do que de destino, principalmente a partir do ano de 2016. Obviamente, isto não quer dizer que não havia venezuelanos no Brasil antes de 2016. Se olharmos para o levantamento feito por Jurandir Zamberlan (2004), e aqui replicado na página 19, podemos ver que, de 1940 a 2000, a década de

1980 apresenta um número maior de venezuelanos vivendo no estado de Pernambuco do que em outras décadas próximas a esta. Ainda que este número seja pequeno, ele se modifica de 8 venezuelanos morando em Pernambuco, segundo dados oficiais da década de 1970, para 62 vivendo aqui na década de 1980 (ZAMBERLAN, 2004). Acreditamos que este número pode ter aumentado pela chegada de estudantes venezuelanos a Recife através de convênios universitários, entre outros fatores.

Sobre a vinda de venezuelanos para formação universitária. Carmen, uma das interlocutoras da pesquisa, comenta:

um convênio que tinha do Brasil e Venezuela onde estudantes venezuelanos ‘acediam’ e viam ao Brasil estudar, né?! E eles depois tinham que voltar para Venezuela, então ele (seu pai) veio (...). Veja, ele se formou no ano 64. Ele deve ter chegado aqui pelo menos no 58, por aí... Então ele chegou ‘acá’ e ele tinha uma bolsa de estudos naquele tempo era de quatrocentos dólares, mas o dólar já é uma moeda muito mais forte naquela época então ele tava numa situação econômica boa (...). O histórico da migração aqui em Pernambuco tem várias fases, né? Porque tem aquela primeira fase que foi com o meu pai, meu irmão que era aqueles venezuelanos que vinham para estudar, que já eram um nível universitário, muitos pra fazer pós graduação, outros pra fazer doutorado. (Entrevista, 24/04/2021).

Depois de muitos anos, após seu pai ter se formado no Brasil, foi a vez de seu irmão participar deste convênio universitário. O pai de Carmen foi o único com que tivemos contato como participante deste convênio entre as décadas de 1950 e 1960. Em nossas experiências de campo, os venezuelanos com quem interagimos e que chegaram há mais tempo a Recife foram aqueles que vieram estudar em universidades brasileiras por meio de convênios de intercâmbio entre os dois países, majoritariamente na década de 1980. Dentistas e engenheiros estão neste grupo. Dessa forma, ainda que o número fosse pequeno, venezuelanos já chegavam ao Brasil, incluindo Recife, mesmo antes de 2016.

Trazemos aqui este breve panorama com o intuito de nos fazer pensar para além de números, ainda que eles tenham se mostrado bastante presentes nesse texto. Essa é uma forma de pensarmos a presença de venezuelanos em Pernambuco de forma contextualizada, antes mesmo de uma chegada em maior número nos últimos anos. Com o que apresentamos aqui, podemos ver que, antes de 2016, já moravam em Recife e Região Metropolitana não só venezuelanos como pessoas de várias outras nacionalidades. Tanto já havia venezuelanos aqui, que em 2008 foi aberto o Consulado da Venezuela em Recife. Este Consulado é bastante comentado por interlocutores que migraram há mais anos e puderam usufruir das atividades de

lazer, cultura e educação que eram oferecidas neste espaço. Os interlocutores que frequentaram o Consulado, o destacam como um local de convivência e para conhecer outras pessoas. Três de nossos interlocutores se conheceram através das atividades do Consulado. Entretanto, devido a tensões nas relações diplomáticas entre os governos venezuelano e brasileiro na gestão do então presidente Jair Bolsonaro, o Consulado foi fechado ao público⁷. Além disso, recentemente cresceu a imagem da Venezuela como um exemplo negativo no imaginário de muitos brasileiros. Sobre isso, comenta Elizabeth, uma de nossas interlocutoras:

Aquele incentivo que tem aqui da direita extrema, de fazer uma matriz de opinião negativa sobre a Venezuela (...). A matriz que está sendo formada, porque diz “ah, o Brasil vai ficar como uma Venezuela”... (...) Tem um discurso que a gente já escutou muitas vezes, né? (Entrevista, 09/04/2021)

Assim, vão se moldando relações entre Recife e a Venezuela. A existência anterior do Consulado e todo o panorama histórico que trouxemos sobre migrações em Recife e Pernambuco nos fazem pensar que a migração internacional não se apresenta como uma novidade para a região. O que nos resta analisar é se as redes tecidas e acessadas pelos migrantes, no nosso caso dos venezuelanos, ganharam novas roupagens nos últimos anos, talvez impactando a forma como a cidade vem lidando com a questão migratória de forma mais ampla também.

Com relação ao censo 2010, os dados do IBGE, apontaram que 2.297 migrantes venezuelanos estavam vivendo no Brasil, com destaque para o estado de Roraima (VASCONCELOS, 2013). Enquanto isso, a Venezuela era o terceiro país na América do Sul com mais brasileiros (48.000 brasileiros viviam na Venezuela em 2008) (VASCONCELOS, 2013). A antropóloga Iana Vasconcelos (2013) problematiza que os dados oficiais não têm uma sistematização controlada rigorosamente e só consideram aqueles que migram em situação regular, o que não contempla todos os migrantes. Mesmo que estes números possam ser questionados devido às suas metodologias de coleta, não podemos deixar de considerar que havia uma tendência mais forte de brasileiros migrarem para a Venezuela do que o contrário.

De acordo com Rosana Baeninger (2018), de 2000 a 2016, foi possível perceber a entrada de venezuelanos profissionais em cargos de gerência e alta qualificação. Em 2014, por exemplo, uma de nossas interlocutoras, Carmen, chegou para trabalhar como médica através do

7 No ano de 2023, Luís Inácio Lula da Silva assumiu a presidência do Brasil e retomou as relações diplomáticas com a Venezuela. Entretanto, enquanto o campo desta pesquisa foi feito, entre 2019 e 2022 estas relações estavam rompidas.

programa Mais Médicos. Esta análise de diferentes momentos da migração venezuelana é feita também por outros autores. Paez e Peñalver (2017, apud LEITE e CASTRO, 2021) consideram que, de 2000 a 2012, foi possível observar a migração de pessoas com níveis educacionais e profissionais mais elevados, indo para Europa e Estados Unidos. Esta informação converge com a análise que fez Baeninger (2018) sobre a chegada de venezuelanos ao Brasil no início dos anos 2000 e, como veremos, com o que observaram os interlocutores Paola, Elizabeth e Ramón.

Segundo Ramón, este movimento migratório já teve várias ondas. Ele relaciona alguns dos movimentos de saída da Venezuela com o descontentamento relacionado ao caminho político do país. Ramón considera aqueles que migraram no início dos anos 2000 como pessoas que “*tinham as condições*” (Entrevista, 25/03/2021) e não se identificavam com as escolhas políticas que estavam sendo feitas no país. Entre estas pessoas estariam familiares e amigos seus que migraram para a Espanha e os Estados Unidos.

Este perfil migratório, segundo Baeninger (2018), sofre modificação com o acirramento da situação na Venezuela. Assim, a partir de 2016, cresce o número de venezuelanos de classe média e empobrecidos que migram para o Brasil (BAENINGER, 2018). Há este crescimento, mas não devemos considerar que apenas pessoas de classes baixas têm migrado. O atual deslocamento é bastante heterogêneo, como comentam Carolina Leite e Mariana Castro (2021). Segundo Paez e Peñalver (2017, apud LEITE e CASTRO, 2021), desde 2013 já era mais difícil de observar uma total homogeneidade no que se refere a classe e nível educacional entre os migrantes venezuelanos.

O que Ramón reforça é que aqueles que migraram a partir de 2017 teriam migrado de forma mais emergencial e forçada, segundo ele: “*acabou tudo, então se viram forçados a migrar*” (Entrevista, 25/03/2021). Uma outra interlocutora de nossa pesquisa, Paola, também relacionou diferentes períodos de migração. Ela considera que sua vida na Venezuela se configurava como classe média. E, quando perguntei se ela acreditava que haveria pessoas de classes mais altas ou mais baixas migrando, ou se seriam todas as classes migrando, ela disse:

Eu acho que na atualidade todas as classes, eu acho que esse é um fenômeno que nunca se viu. Primeiro, as primeiras pessoas que começaram a migrar foram as de classe alta. Que elas sabiam, são pessoas com mais conhecimento e que enxergam a vida de um jeito diferente, então eles conseguem ver e saber que as coisas não iam dar certo. E foram *los* primeiros que migraram(...). É uma turma de venezuelanos mais prudente, de classe, de um estrato mais alto, eles emigraram (...). A outra remessa, a outra turma que começou a migrar foram pessoas que não tinham tanto conhecimento. Aí foram embora (...). O pobre mesmo emigra a pé, emigra

caminando, emigra pedindo carona. Pessoas em desespero, sabe? A necessidade leva a essas loucuras (...). Eu acho que a partir de 2016/2017 aí foi o grande desespero (Entrevista, 23/03/2021).

A associação entre a migração mais recente de venezuelanos e o desespero não é feita apenas por Paola. Há autores, como Paez e Peñalver (2017, apud LEITE e CASTRO, 2021), que chamam a última onda desta migração de “migração do desespero”. Por outro lado, Paola, assim como estes autores, identifica que na atualidade diferentes classes têm realizado esta migração.

Paola emigrou em 2015 e diz:

Eu cheguei aqui no Brasil no 2015. Minha história é bem diferente da maioria dos venezuelanos que se encontra no Brasil. Quando eu cheguei aqui no Brasil *yo* tinha aproximadamente uns seis meses que (...) *yo* me havia formado em meu país. Eu sou engenheira em instrumentação e controle industrial. E *yo* vim pra o Brasil porque eu peguei assim como estilo na revolta da vida. *Enton, non fue* pela crise, no 2015 já se via crise na Venezuela, porém não era una coisa assim como agora, como a crise atual, e *yo gracias* a Deus, eu não vivi realmente a crise. O que eu vivi de crise foi algo como bem pouco, bem leve, não sei se era por meu status social ou não sei, porém eu não vivi a crise como tal, *yo* não posso falar que eu vivi a crise. Ok, eu cheguei aqui no Brasil em 2015 por esse motivo, porque eu peguei *una* revolta lá, *entonce*, eu falei: “Agora *yo* vai fazer *lo* que eu queira com minha vida”. Eu sempre me esforcei por fazer todo *lo* que meus pais queriam que *yo* fizesse, que eu me formasse,, enfim, *yo* fiz todo. Porém *non* deu como eu queria que desse as coisas, *non* deram certa, e ai recebi *una* proposta, de *una* amizade aqui que ta em Pernambuco que *yo* conheci pela internet. Eu cheguei aqui eu tinha passagem comprada de ida e volta e eu só ia ficar aqui 28 dias aproximadamente. Era só assim pra conhecer, pra aventurar. *Yo* cheguei aqui com 24 anos, só que essa passagem *yo* nunca usei, *yo* fiquei aqui, em Pernambuco. É, *yo* comecei a namorar com um rapaz e até hoje a gente tá junto, já temos 5 anos juntos, a gente se casou, *yo* sou casada e moro aqui (Entrevista, 23/03/2021).

Diferentemente de sua situação, Paola afirma que sua irmã teria vindo pela crise:

Aí minha irmã *si* veio pela crise, minha irmã *si* veio fugindo da crise. Aí, *yo* consegui trazer minha irmã, o marido dela e o filho dela (...). O meu cunhado, marido de minha irmã, ele é engenheiro (...). Na Venezuela tem muito petróleo, *enton* ele trabalhava nas plataformas de petróleo e *non* dava, o salário do engenheiro *non* dava. E ai *yo* ficava assim, como que admirada. ‘Como que *non* dá esse trabalho?’ (...). E eu dizia, ‘Como que *non* dá?’ . Porque antes, em *la* Venezuela, o salário de um engenheiro era um salário de um engenheiro(...). As coisas ficaram muito feias, muito feia mesmo. Ela chegou aqui, quando ela chegou aqui, eles chegaram muito magros, muito magros, ai *yo* chorava muito, porque *yo* falava ‘Esse *non* é o calibre dela, ela *non* é desse jeito *non*’ (Entrevista, 23/03/2021).

Através da ajuda de Paola, sua irmã migrou para Pernambuco em 2018, em uma época em que ela destaca que sua irmã já estava mais magra. Como já disse, quando perguntei a Paola, ela se colocou como sendo de classe média quando morava na Venezuela.

Ramón migrou em 2018 e, em entrevista, diz que na Venezuela era de classe média alta e também diferencia a sua experiência da experiência de outros migrantes, dizendo ter tido uma “*experiência fresca*” (Entrevista, 25/03/2021).:

Ramón: Seria legal você entrevistar uma pessoa que migrou recentemente, refugiado. Contrastar com a minha história, que minha história é muito fresca né? (risos).

Eloah: Fresca em que sentido?

Ramón: De gente fresca, né?

Eloah: De gente fresca por quê?

Ramón: É porque eu tive tudo muito fácil, não tive que enviar dinheiro pra minha família, não tenho criança, tô sozinho, formado, falo inglês e tal. (Entrevista, 25/03/2021).

Elizabeth, outra interlocutora da pesquisa, também diferencia sua experiência, que migrou em 2004, casada com um brasileiro, da experiência de pessoas como seu irmão, que têm migrado mais recentemente diante da crise econômica na Venezuela:

Por exemplo, esse processo de agora, de venezuelanos que se reconhecem como migrante né. Assim, foi um momento diferente né? Talvez eu ter *salido*... Eu saí da Venezuela foi dezembro 2004. Assim, assumimos o país em uma situação diferente né? É, economicamente, politicamente era um momento diferente. (Entrevista, 09/04/2021)

Em outro trecho, continuamos a conversar sobre esta diferença:

Eloah: Aí, no caso, você percebe muita diferença no perfil dos venezuelanos que chegaram há mais tempo e no perfil de venezuelanos que estão chegando agora?

Elizabeth.: É, eu percebo uma diferença sim. Quem veio faz mais tempo, veio porque veio estudar, veio porque veio estabelecer família. Quem veio *ahora* não, veio agora porque tem uma necessidade de sair do turbilhão de coisas que estão passando no seu país né? (...) É diferente, é diferente. Por exemplo, talvez falando na minha experiência. Eu saí da Venezuela porque eu casei. Vim, estou aqui com meu esposo, constituí uma família. Viemos crescendo pouquinho a pouco, procurando oportunidade. E meu irmão saiu no meio da crise econômica da Venezuela (para o Peru). Ele está num país onde não gosta de estar, *donde* não gosta da relações que estabelece, *donde* não gosta da cultura. Talvez se ele fosse de férias,

talvez se ele fosse em outra circunstância, teria outra percepção do país.(...) É muito diferente. Quando você sai porque você quer, (...) precisa sair e a vida vai te levando e vai te empurrando pra uma cidade, vai te empurrando pra outra, pra você conseguir melhores oportunidades. Ou porque naquele lugar você teve uma má experiência, foi roubado, foi... É outra história. (Entrevista, 09/04/2021)

Sobre estas falas dos interlocutores, gostaríamos de problematizar a distinção polarizada das experiências migratórias entre pessoas que migram forçadamente e aquelas que migram voluntariamente. Paola, por exemplo, diferencia quem migra pela crise de quem migra como ela, que afirma decidir “*fazer lo que queira com minha vida*” (Entrevista, 23/03/2021). Carolina Leite e Mariana Castro (2021), ao analisarem a migração de venezuelanos para o Brasil, complexificam esta distinção, mostrando-nos que, mesmo em casos de aparente escolha individual, não podemos deixar de considerar as dimensões estruturais, como os aspectos sociais, contextuais e culturais envolvidos. Assim, elas sugerem que, mais do que dicotomizar os processos migratórios em forçados ou voluntários, é interessante pensar que eles são complexos e ,por vezes, mistos.

A fala de outro interlocutor, Santiago, mostra-nos que podemos pensar nas experiências dos interlocutores como mais complexas do que simples polarizações. Ele diz que não migrou por causa da crise, mas sim para dar continuidade a seus estudos acadêmicos por meio de seu mestrado na UFPE. Ainda assim, ele diz que a crise estava no horizonte, era como um “fantasma”.

No momento em que eu tomei a decisão de vir pra cá realmente estava tranquilo economicamente, tava com aquele projeto que era super massa e que ademais pagava em dólares, então aí eu pude, por exemplo, viajar pra Brasil, apresentar as provas aqui na UFPE, voltar para Venezuela, esperar a ver o resultado, aí sim me decidir a migrar. Então, nesse sentido foi relativamente cômodo, nesse último momento. Eu não tava pressionado pela crise, mas sim, sinto que a crise era como uma espécie de fantasma que tava por aí. Sim, tenho que arrumar alguma coisa, porque aqui na Venezuela nós sabemos como tá o negócio (...). Eu tava com esse horizonte, estudar fora no momento (Entrevista, 06/04/2021).

Ao mesmo tempo, ele não deixa de pontuar a diferença de sua entrada no Brasil com comprovação de estudo, comparando com quem tem migrado pela fronteira terrestre. Ele diz:

Essa é uma experiência bem diferente da galera que cruza por terra (...). Eu já tinha o documento aprovatório da universidade, fui no consulado de Brasil (...). Eu saquei meu CPF na Venezuela, porque aqui na federal (UFPE) tavam me pedindo (...) Aí fui no consulado, saquei CPF, pedi visto de estudante, fez tudo isso. (...) Eu só cheguei

aqui a me apresentar na polícia para fixar residência mas sempre foi super tranquilo, em parte. (Entrevista, 06/04/2021)

Dessa forma, ao complexificar as experiências para além de polarizações, não deixamos de considerar que as experiências são diversas entre os venezuelanos que migram. O que nos chama atenção na fala de interlocutores como Elizabeth, Ramón e Paola é que eles fazem questão de reforçar a diferença entre as experiências. Em um momento de sua entrevista, Ramón coloca que não veio pela crise e acaba tecendo comentários sobre suas redes:

É, eu sou um caso um pouco distinto dos venezuelanos que chegaram no 2018, final de 2018, que chegaram pela crise e pela tragédia que está acontecendo lá na Venezuela porque eu sou um venezuelano que vim pra Brasil de forma voluntária. Eu não vim porque tava passando mal lá né? É, eu vim realmente porque eu... Assim, de forma voluntária em relação a que não via oportunidades no meu país e... Mas não estava passando mal lá né? Então, vamos dizer assim, mas tava... Por exemplo, você pode estar, você não pode ver, é, é, oportunidades no Brasil, mas isso não significa que você vai sair do Brasil. Você pode ficar no Brasil de boa e comer todo dia né? Tava mais ou menos assim né? Tava mais ou menos assim, podia comer, tava fazendo as minhas coisas e tudo. (...) Tava vindo pra Brasil pra encontrar minha namorada que é brasileira. Naquela época, principalmente meu incentivo pra vir pra Brasil foi a minha namorada (...). Aí ela me proporcionou muita coisa em relação a bem estar de saúde mental né? Você chega e você não tem a necessidade de trabalhar no dia seguinte e eu acho que é muito importante isso (...). Então nesse caso eu sinto que eu tive muito privilégio ao momento de migrar porque eu tinha duas coisas que poucos imigrantes tem: que é tempo, né? Tempo pra procurar o que eu goste de me sentir bem com o que eu estou fazendo. E afeto, então nunca me senti sozinho, sabe? Duas coisas que o imigrante sente né? Geralmente né? Tempo não tem porque eles têm que sair pra comer amanhã e afeto porque eles tiveram que deixar tudo né? Tudo mesmo (...). E acho que esse tempo e esse afeto foi o que me permitiu tentar reconstruir o que já tinha na Venezuela né? Que era uma rede de contatos dentro da minha área, fazer ou trabalhar dentro de projetos da minha área né? Nunca teve que trabalhar num projeto fora da minha área e acho que é super importante e poucas pessoas conseguem né? (...). Eu acho isso importante, eu acho isso muito importante. E vamos dizer assim, eu consegui fazer porque eu podia esperar muito. Eu podia tá aguardando, esperando oportunidades porque tinha essa estrutura. Uma das minhas maiores dúvidas no momento de migrar era isso, olha, estou aqui em Caracas, eu sou de Caracas. Estava assim, acho que uma semana, tava assim, olha, estou aqui, eu já conheço todo mundo da minha área aqui. Sou designer. Já conheço um cara que trabalha com aquela máquina, já conheço um cara que ele faz todo trabalho. Já tenho aqui uma rede de clientes que eu posso iniciar, né? E eu tava perguntando né? Como é que eu faço pra refazer toda essa rede de contatos em Recife (Entrevista, 22/03/2021).

Relacionando as informações concedidas por Ramón, Santiago, Elizabeth, Paola e as outras analisadas por autores que mencionamos, podemos pensar que ao analisar a migração

venezuelana com janelas de tempo maiores, a situação de classe daqueles que migram pode variar. Percebemos que pessoas de classes mais baixas têm migrado, o que não acontecia com muita frequência no início dos anos 2000, mas isso não impede que pessoas de classes médias ou altas, como Paola e Ramón, tenham migrado mais recentemente.

Os interlocutores que apresentamos aqui relacionam a sua própria experiência e a experiência de outros migrantes ou refugiados com questões, entre outras, econômicas e de classe. Ramón coloca em questão o que nos propomos a investigar com a tese: como se acessam e se constroem redes quando se migra? Trazendo aqui esses breves exemplos, podemos pensar que as estratégias e possibilidades de construir e acessar redes podem variar entre os imigrantes. Ramón coloca que pôde ter tempo para construir sua rede aqui, diante da estrutura que a família de sua namorada lhe proporcionava. Se analisarmos, como faremos mais adiante, a vinda de outros venezuelanos, pode ser que novos atores componentes das redes apareçam e nos permitam novas análises futuras: o Estado e instituições não governamentais. Atores estes que podemos dizer que não eram tão atuantes em Pernambuco na área de migrações se lembrarmos do que expusemos no breve histórico de migrações internacionais em Recife e Pernambuco. Talvez possamos falar, então, que a cidade e suas instituições vêm lidando de forma diferente com as migrações a partir da chegada recente de um número maior de venezuelanos.

Nos últimos anos, há muitos casos de venezuelanos que chegaram ao Brasil por via terrestre, através da fronteira Brasil-Venezuela. Do lado Venezuelano está a cidade de Santa Elena de Uairén e do brasileiro está Pacaraima (Roraima). Nesta região, percebe-se o aumento no número de venezuelanos imigrando desde 2015 (SIMÕES, 2017). Dentre eles, alguns solicitam refúgio, outros pedem residência, e alguns não têm acesso a documentos.

Vale destacar que a fronteira entre o Brasil e a Venezuela é, muitas vezes, um dos trechos de um deslocamento que começou muito antes e que não se encerrará por ali. Este é o caso, por exemplo, dos indígenas venezuelanos Warao. Há décadas eles se deslocam no interior da Venezuela por históricas expulsões de seus territórios originários no Delta do Orinoco (ROSA, 2020; ACNUR, 2021). Então, como bem pontuam estes estudos, os Warao não são nômades, mas vêm se deslocando em função de dinâmicas de poder e demandas territoriais que os atingem. Além deste deslocamento dentro da Venezuela e entre a Venezuela e o Brasil, também há um deslocamento dentro do Brasil, sendo Recife e Região Metropolitana um dos locais onde grupos de indígenas Warao se encontram. Há outras etnias venezuelanas no Brasil, mas na Região Metropolitana do Recife esta é a que se encontra presente.

Diante do aumento do número de venezuelanos chegando ao país e do crescimento de tensões em Roraima, o Governo Federal aprovou, em março de 2018, a portaria nº. 9/2018 para a autorização de residência de pessoas provenientes de países fronteiriços (BRASIL, 2018). Vale salientar que esta não é a primeira ação governamental voltada a imigrantes venezuelanos. Rosa (2020) mostra que, em 2014, o governo atuava de forma violenta e contrária à imigração, pois indígenas Warao vinham sendo deportados de Roraima, enquanto uma série de instituições não governamentais atuava junto a esta situação desde 2014. Mas é só em 2018 que o governo institucionaliza uma forma de regularizar a situação de muitos venezuelanos que chegavam ao país mas não poderiam ser regularizados pelo o acordo de livre residência do Mercosul. A partir da portaria nº. 9/2018, os solicitantes teriam permissão para a residência temporária por dois anos, podendo depois solicitar a permissão para residência permanente. Esta não foi a única medida legal diante da chegada de venezuelanos ao país. Em 2019, o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) considerou a existência de grave e generalizada violação dos Direitos Humanos na Venezuela. Assim, estimulou medidas do governo brasileiro no processo de determinação da condição de refugiados para os venezuelanos. Enquanto a solicitação de refúgio pode demorar bastante tempo para ser definida e, uma vez concedida, impede que o refugiado saia do país sem autorização do governo brasileiro, a permissão para residência é concedida com maior agilidade e o residente pode se ausentar do país sem ter que solicitar autorização (PERGUNTAS, 2020). Segundo Leite e Castro (2021), para além do que projetam as instituições, os migrantes também agem de forma estratégica ao optarem pela solicitação de refúgio ou residência, havendo casos em que o desejo de poder ir à Venezuela com certa frequência dificultaria a opção pela solicitação de refúgio, já que enquanto refugiado a saída do Brasil só ocorre mediante autorização, como já dissemos.

No ano de 2020, com a pandemia de COVID-19, o cenário migratório também foi impactado. A fronteira terrestre do Brasil com a Venezuela foi fechada entre março de 2020 e junho de 2021, quando houve sua reabertura parcial por parte do governo brasileiro. E apenas em 2022 o governo venezuelano reabriu completamente a fronteira de seu lado. Sobre isso, escutamos em campo: *“as fronteiras estão fechadas só para quem não tem dinheiro”* (Diário de campo, 10/06/2021). Isso porque, neste período, continuou sendo autorizada a entrada no Brasil por via aérea, o que aumentou os custos da viagem. Ademais, venezuelanos não deixaram de imigrar pela via terrestre, ainda que o caminho estivesse oficialmente fechado. Diante disso, a vulnerabilidade destes aumentou. Em campo, não conhecemos nenhum interlocutor que tenha

imigrado pela fronteira terrestre enquanto ela estava oficialmente fechada. Mas a pandemia e alguns de seus impactos nas relações dos interlocutores surgiram em nossas conversas.

Sobre os venezuelanos que estão em Pernambuco, a Cáritas Brasileira Regional Nordeste 2 coordenou uma pesquisa no final de 2019, cuja equipe integrei (LUCENA et al., 2021). Desta pesquisa participaram 88 venezuelanos com idade superior a 18 anos. Esta amostra é um número bem menor do que a totalidade dos que estão em Pernambuco, mas que pode apontar algumas informações interessantes sobre estes imigrantes em Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes e Igarassu. No grupo entrevistado, a maioria era de mulheres e de pessoas com até 30 anos. Dentre os entrevistados, menos da metade era solteira; a maioria habitava com três ou mais pessoas, algumas dependentes das pessoas entrevistadas. A grande maioria das pessoas que participaram desta pesquisa informou que saiu da Venezuela por dificuldades socioeconômicas e tem o status de residentes temporários no Brasil. Para chegar até aqui, mais de três quartos dos entrevistados alegaram ter recebido algum tipo de apoio de familiares, de amigos, do governo brasileiro ou de instituições que trabalham com ações voltadas a migrantes e refugiados (LUCENA et al., 2021).

Ao chegarem ao Brasil pela fronteira terrestre, os venezuelanos são recebidos pela chamada Operação Acolhida, criada em 2018 pelo Governo Federal. Esta operação, assim como a legislação brasileira referente às migrações, já foi criticada por vários autores como Iana Vasconcelos (2020) e Bela Feldman Bianco (2018a). Entre as críticas está o fato de que grande parte da abordagem feita pelo governo se baseia na lógica securitária, focando no controle e na ordem, tanto que muitas ações são chefiadas pelas Forças Armadas brasileiras, como o Exército Brasileiro. Leite e Castro (2021) consideram que a Operação Acolhida gere a população venezuelana como “*um problema de segurança nacional*” (p.99). Ao comentar o texto de Vasconcelos (2020) sobre as experiências de venezuelanos na fronteira, Igor Machado (2020) afirmam que há uma “*ocupação supermilitarizada da fronteira, com a justificativa da ajuda humanitária*”(p.25). Argumento semelhante ao de Leite e Castro (2021), quando afirmar que ações da Operação Acolhida são “*camufladas por uma retórica de ‘acolhimento’*” (p. 99).

Entre janeiro de 2017 e novembro de 2024, 1.214.145 venezuelanos entraram no Brasil (OIM, 2025a). Destes, 565.493 retornaram à Venezuela ou se dirigiram a outros países, enquanto 648.652 permaneceram no Brasil (OIM, 2025a). No que se refere à documentação, há o registro de que 545.434 venezuelanos têm residência no Brasil (incluindo residência

temporária e por tempo indeterminado); 19.046 são solicitantes de refúgio; e 141.273 são refugiados reconhecidos (OIM, 2025a).

São eixos da Operação Acolhida: a) ordenamento da fronteira, sob controle do Exército, com a organização de documentação e aplicação de vacinas; b) acolhimento, por meio do encaminhamento para abrigos e disponibilização de alimentos e serviços de saúde; e c) interiorização. Esta última diz respeito ao deslocamento voluntário de migrantes e refugiados venezuelanos de Roraima para outros estados brasileiros (OPERAÇÃO, 2020), estando Pernambuco entre os estados destino.

Assim como nos outros eixos da Operação Acolhida, o programa de interiorização não é executado exclusivamente pelo Governo Federal, mas por meio de uma parceria com órgãos da ONU, como o ACNUR e a OIM, com municípios e com instituições da sociedade civil, como a Cáritas (PACÍFICO, SANTANA e SILVA 2018). Aqui em Pernambuco, diferentes organizações integram ou integraram o programa de interiorização.

Entre abril de 2018 e dezembro de 2024, 144.503 venezuelanos foram interiorizados (OIM, 2025b). Destes, 4.630 se dirigiram ao Nordeste através da interiorização pela Operação Acolhida; sendo 958 os que se dirigiram a Pernambuco pela interiorização (OIM, 2025b). Fora estes participantes do programa de interiorização, também há venezuelanos que chegaram a Pernambuco de forma independente, como é o caso de muitos indígenas Warao. Mesmo assim, é inegável a influência deste programa no número de venezuelanos no estado. Tanto que antes, de 2000 a 2017, houve apenas 170 registros de venezuelanos residentes em Pernambuco (BAENINGER et al., 2019). Portanto, ao nos voltarmos ao estudo das experiências de venezuelanos em Recife e Região Metropolitana, é inegável que conheceremos pessoas vindas através do programa de interiorização. E assim poderemos refletir também sobre a influência da interiorização na formação e no acesso a redes por venezuelanos em Recife e Região Metropolitana. Uma das questões que podemos pensar é que foi a partir da interiorização que algumas instituições começaram a atuar em relação às migrações no estado. Como exemplo temos a Aldeias Infantis, recebendo e abrigando venezuelanos interiorizados até 2020 em Igarassu; a Associação Missionária Beneficente para Áreas Inóspitas (AMAI) em Carpina, recebendo venezuelanos interiorizados e auxiliando-os com moradia nos primeiros meses de sua chegada; e a Cáritas Brasileira Regional Nordeste 2 em Recife e Região Metropolitana, com ações como concessão de aluguéis, distribuição de auxílios, financiamentos para pequenos negócios e coordenação da Casa de Direitos.

Outra instituição que começou a atuar recentemente com a questão migratória em Recife e Região Metropolitana é o Serviço Pastoral do Migrante (SPM). Entre suas atividades, o SPM fomentou o Taller Warao, espaço onde indígenas Warao puderam realizar atividades como a criação de suas peças de artesanato para posterior venda, assim como atividades de formação para adultos e crianças, entre 2021 e 2022. Além disso, apenas em 2020 foi formalizado o Comitê Interinstitucional de Promoção dos Direitos das Pessoas em Situação de Refúgio, Migração e Apátrida (COMIGRAR/PE). Deste Comitê participam órgãos públicos como secretarias do governo estadual e prefeituras, Defensoria Pública da União, instituições como a Cáritas e a Aldeias Infantis, assim como representantes de universidades como o grupo Migra⁸, do qual faço parte. Venho observando portanto, ao longo dos anos da pesquisa, uma mudança na atuação institucional em relação à questão da migração e do refúgio, com o surgimento de ações e associações.

Na interação com algumas destas instituições em campo, não foi raro ouvir as inquietações delas diante da prática de coleta de dinheiro nas ruas feita pelos indígenas Warao e as consequentes tensões com os conselhos tutelares. Já pude ouvir frases como: “*A mídia tá repercutindo os Warao porque estão na rua*” (Diário de campo, 12/02/2020) ou “*Foco tá nos índios, isso é o mais latente*” (Diário de campo, 08/11/2019). O que nos faz lembrar a problematização apresentada por Leite e Castro (2021), quando comentam que muitas vezes a migração é interpretada como um problema a ser controlado. Assim, além de pensarmos como as redes vêm se reconfigurando, é necessário pensar também em suas dinâmicas, disputas e tensões. Assis (2004) destaca que as redes não devem ser reduzidas à solidariedade, e que devemos analisar também os conflitos e ambiguidades que as permeiam. Assim, para a autora, as ambiguidades e conflitos não colocariam em risco a rede, mas fariam parte dela. Atualmente aqui na Região Metropolitana de Recife, ainda que haja ações institucionais, isso não quer dizer que não haja negligência ou tensões nestas relações. No ano de 2020, por exemplo, uma carta-denúncia foi assinada por uma série de instituições da sociedade civil denunciando a forma como o governo municipal e estadual estavam negligentes com relação, por exemplo, aos direitos à moradia e à saúde de indígenas Warao vivendo na cidade e região (CARTA, 2020).

A repercussão da presença de indígenas Warao deu-se não só por mídia e instituições, como também pela sociedade de forma mais geral, que percebeu uma mudança na paisagem

8 Grupo de Pesquisa, Estudo e Extensão Migrações, Mobilidades e Gestão Contemporânea de Populações. Fazem parte deste grupo, acadêmicos vinculados a diferentes áreas de conhecimento da UFPE, como: Antropologia, Geografia, Arqueologia, Comunicação Social, Serviço Social e Cinema.

urbana diante de sua presença nas ruas e noutros espaços. Tanto que, sabendo que pesquiso sobre venezuelanos em Recife, mais de um amigo já me procurou para tecer comentários sobre matérias que leu, algum lugar onde viu indígenas Warao ou alguma casa em que sabe que eles estão morando. Talvez a forma como a população recifense vê a presença de migrantes na cidade também esteja mudando, assim como a forma como se gere esta questão.

Podemos dizer que algumas ações institucionais são novidade na cidade. Algo percebido também por alguns migrantes e refugiados de outras nacionalidades que chegaram há mais tempo. Um dia, em campo, conversei com um senhor cubano que chegou em 2016 e, junto com sua esposa, foram os primeiros refugiados cubanos em Pernambuco. Ele me disse que, quando chegaram, procuraram por aulas de português e espaços de atendimento a migrantes e refugiados, mas não encontraram nada do tipo. Diferentemente da situação em que o encontrei em março de 2020, em uma atividade de mutirão da Cáritas para revalidação de diplomas. Diante disso, escrevi em meu diário de campo: *“Eu penso que pós chegada de venezuelanos, a cidade está diferente nas atividades de recebimento de imigrantes”* (Diário de campo, 11/03/2020). Neste exemplo do campo, uma instituição, a Cáritas, que não atuava com a questão migratória em 2016, começou a atuar diante da interiorização de venezuelanos e acabou promovendo ações para migrantes e refugiados não só dessa nacionalidade, ainda que eles sejam seu maior foco.

Em campo também cheguei a escutar relatos de que imigrantes de outras nacionalidades já se sentiram discriminados diante da prioridade dada a venezuelanos na ação de uma ONG, e a este questionamento a funcionária que me relatava isso teria dito que *“as ONGs recebem dinheiro para a situação de crise e que agora, no Brasil, a crise seria com venezuelanos”* (Diário de campo, 10/03/2020). É necessário, diante disso, problematizarmos também como são criados e geridos esses momentos de “crise”; e como são administrados os financiamentos a eles direcionados. Isto nos faz lembrar a problematização da antropóloga Anna Kurowicka (2020) sobre a forma como diferentes grupos nacionais são envolvidos distintamente nas infraestruturas de migração criadas na cidade.

O que Kurowicka (2020) destaca em seu texto é que, em anos anteriores, diante da ausência de políticas públicas estruturadas na área das migrações, algumas pessoas que atuavam junto ao Centro Islâmico acabavam por intermediar a resolução de demandas da população migrante que chegava ao Centro não só por questões religiosas mas também com demandas burocráticas. O próprio Estado não teria projetos e políticas de fortalecimento do Centro

Islâmico e suas ações ou outras iniciativas que atendessem à maioria dos imigrantes que chegavam até esse espaço segundo a antropóloga Anna Kurowicka (2020). Sobre isso a autora diz que o sentimento de seus interlocutores senegaleses era de que seriam “*os estrangeiros deixados nas mãos deles mesmos*” (KUROWICKA, 2020, p.190). Mas esta situação seria diferente no caso dos venezuelanos, segundo a autora. Isto porque direcionado a este público, teria sido construído um aparato institucional diferente do que ela observara com relação aos senegaleses por exemplo. Ela comenta que:

A comparação com o caso dos refugiados venezuelanos que chegaram na cidade nos anos 2018-2019 pode trazer uma perspectiva melhor sobre a realidade. Tratando dos venezuelanos, a situação do tronco parecido – a vinda dos migrantes ‘Sul-Sul’ – foi aqui encarada de forma bem diferente. Foi engajada a participação do governo federal e do Estado do Pernambuco (projeto de ‘interiorização’), Cáritas brasileira e Cáritas suíça, com o financiamento estadunidense. (...) foi disponibilizada a Base Aérea de Recife e um comboio de 22 veículos oficiais do exército, incluindo ambulâncias. A acolhida dos recém-chegados foi articulada (...), proporcionando acesso à moradia com aluguel subsidiado, acompanhamento psicossocial, oportunidade de qualificação profissional e atendimento jurídico. Para complementar as ações, os imigrantes em situação de ‘vulnerabilidade social’ tiveram acesso a itens de primeira necessidade como alimentos, roupas e kits de higiene pessoal (...). A grande diferenciação entre a construção das infraestruturas migratórias no caso dos refugiados venezuelanos e dos migrantes ‘Sul-Sul’ reunidos no Centro Islâmico evidencia as opções políticas por trás delas. A ausência do Estado no segundo dos casos, em contraste com um visível interesse em auxiliar e dar uma boa visibilidade à chegada dos venezuelanos (...) A exclusividade na forma de acolhimento desses diferentes migrantes procedentes do ‘Sul’ global mostra-se através das facilidades e das dificuldades, criadas ou perpetuadas, desde a plena articulação das instituições para apoiar a chegada dos imigrantes até uma praticamente total omissão das suas demandas, com os orçamentos e planejamentos que nunca saem do papel. (p.191-2)

Em uma atividade de campo em que estive acompanhada por Anna Kurowicka, já pudemos conversar sobre a possibilidade de haver privilégios na forma de recepção de venezuelanos em comparação a outros grupos de migrantes contemporâneos.

Nesse sentido, vale refletir que, mesmo que a recepção seja feita de forma distinta entre diferentes grupos de migrantes, isso não quer dizer que as ações institucionais, quando presentes, sejam executadas de maneira totalmente positiva. Sobre a forma como vem ocorrendo esta recepção, pude observar a chegada de algumas famílias venezuelanas a São Paulo. Era dia 05 de abril de 2018 e eu estava na Missão Paz⁹ em São Paulo, como parte do

9 A Missão Paz é uma instituição dos missionários Scalabrianos da Igreja Católica. Já existe em São Paulo desde os anos 30, realizando atividades com imigrantes e refugiados de diferentes nacionalidades. Atualmente suas atividades se organizam em quatro eixos: a Casa do Migrante, o Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes

trabalho de campo referente ao meu mestrado. Neste mesmo dia, estava chegando o primeiro grupo de venezuelanos interiorizados que seriam abrigados na Missão Paz. Sobre este dia eu escrevi:

Os venezuelanos chegaram por volta das 4 da tarde, a imprensa parecia urubu em cima de carniça, e ainda pediu algumas poses de fotos. Horrível ver esse tipo de abordagem e a chegada deles escoltados pelo Exército. Foram 18 homens, mulheres, crianças e bebês. (Diário de Campo do Mestrado, 05/04/2018).

Em minha memória ficou marcada não só a ação agressiva da imprensa, como a desproporção entre as famílias que chegavam e os soldados do Exército. Diante disso, os colaboradores da Missão Paz tentavam auxiliar no carregamento das malas dos que chegavam. Esta situação me lembra o comentário de Machado (2020) sobre ações supermilitarizadas do Estado brasileiro para com os venezuelanos com a justificativa da ajuda humanitária.

A presença da imprensa e a escolta do exército também não passam despercebidas para os imigrantes. Tanto que uma das interlocutoras da pesquisa, Fernanda, comentou sobre a chegada a Recife através da interiorização:

Entrevistadora 1¹⁰: De avião, vocês vieram de avião?

Fernanda: Sim.

Entrevistadora 1: De avião militar.

Fernanda: Sim. (...) Eu acho que quando a gente chegou tinha... Eu tenho ainda as fotos de quando a gente chegou. Tinha gente do periódico, da notícia. Tinha o pastor, tinha parte do corpo policial do Recife. A gente quase se sentiu **algum pilantra viu**, assim da... O pior da terra. (...)

Entrevistadora 1.: Você não se sentiu, é, recepcionada, você se sentiu ameaçada, é isso?

Fernanda: Não, não, não, não. É tipo assim, brincadeira. A gente falava que era tipo um animal em extinção, uma coisa surpreendente, porque todo mundo pedia foto pra nós, é, todo mundo queria falar, perguntar.

Marido de Fernanda: A gente ficou famoso aqui.

(CPMM), o Centro de Estudos Migratórios (CEM) e a Igreja Nossa Senhora da Paz. Mais informações disponíveis no site: < <http://www.missaonspaz.org> >.

10 Nesta entrevista eu estava acompanhada de outras pesquisadoras do grupo MIGRA, por isso, trechos que se referem a essa entrevista têm a “Entrevistadora 1” e a “Entrevistadora 2” além de mim.

Fernanda: É, quando a gente veio, é, de Recife pra cá, tem aquele escolta e tal, escoltando nós no ônibus. A gente fez “ai meu deus, **tão perigoso esse aqui**”, mas não, é só protocolo né? Mas a gente sempre com uma brincadeira.

Eloah: Mas vocês não esperavam que a polícia ia tá, o exército ia tá escoltando vocês.

Fernanda: Como... Como todo foi acontecendo, realmente a gente *ni* esperava, realmente não esperava, é, ninguém no aeroporto. A gente acreditava que a gente ia descer do avião, pegar o ônibus e ir embora pra casa. Pronto, *esso* que a gente esperava. Só que a gente imaginava né? Mas quando a gente chegou, todo mundo oh, a câmera, e tem pessoa ali e vendo... (...) Tipo assim, era muito engraçado, porque tinha militar na parte da porta do avião, militar na parte da porta *donde* a gente vai entrar, militar até na partezinha do, do, do *passillo* pra ir ao banheiro. **Era toda uma segurança**, né? Ah, esse também, que a gente, o pastor militar que, que ele fez o contato com o pastor, ele é coronel (...). Então ele, quando ele mandou a especificação de que a gente vinha, ele... praticamente ele **mandou a força armada do Brasil a nos acolher**, e eles não acolheram, super acolheram a nós.

Entrevistadora 2: Você sentiu então acolhida, mas ficou surpresa, nesse momento.

Fernanda: É. foi, fiquei muito, muito grata e muito surpreendida. (Entrevista, 04/06/2021, grifo nosso)

Nesta conversa, chamaram-me muito a atenção as considerações (em negrito), ainda que em tom de brincadeira, sobre serem eles, os imigrantes, pilantras, perigosos, animais em extinção bem como a segurança articulada para sua chegada. Esta situação me parece estar de acordo com algumas considerações de estudiosas como Barbara Harrel-Bond e Eftihia Voutira (1992). Sobre as ações humanitárias, elas comentam que vários estudos antropológicos apontam que “*o ethos do trabalho humanitário é aquele em que as vítimas são frequentemente tratadas como vilões, com os helpers assumindo o papel de figuras de autoridade* (p.8 tradução nossa)”. Estas pessoas, pensadas como vilões ou como aqueles que não podem recusar ajuda, *versus* figuras de autoridade, não me parecem diferentes da imagem que vi e da experiência que esta interlocutora narrou, com a sua chegada escoltada pelo Exército e observada pela imprensa, ainda que ela comente com certo tom de positividade. Trago aqui este trecho do diário, a análise que o seguiu e o trecho da entrevista, só para complexificar a assistência dada pelo Estado. Esta, ainda que presente, precisa ser problematizada.

Quando Kurowicka (2020) escreveu sobre o Centro Islâmico do Recife, ainda não existiam leis municipais ou estaduais sobre migrações e refúgio. Foi só no ano de 2021 que foram sancionadas as primeiras leis municipal e estadual sobre migrações e refúgio (RECIFE,

2021; PERNAMBUCO, 2021). A lei municipal, nº 18.798, de 20 de maio de 2021, que determina as “*bases para a elaboração da ‘Política Municipal de Promoção dos Direitos dos Migrantes e Refugiados’ no município do Recife*” (RECIFE, 2021); e a estadual, lei nº 17.350, de 15 de julho de 2021, “*dispõe sobre os objetivos, os princípios, as diretrizes e as ações prioritárias a serem observadas na elaboração das políticas públicas voltadas à população migrante no âmbito do Estado de Pernambuco*” (PERNAMBUCO, 2021). Sabemos que ter ações ou leis não basta, sendo necessário problematizá-las como faz Feldman Bianco (2018a) com relação às políticas nacionais. Por hora, o que podemos salientar é que estas leis indicam mais diretrizes do que ações concretas. Além disso, destacamos que, assim como a criação destas leis, é recente na cidade e Região Metropolitana uma série de parcerias e ações institucionais articuladas e dirigidas ao público de migrantes e refugiados. Como falamos, estas parcerias e articulações são prerrogativas da forma como a interiorização está organizada. Dessa forma, me pareceu inevitável pensar em como as relações e parcerias influenciam na chegada e na permanência de venezuelanos na região, com o intuito de compreender como venezuelanos acessam e constroem essas e outras redes.

Identificamos como necessário pensar sobre a existência e a atuação das instituições em processos migratórios para Recife, ainda que elas não sejam as únicas componentes destas redes. Assim, não me proponho a pensar apenas na participação de instituições nas redes migratórias. Isto porque, como bem coloca Assis (2004), parcerias institucionais costumam influenciar na chegada dos imigrantes, mas redes de amizade e parentesco podem ter uma influência muito maior para a concretização do processo migratório, em momentos para além da chegada, como o estabelecimento na cidade e a busca por emprego. Nos dados da pesquisa coordenada pela Cáritas Regional Nordeste 2 (LUCENA et al., 2021), é possível ver que não somente instituições e Governo influenciaram na chegada de venezuelanos a Pernambuco, como também suas famílias e amigos. É preciso compreender como operam estas redes. Algumas das instituições que mencionamos estão focadas na chegada dos imigrantes, com projetos temporários. Em nossa pesquisa, pensamos não só na chegada, mas na permanência dos venezuelanos na cidade. E, neste processo de permanência, redes não institucionais de parentesco, amizade e origem comum podem ter grande importância. Além disso, nem todos os imigrantes chegam à cidade por meio de redes institucionais, como o programa de interiorização de venezuelanos, organizado pelo Governo Federal.

É importante reforçar que, antes da chegada atual de venezuelanos a Recife, já existiam imigrantes e refugiados venezuelanos e de outras nacionalidades na cidade. Por isso, destacamos que as redes de imigração na cidade e região não se iniciaram agora, mas podem estar ganhando novos contornos e componentes. Isso motivou nosso interesse em estudar a experiência de venezuelanos.

Se lembrarmos-nos do estudo que Albuquerque (2017) fez sobre italianos em Recife, podemos dizer que esta era uma migração que, segundo a autora, acontecia apesar das iniciativas institucionais não terem operado com sucesso. Por outro lado, também já vimos migrantes no estado associados a políticas públicas específicas para suas nacionalidades ou profissões, como japoneses no interior do estado (FABREAU, 2011), ou com políticas que previam a sua vinda por um tempo, mas não sua permanência, como no caso de estudantes universitários de diferentes países em Recife (TCHAM, 2016). O que estamos percebendo é que a migração e o refúgio podem não ser novidade para a cidade do Recife e região, mas nos parece que é a partir da chegada mais recente de venezuelanos que teve início uma série de novas ações institucionais voltadas a migrantes e refugiados. Como diz Guizard (2018), é importante pensarmos nas redes como processo, com relações que mudam com o tempo. Assim, com a chegada recente de venezuelanos, novas parcerias estão se formando e, consequentemente, influenciando a experiência desses imigrantes e refugiados na cidade e na região. O que nos propomos a saber é como estas articulações, assim como as relações pessoais de venezuelanos, influenciam as redes que atuam em sua chegada e permanência em Recife e Região Metropolitana. E mais do que isso, dedicamo-nos a pensar em quais dinâmicas destas redes, dentre outros aspectos, podem estar bem além da solidariedade. Mas, afinal, o que seriam estas redes, como elas surgiram e foram nomeadas em campo? No terceiro capítulo apresentaremos esta discussão. Além das discussões teóricas debatidas na Antropologia, o próprio campo apresenta um uso constante do termo “rede”, o que me pareceu uma oportunidade de tentar entender não só como a teoria reflete sobre estas associações, mas como os próprios atores compreendem e operam este termo. Como pontua Strathern (2017c), para antropologizar, é preciso ver como “rede” é colocada em operação no contexto nativo. Antes de entrarmos nesta discussão, discorrerei a seguir sobre como a pesquisa foi realizada.

CAPÍTULO 02. METODOLOGIA

2.1 Caminhos e surpresas

Para construir a tese que aqui apresento, realizei pesquisa de campo, além de análise de dados e revisões bibliográficas. Assim, a construção da presente etnografia deu-se pela junção de reflexões teóricas com vários passos e experiências em campo.

Antes de descrever e refletir sobre as atividades que realizei desde 2019, cabe pontuar que os caminhos percorridos nesta tese se distanciaram das propostas que coloquei no projeto de pesquisa para a seleção do doutorado. Ali, minha ideia era seguir com a temática que desenvolvi no mestrado e aprofundar minha pesquisa sobre trabalho doméstico a partir da experiência de imigrantes bolivianos em São Paulo. Entretanto, como falei anteriormente, ainda durante meu trabalho de campo do mestrado, a imigração de venezuelanos começou a surgir como uma discussão mais forte no país e, naquela época, pude observar a chegada de um grupo de famílias venezuelanas a São Paulo através da interiorização.

Depois de finalizar a pesquisa em São Paulo para meu mestrado, voltei a Recife e continuei atenta a atividades que tivessem como temática a questão migratória, e estes eventos começaram a surgir. Durante o meu mestrado (entre 2017 e 2018), ainda que fosse sobre migrantes em São Paulo, estive atenta a atividades sobre migrações em Recife, mas não fiquei sabendo de eventos com esta temática. Entretanto, a partir de 2019, quando eu já estava em Recife e no doutorado, comecei a ver a divulgação de atividades e eventos que tematizavam a migração e o refúgio na cidade.

Em abril de 2019, aconteceu o Simpósio “Refugiados e Migrantes em Pernambuco: Como Acolher e Integrar?”, no auditório da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), organizado pela Escola Superior do Ministério Público da União. Sobre esta atividade, eu escrevi em meu diário de campo: “nunca haviam acontecido eventos desse tipo” (Diário de Campo, 10/04/2019).

Em setembro de 2019 foi realizado o ciclo de palestras “Reserve um minuto para ouvir uma pessoa forçada a deixar seu país”, como uma atividade relacionada à Copa dos Refugiados. Esta Copa, que já havia acontecido em anos anteriores em outros estados, teve em 2019 sua primeira edição com etapas também no Nordeste, aqui em Pernambuco. No ciclo de palestras realizado na UFPE, várias falas foram proferidas, inclusive de migrantes, mas também de

brasileiros, entre eles representantes de instituições federais como a Defensoria Pública da União. Dessa vez, relatei em diário que fiquei surpresa ao ver frases tão habituais em meu campo na cidade de São Paulo, mas que não permeavam minhas vivências em Recife até então, tais como: “Um mundo sem fronteiras”, “Nenhum ser humano é ilegal”. Estas surpresas na cidade onde moro e cresci também me trouxeram emoções. Não foram raros os meus relatos sobre me arrepiar e me emocionar com estas descobertas na cidade.

Fui acompanhando as atividades que descobri que falariam sobre migrações e refúgio, ou envolveriam migrantes e refugiados na cidade de Recife e Região Metropolitana. Sendo assim, decidi ir também à Copa dos Refugiados. Sobre minha chegada à Arena Pernambuco (Camaragibe - PE) para assistir à Copa, escrevi:

Me emocionei em entrar na Arena e ver as bandeiras de outros países. Fiquei arrepiada no momento em que vi os jogadores dos times entrarem e cada um teve o hino de seu país tocado. Cabo Verde, Venezuela, Angola e Senegal. Senti que tem como pesquisar em Recife. Aqui também começo a ver e estar em espaços com muitos imigrantes. Quando que eu pensaria em estar em Recife num espaço onde uma colega me pergunta se será que só tem eu de brasileira ali. (Diário de Campo, 15/09/2019)

A surpresa nestes momentos se fez muito presente, o que não é raro nem estranho ao fazer antropológico. Segundo Marilyn Strathern (2014a), em campo podem acontecer interações ou podemos observar eventos que não conhecemos e que nos deslumbram. Segundo a autora, estes são momentos de suspensão do conhecimento, diante dos quais podemos reelaborar nossas problemáticas, produzindo um conhecimento novo. A minha surpresa e o meu deslumbramento diante das atividades que comecei a acompanhar na cidade me fizeram então repensar meu campo, meu projeto, e decidir seguir com a pesquisa em Recife. A partir destas atividades, que fui relatando em diário, eu percebi que teria campo a fazer em Recife sobre migrações internacionais contemporâneas.

Houve também a surpresa de “tropeçar no campo” durante atividades pessoais que não estavam sendo pensadas como atividades da pesquisa. Isto porque, diferentemente do mestrado, decidi no doutorado pesquisar na cidade onde moro, cresci e construí meus laços. Como coloca Gilberto Velho (2003), *“O pesquisador brasileiro, geralmente em sua própria cidade, vale-se de sua rede de relações previamente existente e anterior à investigação”* (p.12).

Pesquisar na minha cidade fez com que, por exemplo, minha vida pessoal, por vezes, se misturasse com o campo. Seja quando encontrei um antigo colega de trabalho em uma atividade

de campo, ou quando um amigo comentou comigo sobre sua casa ser ao lado de uma casa onde moravam indígenas Warao, ou ainda quando meu marido comprou para nossa casa uma rede feita no Taller Warao e encomendou cases de instrumentos feitos por uma família venezuelana. Depois dessa situação, escrevi: *“Sinto que é vida e campo se cruzando. Acho que isso rola intensamente quando se faz campo na cidade onde se mora.”* (Diário de Campo, 01/06/2020).

Assim, por vezes, em atividades pessoais, fui sendo surpreendida por experiências que falavam sobre minha pesquisa. Dessa forma, é parte desta etnografia também o meu acúmulo pessoal no local que agora se tornava área de pesquisa: Recife e Região Metropolitana. O entrelaçamento de vida pessoal e pesquisa foi o caso, por exemplo, de um de meus interlocutores que conheci como meu vizinho e professor de capoeira; ou quando interlocutores comentaram que conheciam pessoas com quem eu também tinha contato a partir de minha vida pessoal; ou ainda quando conversei com uma amiga e seu irmão sobre as experiências de seu pai, venezuelano, que morou por alguns anos em Recife. Como comenta Gilberto Velho (2003), na antropologia urbana não é raro os antropólogos começarem a se deparar em campo com seus conhecidos e vizinhos.

Na busca pessoal por uma atividade física, descobri que, em meu condomínio, eram oferecidas aulas de capoeira por um professor venezuelano. O campo se mesclava às atividades de minha vida e, por vezes, isso me surpreendia. Sobre isso, digo no diário: *“O inesperado também traz a reflexão de novas coisas. Há um espanto, há um reencantamento, que é parte do processo de surpresa, assim como, do conhecer, do encontrar, consequentemente, do pesquisar* (Diário de Campo, 13/01/2023).

A percepção desta minha surpresa deu-se nas atividades iniciais de campo mas também nos momentos em que eu escrevia sobre elas em diário de campo. Tanto que escrevo:

Começo a escrever no diário sobre a copa (dos refugiados) de ontem e fico feliz em começar a construir um diário de campo de uma pesquisa em RECIFE! Parece que liga o botão de: você está fazendo pesquisa! Relembro a sensação de escrever e tentar conectar informações com o diário de campo de São Paulo. Acho que me animo e fico encantada com a nova possibilidade de pesquisa. (Diário de campo 16/06/2019)

Então, o momento da escrita também surgiu como um espaço onde eu refletia e analisava o que experienciei em campo e, assim, repensava meus caminhos de pesquisa. Como coloca Strathern (2014a), além do trabalho de campo, há um outro campo, a escrita. Este também necessita de grande cautela e atenção. Durante o trabalho de campo, nem sempre se

sabe o que será significativo dentre o que se coleta; essa significância se constrói na escrita (STRATHERN, 2014a). É neste segundo campo que alguns materiais coletados sem se saber o porquê passam a ser conhecidos. Desta forma, a análise e a escrita, assim como a observação, são momentos de construção de conhecimento. Nestes momentos da escrita do diário, por exemplo, pude refletir sobre materiais coletados, analisar minhas sensações diante deles e, assim, reformular questões da pesquisa. Sendo assim, a escrita se fez presente como processo de construção desde o começo de minha pesquisa. Pude, juntamente com as atividades de campo, elaborar a pesquisa não só com a escrita da tese mas também na escrita do próprio diário de campo. Assim, no diário, fui relatando tanto as minhas atividades quanto as impressões e reflexões que surgiam a partir delas e no momento do registro.

As atividades que pude acompanhar e registrar em diário de campo foram várias. De 2019 a 2022, acompanhei atividades sobre a temática migratória e, assim, construí o campo da pesquisa em Recife e Região Metropolitana. Em 2019, na Copa dos Refugiados, conheci outro pesquisador de migrações e, a partir dele, cheguei a outros espaços, como o Comitê Interinstitucional para Migrantes, Refugiados e Apátridas de Pernambuco e a Cáritas Regional Nordeste 2. Frequentando reuniões do Comitê pude conhecer espaços que abrigavam venezuelanos vindos pela interiorização, como Aldeias Infantis em Igarassu. Outras reuniões em que estive presente aconteceram na OAB Pernambuco e na Secretaria de Assistência Social do Estado de Pernambuco.

Entre 2019 e 2021, atuei como voluntária na Cáritas e, assim, pude ir construindo laços, conhecendo pessoas e entendendo um pouco mais sobre a chegada de venezuelanos a Recife e Pernambuco. As atividades neste período variaram, por exemplo, de entrevistadora em uma pesquisa sobre venezuelanos a ajudante de recreação nos dias das crianças, ou como apoio em um mutirão de revalidação de diplomas na Casa de Direitos. Este período como voluntária serviu também como uma espécie de mapeamento do campo, conhecendo pessoas, ouvindo histórias e reformulando meu projeto de pesquisa. Uma das oportunidades de mapeamento foi a realização de um Diagnóstico Rápido Urbano e Participativo (DRUP) em que entrevistei, assim como outros voluntários o fizeram, vários venezuelanos que participavam das atividades da Cáritas. Assim, pude saber um pouco sobre as pessoas que estavam chegando a Pernambuco e àquela instituição. Dessa forma, a experiência como voluntária me fez conhecer pessoas e refletir sobre os processos migratórios de venezuelanos para cá. Como resultado do DRUP, escrevi um artigo juntamente com outros pesquisadores e trabalhadores da Cáritas (LUCENA,

et al., 2021). Ser voluntária permitiu-me também conhecer pessoas que depois eu acompanharia e entrevistaria para minha pesquisa. Além disso, pude conversar com uma trabalhadora desta instituição, o que também me ajudou na escrita do projeto e no mapeamento do campo. Outra conversa também me ajudou neste processo, dessa vez com uma venezuelana de quem consegui o contato através de um trabalhador da Cáritas.

Além das pessoas que conheci por meio desta instituição, os próprios interlocutores me apresentaram novas pessoas para entrevistar e acompanhar. Conhecer um interlocutor através de outro foi, muitas vezes, uma oportunidade de conhecer pessoas que compõem as relações dos interlocutores e que assim formam aquilo que decidi priorizar nesta pesquisa: as redes que influenciaram sua chegada e influenciam sua permanência em Recife e região. Na sequência, apresentarei os principais interlocutores desta pesquisa.

2.2 Os principais interlocutores

A partir de diferentes metodologias, meu contato direto em campo deu-se mais intensamente com 12 venezuelanos, sendo eles os principais interlocutores da pesquisa.

Em meu campo de pesquisa, Juan foi um dos primeiros venezuelanos que conheci. Ele é psicólogo, tem 44 anos¹¹, e atualmente trabalha como educador social em uma ONG que, entre outras atividades, desenvolve ações voltadas para migrantes e refugiados. Ele saiu de Caracas, na Venezuela, em 2017. Imigrou para o Brasil e, enquanto esperava seus documentos ficarem prontos, retornou à Venezuela. Depois de um mês, ele estava novamente em Boa Vista, Roraima. Em seus deslocamentos, Juan articulou junto a amigos, desde caronas a hospedagens e passagens. Um destes amigos foi Santiago, padrinho de sua filha mais nova. Santiago já morava aqui e o ajudou com a passagem de Manaus até Recife e com moradia na cidade. Em Recife, Juan trabalhou em diferentes serviços, como na cozinha de restaurantes e na venda de pizzas em semáforos. Depois de algum tempo, por indicação de outros psicólogos, soube do edital referente à vaga que hoje ocupa e através da qual nos conhecemos. Atualmente, ele aguarda a finalização da revalidação de seu diploma. Depois de alguns anos morando aqui, em 2019 sua esposa Sara e seus filhos vieram morar em Olinda, onde todos moram juntos atualmente, mais

11 Destaco aqui que todas informações referentes aos interlocutores se referem ao que me foi dito durante o campo de pesquisa, principalmente do ano de 2021. Portanto, são informações sobre este período de suas vidas ou momentos anteriores que me foram narrados.

precisamente no Amparo. Eles chegaram através de uma articulação de Juan, que conseguiu que eles participassem do programa de interiorização da Operação Acolhida.

Por intermédio de Juan, conheci Santiago. Eles são amigos desde a Venezuela, conheceram-se na universidade e moraram juntos em Caracas. Antes mesmo de conhecer Juan, Santiago conheceu Sara há mais de 19 anos. Santiago, assim como Juan, é psicólogo. Ele tem 38 anos e atualmente está fazendo doutorado em Sociologia na UFPE. Sua formação acadêmica foi o motivo de sua vinda a Recife. Chegou aqui em 2017 para realizar, na UFPE, seu mestrado em Sociologia, vindo de Caracas. Além de seu trabalho acadêmico, ele também está envolvido com ativismo popular na comunidade onde mora. Juan morou junto com Santiago nesta comunidade e também em uma casa anterior no bairro da Várzea. Em uma destas casas, eles também dividiram a moradia com Nancy por um curto período. Santiago conheceu Nancy por intermédio de Juan há mais de dezessete anos, na universidade, na Venezuela.

Nancy é geógrafa, tem 41 anos. Ainda na Venezuela, mais especificamente na Isla de Margarita, já trabalhava como artesã. Lá, na companhia de seu esposo brasileiro, vendiam peças feitas de vidro. Em 2017, migraram para o Brasil com destino a Porto Alegre, onde mora a família de seu esposo. Foram desde a Venezuela até Porto Alegre em sua caminhonete, transportando o forno no qual fazem suas peças. Não estavam apenas os dois, sua filha mais velha estava com eles. Além disso, Nancy estava grávida da filha mais nova do casal, já no terceiro trimestre da gestação. Pouco depois de chegarem a Porto Alegre, a filha mais nova do casal nasceu. Ainda antes que ela completasse um ano, Nancy decidiu vir conhecer Recife, um local mais quente e onde estavam seus amigos, Juan e Santiago. Ela morou na casa de Santiago com suas filhas por um curto período de tempo até que, com a ajuda de Juan, encontrou uma casa para alugar em Olinda, onde montou seu ateliê. Atualmente ela mora no Carmo, em Olinda. Depois de um período em que ela já estava por aqui, chegou seu esposo. Ela segue trabalhando como artesã e frequenta diferentes feiras para a venda de seus produtos.

Foi através do trabalho com artesanato que Nancy conheceu Diego, também artesão e interlocutor desta pesquisa. Diego, 35 anos, imigrou para o Brasil em 2014, saindo da região de Turén. Em sua chegada, circulou por diferentes estados como Pernambuco, Pará e Roraima, por meio de diferentes meios de transporte, como caminhão, ônibus e bicicleta, além de ter pegado caronas. Ele veio para Pernambuco ao encontro de seu mestre de capoeira. Depois de um tempo, Diego fixou residência em São Paulo, onde morou por dois anos e deu aulas de espanhol. De São Paulo, ele seguiu para Pernambuco. Atualmente é casado com uma pernambucana, Joana. Por

morarem no mesmo residencial que eu, no bairro da Várzea, os conheci e comecei a fazer aulas de capoeira com Diego. Além da capoeira, Diego também se dedica à confecção de joias e à ciência da computação.

Além de conhecer Santiago, Juan e Diego, Nancy também conhece outro interlocutor desta pesquisa: Ramón; a quem foi apresentada por Juan. Ramón tem 26 anos, é *designer* e trabalha como consultor nesta área. Tanto que já realizou consultoria de *design* na Cáritas. Ramón é filho de um político venezuelano filiado ao partido *Primero Justicia*. Em função de sua carreira política, seu pai já chegou a ficar exilado por alguns meses na Colômbia em 2017. No momento da pesquisa, Ramón realizava seu mestrado e trabalhava como consultor em uma empresa de tecnologia. Quando o conheci, ele ainda morava em Recife, no bairro dos Aflitos, mas depois de um tempo foi morar no Rio de Janeiro. Sua migração para Recife teve como motivação vir ao encontro de sua companheira. Eles se conheceram durante um intercâmbio na Irlanda. Desde então, eles se visitavam entre Caracas e Recife. Quando chegou a Recife, em 2018, Ramón recebeu o suporte da família de sua companheira. Devido a um novo emprego de sua esposa, eles se mudaram para o Rio de Janeiro. Tanto no Rio como em Recife, Ramón já participou de atividades em ONGs que atendem migrantes e refugiados, oferecendo serviços e formações a partir de suas expertises com design e empreendedorismo.

Nas entrevistas e nos encontros com os interlocutores, era comum que eu perguntasse se eles poderiam me indicar alguém para conhecer e participar da pesquisa. Foi através de Ramón, por exemplo, que consegui o contato de Nancy. Santiago, por sua vez, me indicou falar com Elizabeth, com quem ele já havia trabalhado no Consulado da Venezuela, que funcionava aqui em Recife.

Elizabeth, 44 anos, é formada em Sociologia. Ela imigrou de Caracas para Recife em 2004. Mas esta não foi a primeira vez que veio para cá. Em 1999, ela veio para um encontro estudantil e conheceu um pernambucano. Eles começaram a namorar e, entre viagens aos dois países, decidiram se casar na Venezuela e morar no Brasil. Aqui tiveram seus dois filhos. Depois de algum tempo morando aqui, mais especificamente no bairro de Boa Viagem, Elizabeth começou a oferecer aulas de espanhol, chegando a dar aulas no Consulado da Venezuela. Atualmente, ainda que o Consulado tenha encerrado suas atividades, ela continua dando aulas particulares de espanhol e também está envolvida em projetos de literatura. Além disso, ela está prestes a concluir sua graduação em Letras.

Elizabeth sugeriu-me conversar com Isabel. Isabel tem 60 anos e é dentista. Ela se formou em Odontologia na Universidade Federal de Pernambuco através de um convênio firmado entre a Venezuela e o Brasil. Por conta deste convênio, que não existe mais, ela veio de Maracay para Recife em 1984. Aqui construiu toda a sua carreira de dentista. No momento, não está mais clinicando porque, em 2011, começou a ter os sintomas da síndrome de Guillain-Barré, o que, entre outros fatores, dificulta a mobilidade de suas mãos e pernas. Atualmente, ela faz uso de cadeira de rodas. Enquanto pessoa com deficiência, Isabel recebe o Benefício de Prestação Continuada (BPC). Mesmo sem exercer sua profissão de dentista, os laços construídos ao longo do período em que trabalhou nesta função continuam. Tanto que atualmente ela mora no bairro de Boa Viagem junto com Maria, que foi sua paciente e trabalhou em seu consultório quando Isabel ainda atuava como dentista. Maria estava com Isabel no momento da entrevista. Há alguns anos, elas se dedicam à produção de peças de artesanato com material reciclado.

Outra interlocutora da pesquisa que também chegou há vários anos ao estado é Carmen. Eu a conheci em uma atividade do grupo MIGRA. Após esta atividades, Juan me passou o seu contato. Ela é médica de família e tem 57 anos. Filha de pai venezuelano e mãe brasileira, Carmen nasceu no Brasil mas, ainda pequena, mudou-se para a Venezuela com sua família, o que a faz se considerar “mais” venezuelana, como ela mesma fala: *“Eu cheguei lá com onze meses de idade, eu caminhei na Venezuela né? Então, bom, eu fiz toda minha vida lá (...). Eu sou nascida no Brasil, mas eu sou mais venezuelana do que brasileira definitivamente”* (Entrevista, 24/04/2021). Mesmo crescida na Venezuela, visitou várias vezes o Brasil para encontrar familiares. Até que, em 2013, ela imigrou de Mérida para Goiana (PE) em função do programa Mais Médicos. Findado seu vínculo através deste programa, ela atualmente continua como médica de família em Goiana, através de contrato com a Prefeitura da cidade. Hoje ela coordena, junto a outro venezuelano, a Red de Venezolanos en Pernambuco.

Além de alguns interlocutores venezuelanos me indicarem outros, também conheci alguns deles através de meus contatos pessoais, como foi o caso de Diego, ou por meio de minhas atividades como voluntária na Cáritas, como Milagros e Luis, ou ainda através de indicações de outros pesquisadores colegas do grupo MIGRA, foi assim que conheci Paola e Fernanda.

Paola, 31 anos, emigrou de Maturín, na Venezuela, em 2015. Ela veio encontrar amigos brasileiros que conheceu pela internet através de sites e plataformas para a prática de línguas

estrangeiras. Estes amigos moravam em Sirinhaém. Nesta cidade, conheceu seu marido e lá permaneceu. Ela já trabalhou em uma loja de perfumes, mas depois começou a se dedicar integralmente à criação de conteúdo para suas páginas no Instagram e no YouTube. Uma vez aqui, Paola organizou a vinda de sua irmã, cunhado e sobrinho para a cidade de Nossa Senhora do Ó, em 2018. Vale dizer que, como nas outras entrevistas, perguntei a Paola se ela teria alguém para me indicar como possível entrevistado. Perguntei se eu poderia ter o contato de sua irmã, mas não foi possível.

Eloah: Eu também iria perguntar, eu não sei de repente se sua irmã tem interesse de participar da entrevista, não sei se, se ela ficaria a vontade, mas se você souber de alguém também que poderia participar. No caso teria que ser alguém que tá em Pernambuco. É, mas aí se tiver algum venezuelano ou venezuelana que você acharia que poderia se interessar por participar, aí se puder me dizer depois, agora, enfim, eu agradeceria também.

Paola: *Yo* assim, venezuelano, assim, *non* conheço assim, de Recife, sei que Recife tem muito venezuelano, porém *non* tenho contato com ele. E minha irmã ela não gosta, ela não gosta de aparecer, ela não gosta, ela não, ela não gosta não, ela é toda ao contrário a mim.

Eloah: (Risos)

Paola: Ela é muito tímida pra essas coisas. (Entrevista, 23/03/2021)

Este não foi o único caso em que não consegui acesso a alguma pessoa. Santiago também refletiu sobre a possibilidade de um conhecido seu aceitar participar da entrevista:

Tenho outro, tem o Gabriel, mas o Gabriel não tenho tanto contato com ele, e eu sei que ele não mora há tanto tempo. Talvez a Elizabeth conhece mais ele, então assim, talvez comece por aí, se a rede travar tu me avisa(...). Gabriel, é, mas ele... Posso te passar o contato, mas não me surpreenderia que ele fique um pouco na defensiva também, porque imagino que trabalhar no consulado venezuelano deve ser um inferno próprio, então... (Entrevista 06/04/2021).

Assim, a partir dos contatos a que tive acesso, consegui outros, mas também recebi negativas. A partir das pessoas com quem entrei em contato e com as quais teci relações, construí esta etnografia. Coloco a seguir um esquema que sucintamente apresenta como cheguei a cada um deles.



Como explicito no desenho, através da Cáritas, conheci Luis. Ele trabalha como auxiliar administrativo de uma Igreja Evangélica. Além disso, auxilia seus pais com a propaganda e o serviço de entrega das empanadas e outras comidas que fazem. Durante o campo da pesquisa, eles estavam todos em Recife (primeiramente no bairro da Imbiribeira, depois em Boa Viagem), mas atualmente seus pais se encontram em Macéio. Ele emigrou de Ciudad Bolívar em 2019 com seus pais e sua irmã e, através de um apoio que receberam de uma Igreja Evangélica, fizeram o trajeto de Roraima a Pernambuco. Por este intermédio, chegaram até Carpina e ficaram por um tempo em uma casa alugada pela AMAI, junto a outras famílias. Passados alguns meses, vieram para Recife, onde Luis e sua irmã começaram a trabalhar em restaurantes. Além da dedicação aos trabalhos, Luis também é bastante envolvido com grupos de pedal, participando de vários passeios de bicicleta pela cidade.

Luis não foi o único interlocutor que passou por Carpina. Fernanda e sua família também chegaram a Pernambuco por esta cidade. Fernanda, 25 anos, migrou de Puerto Ordaz (Venezuela) para o Brasil em 2019 junto com sua família. Em Boa Vista, ficaram alguns dias em situação de rua, morando na rodoviária da cidade. Só depois deste período inicial é que conseguiram vaga em um abrigo, onde ficaram três meses até que vieram para Pernambuco. Eles chegaram a Carpina através do programa de interiorização da Operação Acolhida e foram recebidos pela AMAI. Durante alguns meses, ela, seu esposo e seus filhos moraram na casa concedida por esta instituição junto a outras famílias de venezuelanos. Depois de um tempo, conseguiram alugar sua própria casa. Quando imigraram, dois de seus filhos já estavam

nascidos. A terceira filha do casal nasceu aqui no Brasil. Atualmente trabalham confeccionando mesas e cadeiras.

Milagros, 34 anos, assim como Fernanda, chegou a Pernambuco através do programa de interiorização. Ela saiu de Caicara del Orinoco e chegou ao Brasil com seu marido e seus dois filhos. Na primeira vez em que tentaram imigrar, foram informados de que crianças não estavam podendo entrar no Brasil. Então apenas seu marido ficou na fronteira e ela retornou para a cidade de sua mãe. Depois de um ano, quando souberam que já poderiam entrar com as crianças, ela veio com seus filhos, reencontraram seu marido e entraram no Brasil em 2018. Depois de alguns dias em Boa Vista, conseguiram vir para Recife pelo programa de interiorização da Operação Acolhida. Aqui ficaram alguns meses em uma casa alugada pela Cáritas junto a outras famílias venezuelanas. Depois de um tempo, alugaram um local onde moravam apenas os quatro no centro da cidade do Recife. Atualmente moram em São Lourenço da Mata. Milagros trabalha com serviços de estética, como depilação e massagens. Seu marido, além de ser fotógrafo, trabalha com o envio de remessas e a comunicação de pessoas entre o Brasil e a Venezuela.

Foi a partir principalmente dos diálogos com estes interlocutores aqui apresentados que construí esta etnografia. Como foi possível perceber, dentre os interlocutores, ainda que todos venezuelanos, as histórias claramente variaram. Dentro desta diversidade, estão as experiências tanto de homens (5) como de mulheres (7). Entre os interlocutores da pesquisa, seus trabalhos variaram bastante: auxiliar de serviços administrativos, artesãos, professor de capoeira, educador social em ONG que trabalha com migrantes, médica, doutorando, ativista social, professora de espanhol, massoterapeuta, dentista, designer, youtuber. O ano da imigração também variou. Há um caso de imigração na década de 80, e também imigrações englobando os períodos de 2000 e 2015 (quatro casos), assim como entre 2016 e 2019 (sete casos). A maioria dos interlocutores tinha entre 30 e 40 e poucos anos no momento da pesquisa, mas também houve alguns com 20 e poucos anos, assim como outros com idade entre 50 e 60 anos.

Entre nossos principais interlocutores, sete chegaram com seus próprios recursos enquanto outros seis fizeram parte da Operação Acolhida ou de outros programas institucionais como o Mais Médicos e intercâmbios universitários. Vale dizer que ter chegado sem o apoio e o fomento de uma instituição, não significa dizer que esta pessoa não recebeu em outro momento o apoio de ações voltadas para imigrantes, organizadas por instituições que têm atuado na cidade e região. Dentre os doze principais interlocutores desta pesquisa, nenhum deles deu

prosseguimento à solicitação de refúgio, ainda que alguns tenham solicitado o protocolo de refúgio. Todos são residentes permanentes ou temporários no Brasil.

As motivações que os fizeram chegar em Pernambuco ou Recife, mais especificamente, variaram. Alguns escolheram esta cidade ou região porque aqui têm amigos ou amores. Três dos nossos interlocutores (Juan, Santiago e Nancy) são amigos desde a Venezuela e a vinda de um influenciou na chegada do outro em Recife. Além disso, Nancy é casada com um brasileiro, o que influenciou sua vinda para o Brasil. Ramón, Elizabeth, Paola e Diego também se casaram com brasileiros e isso influenciou a vinda deles ao Brasil, e/ou a sua estadia aqui em Pernambuco. Sobre a escolha de permanecer em Pernambuco, Paola comenta: *“Todo mundo me pergunta porque escolhi Pernambuco. Yo estoy num interior do Recife (Sirinhaém), yo non estoy em Recife, e é por isso, porque eu estoy casada com um rapaz aqui, com um rapaz aqui”* (Entrevista, 23/03/2021).

No caso de Ramón e Elizabeth, por exemplo, eles já haviam vindo a Recife antes de imigrar para cá para visitarem seus companheiros. Mas também tem aqueles que vieram para cá sem saber nada sobre Pernambuco. Fernanda, por exemplo, comenta sobre isso ao falar do processo de interiorização de sua família:

Entrevistadora 1: Então vocês tavam lá (em Boa Vista - Roraima) no abrigo, ele (militar) disse “olha, vai ter uma vaga em Carpina”, é isso? “pra Pernambuco”, aí vocês foram pesquisar o que que era Pernambuco, onde ficava o que que significava ir pra Pernambuco.

Fernanda.: Não, realmente, quando ele falou pra nós “olha, vocês querem sair?”. Porque foi assim que ele falou “você quer sair daqui?”, e a gente falou “sim, meu deus do céu”... Porque o desespero de sair de lá é que lá não tem emprego, lá não tem como trabalhar, lá tem muita, muita, muita, muita gente que vai de casa em casa pedindo alguma ajuda, pedindo algum trabalho e não tem. Não tem como, não tem como dar emprego pra ninguém. Então quando ele falou pra nós “olha, tem uma vaga pra você. Você quer ir embora?”, é, a gente disse “sim. sim, a gente quer ir”, “olha, mas é pra...”, “não tem, não tem importância pra onde é, a gente quer ir embora”. Depois de que a gente já tava assinando pra gente ir embora foi que a gente começou a pesquisar realmente. (...) Se eu saía de lá, eu achava emprego, eu *iva* embora, eu tava, pronto. Então realmente não tinha tanta importância de pra onde eu *iva* sair, que eu queria sair. (Entrevista, 04/06/2021)

Milagros também não conhecia nada de Pernambuco. Segundo ela, as pessoas da organização responsável pelo seu cadastro da interiorização *“falaram pra nós, é, ‘vocês vão pra Recife’*. *É, não sabemos ni onde, ni que estado, nada. Então ali falaram ‘ah, Recife fica no*

estado Pernambuco, é tudo maravilha, tem oportunidades de emprego, e muita coisa boa' ” (Entrevista, 30/06/2021) . Mas, segundo ela, depois que chegaram: *“Aí começamos a ver a realidade de Recife, que Recife é lindo, mas o desemprego é muito. Então muita gente tava convencida de pegar um emprego rápido e não foi assim”* (Entrevista, 30/06/2021). Como coloca Milagros, ela e sua família vieram, assim como a família de Fernanda, porque aqui foi o local onde que conseguiram chegar com o financiamento da interiorização. Milagros comenta que chegaram aqui e viram que as oportunidades de trabalho eram diferentes do que foi prometido, mas, mesmo assim, permaneceram. Como ela mesma diz: *“Já ficamos”* (Entrevista, 30/06/2021). E assim, a partir das experiências de interlocutores que, como Milagros, “ficaram” em Recife e região, decidi pesquisar quais redes tiveram influência não só para que eles chegassem mas para que permanecessem aqui.

Antes de seguir com outras discussões metodológicas, destaco que todos os principais interlocutores desta pesquisa são “criollos”, designação que escutei em campo e uma de nossas interlocutoras, Paola, me explicou que é a forma como se nomeiam os venezuelanos não indígenas. Não tive um campo focado em experiências Warao e não cheguei a entrevistar indígenas Warao formalmente. As entrevistas e interações em maior profundidade ocorreram entre mim e “criollos”. Mas, vale salientar que, em algumas atividades de campo em que estive, indígenas Warao estavam presentes, como quando fui voluntária em uma atividade de escuta da OIM, na ida à Feira Nacional de Negócios do Artesanato (Fenearte) ou em reuniões da Cáritas Regional Nordeste 2 e do Comitê Interinstitucional para Migrantes, Refugiados e Apátridas de Pernambuco. Sendo assim, quando cito comentários que envolvem indígenas Warao me refiro a experiências de campo para além das entrevistas.

A pesquisa deparou-se, portanto, com situações semelhantes e diferentes que nos propiciaram compreender as homogeneidades, diferenciações, reincidências e complementariedades do campo, como sugere Cecília Minayo (2017). Além disso, baseados em Gaskell (2002), consideramos que realizar entrevistas qualitativas e interagir com pessoas de diferentes perfis foi uma possibilidade de ter acesso a uma variedade de pontos de vista. Entretanto, o objetivo não foi realizar grandes generalizações, por tratar-se de uma pesquisa qualitativa.

2.3 O campo e as interações mediadas pela internet

Em 2020, eu planejava seguir acompanhando mais atividades presenciais, conhecendo mais pessoas e suas experiências. No início do ano participei da campanha para revalidação de diplomas e conheci o grupo de pesquisa e extensão Migra (UFPE). Neste grupo, pude começar a esboçar ideias de idas coletivas ao campo com outros pesquisadores das migrações e de diferentes áreas como Cinema, Jornalismo, Geografia, Administração e Letras. Entretanto, em março deste ano, a pandemia do Coronavírus atingiu nossos cotidianos de maneira inesperada. Neste período mais intenso da pandemia, muitas instituições que trabalhavam com a temática migratória se dedicaram a facilitar ações que garantissem a sobrevivência dos migrantes. Assim como muitos de nossos hábitos, o meu pesquisar também foi impactado pela pandemia e suas restrições. O que planejei como atividades presenciais teve que ser reelaborado. Por isso, tive de ir repensando a coleta de dados e comecei a refletir sobre as possibilidades de pesquisa através de instrumentos digitais.

É importante dizer que as discussões sobre etnografias em espaços virtuais ou que usam metodologias on-line me foram apresentadas pelo mini curso “As Implicações da Etnografia On-line”¹² organizado pelo PPGA da UFPE diante da necessidade de alterarmos nossas pesquisas por conta da pandemia do Coronavírus. Este minicurso foi uma oportunidade de ler textos e escutar autores com experiências em diferentes metodologias construídas muito antes de acontecer a pandemia. Além disso, foi possível debater com colegas estratégias num momento em que todos estávamos tendo que reorientar nossas pesquisas devido à pandemia e à impossibilidade dos encontros presenciais. Outro espaço que tive para pensar novas estratégias para o campo diante do contexto pandêmico foi o grupo MIGRA.

Uma forma de dar prosseguimento à pesquisa foi através de entrevistas feitas de forma on-line, pelo Google Meet. Realizei as primeiras entrevistas on-line de minha vida acadêmica em julho de 2020 e elas ocorreram até boa parte do ano de 2021.

Dentre as entrevistas com os interlocutores principais, apenas as entrevistas de Milagros e de Fernanda fiz em parceria, no caso, com colegas do grupo MIGRA. Em ambas as entrevistas, as interlocutoras estavam acompanhadas por outra pessoa que acabou por também fazer comentários. No caso, tanto o marido de Milagros como o de Fernanda estavam presentes e participaram de alguns momentos das entrevistas com suas esposas. As entrevistas com os

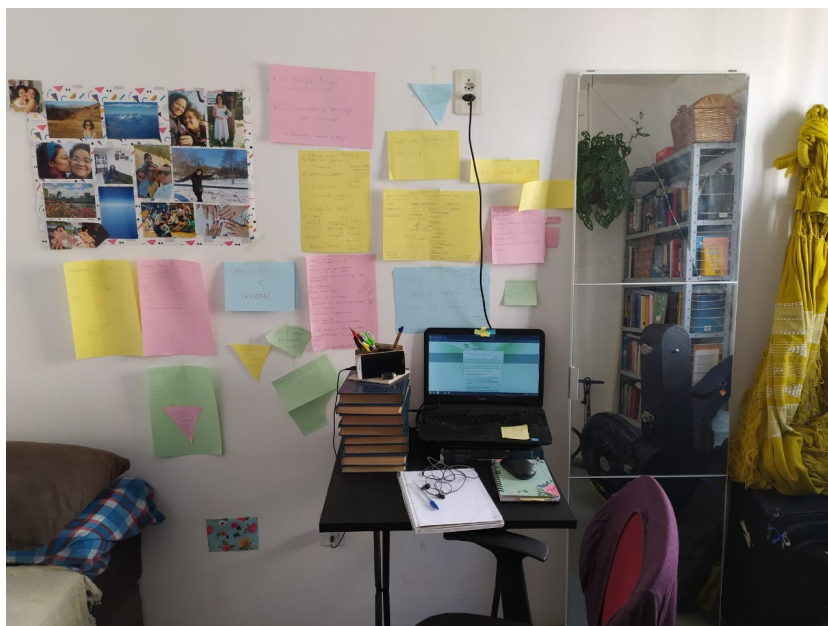
12 Debates disponíveis no link <https://www.youtube.com/watch?v=kMxNal122w&list=PLuRyvGgyZPVxLyM7hwMyk87KGmtddrC-L>.

demais interlocutores que apresentei aqui, realizei sozinha. No geral, tanto sozinha como em grupo, as entrevistas variaram de 1 a 2 horas e 40 minutos. Todas as entrevistas, com exceção da de Ramón, ocorreram em um encontro. No caso de Ramón, tivemos de interromper nosso primeiro encontro por conta de um compromisso dele e retomamos a entrevista em outro dia.

Vale dizer que também fizeram parte do campo uma série de atividades que fui acompanhando e seguindo pela internet uma vez que não era possível acontecerem eventos presenciais. Estas foram atividades como: conversas individuais e em grupos por plataformas digitais como o Whatsapp e Instagram, cursos acadêmicos e também criados por instituições que trabalham com migrantes e refugiados aqui em Pernambuco, lives destas instituições, encontros culturais entre venezuelanos e brasileiros na plataforma Zoom e lançamento de sites que envolviam a temática das migrações.

De antemão percebi que eu tinha muitos preconceitos com o pesquisar de forma on-line, duvidando da qualidade das informações que coletaria estando distante fisicamente. Mas, com a prática, fui percebendo que muitas informações poderiam ser trocadas e coletadas por meios digitais. Como colocam Daniel Miller e Don Slater (2004): *“a qualificação para ser considerada como uma etnografia não foi se se pesquisaram especificamente contextos off-line, mas se se partiu do compromisso maior em relacionar o fenômeno a contextos mais amplos”* (p.45). Portanto, o que acontece por meio de interações on-line não deve ser considerado de antemão como algo, na palavra dos autores, “autocontido”. É preciso que pensemos as relações do off-line e do virtual e isto, segundo eles, só a pesquisa é que pode nos dizer. Assim, a partir das interações mediadas pela internet, estava interessada em saber como o que era ali divulgado e conversado se relacionava com as estratégias dos interlocutores para criar e integrar redes que os permitiram não só chegar a Recife como aqui permanecer.

Em julho de 2020, comecei a realizar entrevistas junto a outros colegas do grupo MIGRA pelo Google Meet. Entrevistamos venezuelanos e também funcionários brasileiros de instituições que trabalham com a temática das migrações. Esta foi também uma forma de ir adentrando e mapeando o campo. Desde este princípio já comecei a me sentir em campo, realizando pesquisa, o que talvez eu imaginava que não sentiria por estar distante das pessoas, em minha casa, conectada a elas pela internet. Muitas vezes, o ambiente em que realizei a pesquisa foi meu quarto de estudos, como mostra a foto na sequência:



Deste quarto, realizei as entrevistas que debato nesta tese. Como disse, as primeiras entrevistas pelo Google Meet realizei junto a colegas do grupo MIGRA. Esta foi uma oportunidade de entrevistar coletivamente e assim poder alternar quem mais conduzia a entrevista, podendo assim refletir com mais calma sobre o que era dito, pensar em mais perguntas e também observar algumas interações. Estas atividades em grupo também foram fazendo com que eu fosse me ambientando com as entrevistas feitas de forma on-line: como gravá-las, como me comportar para que meu áudio não interrompesse o áudio da pessoa entrevistada, como organizar o que apareceria ao fundo de minha imagem, o que combinar com as pessoas que estavam em minha casa para que seus barulhos não atrapalhassem a entrevista. Mesmo assim, intervenções aconteceram. Tanto que no meio da entrevista com Paola, depois de alguns barulhos, eu falo: *“Eita! Agora, meu cachorro latiu, a sirene passou, tudo ao mesmo tempo (risos)!”* (Entrevista, 23/03/2021).

Ao fazer as entrevistas em grupo pela internet, pude ir conhecendo alguns outros desafios que surgiriam também nas entrevistas que faria sozinha: as falhas na conexão da internet, as palavras e frases cortadas. Tanto sozinha, como quando em grupo, questões com o sinal da internet interferiram em algumas entrevistas. Um exemplo é este diálogo com Santiago:

Eloah.: Eita, cortou. Santiago? Não tô te escutando. Santiago? Santiago? Deixa eu falar pelo zap. Oxente...

Santiago.: Alô?

Eloah: Voltou?

Santiago: Aí tá. Tô te ouvindo. Voltou.

Eloah: Pronto, ah. Eu fiquei na dúvida, fiquei “será que fui eu que caí?”, aí eu fiquei sem entender.

Santiago: Não, não, a minha... Minha conexão não é muito boa aqui também não.

Eloah: Entendi. Tu tava falando, é, dos editais que tás com Juan, tipo...

Santiago: Então aí pensamos com Juan, vai ser uma coisa que tamos pensando agora, mas...

Eloah: Eita, cortou de novo. Eu acho que tu caiu de novo. Santiago, não tô te escutando.

[1h24min32seg até 1h25min17seg: silêncio]

Santiago: Alô.

Eloah: Oi!

Santiago: Aí voltou. Vamo ver quanto tempo dura. Vamos esperar que dure agora.

Eloah: É. Cortou exatamente... Cortou de novo. Tu tava começando a falar de novo desse projeto com Juan e aí cortou (Entrevista, 06/04/2021).

As interferências também aconteceram em outras vídeochamadas. Na entrevista com Nancy, ela chegou a sugerir que cortássemos nossos vídeos para que a conexão melhorasse e foi assim que seguimos com a entrevista. Portanto, vídeochamadas mudas, áudios cortados, atropelo de palavras, também eram algo a ser experienciado agora nesse campo on-line. Mesmo diante desses desafios técnicos, foram possíveis os avanços.

Pesquisar pela internet também permitiu-me chegar mais longe e contactar pessoas que não sei se teria conseguido contactar presencialmente. Um dos interlocutores da pesquisa, Ramón, por exemplo, estava morando no Rio de Janeiro quando o entrevistei. A internet permitiu que, mesmo ele estando no Rio, conversássemos sobre sua experiência quando imigrou para Recife. Fora ele, também pude conversar com Fernanda que está em Carpina, Paola que está em Sirinhaém e Carmen que está em Goiana. Assim, mesmo o foco da pesquisa sendo Recife e Região Metropolitana pude, pelo recurso digital, ouvir sobre experiências de pessoas que estavam em cidades um pouco mais distantes de Recife, mas ainda em Pernambuco,

ou sobre as experiências de pessoas que não estão mais no estado mas já moraram aqui, como Ramón.

Para começar as entrevistas, apresentei aos interlocutores o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)¹³ e, na sequência, pedi aos interlocutores que me contassem sobre suas histórias de vida. Na entrevista com Nancy, por exemplo, falei: *“Pra a gente começar a entrevista eu queria antes saber um pouquinho da tua história, onde é que tu nasceu, a tua idade, quando é que você veio pra cá, como é que foi esse processo de vinda pra cá... Um pouquinho sobre isso.”* (Entrevista, 06/04/2021). Indagar os interlocutores sobre suas histórias logo no começo das entrevistas me auxiliou a quebrar o gelo e conhecer um pouco mais sobre suas trajetórias. Dessa forma, como comenta Conceição Almeida (2013), a entrevista semiestruturada foi utilizada como estratégia para reconstruir histórias de vida, mantendo a possibilidade de diálogo entre pesquisador e entrevistado. Quando eu perguntei sobre as suas histórias, algumas perguntas do roteiro¹⁴ já foram sendo respondidas. Mas, conforme o interlocutor falava, eu também colocava questões para esclarecimento de alguns pontos ou para adicionar alguma temática.

Por vezes eu também fui questionada sobre o que deveria ser dito, sobre o que eu queria saber, como fez Santiago: *“tu deve ter um roteiro super polidinho, mas que deve servir muito para poderes estabelecer a ordem cronológica, assim, o que me diz? Como... O que te conto da minha experiência? Assim, por onde começo?”* (Entrevista, 06/04/2021). E sobre isso ainda ele disse em outro momento: *“Mas então me conta, o que tu quer saber sobre minha experiência de migração, o que é que tu quer? Quer... Em que foco? Porque eu posso falar três horas sobre porque quis migrar e como foi, e como era não entender a ninguém quando eu cheguei e tudo isso, mas... Me traz foco, diz”*. (Entrevista, 06/04/2021). E ele também chegou a me perguntar: *“alguma outra coisa que tu queira saber sobre esse processo, sobre Venezuela ou sobre...?”* (Entrevista, 06/04/2021).

Nestes trechos, fica explícito que há uma expectativa de que eu guie a conversa. Portanto, quando eu exponho que as entrevistas foram um espaço de diálogo, não acredito que este é um espaço completamente livre. É um momento, obviamente, influenciado pela minha presença e o interlocutor pensa sobre o que eu gostaria de saber, se o que ele fala responde ao

13 O TCLE está disponível como APÊNDICE A desta tese.

14 O roteiro das entrevistas está disponível como APÊNDICE B. O roteiro apresentado neste apêndice é o roteiro base que utilizei, mas cada entrevista teve um roteiro específico, onde algumas perguntas variavam de acordo com o que eu já sabia da pessoa. Assim pude fazer também perguntas específicas e individualizadas.

que desejo para a pesquisa. Tanto que Santiago chegou a verbalizar o que ele achava que me interessaria em função da pesquisa:

Santiago: Ia te perguntar que, é, assim, talvez *sea* importante para ti, que te interessa nessas redes, como foi esse processo pelo qual Juan chegou para cá e como...

Eloah: Sim, sim. Sim, é, eu queria saber isso também. (Entrevista, 06/04/2021)

Santiago também comentou sobre isso quando diz: “*não falaria disso agora, mas como pode ser interessante para ti ...*” (Entrevista, 06/04/2021). As preocupações com meus objetivos nas entrevistas não foram explicitadas apenas por Santiago. Ele, assim como outros interlocutores, esperavam que eu guiasse a entrevista, e que esta seguisse de acordo com o que eu esperava. Isto ficou explícito quando outro interlocutor, Ramón, se desculpou por se alongar em assuntos que não foram perguntas diretas minhas. Em entrevista, ele falou: “*Eu não sei se isso tem a ver. Desculpa que eu seja tão disperso, eu gosto de reflexionar muito*”; “*É, desculpa, é que estou meio fora do tema, mas...*”; “*Eu já falei muito né? Peço desculpa por que eu me estendi muito aí, e...*” (Entrevista, 25/03/2021).

Santiago e Ramón não só pensaram no que eu gostaria ou não de saber, como também refletiram sobre o que eu estaria pensando a partir do que eles me disseram. Ramón comentou entre suas falas: “*E eu não sei se isso parece arrogante.*” (Entrevista, 25/03/2021). Já na entrevista com Santiago, houve o seguinte diálogo:

Eloah: Nessa vinda pra cá, é, teve alguma coisa que tu trouxe, assim tipo um objeto que fosse importante pra tu trazer?

Ramón: Eu tenho... Olha, eu não sou muito... Eu tento não ser tão saudoso, acho que é família com pouco *raigo*, com pouco raiz, porque todo mundo migra (...). Estou pensando, mas acho que não, acho que *no* trouxe nenhuma coisa super... Assim, algo... Não, me vim... Assim, eu vim bem ligeiro para cá, bem, assim...

Eloah: Talvez fotos. Não?

Ramón: Não, eu não trouxe nada disso. Assim, **acho que tô parecendo uma pessoa horrível**, que não tem nenhuma conexão emocional, mas eu... (Entrevista, 06/04/2021, grifo nosso)

Assim, a partir das minhas perguntas, os interlocutores responderam sobre suas experiências. Por vezes não só narraram o que aconteceu, como também pensaram se isso correspondia ao que eu desejava e o que suas narrativas falavam sobre eles.

Durante as entrevistas, explicitar que caso houvesse alguma pergunta que os interlocutores não quisessem responder, que não seria necessário. E ainda que eu tenha obtido respostas sobre renda, por exemplo, também houve comentários sobre esse ser um tema delicado, que colocava em questão a confiança.

Eloah: Então, a tua renda, se tu se sentir confortável em falar (...)

Santiago: Como é, é uma pergunta delicada, mais porque tu sabe que a gente tem todas essas... Mas vou confiar, eu sei que é confidencial. (Entrevista, 06/04/2021)

Ainda que eu tenha tentado fazer do espaço da entrevista um encontro descontraído, não deixou de ser formal, tanto que nas entrevistas fiz uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ao mesmo tempo, a existência desse termo também pode ter conferido uma certa segurança aos interlocutores. Como afirmou Santiago, ele confiava em falar sobre a renda por ser uma entrevista confidencial, algo que explicitar no TCLE. Antes de iniciar as entrevistas, explicava o que seria o TCLE, lendo alguns de seus trechos com o interlocutor e explicando qual a temática geral da pesquisa. Em todas as entrevistas, perguntei se seria possível a gravação. Todos permitiram. Desde o início, informei que as entrevistas estavam sendo gravadas e depois disponibilizei a gravação para os interlocutores.

Em campo, o tema da confiança também surgiu em outros momentos, como em conversa com Isabel, a quem cheguei por indicação de outra interlocutora, Elizabeth. Esta indicação possibilitou, segundo Isabel, que houvesse confiança em mim.

Eloah: Muito obrigada pela disponibilidade, por ter aceitado. Por ter confiado também né, em participar da pesquisa.

Isabel: Ah, mas vindo de Elizabeth, indicação de Elizabeth, a gente confia. (Entrevista, 21/04/2021)

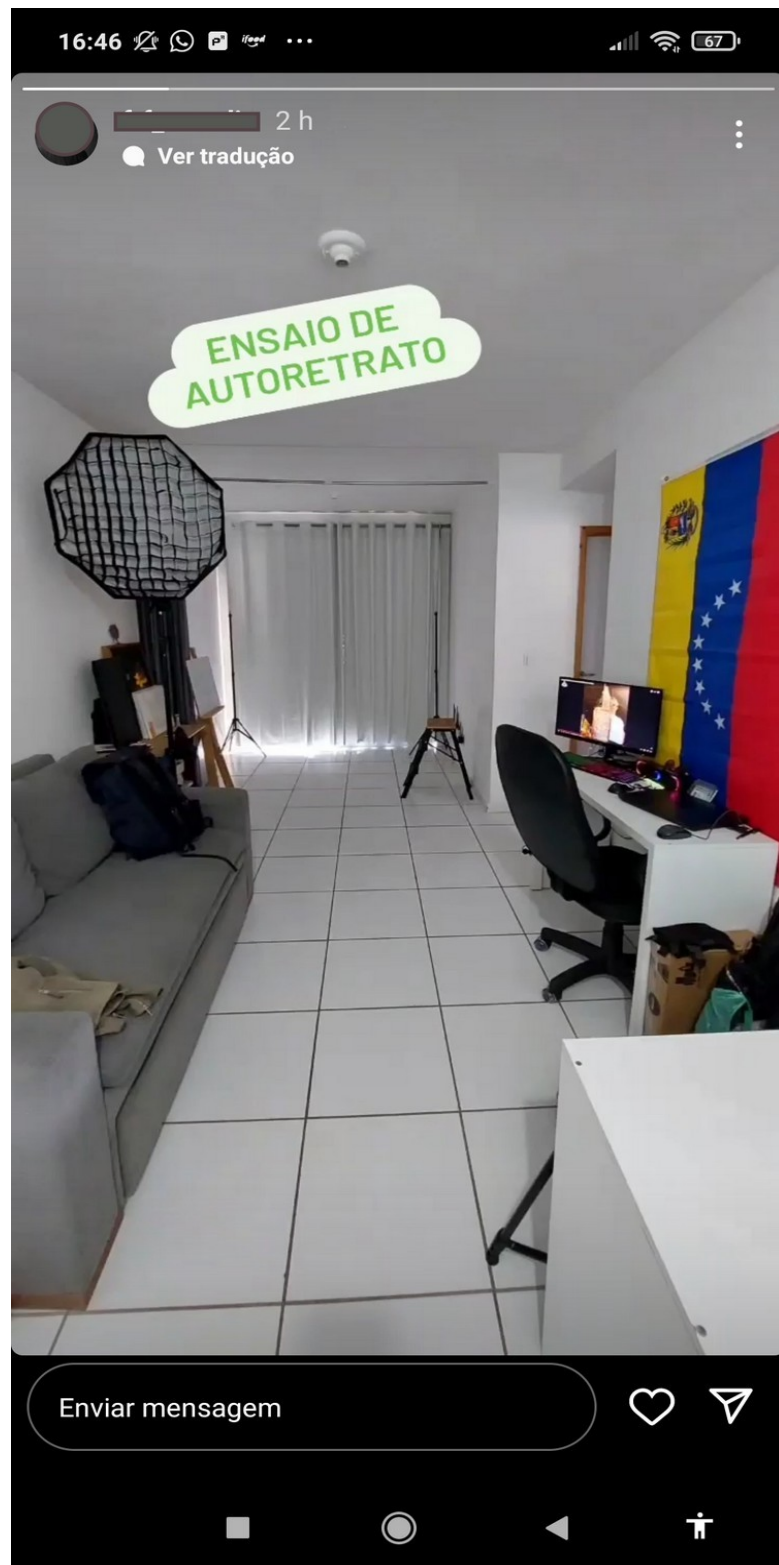
Acredito que esta não foi a única vez em que um interlocutor confiou em mim dada a indicação de um amigo seu. Para chegar em Elizabeth, primeiro consegui seu contato com Santiago. E ele mesmo disse que eu poderia dizer que tive sua recomendação: *“É, posso te passar o contato dela (Elizabeth), tu pode dizer pra ela ‘Santiago que me passou o teu contato’, é, ela vai entender ainda mais perfeitamente o negócio da tua pesquisa (...). Elizabeth é super de boa, e tu diz que fui eu que te recomendei”* (Entrevista, 06/04/2021).

A confiança, muitas vezes a partir destas indicações, com certeza influenciou na quantidade e na qualidade de informações que foram compartilhadas comigo. Mas, com isto não quero dizer que tudo me foi dito. Os interlocutores estavam ativamente pensando sobre o que me dizer e sobre o que não dizer. E assim, com silêncios, conversas, pausas e diálogos, as entrevistas foram transcorrendo através do Google Meet.

Além de entrevistar pelo Google Meet também comecei a acompanhar alguns perfis de interlocutores pelo Instagram e tive conversas pelo Whatsapp. Como coloca Oriana Diaz¹⁵ (2017), não seria possível excluir essas tecnologias de nossos estudos porque elas fazem parte da vida dos interlocutores. Assim, pude continuar interagindo e mantendo contato com eles para além das entrevistas e quando não era possível encontrá-los pessoalmente. Tanto que algumas postagens dos interlocutores estão em meu diário de campo através de capturas de tela de páginas da internet e transcrições de conversas por aplicativo.

Acompanhando os perfis de alguns interlocutores no Instagram pude remodelar algumas perguntas e criar outras para as entrevistas. Em se tratando de entrevistas semiestruturadas (GASKELL, 2002), algumas perguntas variaram de entrevista para entrevista. Em outras pesquisas que realizei, essas alterações no roteiro eram feitas com base nos encontros presenciais que eu ia tendo com os interlocutores previamente. Diante da escassez desses encontros nesta pesquisa, muitas vezes consegui coletar algumas informações dos interlocutores e pensar algumas perguntas específicas acessando seus perfis pessoais no Instagram. Como coloca Diaz (2017), por estas plataformas temos acesso a materiais elaborados pelos próprios interlocutores. Tanto que escrevi no diário de campo: “*Instagram definitivamente é fonte de informações*” (Diário de campo, 20/07/2022). Assim, o que era publicizado nos perfis pessoais de alguns interlocutores, fez-me ter acesso a algumas de suas experiências pessoais como, dentre outras coisas, ver suas casas e algumas comidas que preparavam, como mostram estas capturas de tela de postagens que interlocutores fizeram no Instagram:

15 Foi através do mini curso “As Implicações da Etnografia Online” que conheci o trabalho de Tânia Freitas. Em sua fala, ela comentou do trabalho de algumas orientandas sobre migrantes e internet. E assim cheguei à dissertação de Oriana Diaz. Falo isso como forma de registrar a importância deste minicurso para a reorganização pela qual a presente pesquisa teve de que passar diante da pandemia.



Captura de tela do Instagram de José, marido de Milagros, em 07/03/2022

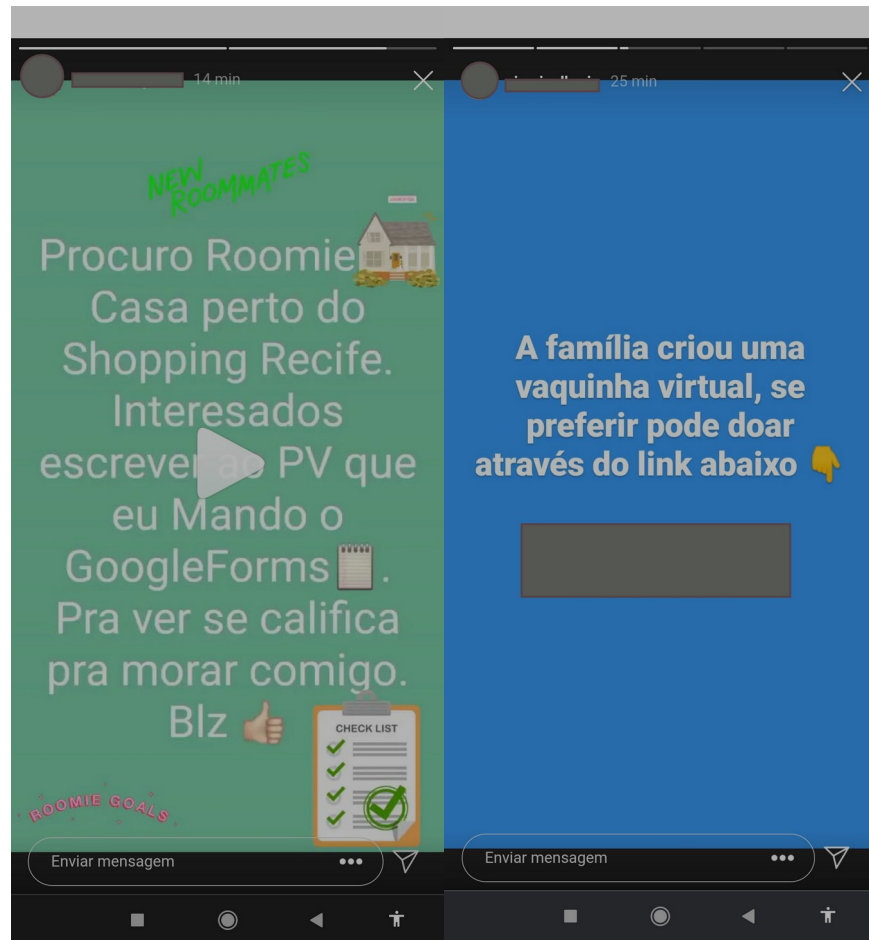


Captura de tela do Instagram de Paola em 15/04/2021

Sobre a possibilidade de acesso à vida dos interlocutores através do Instagram comentei no diário:

No Instagram, tomo a surpresa de ver um vídeo de Luis filmando a chegada de seus familiares no aeroporto. Eu não vi presencialmente, mas o Instagram me permitiu assistir sub a ótica de Luis. Um momento que eu nem seria convidada a participar, o Instagram me fez acessar (...). Atividades que eu nem pude ver pessoalmente, pela pandemia, pelo tempo da pesquisa (...) mas as acesso pelos recortes que fazem e expõem na internet. (Diário de campo, 05/01/2023)

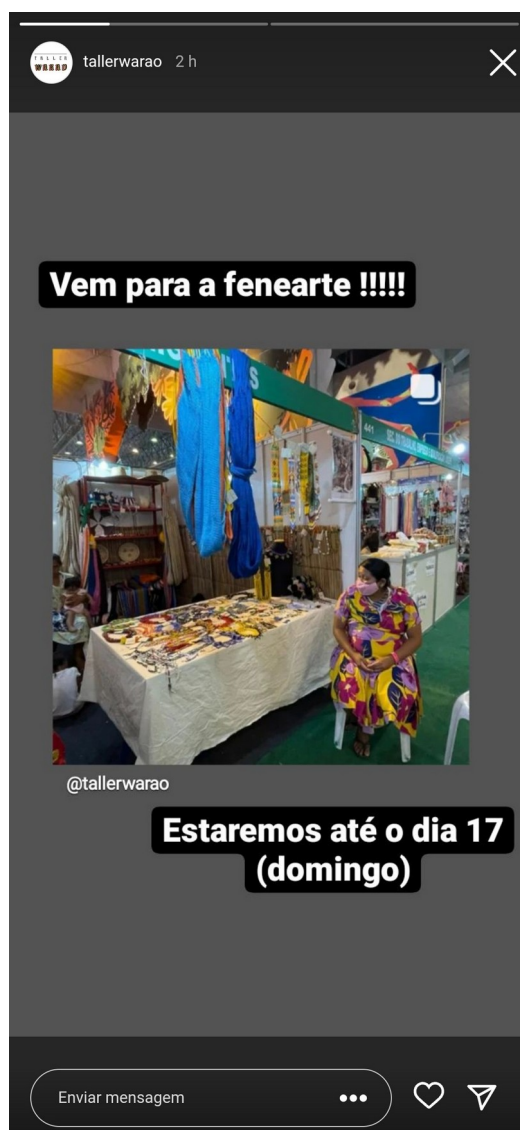
Esse contato via Instagram e Whatsapp permitiu que eu me aproximasse de alguns interlocutores que não encontrei pessoalmente. Tanto que, em conversa pelo direct do Instagram, uma das interlocutoras disse: *“Já parece que a gente se conhece pelas conversas”*. Assim, pela mediação de plataformas digitais também fui construindo relações em campo. E dessa forma, Instagram e Whatsapp, que são chamados em campo de “redes sociais”, foram permeando a minha pesquisa sobre redes, no sentido de relações que influenciam na migração dos interlocutores. Por vezes, estas relações foram observadas acontecendo por meio das plataformas de redes sociais. Este era um dos usos do termo “rede” em campo, algo que aprofundarei nos terceiro e quarto capítulos desta tese. Pela internet, pude observar, por exemplo, a estratégia de um dos interlocutores para encontrar pessoas com quem dividir moradia, ou campanhas de coleta de dinheiro para enviar para familiares que estavam em tratamento contra a Covid 19 na Venezuela:



*Captura de tela do perfil do
Instagram de Luis no dia
30/10/2021*

*Captura de tela do perfil do
Instagram profissional de Diego
no dia 19/08/2021*

Através de entrevistas on-line ou acompanhando o perfil dos interlocutores em plataformas digitais, pude não só saber mais sobre os interlocutores como me informar sobre atividades de que eles estavam participando e assim me organizar para ir, como mostra a próxima captura de tela:



Captura de tela do perfil do Instagram do Taller Warao em 13/07/2022

Com o maior controle da pandemia, em 2021 e 2022, fui para algumas atividades presenciais de que soube pelo Instagram ou através de grupos de Whatsapp como: eventos de dia das crianças em Recife organizado para crianças venezuelanas; feiras com participações de venezuelanos tanto em Olinda (Fenearte, comentada na captura de tela anterior) como em

Igarassu; momentos de escuta de indígenas Warao realizados pela Organização Internacional para as Migrações (OIM); e audiência pública sobre migrantes em Pernambuco organizada pela Comissão Mista Permanente sobre Migrações Internacionais e Refugiados do Congresso Nacional.

O fato de a pesquisa ter se desenvolvido não só presencialmente como também on-line, fez com que eu fosse tida em campo não só como “pesquisadora”, mas também como “seguidora”. José, marido de Milagros, assim se referiu a mim e a outras entrevistadoras quando pedi pelo endereço de seu Instagram: “*três novas seguidoras*” (Entrevista, 30/06/2021). Como eu não esperava fazer uso das plataformas digitais para pesquisa, antes não imaginava que seria vista também como “seguidora” em campo. E de fato este termo me pareceu fiel ao que realizei. Como disse, diante da impossibilidade do encontro presencial, seguir os interlocutores pelo Instagram era uma forma de obter informações sobre como estavam suas vidas.

Assim como a característica de “seguidora”, me foram sendo atribuídas outras características conforme fui interagindo e construindo relações com os interlocutores. Como coloca Barbara Tedlock (1991), também é preciso que nos preocupemos com quem somos para os interlocutores e não só com quem eles são para nós. Mas, como a própria autora pontua, não podemos falar mais de nós do que das problemáticas que trabalhamos. Ao priorizar uma autoconsciência, Strathern (2014b) diz que se corre o risco de apagar o projeto de pesquisa e os interlocutores. Este seria, segundo Olivier de Sardan (2000), um problema atual: o excesso de reflexividade, com uma inserção abusiva do eu de forma que o herói da investigação se torna o antropólogo e não a própria pesquisa. Com isso, o autor não nega a necessidade de uma contextualização pessoal que exponha as dificuldades e explique casos em que a presença do pesquisador levou a eventos e questionamentos particulares. Entretanto, todo o processo etnográfico deve ser feito com cautela e com consciência de seus possíveis erros e excessos. Espero ter conseguido ter esta cautela nos comentários que aqui coloco.

Em campo, fui sabendo de características que me foram sendo atribuídas e fui sentindo e percebendo outras, como “pesquisadora”, “grávida”, “voluntária”, “antropóloga”, “seguidora”, “migrante nacional”, “aluna”, “vizinha”. Estas características talvez sejam os diversos papéis assumidos em campo que Roberto Da Matta (1974) comenta. De acordo com Da Matta (1974), as descobertas do campo, ainda que permeado pela solidão, são feitas na relação com o outro. Segundo ele, é na relação com o outro que o trabalho etnográfico é construído. Em campo, não

só as minhas percepções foram mudando, como as relações também. Cada dia em que o campo avançava, as relações em campo mudavam e eu percebia que não era mais apenas uma desconhecida, ou “a outra”. E, assim, várias características foram sendo relacionadas a mim.

Ter sido voluntária em uma instituição que trabalha com projetos voltados a migrantes e refugiados fez com que alguns migrantes por vezes me perguntassem sobre questões burocráticas ou sobre projetos institucionais. Mesmo alguns colaboradores da instituição me consideraram como parte dela. Ainda que ser voluntária tenha permitido que eu construísse relação com alguns migrantes, isso não impediu que eu tivesse ressalvas e críticas a algumas práticas institucionais. Críticas estas que foram motivos de conversas e tensionamentos com alguns trabalhadores destas instituições.

Além de ter sido “voluntária” também assumi o papel de “vizinha” em campo. Como já disse anteriormente, fui aluna de capoeira de um dos interlocutores, de quem também fui vizinha. Este interlocutor me conheceu antes que eu engravidasse, e, enquanto eu gerava minha filha, a minha gravidez também se tornou assunto de nossas conversas. Estar grávida me aproximou também de mulheres venezuelanas, uma delas também grávida. Assim possibilitando conversas sobre nossas gravidezes e filhos. Engravidar foi uma surpresa e a forma como isso se desenrolou em campo também. Para além de influenciar nas interações e na forma como fui vista, a gravidez influenciou também nas etapas da pesquisa. A gravidez me fez desacelerar a escrita quando o parto se aproximou e na sequência tive licença maternidade. A distância temporária da pesquisa me amedrontou. Tive medo de perder o ritmo. Ao mesmo tempo, foi também uma oportunidade de me distanciar dos dados, abrir espaços em minha cabeça e retornar ao trabalho com novas ideias ao confrontar novamente os dados. Assim, a gravidez passou, a maternidade chegou e a pesquisa prosseguiu.

Por estar realizando uma pesquisa, e comunicar isso no começo da interação com os interlocutores, ser tratada como “pesquisadora” não foi raro. Fui vista como pesquisadora, e como “mulher acadêmica”, como disse Santiago em fala citada na sequência. Sempre me apresentei em campo como pesquisadora porque, por um posicionamento ético, acredito que a pesquisa deve ser construída de forma pública. Tendo explicitado que eu estava pesquisando e o que estava pesquisando, chegou a surgir em campo o interesse pela minha pesquisa, seu título, pelo que eu estava pesquisando, e se eu já estava perto de chegar ao número de entrevistados em que pensei chegar. Nancy, referindo-se a mim, disse: *“ela tá fazendo uma pesquisa, uma*

pesquisa sobre?” (Entrevista, 06/04/2021), como forma de me perguntar sobre o que seria a minha pesquisa, afinal.

Também surgiram interesses pelo que eu estava lendo e escrevendo. Santiago, por exemplo, comentou:

Eu realmente gostaria de saber de qualquer produção tua que tu tenha sobre essa temática, qualquer artigo que tu fizer, qualquer coisa... Até coisas que tu não se sinta muito confiante, manda para mim, porque eu tô... Assim, eu não tenho nenhuma aproximação acadêmica com tema de migração (...). Mas assim, mas sei que ler uma mulher acadêmica sobre essa experiência minha... Assim, não minha, essa experiência dos venezuelanos aqui vai ser super produtivo. Assim, vai ser importante para mim mais em termos pessoais que acadêmicos (...). E, na moral, quando tu começa a produzir coisas já no processo da tese e pá(...), manda com confiança. Assim, se tu quer feedback me diz, mas eu quero só para ler, pra pelo menos, não sei, só quero ter teu olhar intelectual sobre essa experiência. Vai ser lindo para mim, seria massa (...). Qualquer diálogo com isso eu tô super afim, para mim vai ser útil (...). Assim, porque realmente tu conhece muito mais essa galera venezuelana que eu, assim, que por aí é massa também saber um pouquinho. (Entrevista, 06/04/2021)

Cheguei a trocar dicas de leituras com interlocutores, assim como enviar artigos que escrevi para aqueles que, como Santiago, queriam saber mais sobre os caminhos que eu já tinha percorrido e o que estava construindo. O interesse pelos achados da pesquisa também surgiu por parte de Ramón: *“Você vai ter que me dar alguma resposta não é, de como que eu consigo conhecer pessoas, minha rede. Aí acho que vou ter que ter uma consultoria com você”* (Entrevista, 22/03/2021).

Ter por vezes interlocutores também universitários e em pós-graduação gerou diálogos como este com Santiago:

Eloah: E aí eu vou até te mostrar agora o termo de consentimento, porque aí nele tem até umas coisinhas. (...) que aí nele até fala umas questões, de por exemplo, essas... A gravação né, fica armazenada comigo, óbvio né, só eu que tenho acesso, eu mesma que transcrevo. Acho que muitas dessas coisas também você sabe né, por já ter...

Santiago: Sim, sim. Mas imagina, tá certo. É lindo, na moral, se ver do outro lado por que... Você tá todo tempo sempre dizendo “olha, *mira*, vai ser completamente anônimo, não te *preocupes*, só eu vou ter acesso aos dados”, “se eu cito alguma coisa tua vou usar um pseudônimo”.(Entrevista, 06/04/2021)

Assim, os passos e formalidades de uma entrevista eram conhecidos por alguns interlocutores que são também pesquisadores, mas que desta vez estavam “do outro lado”, como interlocutores, como disse Santiago. Para ele, ser interlocutor pareceu ser uma novidade. Tanto

na entrevista com Santiago, como com Elizabeth, surgiram curiosidades sobre como era o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que eu utilizava. Ela quis tê-lo como exemplo para ajudá-la em suas atividades na universidade. Assim como Santiago, que disse: “*deixa eu ler, porque realmente eu ainda não fiz esse termo de... Vai me servir pra minha pesquisa*” (Entrevista, 06/04/2021). Assim, enquanto pesquisadora, encontrei pesquisadores entre os interlocutores em campo. E por vezes também perguntei a eles sobre suas pesquisas.

Ao lugar de pesquisadora, chegou a ser acrescentada a mim a especificidade de ser antropóloga. Ao conversar sobre diferenças culturais com um dos funcionários de uma instituição que recebe imigrantes, ele comentou: “*Eloah vai saber, porque é antropóloga*” (Diário de campo, 31/07/2020).

Perceber estas características e papéis ocupados por mim em campo foi também uma forma de ver que eu já era conhecida em campo, e não apenas uma estranha. Também fui percebendo que me conheciam quando alguns interlocutores me diziam que já tinham ouvido sobre mim. A primeira vez que encontrei Nancy, por exemplo, ela me disse que Diego já havia comentado de mim. Isto me fez escrever no diário de campo: “*Eu penso que não sou mais desconhecida no campo.*” (Diário de campo, 11/03/2020).

Assim, tanto eu estava conhecendo, como estava sendo conhecida. O processo de conhecer e estranhar já foi bastante debatido pela Antropologia. Como coloca Da Matta (1974), os estranhamentos são parte do trabalho. E como comentam Alinne Bonetti e Soraya Fleischer (2006), acontecem duplos estranhamentos em campo. Houve momentos em que fui tida como estranha, como também outros em que estranhei o campo.

Ainda que a maioria das interações comigo em campo tenham acontecido em português, com algumas palavras em espanhol ou “portunhol”, houve momentos em que eu escutava interações entre venezuelanos integralmente em espanhol. As mesclas entre os idiomas estão explícitas, inclusive, em várias citações das entrevistas, que contêm palavras em sua maioria no português, mas também em espanhol sinalizadas em *itálico*. Outro idioma presente em campo foi o Warao¹⁶. Nos momentos em que eu escutava Warao, o estranhamento era maior porque eu nunca tinha tido contato com esta língua. Nestes momentos, ou eu não compreendia o que era dito, ou havia traduções por aqueles indígenas que falavam warao e espanhol ou português. O espanhol, por sua vez, em alguns momentos se fazia mais fácil de compreender, ainda que

16 Para sinalizar as palavras em outra língua nos trechos de entrevista que eu inseri na tese, coloquei a palavra em *itálico*.

desafiador. E, assim, com momentos de maior estranhamento e outros de maiores familiarizações, foram ocorrendo as interações em campo.

Os próprios interlocutores também teceram comentários sobre a forma como se deram nossas interações. Santiago chegou a ponderar se nossa troca, durante a entrevista, se assemelhou a uma sessão de psicanálise: *“Tenho medo que isso vire uma sessão de psicanálise, onde eu te conto todas as minhas contradições e toda a minha... Todas as coisas que me tenho sobre minha vida.”* (Entrevista, 06/04/2021). E, depois de um tempo, voltou a ponderar: *“Tenho medo de tá te usando de terapeuta”* (Entrevista, 06/04/2021).

Eloah: Bom... Essas eram as perguntas, acho que foram muitas né, que eu tinha pra fazer...

Santiago: Ah, tá massa, tá massa. Mas eu, eu que me soltei aqui de, a te usar de terapeuta e falar sobre meu processo de migração... (Entrevista, 06/04/2021)

E, pouco depois deste diálogo, mais uma vez, Santiago volta a pensar sobre como ele se sente agora, ao ser entrevistado, de forma semelhante a como já viu alguns de seus interlocutores se sentirem:

É, assim, porque a gente falou pra cacete né? E também porque, assim, também tem sido lindo, porque foi lindo. Para mim, a galera às vezes não precisa, mas acontecia muito de, porra, eu enchendo o saco dessa galera aqui e a galera me dizia “ai, obrigado por essa entrevista, que importante”, então esse lugar particular né, mas... Assim, a galera ficar super grata depois da entrevista, eu... Grato? Assim, massa, mas tal, e aqui realmente é lindo, é lindo ter... Assim, é massa também a oportunidade de ter falado. Eu não falo com ninguém do meu processo aqui... (...). Foi até um momento bom para mim também, pra repensar. Desde que tu me convocou já, já foi muito lindo a ideia de refletir sobre.(Entrevista, 06/04/2021)

Ramón também comentou sobre a entrevista e as reflexões que ela pôde gerar nele: *“Eu gosto muito de... de falar e de falar dessas coisas assim, e de meio que tentar entender porque que eu estou aqui.”* (Entrevista, 25/03/2021). Além dos encontros em campo terem sido possibilidades dos interlocutores pensarem e compartilharem sobre eles, foram também uma oportunidade que tive para pensar sobre mim. E pudemos trocar sobre isso, como em outro trecho da entrevista com Santiago:

Santiago: Eu sou filho de migrantes também, e minha família... Assim, meu pai e minha mãe eles se definem como venezuelanos. Assim, eles deixaram atrás a Argentina(...), mas eles são de lá, assim, no final.(...) Então tem um monte de coisas assim também super... Sei lá, eu como arepas, mas eu como arepas porque é de casa. (...) Mas essa ideia da arepa da minha mãe. A minha mãe não faz arepas (...). Minha

comadre tem uma saudade de umas coisas que eu digo “ai, mas é isso, mas o cuscuz é melhor que isso”. (...) Assim como que tem um monte de coisas também onde eu sinto como uma... Uma pequena diferença que acho que tem a ver com esse fato de ser filho de migrantes que...

Eloah: Sim.(...) É, isso que você tá falando, de ter algumas coisas que você percebe diferença em função dos seus pais né? Tipo, não terem nascido, enfim, é, aonde você nasceu, eu percebo um pouco disso também na minha vida, porque eu moro aqui em Recife desde dois anos, mas meus pais... Assim, eu não nasci em Recife, eu nasci em Santo André, em São Paulo, e meus pais são de lá. Então tem algumas coisas também, tipo, tu falou isso da arepa. Por exemplo, isso do cuscuz foi eu e minha irmã, a gente que começou a fazer cuscuz em casa, minha mãe não fazia.

Santiago: Claro.

Eloah: Então não tinha. A gente sempre foi de jantar a mesma coisa que a gente almoça. Tipo, aqui a janta é meio que um café né?

Santiago: Sim, sim, sim. Com macaxeira...

Eloah: Aí a gente achava muito estranho. E aí isso é coisa que a gente aprende em casa né? Tipo... Aí ia na casa da amiga, via “esse negócio tá estranho” assim, tipo é um lanche né? Tipo, é diferente. Enfim, eu acho que tem coisa aí com certeza que é muito da casa né? Da onde a gente cresceu.

Santiago: É, e que é tão diferente. Que tu pode pegar, quer dizer, tu pode adotar algumas coisas recifenses, mas não tem mais a mesma coisa. Assim, *esso*, para minha comadre, para a galera da ocupação, por exemplo, os venezuelanos de lá, poxa, isso é super importante. Aí tomar uma atitude um pouquinho mais cosmopolita de ah, tá bem, se não é cuscuz... Assim, se não é arepa não é arepa, é outra coisa, tá tudo certo.

Eloah: Sim.

Santiago: Porque, *bueno*, porque também não está tão arraigado, não é a coisa que se comia todos os dias na tua casa, um pouquinho mais suave. (Entrevista, 06/04/2021)

Assim, o doutorado, incluindo momentos em campo, foram períodos em que refleti também sobre ser migrante nacional, assim como meus pais. O que, por sua vez, me fazia ver algumas conexões com o que era dito pelos interlocutores, guardadas as devidas proporções. Eu nasci no estado de São Paulo, na cidade de Santo André. Mas ainda pequena, com dois anos de idade, me mudei para Recife com meus pais e minha irmã em função do trabalho de nosso pai. Então cresci migrante nacional, mantendo e refazendo relações com o estado de São Paulo, além de buscar raízes e criar relações em Recife, onde nasceu minha filha. No mestrado, ao pesquisar a experiência de mulheres bolivianas em São Paulo, pude visitar lugares do estado em que nasci e que sempre visitei. Eu tinha este desejo de reaproximação.

Em minha dissertação de mestrado, disse:

Eu estava pesquisando bolivianas e não brasileiras, mas elas estavam no Brasil, em São Paulo, o que me permitiu também rever o familiar, o conhecido e o desenhar com novos contornos. Estar em São Paulo, fez com que eu fosse me sentindo cada dia mais distante do meu lugar mais familiar, Recife. Vale destacar que São Paulo não era uma cidade completamente estranha a mim porque já tinha ido para lá várias vezes. Como nasci em Santo André/SP e sempre fiz visitas à grande São Paulo, estar nesta cidade, em si, não era algo estranho. Mas, com o campo, pude conhecer uma São Paulo que até então eu não conhecia. Sempre que visitava São Paulo, passava pela Avenida do Estado para ir da capital a Santo André, mas nunca imaginei que ali por trás estava a Kantuta¹⁷, por exemplo. O caminho em que eu passava sem olhar quando ia visitar familiares ganhou novos contornos ao longo do campo. Ali passou a ser também o caminho para Kantuta. Por isso, penso que, com o campo, pude preencher o meu referencial da cidade de São Paulo, outrora conhecida, com novas relações e imagens. (VIEIRA, Eloah, 2019, p.47)

No doutorado segui, como acredito que acontece em todos os campos de pesquisa, construindo novas imagens e relações com os lugares. Agora, escrevo sobre Recife, a cidade onde vim parar, ainda bem! Em uma das conversas que tive em campo com uma amiga brasileira, filha de pai venezuelano, me vi repensando e comentando experiências minhas nas casas de parentes distantes enquanto ela falava de suas visitas à Venezuela. Todas estas experiências e sensações, fossem elas de estranhamento ou de identificação, foram conteúdo de anotações que fiz no diário de campo.

2.4 Registro e organização de dados

Diante das informações que fui coletando, o registro foi fundamental para ter arquivados não só o que pude escutar e observar mas também sobre como me senti e que ideias e reflexões foram surgindo. Na maioria dos momentos em campo, estive com cadernos, onde tomei notas. Por vezes estas notas eram mais pontuais. E então, depois de um tempo da atividade em campo, eu as passava a limpo em diário de campo. Inicialmente escrevi o diário de campo à mão mas, posteriormente, comecei a construir um diário escrito digitalmente por acreditar que os recursos do computador me ajudariam depois a, por exemplo, encontrar palavras e termos chave no momento de análise. Além de utilizar o computador para construir o diário, o celular também foi fundamental. Isto porque nele pude fazer anotações durante alguns momentos em campo, assim

17 A Kantuta é uma praça no bairro do Pari frequentada e criada pela população boliviana em São Paulo, além de outras nacionalidades, com destaque para a América Latina. Nesta praça, acontece uma feira nos finais de semana com venda de comidas, roupas, brinquedos, cortes de cabelo, além de barracas com informações para os imigrantes e serviços como o envio de remessas.

como usá-lo para captação de meu som e de minha imagem durante as entrevistas online, para tirar fotos, acessar o Whatsapp e o Instagram. Usar o celular, ter nele anotações e conversas registradas, também permitiu que em alguns momentos eu procurasse por palavras-chave que precisava para a construção do diário digital ou da tese. Não tendo esta mesma facilidade para a busca de palavras-chave nos diários de campo físicos, os cataloguei. Formei listas referentes a:

- Atividades em campo
- Pessoas em campo
- Instituições em campo
- Lugares citados em campo
- O meu lugar em campo, questões e reflexões sobre a minha presença e metodologia
- Internet (como ela se fazia presente)
- Categorias/assuntos/palavras que foram surgindo
- Rede: o que se comentava sobre conexões, associações, relações que influenciam na chegada e no ficar das pessoas aqui.
- Teoria (autores comentados)

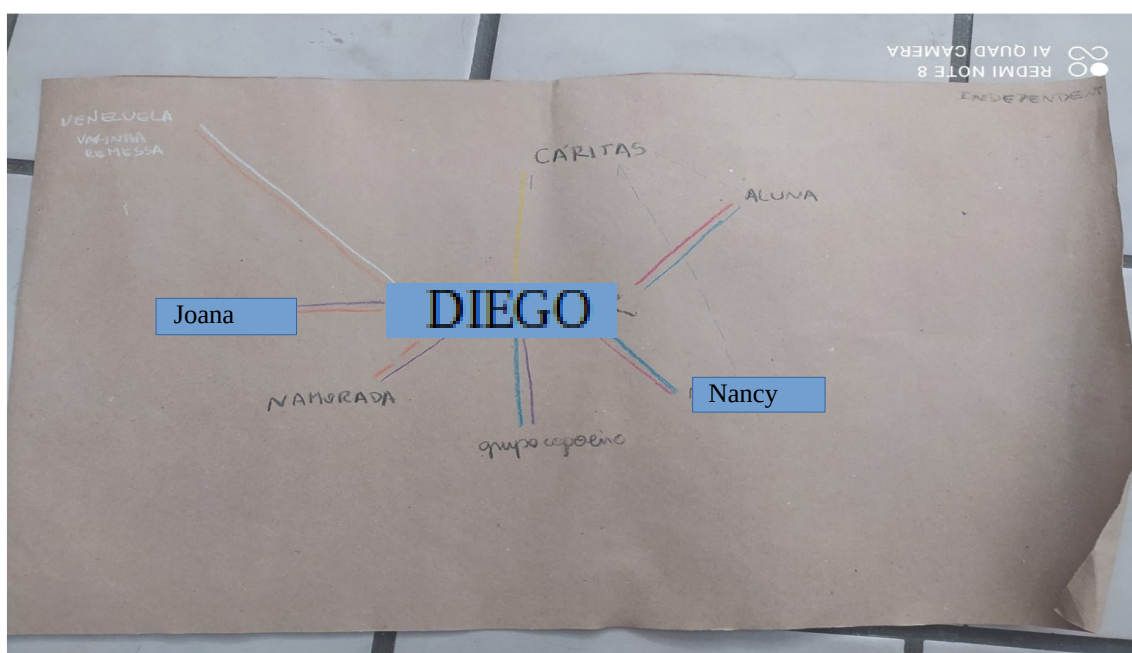
Em cada uma destas listas coloquei o dia e em que caderno/diário estava aquela informação. Depois de ter feito as entrevistas, catalogado os diários de campo escritos, e ter lido o diário de campo digital, criei um arquivo com um breve resumo referente aos temas que pareceram ser mais recorrentes, como:

- Quem são os interlocutores; os seus nomes, idade, ano em que chegaram, forma que chegaram e com o que trabalham);
- Como foi o processo de saída da Venezuela;
- Como ficaram as relações com a Venezuela;
- Quais relações se formam na chegada ao Brasil.

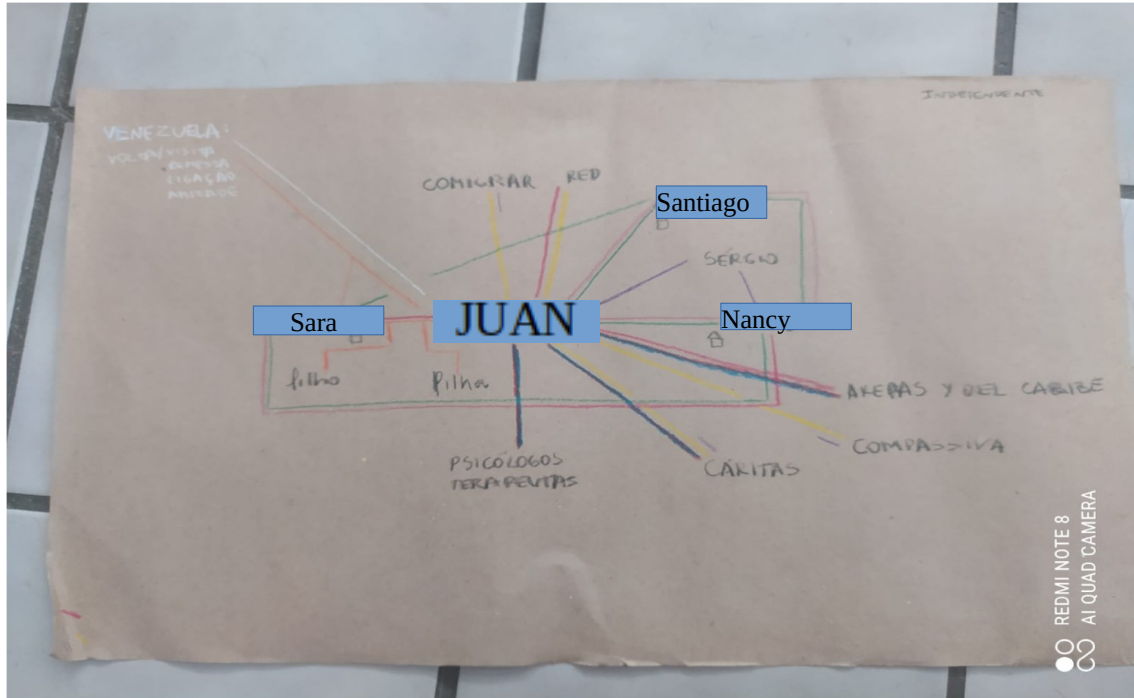
Este exercício foi uma forma de saber o que eu já tinha coletado e o que mais me chamava atenção sobre cada temática. Este arquivo, com os temas e os resumos do que foi observado no campo sobre aquilo, foi sendo desmembrado, reordenado e foi tomando forma até chegar ao texto que hoje aqui apresento como tese. Esta escrita não foi um processo unilinear.

Muitas vezes, a partir dos dados com que me deparei, senti a necessidade de realizar novas leituras bibliográficas para repensar que caminhos seguir com estes dados, e, aí sim, retomar a escrita da análise.

Além de escrever textos, nos momentos em que me vi diante de tantas informações sobre a história de diferentes pessoas, percebi que desenhar algumas relações facilitariam meu entendimento sobre os dados que tinha em mãos. Assim, construí alguns desenhos referentes às relações que os interlocutores estabeleceram ao longo do processo migratório. Trago aqui alguns exemplos¹⁸. Os egos são os interlocutores em questão (aqui cobri os nomes originais com nomes digitalizados para preservar o anonimato dos interlocutores). As cores das linhas ligadas a eles representam o “tipo de relação”. Azul – trabalho; Vermelho – venezuelanos; Laranja – família; Roxo – brasileiros; Verde – amizade; Amarelo – instituições; Branco – Venezuela.

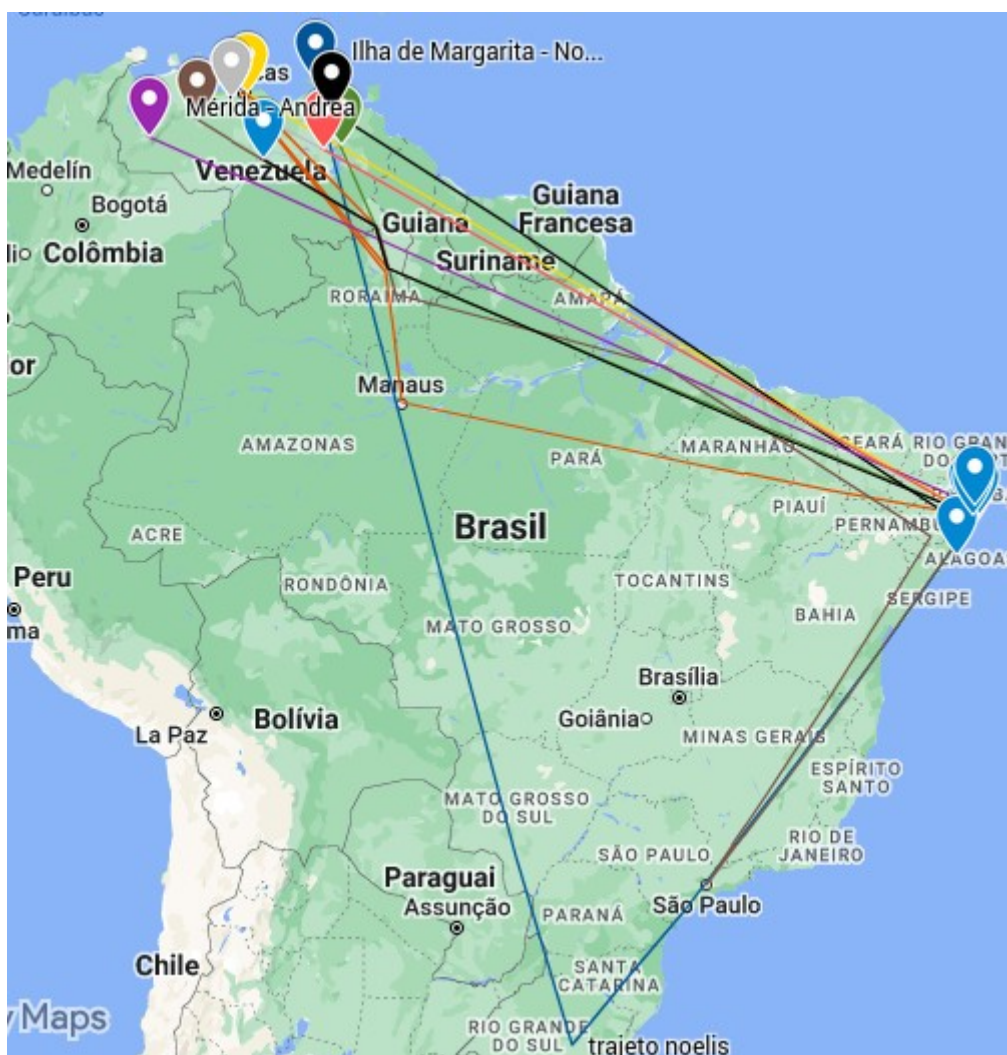


18 Nestes exemplos, alguns nomes estão digitalizados para manter o anonimato dos interlocutores e daqueles que eles mencionaram como parte de suas redes.



Além de registrar informações em desenhos esquemáticos e em texto, também gravei áudios relatando sobre algumas experiências em campo ou sobre ideias que tive ao longo da pesquisa. Estes áudios foram salvos em uma pasta que denominei como “diário sonoro”. Sendo assim, nesta pesquisa, decidi não só gravar entrevistas como por vezes gravar minha voz, comentando alguns momentos em campo. No calor do momento, havia algumas impressões e detalhes que me pareciam mais fáceis de registrar com a minha fala. Como se minha fala conseguisse, naquele momento, acompanhar melhor meu fluxo de pensamento do que a escrita. Ainda assim, não deixei de escrever. Transcrevi estas minhas notas orais no diário escrito. As entrevistas também foram transcritas. Tanto transcrevi entrevistas como contratei o serviço de transcritores. Uma vez que as transcrições ficavam prontas, eu as lia ao mesmo tempo em que escutava os áudios, como forma de conferir se nada havia sido deixado de fora. Dessa forma, pude analisar o que foi dito. Nestas escutas e leituras, eu já destacava trechos que me interessavam e escrevia alguns parágrafos da tese. Além disso, depois pude também buscar nas transcrições por palavras-chave de meu interesse para a escrita. Assim, pude analisar o que foi dito.

Portanto, para a construção da pesquisa, lancei mão de diferentes estratégias metodológicas. No que se refere ao uso do desenho, por vezes não só desenhei como também observei e analisei mapas para compreender melhor os lugares, caminhos e distâncias comentados pelos interlocutores em campo. Inclusive decidi criar um mapa, através do My Maps do Google, para visualizar conjuntamente os percursos dos interlocutores por Venezuela e Brasil até chegarem a Recife ou outras cidades pernambucanas:



Para fazer uso de mapas, outros desenhos e sons na pesquisa, foram muito importantes as discussões que realizei junto ao grupo de estudo da Università degli Studi di Torino. Entre 2021 e 2022 participei tanto de forma on-line como presencial das atividades do doutorado em Antropologia desta Universidade como parte de meu doutorado em cotutela. O que discutimos sobre metodologias fazendo uso de som, desenho e mapas foi me auxiliando a construir minha pesquisa. Assim, vejo esta etnografia como uma colcha de retalhos de diferentes métodos, subjetividades e análises ao longo de alguns anos. As relações construídas e as trocas não param aqui. O que escrevo aqui é parte do que consigo refletir agora, mas com certeza essa etnografia segue em mim e novas reflexões, trocas e aprendizados ainda estão em curso e virão.

CAPÍTULO 03. MAS AFINAL, O QUE É REDE? Conceitos e usos do termo rede

3.1 Rede nos estudos antropológicos

Se me perguntassem de supetão: o que é rede? Eu diria: aquilo onde eu me balanço. Hoje também poderia dizer que é onde nino minha filha. Uma das redes onde minha filha mais ama ser ninada é uma rede feita no Taller Warao. Mas seria essa a rede de que tanto falo aqui na pesquisa? Eu, como antropóloga, não raras vezes li sobre o termo rede em textos que analisam a vida social, pensando rede como uma palavra e uma discussão presente nas análises de experiências migratórias. Gláucia Assis (2004) faz um histórico do uso do conceito de rede na Antropologia, retomando a Escola de Manchester e chegando aos estudos sobre migrações.

Como pontua Assis (2004), rede foi inicialmente debatida por autores da Escola de Manchester, como John Barnes (2010) e Clyde Mitchell (2010). Barnes (1954) foi o primeiro a utilizar o termo rede de forma mais específica: *“A imagem que tenho de um conjunto de pontos alguns dos quais estão conectados por linhas. Os pontos da imagem são pessoas, ou às vezes grupos, e as linhas indicam que pessoas interagem umas com as outras”* (BARNES, 1954, p. 43 Hannerz, 2015, p.179 – 80). Para Barnes (1969), uma das formas de usarmos o conceito de rede seria para nos referirmos a *“situações em que indivíduos são levados a escolher sobre quem procurar para obter liderança, ajuda, informação e orientação”* (Assis 2004, p.55). Tanto Barnes como Mitchell debateram bastante sobre a migração rural-urbana, assim como sobre a exploração de minas de cobre, com estudos focados principalmente na África Central. Segundo Mitchell (1969), foi nas cidades que as considerações sobre redes se tornaram mais úteis.

Mitchell (1969) reconhece a influência de Barnes e de sua análise de redes sobre os demais estudiosos da Escola de Manchester. Tanto que, ao apresentar uma série de trabalhos sobre redes, Mitchell (1969) explicita a referência a Barnes. Nesta apresentação de outros trabalhos e na sistematização de suas próprias ideias, Mitchell (1969) pontua que nas redes circulam bens, serviços, apoios, assistências e informações; envolvendo obrigações e direitos entre as pessoas. Segundo o autor, a duração dessas redes poderia variar, assim como poderia haver mais de um tipo de relação entre seus componentes, podendo ser difícil estabelecer quais os limites de uma rede.

Segundo Mitchell (1969), o debate sobre rede surge diante da insatisfação com o funcionalismo estrutural fazendo surgir uma consequente busca por formas alternativas de

interpretar a ação social. Seria uma forma de dar explicações e detalhes sobre a conduta social, e não apenas analisar as ações esperadas de acordo com a posição social da pessoa. A análise de rede seria, assim, uma forma de compreender também a ação humana. A diferença entre esta proposição e o funcionalismo estrutural também foi apontada por Ulf Hannerz (2015) ao historicizar a discussão sobre redes:

a análise de rede tende a ser considerada como parte de um complexo de inovações que foram introduzidas na visão antropológica da sociedade dos últimos anos. Segundo o funcionalismo estrutural de estilo antigo, a sociedade pode ser considerada como se fosse composta de grupos e instituições duradouras; o corpo de funcionários que flui por eles desempenha seus papéis de acordo com a prescrição de tal forma que uma delineação de normas pode ser um relato adequado para a conduta social. Nós nos tornamos bastante insatisfeitos com essa perspectiva. Começamos a trazer para as nossas análises o comportamento não institucional, estratégico e adaptativo, dos tipos que podem ocorrer no arcabouço institucional ou paralelo a ele ou que podem gerar mudanças nele. (p.188)

Dentro dessas novas ideias, Hannerz (2015) reconhece que autores como Mitchell, Gluckman e Epstein foram dando outro olhar para a interação entre indivíduos, ainda que não abandonassem completamente análises estruturais. Sobre estes autores, Hannerz (2015) comenta:

embora tendessem a ser reformistas e não revolucionários em suas ideias de como a estrutura social deveria ser analisada, esses autores achavam que dentro de um arcabouço estrutural duradouro, outras características da vida social emergiam por meio de sequências mais ou menos complexas de interação em que os indivíduos, até certo ponto, podiam exercer alguma escolha. (p. 146)

Assim, analisar as redes surge como uma possibilidade teórica na Antropologia. Para Hannerz (2015) seria típico daquele que estuda redes fazer perguntas como: De que maneira os relacionamentos sociais estão conectados uns com os outros? Como é que a situação em que duas pessoas em contato direto conhecem os mesmos “outros” se compara com aquelas que conhecem “outros” diferentes? Quantas pessoas você conhece e que tipos de pessoas?

Seguindo muitas vezes perguntas como estas, a análise das redes ofereceu aos pesquisadores um instrumento fundamental para a compreensão das dinâmicas migratórias, construindo uma ponte entre as teorias macro estruturais e as teorias micro sociológicas (CAPELLO, CINGOLANI, VIETTI, 2022).

Segundo Capello, Cingolani e Vietti (2022):

O migrante, como cada um de nós, não é um átomo isolado, mas um ator social que raciocina e decide dentro de contextos sociais e culturais específicos, que a etnografia deve investigar e compreender. Por outro lado, a análise cultural e a cultura da emigração não devem ser contrapostas a explicações econômico-políticas porque o significado e o valor que uma comunidade atribui à emigração não estão separados das condições materiais e das considerações econômicas. Elementos culturais e relacionais atuam em conjunto com macro-fatores na estruturação das dinâmicas migratórias, orientando escolhas pessoais e movimentos coletivos (p.61, tradução nossa).

Estes autores mostram como o refletir sobre as redes migratórias é uma forma de analisarmos dinâmicas micro e macro estruturais. A etnografia, como eles sugerem e como me propus a realizar neste trabalho, nos possibilita a apresentação dos contextos sociais e culturais onde as redes são traçadas e a migração ocorre.

Dessa forma, compreender os contextos sociais e dinâmicas político estruturais também são parte do processo de compreensão desta tese, sem que isso se distancie ou se oponha aos cotidianos aqui apresentados. Como mostra Feldman-Bianco (2018a) em sua análise da política migratória do Estado brasileiro, ao estudarmos migrações podemos relacionar dinâmicas geopolíticas e globais, com tendências continentais, ações nacionais e experiências que permeiam o cotidiano e o imaginário tanto daqueles que migram como daqueles que moram no país de chegada.

Segundo Assis (2004), é por volta dos anos 1970 que se fortalecem estudos que associam a discussão das redes aos estudos migratórios. Inicialmente, considerando as redes como contexto para as migrações, para depois estudá-las como foco e objeto central de análise. Estas são reflexões que analisam, por exemplo, como parentes e amigos participam dos processos migratórios, auxiliando nas decisões e ações necessárias para migrar. O estudo das redes nas experiências migratórias seria, assim, uma forma de também se considerar as relações entre destino e origem. Dessa forma, segundo Assis (2004), ao incorporarmos a noção de rede às análises migratórias, questionamos a ideia da migração como um cálculo racional individual, e passamos a refletir sobre as estratégias de grupos de pessoas influenciando e construindo o processo migratório.

Para Assis (2004), pensar em redes no processo migratório nos permite refletir não só sobre as decisões a respeito da emigração de um país, como também sobre aspectos da estadia e permanência no novo local. Por isso, ela argumenta que seria interessante pensar nas redes que viabilizam o ingresso das pessoas, como agências, mas também naquelas redes que articulam o estabelecimento das pessoas no novo local e, para isso, teriam destaque, segundo a autora, redes

de amizade e parentesco. No processo migratório, estas redes garantiriam, segundo Assis (2004), menores riscos econômicos e psicológicos para os migrantes.

Além de pensar as redes como uma estratégia para a entrada e para a permanência em um novo local, Assis (2004) destaca que as redes não devem ser reduzidas à solidariedade, pois também devemos analisar os conflitos e as ambiguidades que as permeiam. Assim, para a autora, as ambiguidades e os conflitos não colocariam a rede em risco, mas fariam parte da mesma. Em sua reflexão, Assis (2004) sugere que podemos pensar rede como uma associação de pessoas com interesses comuns. Considerando estas ideias, nos perguntamos nesta pesquisa: Como estas redes teriam influenciado a chegada e a permanência dos interlocutores a Recife? Vamos começar a refletir sobre isso, focando inicialmente na chegada deles até aqui.

3.2 Rede gerando migrações

Quando se estuda sobre redes e migrações, frequentemente debate-se sobre a influência das redes na emigração das pessoas e na chegada ao destino. No campo desta pesquisa também nos deparamos com várias influências das redes na chegada dos interlocutores. O processo da chegada, incluindo o trajeto do migrante para um novo local, é muitas vezes influenciado pelas assistências que o migrante obtém em rede. A atuação das redes neste momento da migração é destacada por Assis (2004). Outros autores, como Oswald Truzzi (2008) e Menara Guizard (2018) também refletem sobre como as redes influenciam no deslocamento dos migrantes do país de origem para o país destino. Ao analisar brasileiros na Espanha, Guizard (2018) comenta: *“Suas migrações estão integradas a redes preexistentes; ao passo que eles também atuam como pontos de articulação de novas redes migrantes”* (GUIZARD, 2018, p.167).

Truzzi (2008) reforça que aquele que migra muitas vezes tem a sua migração articulada também por um conhecido que imigrou anteriormente, havendo: *“o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino”* (p. 200). Na sequência, o autor comenta a existência de: *“uma emigração em cadeia, em que parentes, conterrâneos e agentes de propaganda agiam como uma corrente transmissora de informações que alimentavam os deslocamentos”* (TRUZZI, 2008. p.201).

Fui percebendo, a partir das narrativas dos interlocutores que, como comentam estes autores, as pessoas podem migrar para um local acessando redes preexistentes e, uma vez tendo

migrado, seguem articulando novas redes. A partir da fala de Juan, é possível perceber como suas redes influenciaram sua vinda.

Ele (Santiago) foi o que me fez o convite para chegar aqui em 2018 (...). Disse “Juan, vem aqui e tal.” E a gente vem costurando isso, entendesse?(...). E também tem outra amiga, que é a Nancy, artesã. Aquela que faz vidro e tal, que a gente é amigo há muito tempo. Quando eu morava na *Isla* de Margarida, *Margarita*, perdão. A gente já, eu falava pra ela, porque ela é casada com brasileiro (Vitor). Então já a crise estava começando a bater e (...) eu tentava motivar muito a ela, “Por que você não vai a Brasil? Por que você não experimenta, tu que tá com o Vitor, que conhece, tem família e tal”. E na época ela estava tranquila, mas a crise começou a bater e ela decidiu sair. Tanto o Santiago quanto a Nancy, eles saíram primeiro e aí eles foram também uma motivação que já estavam aqui em Brasil e tal e gente é muito próximo, né? E aí, já nesse ano, no 2018, que já Santiago tinha começado o mestrado, estava oferecendo me apoiar, pelo menos com passagem de Boa Vista e tal, me receber em sua casa. E aí decidi sair. Acho que foi em 2017. Sim, entre outubro e dezembro de 2017 foi que eu saí de casa (Entrevista, 18/03/2021).

Neste trecho também podemos perceber o que diz Assis (2004) sobre a migração não ser uma escolha meramente individual. Juan fala o quanto “costurou” sua vinda junto a de seu amigo Santiago e o quanto já havia incentivado Nancy para emigrar.

Não só Nancy e Santiago, como várias outras pessoas influenciaram a chegada de Juan até Recife. Na entrevista, ele me explicou como lançou mão de contatos de sua rede para conseguir chegar até aqui. Juan atravessou a fronteira com uma família de amigos, um casal formado por um brasileiro e uma venezuelana. Com eles revezou a direção do carro e chegou até Santa Elena de Uairém (Venezuela). Em Santa Elena de Uairém, ele ficou por alguns dias no centro de terapias holísticas de uma outra colega. Essa colega o aconselhou a ir para o Brasil junto com um brasileiro que ela conhecia. Com este brasileiro, Juan seguiu em companhia até Boa Vista. Em Boa Vista, pôde ficar hospedado com este rapaz enquanto resolvia seus documentos. Devido à demora para conseguir todos os documentos, o que levaria um mês, ele achou melhor retornar para a Venezuela e ficar com sua família. Neste retorno, uma amiga pagou sua passagem até Caracas. Ela estava voltando do sul do Brasil com duas filhas e pagar a passagem de Juan era uma forma de ter companhia e ajuda nesta viagem com suas filhas.

Passado um tempo em Caracas, Juan retornou de ônibus até Boa Vista para pegar os seus documentos. De volta à Boa Vista, ele conseguiu hospedagem através de alguns amigos para ficar os poucos dias necessários para ter todos os documentos. Com os documentos prontos, Juan entrou em contato com seu amigo Santiago porque Santiago havia oferecido o pagamento de sua passagem até Recife, e assim o fez. Juan ganhou de Santiago a passagem até Recife, uma viagem que saiu de Manaus por ser um percurso mais barato. Quando Juan chegou em Recife,

eles moraram juntos numa casa alugada por Santiago.

Com esta descrição da vinda de Juan, explicito toda a rede que ele acionou para efetivar sua chegada. O que mostra, como afirmam Assis (2004), Guizard (2018) e Truzzi (2008), a forma como as redes dos migrantes influenciam na migração dos mesmos. Mostrar este seu percurso é uma forma de pensar a “*sua rede*” (Entrevista, 18/03/2021), como ele mesmo diz, em contexto, como sugere Marilyn Strathern (2017c). Assim, falar sobre os percursos e trajetórias para migrar também é uma forma de falar sobre como os interlocutores constroem e utilizam suas redes. Juan, uma vez instalado, conseguiu, por meio de sua rede, trazer também sua esposa e filhos.

Na época tinha como fazer e eu consegui, a partir da rede da Cáritas, um apoio pra acompanhamento (de sua esposa e filhos) lá no processo de documentação em Pacaraima, na fronteira, e também a partir dessa parceria, consegui um acolhimento lá em Boa Vista. E consegui que viessem pela interiorização sim. (Entrevista, 18/03/2021)

Como comenta Guizard (2018), o migrante segue articulando novas redes após chegar ao local destino. Nesse sentido, podemos pensar no quanto a própria rede gera migrações, dado que aqueles que estão no local destino se organizam e se articulam em rede para a vinda de novas pessoas. Juan, por exemplo, veio em função de seus amigos Nancy e Santiago já estarem aqui; e, uma vez instalado e com novos contatos em sua rede, pôde viabilizar a vinda de sua esposa e seus filhos.

Outros interlocutores também tiveram suas vindas influenciadas por demais pessoas ou influenciaram na chegada de mais imigrantes. No caso de Carmen, ela migrou primeiro, depois veio sua filha com o seu genro.

Carmen: Quando eu tinha quatro anos aqui chegou minha filha, a do meio. Ela veio com o esposo, que é venezuelano (...). Ela é casada com venezuelano e então eles moram aqui em Goiana. A princípio eles moraram comigo. Ela é licenciada em educação e ela é agora a coordenadora pedagógica de uma escola de idiomas aqui em Goiana e ele trabalha em refrigeração, técnico em refrigeração. Então eles estão contentes. Eles já inclusive, se *indenpendizaram* (...). Eles moraram comigo por dois anos e, em janeiro, eles já mudaram pra perto do trabalho deles aqui na cidade (Entrevista, 24/04/2021).

Mais recentemente o marido de Carmen também imigrou para Goiana. E, quando fiz a entrevista com ela, seus pais também haviam chegado fazia pouco tempo e era de seu interesse que eles permanecessem. Segundo Carmen: “*A gente tá dando suporte pra eles (seus pais), que*

isso tem acontecido muito com muitos imigrantes que terminam trazendo a família toda. A família toda porque não tem condições que eles sobrevivam lá. E mais agora com a questão da pandemia que tem sido horrível” (Entrevista, 24/04/2021).

Das falas de Carmen, destaco seu comentário sobre sua filha e seu genro terem morado com ela inicialmente e só depois de um tempo se “*independizaram*” (Entrevista, 24/04/2021). Além disso, sobre seus pais, Carmen diz que está “*dando suporte*” a eles (Entrevista, 24/04/2021). Nestas situações, percebi que a rede sustenta a própria migração. Também é possível relacionar estes casos com a análise de Assis (2004) ao afirmar que os riscos econômicos e psicológicos são diminuídos pelas redes no processo migratório. Estes impactos provavelmente foram minimizados a partir da acolhida que Carmen concedeu a sua filha, seu genro, seu esposo e seus pais.

Ramón, por sua vez, em diferentes momentos da entrevista, comentou sobre a importância de poder acionar os familiares de sua esposa pernambucana quando imigrou para Recife. Essa importância se devia tanto pela possibilidade de ter podido procurar um emprego com mais tranquilidade, como também de ter se sentido amparado emocionalmente; o que reforça a análise de Assis (2004) sobre a relevância da rede não só econômica como psicologicamente.

Ramón: Aí ela (esposa) me proporcionou muita coisa em relação a bem estar de saúde mental né? Porque você chega e você não ter a necessidade de trabalhar o dia seguinte, e aí eu acho que é muito importante isso. Em relação a afeto né, o ambiente afetivo sempre foi muito alto né, porque convivi com as famílias, com a família dela, os tios dela... É, uma relação quase maternal né, com os tios dela e a mãe dela. Então, é, pra mim foi muito... Tipo, encontrar uma segunda família mesmo. Quando falo a segunda família é família né? Tipo... Pô, sabe, eu chamo tia as tias dela, sabe? É, eu vou... Teve uma época que ela ficou em Rio de Janeiro, eu fiquei em Recife, e eu... Eu ia toda segunda-feira pra casa da minha, da minha tia né? Da tia da minha namorada. E ela... Ela é, assim, era como aquela tia né, que você tem toda a vida né? Você chega na casa dela, dá comida que só, é, lavava... Lavava roupa, minha roupa, passava... Passava ferro, passava tudo, tava sempre... Ligava cada momento, quando ela sentia que eu estava passando mal... Então assim, eu tive esse, essa estrutura afetiva, que acho que é muito importante. E assim como a mãe da minha namorada, ela não mora em Recife, ela, a mãe dela mora em Maceió, mas quando eu vou para Maceió eu me sinto em casa (Entrevista, 22/03/2021).

Assim, é perceptível que a articulação em rede para a migração fez toda a diferença para alguns de nossos interlocutores e seus parentes ou conhecidos. Outro exemplo é a irmã de Paola que imigrou tendo uma casa montada por Paola para ela, seu esposo e filhos. Paola não só influenciou na migração de sua irmã e família, como de demais conterrâneos. Isto porque Paola

criou seu canal no Youtube muito motivada a passar informações sobre o Brasil para conterrâneos.

Paola: *Yo abri o canal do Youtube porque, foi nesse, em esse meio tempo, me começaram a chegar muitas perguntas de amigos meus que se formaram comigo de engenheiro. Eles querendo sair do país, aí yo via a coisa, a coisa tava ficando muito feia, começava a *recibir* muitas, muitas mensagens de como era ficar aqui no Brasil, de como era o Brasil (...). Aí começou a sair muita gente, aí yo decidi abrir o canal pra falar assim, como são as coisas aqui no Brasil (...). Yo abri o canal pra passar informações pras pessoas que queriam emigrar pra o Brasil. Porque chega lá, me mandava muitas mensagens perguntando “Como era a vida aqui no Brasil?, Como era a documentação? O que você precisava?” E se falava só português, esse tipo de coisa (Entrevista, 23/03/2021).*

Nestes casos, fica explícito como redes de conterrâneos, amigos e parentes transmitem informações sobre a migração e acabam por influenciar a vinda de futuros migrantes. Além destes casos de interlocutores que imigraram já conhecendo pessoas em Recife ou no Brasil, conheci pessoas que não tinham nenhum conhecido aqui ou até mesmo no Brasil e imigraram sem muitas informações sobre Recife ou Pernambuco, como Milagros e Fernanda. Elas chegaram pela interiorização, assim como Luis. Nestes casos, ainda que eles não conhecessem outras pessoas em Recife ou no Brasil, não deixei de considerar que as redes influenciaram em suas trajetórias. Isto porque, como reforçam Pacífico, Santana e Silva (2018), a interiorização ocorre a partir da parceria entre diferentes atores, como os próprios imigrantes, instituições da sociedade civil, ONU e Governo Federal. Dessa forma, mesmo que não fosse formada por parentes ou conterrâneos, uma rede de atores também atuou na chegada de Milagros, Fernanda e Luis. O programa de interiorização colocou como prerrogativa a necessidade de alianças entre instituições e pessoas para a chegada de novos migrantes. Para chegarem em Pernambuco, Fernanda e Milagros receberam passagens e, elas, assim como Luis, moraram em casas concedidas por organizações não governamentais para depois morarem em casas que eles mesmos alugaram. Então podemos considerar que pessoas e instituições são parte das redes dos interlocutores? Nossos dados vêm apontando que sim, mas antes de chegar a esta conclusão, decidi investigar o que os próprios interlocutores consideravam como rede.

3.3 Rede para além da teoria antropológica

Durante meu doutorado, além de ler e tentar compreender o que seria rede para os antropólogos e estudiosos das migrações, decidi também saber o que os interlocutores

entendiam por rede. Afinal, além de eu ter podido observar os interlocutores tecendo redes, muitas vezes os escutei falando o termo rede ao longo do meu campo. Repetidas vezes ouvi esta palavra e, assim, decidi segui-la. Mas afinal o que é rede para os interlocutores? De que forma as noções dos interlocutores teriam relação com o que os teóricos vêm afirmando?

Strathern (2017c), ao estudar as relações e conexões, pontua que os próprios atores podem se reconhecer como rede. Foi exatamente isso que fui percebendo em campo. Segundo a autora (2017c), para antropologizar, é preciso ver como rede é colocada em operação no contexto nativo, uma vez que o que é pensado pelo pesquisador como rede, pode ser desafiado pela criatividade, uso e prática dos interlocutores.

Perguntei aos interlocutores o que entendiam por rede porque esta era uma palavra que tinha surgido em campo, como fica explícito em trechos citados neste capítulo. Assim, foi possível refletir sobre rede também considerando a forma como ela foi definida pelos interlocutores ao serem perguntados nas entrevistas sobre os significados que a atribuem; como também a partir da maneira como o termo rede apareceu espontaneamente nas falas dos interlocutores.

Questionar os interlocutores sobre o que eles mesmos entendiam como rede e observar como eles usavam este termo foram estratégias para refletir sobre as dinâmicas das redes e sua influência na chegada e permanência dos migrantes com base em referências outras, para além das etnografias sobre redes em experiências migratórias. Segundo Latour (2012), assim como os cientistas, os atores estariam tentando traçar e definir os vínculos. Vínculo foi uma das palavras que surgiu quando perguntei a Juan o que seria rede.

Juan: Eu acho que o significado da rede é o significado da conexão entre pessoas. É vínculo né? Vínculo de conexão, de comunicação, de possibilidade de acionar, de fazer coisa. Acho que o significado de rede é isso, né? É aquela capacidade de abranger, de tocar e se conectar. A rede é conexão, né? Como estar conectado com muitas coisas, na conexão (Entrevista, 18/03/2021).

Juan falou não só em vínculo, como associou rede à ideia de conexão entre pessoas. Outros interlocutores, como veremos mais à frente, também trouxeram a ideia de conexão ao falarem em rede. Nos próximos parágrafos, aparecerão falas de Santiago e Carmen que relacionam rede à ideia de conexão. Esta ideia surgiu em campo como um forte elemento que compõe o significado de rede para os interlocutores. A conexão também aparece na discussão de Strathern (2017b) sobre relação. Segundo a autora, conexão é uma das propriedades da relação. Esta, por sua vez, seria um conceito central para a Antropologia. Isto porque esta

ciência está voltada a compreender como as pessoas se conectam entre si e como estabelecem relações (STRATHERN, 2017b).

E a quem Juan estaria conectado? Quem estaria na rede de Juan? Santiago é uma das pessoas que aparece em várias falas de Juan referentes à sua vinda e à sua permanência aqui. Ambos reconhecem que são bastante conectados. Tanto que Santiago, ao mencionar suas relações entre ele, Juan e Nancy se refere ao termo rede: “*a trajetória do meu compadre (Juan), que decidiu vir para cá pensando porque eu tava aqui, se começou a armar uma rede, depois veio Nancy, essa outra grande amiga*” (Entrevista, 06/04/2021). Não só Santiago reconhece a rede que compõe com Juan e Nancy, como Nancy também considera que as relações com seus amigos formam uma rede.

Eloah: E aí, com relação, por exemplo, com os seus amigos, você considera que também constrói uma rede com eles?

Nancy: Ah, com eles sim. Com eles temos uma rede sim. Temos sim. Temos sempre tentando fazer projetos juntos, sempre estamos aí tentando fazer alguma coisa (Entrevista, 06/04/2021) .

Atuar de forma coletiva aparece, nesta fala de Nancy, como característica de uma rede. Além disso, ela reforçou as ideias de unir e sustentar como partes de uma rede:

Eloah: E porque você acha que se usa essa palavra rede?

Nancy: *Bueno*¹⁹ porque se tu podes ver pelo ponto de vista gráfico. Uma rede são vários pontos, *verdad?* Que estão unidos por uma linha, *verdad?* E *la* rede funciona para aguentar algo, *no?* Esta *una* rede envolve e *una* rede também *sostiene*, é... Não pode *suster* algo com, com uma rede, *no?* Manter várias coisas dentro também. Então, a ideia é essa, como cada quem está na sua casa, cada quem que está na sua vida, esta é ideia da rede, é *mantener* unido com *los* demais pontos e *en la* hora de alguma coisa funcionar como um ente que te pode *sostener*, que te pode aguentar, *no?* Ou envolver. Essa é *la* ideia de se estar em *una* rede. Pelo ao menos é *la* ideia que eu tenho, que é funcionar como uma rede (Entrevista, 06/04/2021).

Nancy, portanto, associa rede à ideia de unir, manter, sustentar. A relação entre aqueles que estão em uma rede seria forte, tanto que Nancy considera que em rede as pessoas podem “funcionar como um ente” (Entrevista, 06/04/2021). Desta forma, a sustentação que Nancy evidencia como uma característica da rede estaria baseada nas relações entre as pessoas que a integram. Penso que esta seria uma consequência da “conexão” destacada por Juan, como

19 Algumas palavras em espanhol surgiram no decorrer das entrevistas. Para identificá-las, as coloquei em itálico.

característica de uma rede. Carmen retoma a ideia de rede como conexão. De forma semelhante à consideração de Nancy sobre a formação de um ente por aqueles que integram a rede, Carmen considera a rede como uma extensão de si. Quando a pergunto a ela o que seria rede, Carmen fala:

É uma maneira como você se relaciona, se comunica, como facilita, entende? Eu sou a extensão de uma coisa, então eu passo outra pessoa. Então a gente vai se interligando. De várias naturezas dependendo das necessidades, mas tem essa possibilidade de você estender como se você fosse, como uma rede, você vai armando ela e facilitando um caminho para outras pessoas e é importante. E (...) quando a gente participa, faz os grupos, tudo isso, é tentando isso que alcançar a maior quantidade de pessoas que precisem e poder ajudar em função do que a gente possa oferecer a eles ou também se retroalimentar das coisas que eles trazem pra gente (...) isso que eu vejo como uma rede, que a gente tá tentando abrir caminhos, se contactar, facilitar, ajudar (Entrevista, 24/04/2021).

Carmen considera que ela se estende ao se interligar com outras pessoas em rede. E para além de se conectarem, haveria uma retroalimentação. Reciprocidade e retroalimentação também foram consideradas características da rede por Diego. As noções de retroalimentação e reciprocidade se assemelham ao que disse Strathern (2017c) sobre o sentido convencional de rede como uma cadeia de cooperação e obrigações entre pessoas com interesses compatíveis. Em outros estudos sobre rede, estas noções também aparecem. Segundo Mitchell (1969), nem sempre as relações em rede são recíprocas, mas pode ser que elas sejam. Ele ainda destaca que, havendo reciprocidade, pode ser que o que é ofertado por um ponto da rede seja diferente do que é recebido. Assim, percebemos que a ideia de reciprocidade/retroalimentação aparece tanto na teoria como em campo ao se refletir sobre rede. Nas palavras de Diego:

Se constrói uma rede mesmo desse tipo de coisa. Por quê? Porque cada um vai se conectando de certa forma, entendeu? Tanto para ajudar a outra pessoa, como poder receber ajuda e ser uma questão totalmente recíproca. Então, sim, vai se criando uma rede total. Porque assim como tem esse momento aqui, a gente. Eu, por exemplo, eu disse sim a princípio da entrevista, eu te disse "ah, eu vou passar o teu número e tal, informação lá no grupo". Isso faz parte daquela rede, sabe? Aquela rede de ajuda entre as pessoas. Porque eu seria um elo que te conectou com outras tantas pessoas que provavelmente assim como passaram uma informação também (Entrevista, 12/03/2021).

Ao exemplificar o que seria uma rede, Diego acaba por me incluir nessa trama, como alguém que também está recebendo algo nesta rede de interesses compatíveis. Esta não foi a única vez que o desenrolar da pesquisa também foi pensado como uma rede pelos interlocutores. Ao indicar que eu entrevistasse Elizabeth, Santiago me falou: “*talvez começa*

por aí, se a rede travar, tu me avisa” (Entrevista, 06/04/2021). Assim, as entrevistas apareceram como mais um dos itens que circularam nas redes dos interlocutores. E, por vezes, fui também colocada como um ponto entre os emaranhados de suas redes.

Quando pergunto o que seria rede para Santiago, ele diz:

O significado que eu uso do termo rede, é... Assim, para mim faz sentido principalmente, são esses, são esse tipo de conexões. É verdade que a gente pensa de rede sobretudo talvez de inspiração bourdiana, penso em rede como, como capital, como coisas que assim, penso em rede quando é algo que me permite acessar algum espaço de poder que antes não podia (...). Penso mais, por exemplo, nas redes que me permitiram conhecer a Bruno (seu professor e orientador). E como conhecer a Bruno, é, assim, tem sido super fundamental, é, esse espaço de *padrinato*, por esse coitado de Bruno, é, um padrinho forçado que ele tá, é... Tem me apoiado, assim, muito. Muito, para muito no processo de pesquisa. Bruno me emprestou grana quando eu tava começando aqui, porque minha bolsa não caiu até dois meses. E minha grana da Venezuela não chegava, então enfim... Assim, como que realmente esse foi um espaço super importante. Eu penso em redes normalmente quando penso em coisas que te permitem, por exemplo, através de Bruno conhecemos esse cara que nos falou do edital que permitiu a Juan conseguir um trabalho. Eu normalmente penso em redes como relações pessoais que te permitem acessar a recursos ou espaços de poder que tu antes não conseguia acessar (Entrevista, 06/04/2021).

Neste trecho, Santiago fala em conexões, anteriormente Juan também havia associado rede à conexão, assim como Carmen relacionou rede à ideia de contactar e interligar. Entretanto, Santiago, ao se referir a rede, não só fala em conexões como enfatiza que o poder pode permear a rede. Mais do que simplesmente conectar, Santiago apresenta rede como algo que permite acessar recursos, espaços e postos que fazem a diferença em suas trajetórias e que não seriam acessíveis sem ela. Estes recursos, espaços e postos permitiriam que os migrantes permanecessem aqui. Assim, rede não seria simplesmente conectar, mas uma conexão que viabiliza a estadia, a permanência. Diante de contextos desiguais, essa conexão se torna um diferencial na trajetória dos interlocutores. Dessa forma, a rede viabiliza a permanência e concretiza a migração.

O que pude perceber é que, quando os interlocutores falam em rede, eles evidenciam muito mais a vida deles aqui e a sua permanência nesse novo local, do que sua vinda, chegada ou trajeto até aqui. Como comentam vários interlocutores, as redes podem influenciar em diferentes processos da vida daquele que migra para a um novo local, como: escola, trabalho, atendimento psicológico, moradia. Se antes havíamos dito que a rede sustentava a migração porque por meio dela pessoas chegavam até aqui, agora pensamos que para além de sustentar a chegada das pessoas, a rede permite a permanência delas em um novo local.

3.4 A presença de instituições nas redes

Se retomarmos as falas de alguns interlocutores como Juan e Santiago sobre o que seria rede, podemos ver que eles comentaram que rede seria conexão entre pessoas (Juan) e relações entre pessoas (Santiago). Mas percebendo a presença de várias instituições em campo, comecei a me questionar se, além das pessoas, não seriam as instituições parte das redes também. Segundo Hannerz (2015, p. 190), haveria a tendência da análise de redes focar em relacionamentos mais pessoais, mas o que ele defende é que, como já teria argumentado Mitchell (1973), a análise de rede envolve um tipo específico de abstração e não um típico específico de relacionamento.

Segundo Assis (2004), parcerias institucionais costumam influenciar a chegada dos imigrantes, mas relações de amizade e parentesco podem ter uma influência muito maior para a concretização do processo migratório em momentos para além da chegada, como o estabelecimento na cidade e o encontro de emprego. Ao analisar estas considerações feitas por Assis (2004), comecei a refletir se também seria assim com os venezuelanos interlocutores desta pesquisa. Como já pude dizer no capítulo 01, uma estrutura institucional direcionada à questão da migração tem crescido em Recife e outras cidades pernambucanas a partir da chegada recente de venezuelanos. Será que no caso dos venezuelanos seria possível construir uma análise que pensasse as redes priorizando relações pessoais, e pouco se falando em instituições, como fez Assis (2004) para analisar brasileiros nos Estados Unidos?

Para pensar sobre isso, me debrucei mais uma vez sobre o que eu observava e ouvia em campo. Santiago, em entrevista, destacou o caráter pessoal da rede a partir de sua experiência. Ele disse que pensa rede como relações pessoais (Entrevista, 06/04/2021). Ao falar sobre isso, ele chegou a comentar sobre como se articulou para resolver um problema que teve.

Me aconteceu que viajei e eu deixei vencer (...) meu RNE, que é Registro Nacional de Estrangeiro²⁰. Era pra renovar ele, sei lá, vamos dizer julho, eu fui em agosto (...). “Ah, *bueno*, se deixar vencer não é problema”. Claro que é, que estaria ilegal e me botaram uma multa de cinco mil reais (...). Aí corri pra meu orientador, para Bruno, coitado dele, que paciência que ele tem, que ele tem com esse pobre venezuelano. E Bruno, super massa, me pôs em contato com uma orientanda dele que é advogada e que ela me ajudou no processo para apelar a multa. Para apelar, né? Não, é outra palavra, um termo jurídico, mas enfim, para revisar. *Bueno*, aí, graças a Deus tiraram a multa de mim (...). Ele (Bruno), também através de redes, e realmente aí, poxa, sem

20 O Registro Nacional do Estrangeiro foi substituído em 2018 pelo Registro Nacional do Migratório que consiste em uma sequência alfanumérica com finalidade de identificação dos migrantes. Ele é obrigatório para o migrante com visto temporário ou autorização de residência (POLÍCIA, 2021).

essa menina que me ajuda, eu talvez nem tivesse... Eu tava no mestrado, não tava com grana pra poder pagar nada (Entrevista, 06/04/2021).

Ao mesmo tempo, Santiago não deixou de considerar sua relação com instituições para viabilizar projetos e articulações de movimentos sociais, ainda que ele tenha reforçado que não precisou acionar instituições para obter assistência com demandas pessoais como documentação.

Não tanto em termos de instituições que eu tenho acudido quando eu tive dificuldades, que resolvi mais por redes pessoais, mas às vezes penso nessas instituições como espaços onde talvez alguns projetos e algumas coisas poderiam se fazer. Então, por exemplo, os editais, tô sempre correndo atrás de editais na Artivismos²¹ (...). Essa era mais ou menos a mesma ideia com o Centro de Estudos de América Latina, né? Poxa, talvez a Universidade possa fazer alguma coisa interessante, mas até agora não, não tenho. Assim, são coisas que tamos pensando, mas claro, até agora não rolaram (...). Juan me convocou um par de vezes para uma mesa que Cáritas organizava com Ministério Público, foi interessante aí conhecer a galera (...). Até agora também teve sorte, não teve mais problemas nem de status migratório nem de outro estilo (...). Os últimos quatro, cinco meses que a gente tá colaborando numa ocupação do MUST (Movimento Urbano dos Trabalhadores Sem Teto), e aí uma ocupação de um movimento que luta pela moradia e tem vários venezuelanos que Juan conhecia por Cáritas (...). Aí resulta que tinha uma menina venezuelana que participou, que ela participou dessa ocupação aí. E aí então ela tava querendo ir atrás de outros venezuelanos, aí se armou como um grupinho. E aí a gente chegou como que é a coisa porque a gente pode, bom eu falei pra ela “Oh, meu, a gente pode trazer, sei lá, a gente pode fazer uma livroteca, posso trazer nossa equipe, a gente faz um cinema pras crianças (...) faz algum tipo de apoio cultural” (Entrevista, 06/04/2021).

Santiago então, ainda que não tenha evidenciado sua relação com instituições, essa relação não deixou de acontecer e de formar sua rede. O que destacamos também é que foi através de suas “redes pessoais” (Entrevista, 06/04/2021) que Santiago conseguiu acesso a instituições como a Cáritas. Também foi através de uma colega que Diego soube da Cáritas Brasileira quando chegou a São Paulo e, uma vez aqui em Recife, também estabeleceu contato com a Cáritas Regional Nordeste 2. Esta é uma das várias instituições elencadas na fala de Juan quando ele comentou sobre a “sua rede”.

Eloah: Quando está precisando de alguma ajuda você costuma procurar alguém para ter alguma assistência?

Juan: Realmente consigo me virar por conta do contato que eu tenho já. Eu fiz muito contato e é como natural meu. Eu posso articular muito bem, fazer contato, conhecer

21 Nome fictício para uma das ações do movimento social no qual Santiago atua.

gente. E a partir de todos que eu fiz, conheci tal, fiz muitos contatos e ali, em qualquer situação que eu tenha, documentação eu resolvo através da Cáritas, do advogado nosso (...). Agora, por exemplo, eu fiz a documentação dos meus filhos, o advogado me ajudou no agendamento, a me orientar e tal. E mesmo assim tudo que precisa a gente encaminha para ele, porque ele faz esse trabalho, a parte de documentação. É, negócio da escola também utilizo a minha rede. Em uma rede que fiz também a partir de toda a caminhada que a gente já tem, e a partir dessa rede consigo desenrolar muita coisa. E se não consigo através da rede, corro atrás (...). E o que não consigo fazer por minha conta, consulto lá na Cáritas, consulto também com a Ana²², com o Antônio²³, com a galera e consigo (...). Minha rede é muito grande (risos). É a rede muito grande. A rede, a rede da Cáritas, a rede, a rede do Conselho de Psicologia. Minha rede, digamos, que a rede tem como vários *anillos*, né? Vários níveis, né? Minha rede de afetos daqui de perto, né? A Nancy, o Santiago, pessoas mais próximas. Por exemplo, vai pedir um dinheiro emprestado, as pessoas mais próximas que tenho são eles. Não conheço, aí não tenho essa confiança com outros. Entendesse? Aí ou é cartão de crédito ou são eles dois. Não tem essa possibilidade com outras pessoas. E é assim, mais ou menos isso. Minha rede. Tenho uma rede de pessoas que conheço no mundo todo por causa da migração venezuelana, né? Tenho conhecidos e colegas na Argentina, no México, na Holanda, na Colômbia. Tanto amizades como colegas também.

Juan comentou como usa sua rede quando precisa resolver algo. Rede esta construída a partir dos contatos que fez ao longo de sua vida. Nesta rede estão contatos tanto profissionais e institucionais, incluindo a Cáritas e o Conselho de Psicologia, quanto contatos pessoais e de afetos a partir de suas relações em diferentes países. Por essa rede, como comenta Juan, circulam informações sobre serviços, documentações e projetos, assim como também podem circular quantias de dinheiro. E, dependendo do que circula, ele decide quem aciona nos diferentes anéis desta rede. Em caso de questões envolvendo documentação, por exemplo, ele comentou que aciona seus contatos da Cáritas, mas em caso de dinheiro, ele aciona seus amigos Santiago e Nancy.

Várias instituições estão presentes na narrativa de Juan sobre sua migração e de sua família. Ele comentou que através da rede da Cáritas, que é seu trabalho, conseguiu resolver demandas de documentação, assim como organizar a vinda de sua família. Ele afirmou ter acionado instituições como a Cáritas e assim sua esposa e filhos participaram de programas institucionais como a interiorização. Além da Cáritas, Juan também elencou o Conselho de Psicologia como uma instituição integrante de sua rede, composta por aqueles a serem acionados quando ele necessita resolver pendências em Pernambuco.

Juan, ao conceituar rede, colocou-a como uma conexão entre pessoas. Ainda assim, ele

22 Nome fictício de assistente social que trabalha na Cáritas.

23 Nome fictício de advogado que trabalha na Cáritas.

comentou sobre a presença de instituições em sua rede. No seu caso, esta conexão pode envolver pessoas que são parte ou que trabalham em instituições, acabando por também envolvê-las em sua rede.

Nancy também comentou sobre a rede que forma junto a outros artesãos e uma instituição, no caso, o Centro de Artesanato.

Nancy: Formo parte dessa rede pequeninha (...). Estou registrada no Centro de Artesanato de Pernambuco como artesã de aqui no plano nacional de artesanato (...). Considero ser uma rede super interessante de formar parte. Me *encanta* estar aí presente com *ellos*, trabalhando (...). Estou em alguns outros grupos de feiras que ficaram paradas (pela pandemia), *pero* que ainda *los* grupos funcionam, estão funcionando, não tem fechado.

Eloah: Entendi. No caso, esse de artesãos de Pernambuco vocês se comunicam pra troca de informações sobre os artesanatos também ou não?

Nancy: É, mais que tudo pelas redes sociais do Centro de Artesanato, né. Ele tem feito muitas campanhas de apoio aos artesãos (Entrevista, 06/04/2021).

Assim, junto a outros artesãos, Nancy integra uma rede que recebe apoio do Centro de Artesanato de Pernambuco; o que ganhou ainda mais destaque durante a pandemia quando uma série de feiras de artesanato estavam fechadas. O que pude observar em campo, então, é que instituições participam e participaram das redes articuladas por venezuelanos aqui em Recife e Pernambuco.

O interessante de ter entrado em contato com venezuelanos que migraram há mais e menos tempo, é que pude perceber que ainda que as instituições voltadas para migração estejam em maior número agora, outras, como o Consulado da Venezuela, já existiam e também foram importantes na trajetória e nas redes de venezuelanos em Recife, como Elizabeth. Ela falou:

Eu pensei muito no objetivo do teu trabalho né? Como se estabelecem relações pra permanecer no local né? E eu acho que, assim (...). Vai depender muito do tempo que a pessoa está aqui, (...) por onde anda a pessoa, no sentido de qual é o interesse que ela tem: é formativo, é de, por exemplo, de baladas, porque muitos venezuelanos também se encontram nas baladas, tal. Eu não sou baladeira, mas eu sei de que muitas pessoas se encontram na balada, né? Então, assim, nisso que eu digo, o objetivo é tentar *desenredar* onde que estão essas relações, né? Onde, como é que a gente construiu essas relações né? E o Consulado foi fundamental pra isso, né? Sem ele eu não conheceria ninguém, né? Eu posso conhecer assim pingado, ou através de uma, de um grupo de WhatsApp talvez eu não teria o ímpeto, a iniciativa de me juntar com pessoas que eu não conheço mesmo. De conhecer só pelas redes sociais é, WhatsApp. O fato de ser institucional (...). Eu acho que se não fosse institucional, eu não, eu não me arriscaria a encontrar-me com um grupo que está marcando uma coisa pelas redes sociais. Apesar que eu sou curiosa né? Eu não sei se teria essa puxada

assim pra, pra me encontrar em praça pública, algum local né, só pelas redes sociais né? É, também você tem que ficar muito disposto pra conhecer qualquer tipo de pessoa né (...)? Eu acho que o Consulado deu esse marco pra gente se conhecer né? (Entrevista, 09/04/2021).

Com esta citação de Elizabeth evidencio como a presença institucional ganhou destaque não só por mim, mas na fala de alguns dos interlocutores ao se referirem à composição de suas redes. Elizabeth inclusive evidenciou a importância da presença institucional para que ela se sentisse confortável para conhecer outras pessoas. Então a menção a instituições não deixou de acontecer e de ser evidenciada nos relatos de quem migrou há mais tempo. Entretanto, nos relatos dos interlocutores que migraram nos últimos anos, houve menção a mais instituições envolvidas com imigrantes. Tanto que sobre a migração venezuelana, principalmente em referência à interiorização, cheguei a ouvir uma menção a esta migração como uma “*migração institucionalizada*”²⁴ (Diário de Campo, 12/03/2020). Mesmo os venezuelanos que não chegaram pela interiorização, terminaram comentando sobre instituições em suas redes. Dessa forma, consideramos que a migração venezuelana é particularmente marcada pela presença de instituições nas redes dos migrantes que aqui chegam.

Se lembrarmos do breve histórico sobre migrações internacionais em Pernambuco apresentado no capítulo 01, é possível perceber quais autores evidenciaram a ausência de ações institucionais que envolvessem migrantes em tempos anteriores (ALBUQUERQUE, 2017; ANDRADE, 1992; HAZIN, 2016; KUROWICKA, 2020). Estes autores destacaram as experiências palestinas, italianas e senegalesas como mais desassistidas, independentes, por conta, informais. Isto é diferente se considerarmos os venezuelanos, ainda mais se levarmos em conta o crescimento no número de instituições que têm atuado com migrantes e, dessa forma, composto as redes de migrantes venezuelanos em Recife.

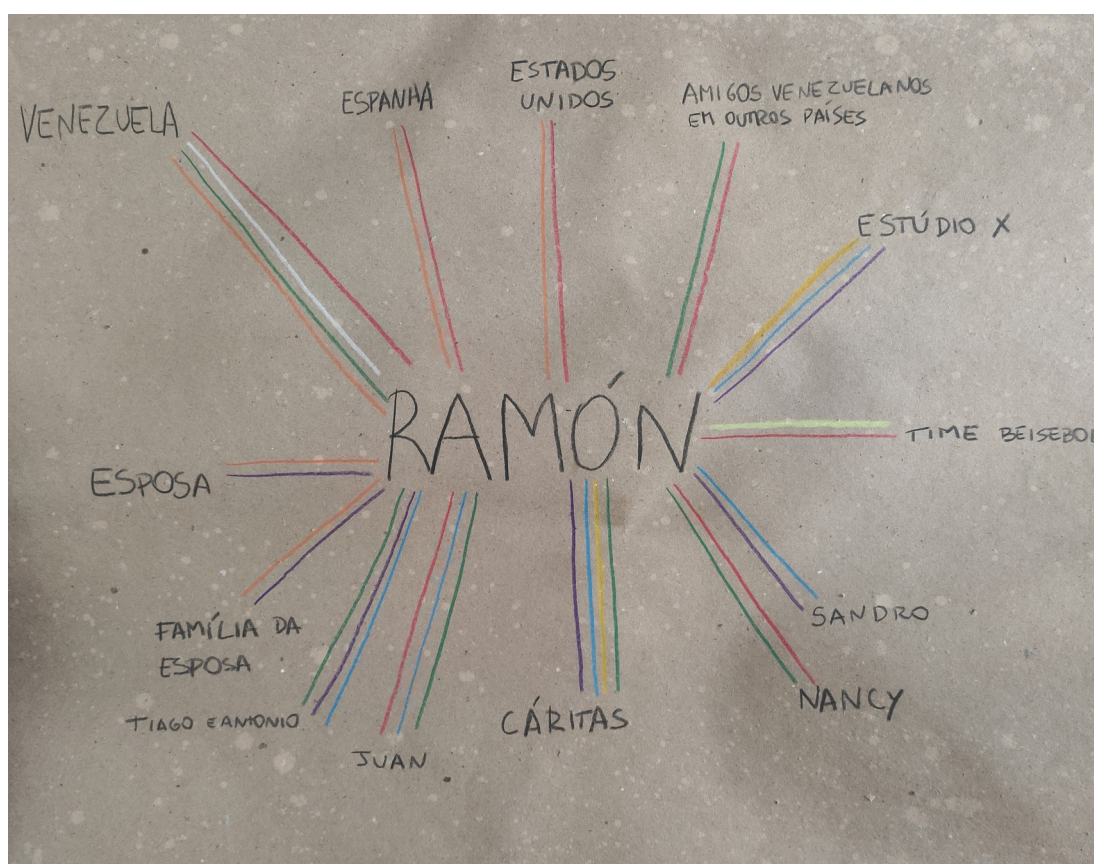
Assim, ao seguir o ziguezague das redes dos interlocutores, fui encontrando instituições, além de pessoas. Analisando as entrevistas e as anotações do diário de campo, percebi que alguns “tipos” de relações foram mais comentadas. Os interlocutores destacaram em suas redes, relações com venezuelanos, instituições, colegas de trabalho, familiares, brasileiros, com seu país de origem e também em espaços de lazer.

Diante da multiplicidade de participantes das redes dos interlocutores e para facilitar a visualização desta diversidade de relações nas suas redes, decidi fazer desenhos destas redes como disse no capítulo 02. Nestes desenhos, a linha representa a relação que liga os

24 Comentário de uma pesquisadora que tem atuado junto a instituições com ações voltadas a migrantes em Recife e Região Metropolitana.

interlocutores a outros nós de suas redes. Estas linhas têm diferentes cores dependendo de que tipo é aquela relação: uma relação entre venezuelanos é representada por um traço de cor vermelha, uma relação com instituição recebeu a cor amarela, uma relação de trabalho é representada pela cor azul, já a relação entre familiares é associada à cor laranja, a relação com brasileiros à cor roxa, a relação com a Venezuela à cor branca, e uma situação de lazer à cor amarelo neon.

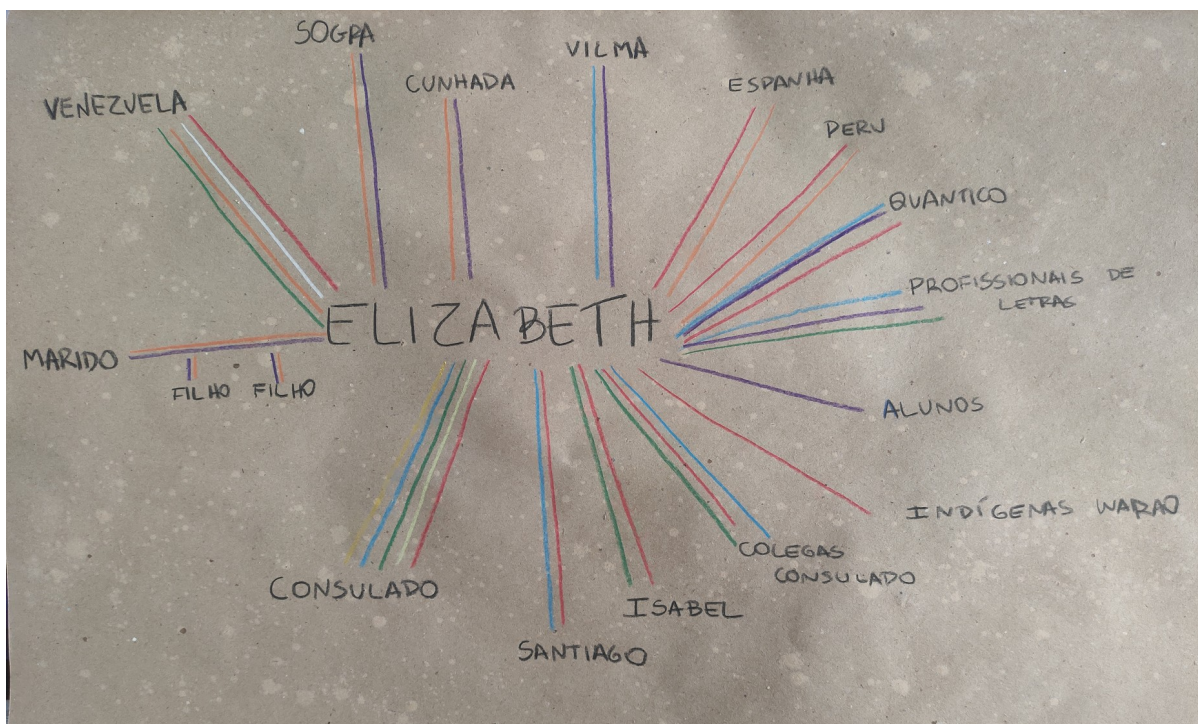
Na sequência trago os desenhos que fiz das redes de Ramón, Elizabeth e Isabel.



No desenho de Ramón, quis registrar as relações que ele mencionou na entrevista e que formam sua rede. Em sentido horário e começando pelo lado superior esquerdo, está registrado que Ramón mantém relações com a Venezuela (representada pela cor branca), isto porque se comunica com venezuelanos (cor vermelha) que são seus familiares (cor laranja) e amigos (cor

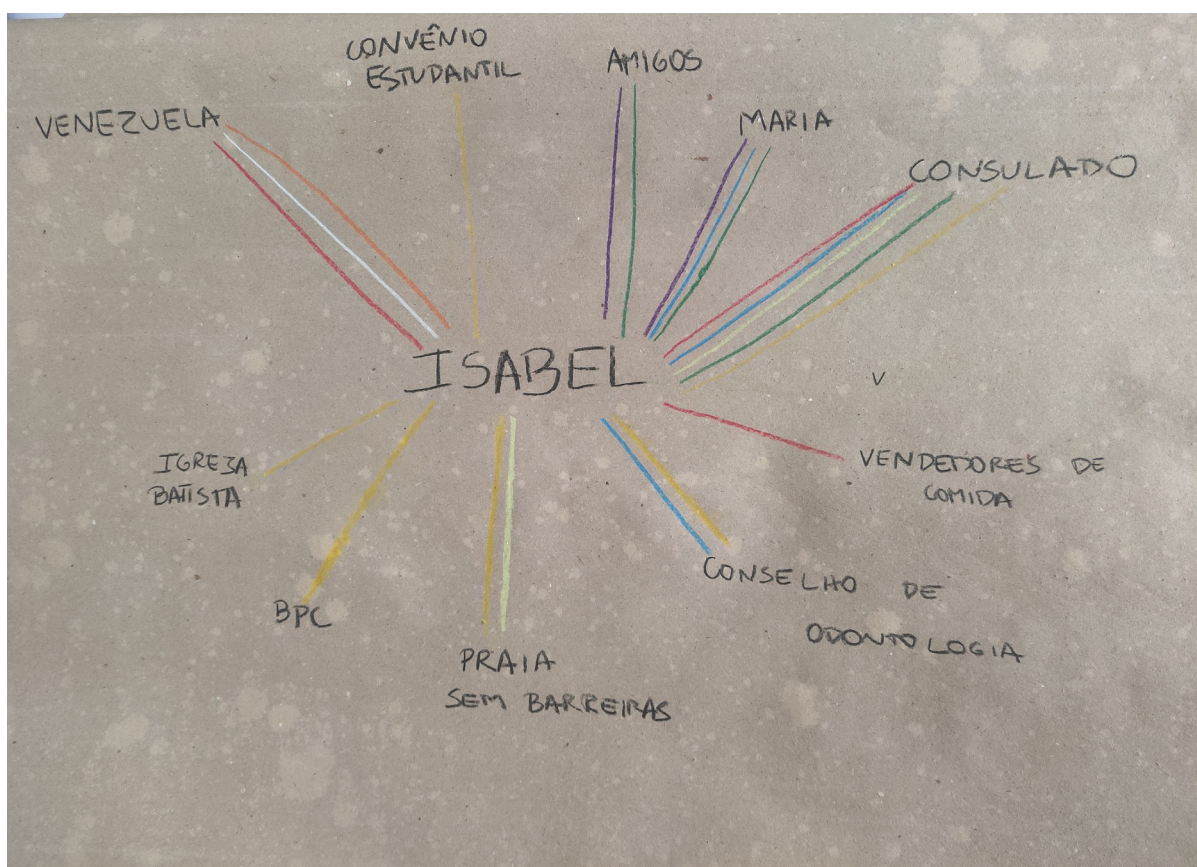
verde). Além de se comunicar com eles, Ramón também já recebeu quantias em dinheiro e visitas de alguns familiares. Ele também tem familiares na Espanha e nos Estados Unidos, tanto que o conectei aos nomes destes países com traços de cor vermelha e laranja para representar a relação com venezuelanos e familiares respectivamente. Ramón também mantém contato com amigos (representados pela cor verde) venezuelanos (representados pela cor vermelha) em outros países. Já aqui no Brasil, Ramón começou a trabalhar no Estúdio X junto a colegas brasileiros. Nesta relação há o traço azul, que representa trabalho; o roxo, que representa a relação com brasileiros; e o amarelo por ser uma instituição. Além disso, Ramón frequentou, como espectador, os treinos do time de beisebol formado por venezuelanos (cor vermelha) em Olinda. Esta era uma atividade que Ramón realizava por lazer, o que por sua vez é representado pela cor amarelo neon. Na sequência está a relação com Sandro, pesquisador brasileiro (cor roxa) com quem Ramón trabalhou (cor azul) na Cáritas. E foi por intermédio desta relação que consegui o contato de Ramón, como disse no capítulo 02. Já com relação à Nancy, Ramón comentou sobre a relação de amizade (cor verde) que eles têm. Esta relação também é representada pela cor vermelha por ser uma relação entre venezuelanos.

A amizade, através da cor verde, também aparece no traço que liga Ramón à Cáritas porque ele estabeleceu relações de amizade com alguns colaboradores brasileiros da Cáritas, como Tiago e Antônio. A eles, Ramón também está conectado pela cor roxa, por eles serem brasileiros. Na Cáritas, Ramón também trabalhou com Juan, a quem está conectado pelas cores vermelha e verde, por serem amigos e venezuelanos, e também pela cor azul por terem sido colegas de trabalho. Como Ramón também trabalhou na Cáritas, a cor azul aparece nesta relação; e, se tratando de uma instituição, a cor amarela também é representada. Na sequência, finalizando o desenho referente à rede de Ramón, aparecem as cores roxo e laranja que se referem a, respectivamente, relações com brasileiros e familiares. Isto porque são traços que o ligam à sua esposa e à família dela.



No desenho de Elizabeth, acima, registrei as relações que ela mantém com a Venezuela (cor branca) tanto porque ela já enviou remessas de dinheiro como recebeu visitas de parentes (cor laranja). Além disso, ela mantém contato com amigos (cor verde) que estão lá. Tanto seus amigos, como seus familiares que estão na Venezuela são venezuelanos, por isso também aparece a cor vermelha conectando-a ao nome do país. Na sequência representei a relação com sua sogra que, assim como a relação com sua cunhada, acontece entre familiares (cor laranja) e com brasileiras (com roxa). A cor roxa volta a aparecer no traço que conecta Elizabeth a Vilma, senhora que já trabalhou em sua casa, pelo fato desta senhora ser brasileira. Sendo esta uma relação de trabalho, a cor azul também aparece. Depois aparecem os nomes Espanha e Peru, e a estes nomes Elizabeth está conectada com traços das cores vermelha e laranja porque nestes países estão venezuelanos que são seus parentes. A cor vermelha volta a aparecer na linha que a conecta a “Quântico” porque este é um grupo com mulheres venezuelanas (cor vermelha), brasileiras (cor roxa) e espanholas que se encontram virtualmente para trocarem suas experiências e também comunicarem umas às outras sobre oportunidades de trabalho (cor azul). Com outras mulheres, no caso amigas (cor verde) brasileiras (cor roxa) que também têm formação em Letras, Elizabeth já se articulou para oferecer aulas de espanhol, como uma forma de trabalho para elas. Como envolve trabalho, também representei esta relação pela cor azul.

Elizabeth também se juntou a alguns ex-alunos brasileiros (cor roxa) para organizar doações para alguns indígenas venezuelanos (cor vermelha) da etnia Warao que estão morando na Região Metropolitana do Recife. O vermelho volta a aparecer nas linhas que representam as relações de Elizabeth com outros venezuelanos, como Santiago, Isabel e seus colegas do Consulado. Entre Elizabeth e Isabel, assim como entre Elizabeth e seus colegas do Consulado aparece a cor verde por estas serem relações de amizade. Já entre Elizabeth e Santiago, assim como entre ela e seus colegas do Consulado, também aparece uma linha de cor azul porque eles trabalharam juntos no Consulado. Esta instituição também aparece no desenho que fiz referente à rede de Elizabeth. A ela, Elizabeth está conectada por um traço de cor amarela pelo fato de o Consulado ser uma instituição. Além disso, entre Elizabeth e o Consulado aparecem as cores azul, verde, amarelo neon e vermelho. Azul porque ela trabalhou lá. Verde porque lá fez amizades. Amarelo neon, representando lazer, porque lá também foi um espaço de encontros festivos. E vermelho porque muitas das relações que estabeleceu nesta instituição eram relações com venezuelanos. Para finalizar o desenho de Elizabeth, representei as relações com seus filhos e marido em roxo e laranja por serem relações com familiares brasileiros.



Anteriormente, está o desenho que fiz para representar a rede de Isabel. Em branco há uma linha que liga Isabel à Venezuela. Ao nome deste país, Isabel também está conectada com traços laranja e vermelho porque lá estão seus parentes, que por sua vez, são venezuelanos. Na sequência, Isabel está conectada ao convênio estudantil que foi uma ação institucional (amarelo) através da qual Isabel pôde realizar sua graduação em Odontologia aqui em Recife. Já estando aqui, Isabel pôde firmar relações de amizade (verde) com brasileiros (roxo). Dentre eles está Maria, amiga (cor verde) brasileira (cor roxa) com quem Isabel mora e trabalha (cor azul), fazendo diferentes tipos de artesanato. A partir desta sua expertise, Isabel já trabalhou (cor azul) no Consulado, oferecendo oficinas de artesanato. No Consulado, Isabel também pôde frequentar atividades de lazer, por isso também há uma linha amarela neon ligando-a a ele. Sendo o Consulado uma instituição, também há uma linha amarela para representar a relação de Isabel com o Consulado. Além disso, também há uma linha verde entre eles por ter sido nessa instituição que Isabel conheceu amigos venezuelanos (vermelho), como Elizabeth. Alguns outros venezuelanos (cor vermelha), Isabel conheceu pelas comidas venezuelanas que comercializam e que ela já comprou algumas vezes.

Ao Conselho de Odontologia, Isabel está conectada por traços em amarelo e azul por esta ser uma instituição relacionada a seu trabalho como dentista. O amarelo volta a aparecer nas linhas que conectam Isabel com outras ações institucionais como o Benefício de Prestação Continuada (BPC) concedido pelo Governo Federal e o projeto Praia sem Barreiras, resultado de uma parceria entre a Prefeitura do Recife, a Faculdade Maurício de Nassau e a Empresa de Turismo de Pernambuco (EMPETUR). Através deste projeto é proporcionado o acesso à praia para pessoas com deficiência. Em se tratando de uma atividade de lazer, uma linha de cor amarelo neon também aparece nesta relação. Por fim, coloquei a relação que Isabel tem com outra instituição (cor amarela): a Igreja Batista de Boa Viagem, que ela frequenta.

Conforme fui fazendo estes desenhos e traçando estas linhas, fui percebendo que era comum traços de diferentes cores unirem os mesmos pontos, como mostram as figuras e descrições anteriores. Então fui notando que seria difícil separar completamente relações de diferentes tipos. Assim, nos desenhos, ficou explícito para mim que não só havia diferentes participantes das redes, como pessoas e instituições. Percebi também que algumas relações diferentes eram simultâneas. O que quero dizer com isso é que algumas vezes os interlocutores construíram relações pessoais e institucionais simultaneamente.

Com isso, não desejo dizer que todas as relações em uma rede são iguais. Como diz

Weber Soares (2009), há lógicas distintas que circulam em uma rede: os objetivos de uma instituição não são os mesmos de uma amizade ou de uma família, por exemplo. O que afirmo é que estas lógicas, ainda que podendo ser distintas, podem permear uma mesma relação e conjuntamente compor uma rede. Para pensar sobre esta variedade em uma relação da rede, Hannerz (2015) retoma Gluckman (1955) e sua ideia de multiplexidade, para dizer que um relacionamento pode servir a muitos objetivos enquanto um relacionamento multiplex. Mitchell (1969), também com base em Gluckman (1955), considera que diferentes conteúdos podem preencher uma relação da rede. E em campo, foi isso que percebemos. Além de existirem pessoas e instituições participando de uma rede, por vezes elas se apresentavam ao mesmo tempo em uma relação. Não era uma relação pessoal ou institucional, mas ambas simultaneamente. Por isso, a cor amarela que representa uma conexão com uma instituição não raras vezes apareceu paralelamente à cor verde, por exemplo, que representa uma relação de amizade.

Assim, além de pensar que pessoas e instituições podem se alternar na trama de nós das redes dos interlocutores, não pude deixar de perceber que alguns interlocutores também estabeleceram relações de amizade com funcionários de instituições, complexificando uma ideia mais polarizada de relações institucionais e pessoais. As relações com os funcionários podem ser significativas, a ponto de Fernanda decidir dar à sua filha o nome de uma funcionária da Operação Acolhida: Vitória.

Ramón também destaca a sua relação com funcionários de outra instituição, a Cáritas:

Eloah: E, atualmente, assim, quando surge alguma demanda, sei lá, na sua vida, que você precisa resolver algum problema, às vezes até algum documento, é, você costuma recorrer a alguma instituição? Tipo, a Cáritas? Ou não, tu resolve, tipo, com teus amigos, com a tua família. Deu pra entender?

Ramón: É, geralmente o que ajuda muito são os advogados da Cáritas né?

Eloah: Sim.

Ramón: Que eles... Assim, geralmente eu vou pra... Eu não vou, eu não, assim, eu não procuro uma instituição, é, vamos dizer assim, é... Porque eu via os advogados da Cáritas como amigos mesmo né? Antônio é meu amigo né?

Eloah: Anram.

Ramón: Tiago. Você conhece Tiago?

Eloah: Não.

Ramón: É, era um voluntário advogado da Cáritas que estava na época que eu conheci a Cáritas. Aí ele se tornou um super amigo meu né? Então ele ajudou muito no início pra pegar alguns documentos (...). Quando (...) conheci esses advogados da Cáritas, (...) todo processo que eu tentava fazer eu perguntava, eu pergunto primeiro pra o Antônio, que é o que está aí. Inclusive com CLT aí na Cáritas, aí eu pergunto pra ele “Olha, e aí, o que vou fazer?” Sei lá, vou pegar a carteira motorista, “Como que faço?”. *Mismo* no ano passado, no final do ano passado, conseguindo a residência da forma permanente né? É, eu pedi ajuda a Antônio porque eu achava que ia ficar ilegal por uns dias aí estava bem preocupado (Entrevista, 22/03/2021).

Como fala Ramón, ele acabou virando amigo de um funcionário da Cáritas que o auxiliava com burocracias. Fora Antônio e Tiago, que são brasileiros, Ramón também conheceu, através da Cáritas, Juan, de quem ele também se coloca como amigo (Entrevista, 22/03/2021). Assim, em campo, pude ir percebendo como nas redes dos interlocutores misturavam-se relações de diferentes tipos entre as mesmas pessoas.

Para pensar a forma como relações de amizade podem ocorrer junto a relações com instituições, trouxe os desenhos de Isabel, Elizabeth e Ramón. Neles podemos ver que as cores amarelo e verde, que representam relações com instituições e amigos, respectivamente, aparecem conjuntamente. Isabel e Elizabeth trabalharam e frequentaram o Consulado, e lá começaram a relação de amizade que mantêm até hoje, mesmo com o fechamento desta instituição. Elas se conheceram em um evento do Consulado, viraram amigas e depois, através de Elizabeth que já trabalhava no Consulado, Isabel começou a dar aulas de artesanato lá. Sobre esta instituição, Isabel fala:

Quando eu me formei, pouco tempo depois foi que abriram o Consulado da Venezuela aqui em Recife. Aí sim foi quando teve um pouco mais de contato com outros venezuelanos, porque eles procuravam de que realmente os venezuelanos se conhecessem (...). A gente (ela e Elizabeth) se conheceu pelo Consulado, e aí por um acaso colocaram na mesma mesa que ela. Aí a gente dali ficou traçado uma amizade até hoje (Entrevista, 21/04/2021).

Ainda sobre o Consulado, Isabel disse:

É, quando o Consulado estava aqui, é, realmente o Consulado também me ajudou. Naquela época, em questão da minha doença, porque aí eu atestava que estava doente, eles me ajudavam. Isso que é a papelagem, que precisasse na Venezuela, porque sempre tem o... Vamos dizer, o passaporte. É pago, não é... Não é de graça. Eles dão apoio, mas tem que pagar os trâmites do passaporte. Tem que pagar muitas... Às vezes, muitas coisas. Algum documento que eu tinha que mandar daqui pra lá, aí tudo isso onerava, então o Consulado apresentava os laudos médicos, tudo ajudava (Entrevista, 21/04/2021).

Assim, no Consulado, Isabel pôde resolver questões referentes a documentos, trabalhar e também fazer amizades. Elizabeth, em entrevista, também comenta sobre o Consulado. Ela o considerou como um espaço onde venezuelanos não só buscavam apoio referente a seus processos migratórios como também se conheciam: *“A Isabel eu conheci pelo Consulado, por um evento que fez no Consulado e a gente se conheceu. Era uma janta pra os venezuelanos, alguma coisa assim, e a gente se conheceu e ficou amiga até hoje né?”* (Entrevista, 09/04/2021). E sobre as relações de vínculo que estabeleceu com outros colegas de trabalho do Consulado, Elizabeth comentou:

A gente se juntava isso, pra dançar, pra cantar, pra fazer karaokê, que um dos colega gostava muito de fazer karaokê. E eu fazia comida da gente né? Fazia, preparava as hallaca²⁵ pra o pessoal, pra funcionários que trabalhava, e a gente preparava e se juntava pra comer. Isso era, mas era tudo por um vínculo do Consulado né? (Entrevista, 09/04/2021).

Portanto, por esse “vínculo do Consulado”, perpassaram relações não só documentais com a instituição mas também de trabalho e amizade, formando uma rede com diferentes conteúdos permeando relações simultaneamente. Pensar em rede em campo, permitiu-me então não só perceber como diferentes atores se conectavam, mas também que as relações podiam ser múltiplas e simultâneas nestas redes. A presença institucional não significou, portanto, a ausência de relações pessoais. Mas se apresentou como um marco nas redes dos migrantes venezuelanos. Pude perceber que instituições e pessoas estão presentes nas redes dos interlocutores. E que, nestas redes, muitas relações se estabelecem com vínculos variados e de diferentes conteúdos concomitantemente.

Dito isto, que há relações pessoais e de amizade junto a relações institucionais, é necessário fazer algumas ponderações. A concomitância das relações pessoais e institucionais, não blindou as instituições de críticas por parte dos interlocutores nem garantiu a inexistência de conflitos entre instituições e migrantes.

Como já pudemos comentar anteriormente, migrantes venezuelanos já foram expostos a condições desumanas de habitação e saúde na cidade. A sensação de desamparo ao chegar na cidade também nos foi relatada por Milagros ao comentar a chegada de sua família na casa disponibilizada pela instituição da sociedade civil que os recebeu em Recife em parceria com a Operação Acolhida:

25 Esta é uma comida venezuelana. Uma massa de milho é recheada por um refogado, embrulhada por uma folha de bananeira e cozida em água.

Milagros: Quando chegamos (no bairro), (...) tava um mundo de pessoas na rua, bêbados, drogaditos, de tudo. Eita, nós ficamos assustados, de susto. Chegando na casa, a casa tava toda com poeira, tudo. (...) Passou a noite toda e sem água, só água no balde.

Entrevistadora: E era uma casa compartilhada ou... Era só pra vocês essa casa ou tinha mais famílias nessa casa?

Milagros: cinco famílias. (...) depois morávamos três famílias, é, uma família de cinco pessoas, nós de quatro e outra família de três pessoas. É, um pouco complicado porque só havia um só banheiro. Então, nesse dia a gente limpou e ficou pra cá. Outro dia chamaram a ONG pra acomodar o problema da água, porque não chegava água. Só na caixa que havia água e ela acabou. Então havia comida na geladeira, mas que parecia que estavam esperando-nos duas semanas antes, porque tudo ficava como que... Tava com tempo ali.

Entrevistadora: tava vencido.

Milagros: é. Mas graças a deus muita gente ajudou. O primeiro mês foi horrível, porque a ONG falou na semana “nós estamos de férias, você tem que esperar voltar das férias”, em janeiro. E esse dezembro ficamos aí. Aí começamos a ver a realidade de Recife, que Recife é lindo, mas o desemprego é muito, então muita gente tava convencida de pegar um emprego rápido e não foi assim. (Entrevista, 30/06/2021)

Também pude perceber a sensação de desassistência ao chegar em Recife por parte de um jovem venezuelano, que em um dia conversando comigo em função de uma atividade de uma ONG direcionada a imigrantes, chegou a me dizer: “se não ajuda, por que trouxe a gente? Era melhor ter deixado lá em Roraima.” (Diário de Campo, 06/03/2021) Mesmo tendo vindo de Roraima até Recife através da articulação de uma ONG, ele afirmava a desassistência desta instituição para com ele, uma vez já estando na cidade. Neste sentido, lembro da problemática trazida por Iana Vasconcelos (2020) de que os refugiados/migrantes devem ser vistos para além da obrigatoriedade de serem sempre gratos ao que recebem. Este jovem, por exemplo, não externalizava nenhum agradecimento, o que para mim naquele momento foi uma novidade.

Nas redes as tensões existem, como afirma Assis (2004). Além de perceber as tensões ao nível das relações, é necessário reforçar que elas ocorrem em um contexto de desassistência estatal. Pude perceber em campo que a existência de instituições na rede dos migrantes não significa a plena garantia de direitos para estes. A precariedade do acolhimento é observada por Feldman Bianco 2018a:

migrantes haitianos, senegaleses ou venezuelanos enfrentam condições precárias de abrigo, falta de infraestrutura e violências tanto do Estado como no cotidiano. Dada a ausência de políticas de acolhida e acompanhamento, são os agentes que

trabalham com imigrantes, como Igrejas e ONGs, inclusive organizações internacionais, que assumem a responsabilidade assistencial. p.26

E ao assumir esta responsabilidade, uma série de instituições, para além do Estado, aparecem nas redes dos migrantes. Instituições com as quais os migrantes estabelecem relações de parceria mas também de tensionamento e conflito. Então, quando digo que relações pessoais e institucionais se embricam não quero dizer que apenas solidariedade e harmonia constroem estas redes. O conflito e a tensão também as permeiam em um cenário de precariedade no acolhimento.

3.5 Quando rede é o nome de uma iniciativa

Além dos interlocutores usarem o termo rede para comentar sobre como se articulam com pessoas e instituições para a resolução das demandas de suas vidas, esta palavra também apareceu em campo como nome de iniciativas institucionais.

Um grupo que se auto intitula como rede e que conheci em campo é a Red de Venezolanos en Pernambuco. A Red de Venezolanos en Pernambuco surgiu em 2020, como parte da Red de Venezolanos en Brasil, a qual existe em diferentes cidades do país. Em cada local, a estrutura da Red varia. Em alguns lugares se formaram ONGs ou Núcleos em Universidades. Aqui, ela funciona acolhendo os que chegam, ajudando com dúvidas e divulgando informações para os venezuelanos recém-chegados e aos que aqui já estavam. Já foram divulgados cursos de português, oportunidades de trabalho, treinos de uma equipe de beisebol de venezuelanos em Olinda, informações sobre uma consulta popular que ocorreu na Venezuela, e produtos comercializados por venezuelanos, como bolos, salgados e farinha para arepas. Como ferramentas de divulgação, a Red se utiliza tanto de uma conta no Instagram (@vzlanosenpe), como de contatos pessoais e de um grupo de WhatsApp. Este grupo de WhatsApp já existia antes do surgimento da Red. O grupo no aplicativo começou em 2017, fruto do encontro de cerca de 50 venezuelanos em função de um plebiscito na Venezuela. Depois de um tempo, o grupo chegou a ser desfeito, mas voltou a funcionar como grupo de divulgação de informações em 2019. Nesse ano, ocorreu até um encontro presencial. Atualmente, o grupo conta com 41 participantes. Destes, alguns chegaram a Pernambuco com o programa de interiorização, mas outros chegaram de forma independente e bem antes da Operação Acolhida. Há pessoas que chegaram, por exemplo, em 1985 (Diário de Campo,

21/12/2020).

Carmen, que atualmente, é uma das coordenadoras desta rede aqui em Pernambuco, fala que:

A Red são venezuelanos que estão em várias partes do Brasil e a gente, vamos dizer, somos representantes de Pernambuco. Só que em Pernambuco não está organizada do mesmo jeito que outros estados (...). Depende da disposição. Tem gente que, assim, gosta de **ajudar**, são solidários, então vão fazendo essa organização (...). Então, em geral, sempre a **ajuda** que teve foi uma **ajuda** de orientar, receber, se solidarizar, informar, tudo isso né? Às vezes ativar campanhas para recursos, para comida (...). A gente o que faz é comunicar nas nossas redes, nos nossos contatos, no Instagram ou pelo WhatsApp, essas oportunidades (de cursos) pra pessoas venezuelanas que temos conectados e sintam essa necessidade de aproveitar isso (...). Informalmente a gente já atuava como uma rede no ano de 2017 quando a gente tava aí para se reunir, para **ajudar**, para facilitar, para acolher de acordo com as nossas possibilidades (...). **Ajudar** em algumas oportunidades pessoas que estavam em uma situação desesperada e **ajudar** até economicamente (Entrevista, 24/04/2021, grifo nosso).

Sobre o grupo de WhatsApp, Carmen diz que ele é: *“para **ajudar** as pessoas com necessidades que elas tenham, esclarecer dúvidas, para que as pessoas coloquem as coisas que elas fazem”* (Entrevista, 24/04/2021, grifo nosso). Já Luis, que alimenta o Instagram da Red e integra o grupo de WhatsApp, comenta sobre este:

Alguém (venezuelano) que chega aqui novo em Recife ou que entre em contato com a gente, de alguma outra forma, por WhatsApp, que possa receber uma orientação (...) pra, tipo, tirar um CPF, por exemplo, ou uma identidade ou qualquer coisa, entendeu? A gente teja meio que preparado pra **ajudar** essas pessoa, que se integrem no grupo pela primeira vez e queria alguma ... “Onde fica tal local?”, “Onde posso comer comida venezuelana?”, sei lá ou tirar qualquer tipo de documento. Então a gente possa **ajudar** a essa pessoa, entendeu? (Entrevista, 25/04/2021, grifo nosso).

Luis também se refere à ajuda como uma ação que a Red de Venezolanos faz através do Instagram. Segundo ele, *“Um Instagram onde ele (venezuelano) possa procurar alguma informação, se comunicar junto comigo. Eu posso passar informação pra Carmen também e, tentar meio que **ajudar** na dúvida ou alguma coisa”* (Entrevista, 25/04/2021, grifo nosso). E depois ele comenta:

Tinham pessoas também que mandavam mensagem (no Instagram), né se oferecendo é, pra qualquer tipo de **ajuda**, né, de um venezuelano que esteja chegando e diz “poxa, eu moro em tal cidade, né, se tiver algum venezuelano em essa cidade aqui, que eu possa ajudar pra pelo ao menos ele saber, é, se movimentar pela cidade, dar aquela orientação, e eu posso ajudar, entendeu?” (Entrevista, 25/04/2021, grifo nosso).

Assim, mais uma vez a ajuda aparece como algo que circula na Red de Venezolanos. A relação entre ajuda e rede apareceu não só em campo, como na literatura sobre rede. Barnes (1969), como destacou Assis (2004), considera a ajuda como algo de que os indivíduos podem estar à procura ao se articularem em rede, por exemplo. Nas falas dos interlocutores, destaquei as vezes em que Carmen e Luis falaram em ajuda para mostrar como associam rede a esta ideia. Esta associação também aparece na forma como Carmen explica o significado do termo rede quando perguntei a ela na entrevista e ela considerou a rede como uma forma de “*poder ajudar*”, entre outras coisas (Entrevista, 24/04/2021). Carmen também menciona o Instagram da Red para mostrar a forma como a Red de Venezolanos *ajuda*:

Então dizia para eles (empreendedores venezuelanos): “Olha, você pode arrumar uma apresentação para colocar no Instagram (da Red de Venezolanos de Pernambuco), que como esse Instagram tá conectado com outras Reds de Venezolanos em outras partes do Brasil, então você pode expor seus produtos (...). Dando uma oportunidade de que você tenha possibilidade de expor para você se beneficiar”. Então isso eu vejo como um rede, que a gente tá tentando abrir caminhos, se conectar, facilitar, ajudar (Entrevista, 24/04/2021).

Dessa forma, Carmen comenta sobre a atuação da Red. Esta atuação, segundo ela, justifica que ela receba este nome (rede). E, assim, percebi mais uma vez como rede era um termo muito utilizado. Agora para se referir não apenas a conjunto de relações com pessoas e instituições, mas para nomear iniciativas.

Sobre grupos de WhatsApp, como o grupo da Red, e grupos de Facebook compostos por imigrantes, Ramón destaca a importância deles para compreender os estilos de vida do local destino:

Assim, pra imigrantes é muito importante esses, esses grupos de Facebook, WhatsApp (...). Sobretudo no início né, que todo mundo está numa cidade e está tudo perdido né? (...). Então é muito importante isso aí no, é, os grupos do WhatsApp e os grupos do Facebook. É, não tanto pra confraternizar, mas pra se informar mesmo do que está acontecendo e quais são o estilo de vida das pessoas (Entrevista, 22/03/2021).

Angela Torresan (2006), ao analisar brasileiros em Portugal, afirma que os imigrantes “*devem estabelecer uma nova rede de relações em um contexto que lhes é novo e culturalmente diverso*” (p. 189-90). Como diz Torresan (2006), nas redes integradas por imigrantes irá circular também um conhecimento sobre como se comportar, o que vestir, o que esperar de certas situações no novo local. Assim, informações sobre o estilo de vida do local de destino podem ser itens preciosos a circular nesta rede que continua a ser tecida também no novo local. Como já foi

dito, para além de ter a possibilidade de as redes influenciarem na vinda de alguém, elas influenciam na permanência de um migrante na cidade. E podemos pensar que estas são informações que circulam nas redes dos interlocutores sejam redes formadas por pessoas e instituições, ou iniciativas que se autointitulam rede como a Red de Venezolanos em Pernambuco.

Outra forma como a palavra rede surgiu em campo foi com o grupo de WhatsApp “Rede empreende venezuelanos em Recife”. Este é o nome de um grupo de WhatsApp do qual fazem parte Nancy, Diego e outros venezuelanos integrantes de dois projetos da Cáritas Regional Nordeste 2: o projeto RAFA e o projeto Creciendo. O próprio nome do projeto RAFA também faz uma menção direta à palavra rede. RAFA significa Rede de Amor, Fraternidade e Amizade. Pude conversar com Diego sobre o uso do termo rede neste projeto.

Eloah: RAFA, eu até olhei outro dia, o nome significa Rede de Amor, Fraternidade e Amizade. Você acha que teria algum motivo pra ter esse nome rede?

Diego: É porque se faz na verdade. Na verdade é porque se constrói uma rede mesmo desse tipo de coisa. Por que? Porque cada um vai se conectando de certa forma, entendeu? Tanto para ajudar a outra pessoa, como poder receber ajuda e ser uma questão totalmente recíproca (Entrevista, 12/03/2021).

Em campo, soube que o projeto RAFA também recebeu este nome por ser o apelido do filho de um dos financiadores do projeto. Este menino, Rafael, faleceu, mas para continuar com as atividades de arrecadação que ele fazia em prol de venezuelanos, seu pai seguiu captando recursos para uma série de atividades aglutinadas no projeto RAFA. Este projeto surgiu em dezembro de 2019 com doações da sociedade civil para imigrantes venezuelanos. Atualmente este projeto atua tanto na distribuição de cestas básicas para venezuelanos, como também no fomento à empregabilidade destes imigrantes. Com relação à empregabilidade, o projeto RAFA auxilia venezuelanos na construção de currículos, fornece fundos solidários rotativos para empreendimentos, acompanha estes empreendimentos e planeja sensibilizar empresas com relação à contratação de imigrantes (Diário de Campo, 29/12/2020).

O projeto RAFA não é o único projeto da Cáritas que tem esta atuação com empreendimentos. O projeto Creciendo também atua na concessão de recursos rotativos, mas tem uma instituição financiadora diferente do Projeto RAFA. Os grupos que recebem financiamento do RAFA e do Creciendo são familiares e têm empreendimentos de costura, artesanato, bolos, cuidados com o corpo, joias artesanais, fotografia e pintura. Dez grupos estão

contemplados pelos fundos rotativos. Estes grupos são compostos tanto por homens como por mulheres adultas, alguns chegaram a Recife há mais tempo e outros vieram mais recentemente de forma independente ou através do programa de interiorização. Antes de terem acesso ao fundo, os empreendedores participam de cursos sobre economia solidária, construção de planos de negócios e uso de recursos. A ideia do fundo solidário rotativo é que as pessoas recebam um fundo e retornem parte do valor ao fundo depois para que novas pessoas possam participar. Suas ações são divulgadas tanto pelo Instagram (@projeto_rafa_; @caritasregionalnordeste2) como por um site (<https://www.creciendo.com.br>) (Diário de Campo, 29/12/2020).

Diferentes interlocutores da pesquisa já receberam algum tipo de apoio do RAFA ou do Creciendo, como Diego e seu empreendimento de joias artesanais, o esposo de Milagros enquanto fotógrafo, e ela mesma enquanto esteticista. Também os pais de Luis e seu comércio de comidas, assim como Nancy e sua produção de peças em vidro. Além disso, entre os nossos interlocutores também estão pessoas que trabalham para que os serviços destes projetos sejam ofertados, como é o caso de Juan, que trabalha como educador social na Cáritas, e Ramón que, como colaborador temporário da Cáritas, fez o site do Creciendo e facilitou dinâmicas com os empreendedores para entender os problemas dos empreendimentos, aumentar as vendas, otimizar os processos e melhorar a qualidade de seus produtos. E assim, relações institucionais, pessoais e de trabalho se mesclam nas redes dos interlocutores seja porque eles trabalham em instituições ou porque recebem o apoio destas para a realização de seus trabalhos. E, muitas vezes, atuam ou são beneficiados por iniciativas que têm “rede” em seu nome.

Tendo comentado aqui sobre a presença de instituições nestas redes voltadas para os empreendimentos dos interlocutores, é necessário destacar que o Estado não é um dos atores destas tramas. Segundo Sofia Zanforlin (2020), programas de estímulo ao empreendedorismo surgem em um cenário de pouca participação do Estado e ausência de políticas públicas voltadas para a inserção laboral com garantia de direitos trabalhistas. Diante desta ausência, há a associação de ONGs, corporações transnacionais e migrantes e *“o empreendedorismo figura como caminho e solução individual para questões coletivas, no caso inserção de migrantes e refugiados na sociedade brasileira”* (ZANFORLIN e AMARAL, 2019. p 8 - 9). Pontuo esta problematização com o fim de observar que alguns interlocutores estão vinculados a programas autointitulados como redes que proporcionam algumas oportunidades para seus empreendimentos, mas sem a garantia de direitos trabalhistas. Assim, é possível refletir até que ponto estas seriam redes que, como sugere o significado dado por Nancy, sustentam e mantêm

seus integrantes. Como fala Francisco Gallardo (2009), as redes não impedem a perpetuação da vulnerabilidade. O autor ainda defende que reconhecer as redes e sua força não deve ser uma desculpa para que o Estado se abstenha de suas obrigações (GALLARDO, 2009). O Estado deve ser um dos atores a integrar as redes, e deve-se também reivindicar que esta não seja uma atuação focada na lógica securitária e supermilitarizada. Em campo, observei redes com participação do Estado, como as daqueles que chegaram pela interiorização. Mas esta ação do Estado sempre ocorreu em parceria com ONGs e delegou completamente a elas a atuação voltada para a inserção laboral de imigrantes. Tanto que nas redes dos interlocutores não foram mencionados vínculos com políticas públicas voltadas a este público e sua inserção laboral.

No que se refere à revalidação de diplomas, por exemplo, não existem iniciativas governamentais para suprir esta demanda que influencia completamente nas trajetórias profissionais dos migrantes. Ter o seu diploma revalidado no país destino muda as possibilidades de atuação deste migrante. Como diz o marido de Carmen: “*é difícil que uma pessoa emigre e emigre com o trabalho, a profissão*” (Entrevista, 24/04/2021). Em campo, pude observar um mutirão de revalidação de diplomas. E mais de um interlocutor comentou sobre esta ação. Mas este mutirão não foi uma iniciativa do poder público. Esta foi uma ação que ocorreu na Cáritas em parceria com uma ONG chamada Compassiva, com financiamento da ONU. Considero que esta ação foi mais um reflexo do aumento recente da atuação de instituições voltadas para migração aqui em Recife, com a presença de várias instituições, mas dentre elas não estava nenhum nível de governo.

Diante da ausência da atuação do Estado para inserção laboral de migrantes, outras instituições atuam em iniciativas que influenciam a permanência de vários interlocutores. Então, quando os interlocutores estabelecem relações com instituições em suas redes, não necessariamente são instituições governamentais. Além disso, sejam governamentais ou não, as relações com as instituições nem sempre são relações harmônicas. Nas redes dos interlocutores é possível perceber instituições presentes, ausentes e relações de poder.

No caso da interiorização, o Estado influencia, como um dos atores das redes dos interlocutores, na chegada de migrantes a Recife. Mas em campo, também pude refletir sobre como o Estado influenciou também a saída de imigrantes da cidade. Pude escutar debates sobre o quanto a saída de um lugar a outro deve-se a problemas na recepção. Ouvi de uma integrante do Comitê Interinstitucional que em Recife: “*É verdade que a política de expulsão da Prefeitura tocou muita gente daqui*” (Diário de campo, 15/06/2021), se referindo aos indígenas

Warao. Já sobre Maceió, uma outra integrante do Comitê comentou que chegou a ouvir da Prefeitura de lá que “*se acolhermos bem, hoje tem seis, amanhã tem sessenta*” (Diário de campo, 25/06/2021). Além disso, como já dissemos no capítulo 01, uma carta denúncia foi feita em 2020 expondo a forma falha, violenta e desrespeitosa como o governo municipal (Recife) e estadual (Pernambuco) estavam negligentemente administrando os direitos à moradia e saúde de indígenas Warao vivendo na cidade e região (CARTA, 2020). Infelizmente as negligências e violências não tiveram fim depois desta mobilização. Tanto que pude ouvi comentários de indígenas warao sobre sua mobilidade entre cidades como João Pessoa, São Luis, Natal, Boa Vista, Manaus e Belém. Entre essas cidades, muitas vezes se encontram parentes de uma mesma família. Entretanto, pode-se problematizar se o movimentar-se e fixar-se dentro do país envolve não só ter conhecidos e familiares nos lugares para onde se vai, como tensões com o poder público e falha no seu acolhimento nas cidades de onde se parte.

A ausência do Estado é comentada por integrantes de organizações da sociedade civil. Em uma reunião com integrantes de poderes públicos, uma coordenadora de uma organização da sociedade civil organizada comenta que sua instituição “é uma referência no Estado nesse papel de acolhimento. A Polícia Federal e a Prefeitura (do Recife) nos encaminham demandas, o que não deveria ser assim, deveria ser o contrário” (Diário de Campo, 26/11/2024).

A ausência de ações efetivas por parte do poder público também se mostrou evidente quando estive em reuniões com representantes dos poderes públicos e recorrentemente comentava-se sobre a necessidade de construir um fluxo, no que se refere a como proceder quando chega um migrante na cidade ou no estado. Sobre isso escrevi em março de 2020: “Eu sinto uma enrolação nisso do fluxo, em todas as reuniões em que vou, comentam que precisam fazer o fluxo e não me parecem ir adiante” (Diário de Campo, 12/03/2020). Esta situação, para mim, exemplifica a “precariedade do acolhimento” falada por Feldman-Bianco (2018a).

Nesse sentido, quando falo em redes aqui nesta tese, penso no que podem ser partes delas: pessoas e instituições. Mas não penso necessariamente no Estado, que nem sempre esteve presente ou atuante em prol da garantia de direitos aos migrantes. Neste caso, me afasto da ideia de Truzzi (2008) que pensa as redes formadas apenas por pessoas e sem destaque às instituições. Distancio-me desta ideia até por ter percebido em campo a simultaneidade de muitas destas relações. Então, por vezes, em campo, falar em certas relações pessoais implicava em falar em certas instituições e vice versa, devido a sua ocorrência simultânea. Assim como também me distancio do que disse Assis (2004) sobre as instituições influenciarem mais a

chegada do que a permanência dos imigrantes. Em campo, pude perceber as influências das instituições nestes dois momentos. Se considerarmos, por exemplo, a chegada de Fernanda, Luis e Milagros pela interiorização, a influência das instituições atuando em rede, é inegável. Mas, mais do que isso, pude perceber a presença das instituições nas redes que os interlocutores teciam ao longo de sua permanência em Recife. Tanto que mesmo aqueles que não chegaram através da interiorização, acabavam por relatar a presença de instituições em suas redes. Se pensarmos, por exemplo, na experiência de Nancy, Ramón, Juan, Elizabeth e Diego, as instituições também fizeram-se presentes em suas redes, ainda que não no momento de chegada. Mas, por exemplo, em uma dimensão de suas vidas que diz muito sobre a permanência deles aqui: o trabalho. Entretanto, com ausência do Estado.

Quando pontuo estas diferenças entre os meus dados e os de outros autores, o intuito é pensar que ainda que alguns termos utilizados sejam os mesmos, as realidades pesquisadas são diversas. Assim penso o que a particularidade que analiso me permite refletir sobre rede. Me atento, portanto, às experiências de venezuelanos em Recife e na Região Metropolitana e à forma como constroem redes, assim como às maneiras como usam este termo. Pude perceber que estas são redes formadas por pessoas e instituições, que se misturam tanto na experiência de quem chegou há mais tempo como de quem chegou recentemente. Ainda que haja a presença institucional na migração daqueles que chegaram há mais tempo, vale dizer que a presença de instituições na rede de venezuelanos se avolumou mais recentemente, com o crescimento de instituições voltadas para a migração em Recife e Pernambuco. Podemos afirmar que a presença institucional não foi um marco nas experiências de outros grupos migrantes, mas ela se destaca na migração venezuelana e na forma como estes migrantes tecem suas redes aqui.

Como em Strathern (2017c), tive várias demonstrações de como os atores se reconhecem como rede. O uso deste termo apareceu nas narrativas dos interlocutores sobre suas trajetórias e sobre as formas que se articulam com pessoas e instituições diante das demandas de suas vidas. Além disso, rede também apareceu como uma forma de nomear iniciativas institucionais. Em campo, rede foi associada a ideias de conexão, transmissão de informação, ajuda, associação, união, apoio, articulação e reciprocidade.

Pude perceber que, tanto para chegar, como para permanecer por aqui, os interlocutores interagiram em rede, com instituições e pessoas. Pude ver que nestas redes circulam decisões e apoios referentes a moradia, documentação, passagens, assim como informações sobre o estilo de vida do local destino e articulações para trabalho. Isto mostra a amplitude de aspectos

envolvidos nas redes para possibilitar que os interlocutores cheguem e aqui permaneçam. Como já disse, as redes dos interlocutores viabilizaram não só sua chegada, como sua permanência. Ao mesmo tempo, faço a ressalva de que perceber a presença institucional nas redes dos interlocutores e observar casos de iniciativas institucionais que levam este nome, não querem dizer que sejam efetivamente iniciativas governamentais ou que haja uma massiva atuação dos governos para a garantia da permanência dos migrantes com plena garantia de direitos. Há precariedade.

O que pude perceber com estes anos de pesquisa é que há uma maior presença institucional junto a migrantes mas isso não parece significar que os direitos estejam garantidos aos migrantes, ou que esteja havendo um pleno debate e uma escuta junto à população em questão. Outras duas situações explicitam isso:

Sobre uma reunião do Comitê Interinstitucional em fevereiro de 2020, onde estavam presentes representantes de secretarias do estado de Pernambuco, assim como da cidade do Recife, membros do judiciário, integrantes de organizações da sociedade civil organizada e alguns líderes warao, escrevi em diário de campo:

Esta mesma (representante da) secretaria diz em reunião (...) que “precisamos empoderar vocês” (...). Ela deve ter dito isso se direcionando aos homens warao que estavam na reunião. Mas a comunicação era bem complicada porque nem todos falavam diretamente com eles mesmo eles estando presentes, nem sempre se traduzia. Juan tentava traduzir e intermediar diálogo em alguns momentos. Também foi dito “vocês precisam nos receber”, por uma integrante do poder público que estava tentando ir nas casas dos warao e dizia que eles não estavam querendo receber as pessoas da prefeitura”. Aí, Cacique Fernando responde “warao também entende” “também tem boca” “também tem ouvido”. Outro rapaz warao (...) fala: “nosotros igual persona de ustedes”. (Diário de campo, 12/02/2020)

Passados quatro anos, em novembro de 2024, quando este comitê estava se formalizando e assumindo agora uma estrutura de Conselho com o nome de CEPMIGRA (Comitê Estadual de Políticas Públicas para Promoção dos Direitos dos Migrantes, Refugiados e Apátridas no Estado de Pernambuco), pude escutar uma integrante de organização que atua junto aos waraos comentar: “os waraos não querem mais nada com governo estadual ou municipal porque (estes governos) é só pra tirar foto ou dar encaminhamento” (Diário de Campo, 26/11/2024).

A precariedade do acolhimento obviamente não é percebida apenas por mim. Os migrantes, maiores interessados no seu próprio acolhimento, percebem e criticam esta precariedade em diversos momentos. Nas relações entre migrantes e instituições que compõem

suas redes, há uma série de tensões. Para além da ajuda, a palavra “tensão” é muito comentada pelos interlocutores para se referirem ao que circula nas suas redes, pois fortes críticas e tensões permeiam as relações observadas em campo. Como diz Assis, assim como a solidariedade, a tensão também integra a rede. E a precariedade do acolhimento é um dos contextos onde estas tensões aparecem. Há uma precariedade no acolhimento como afirmado por Bela-Feldman (2018a) ao analisar a forma como o Brasil vem lidando institucionalmente com o acolhimento de migrantes, forma esta que reproduziria políticas globais de criminalização do migrante (FELDMAN-BIANCO, 2018a) e reforçariam, também aqui em Recife e Pernambuco, o imaginário do migrante enquanto problema.

CAPÍTULO 04. REDES PARA ALÉM DE RECIFE

A todo momento nesta tese, quando falei nas redes acessadas por venezuelanos, evidenciei que trata-se de migrantes que estão em Recife e na Região Metropolitana. Agora, nesta próxima parte da tese, explicito que falar sobre migrantes que estão em Recife não significa dizer que todas as suas relações também estejam aqui. As relações dos migrantes não se limitam a esta cidade ou região. Venezuelanos que cá estão constroem e mantêm redes com pessoas em outros lugares do país e em outros países.

4.1 Os caminhos até chegar em Pernambuco

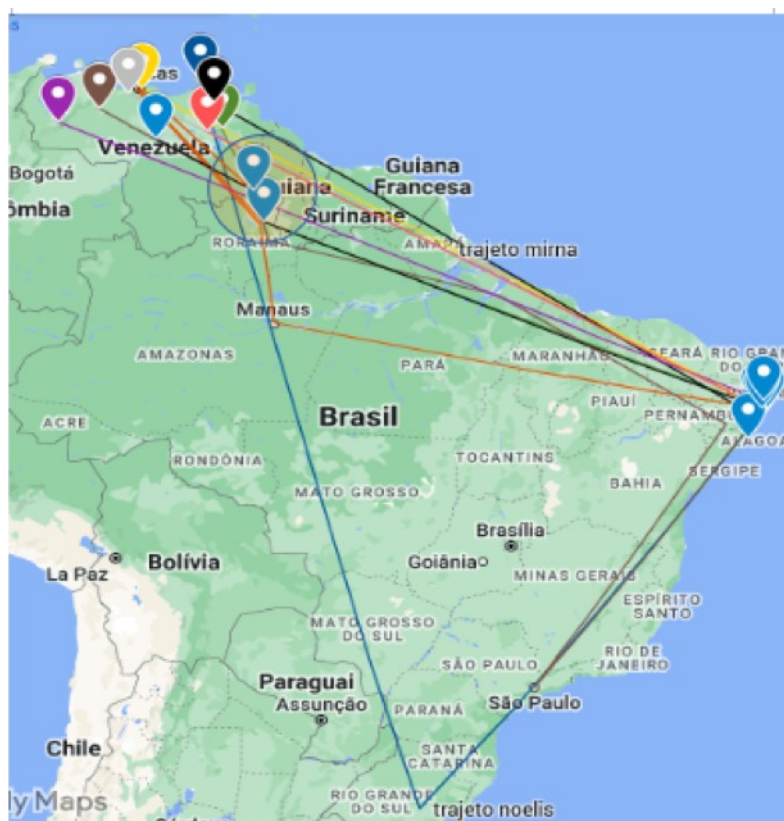
No processo de chegada ao Brasil, alguns espaços ganharam muito destaque: a fronteira e outras partes do estado de Roraima, como a capital Boa Vista, são alguns exemplos.



A fronteira do Brasil com a Venezuela.

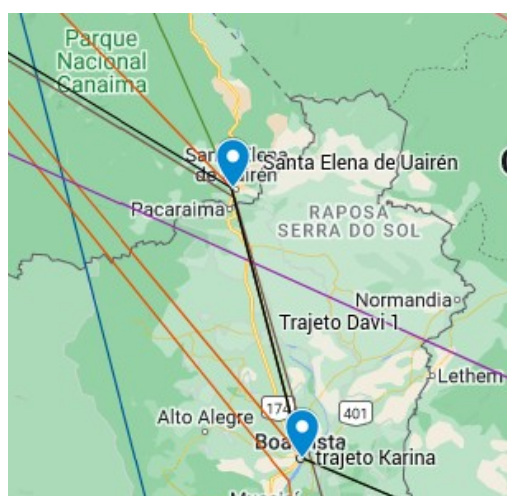
Fonte: <https://www.poder360.com.br/internacional/a-fronteira-do-brasil-com-a-venezuela/>

Se observarmos o mapa a seguir, que elaborei a partir do trajeto dos interlocutores, veremos que várias das linhas correspondentes ao caminho de cada um deles têm uma pausa na área sombreada com laranja.



Mapa com os pontos de partida, parada e destino dos interlocutores com área sombreada.

Já no mapa a seguir, está a área correspondente à fronteira Santa Elena de Uairén (VEN)/Pacaraima (BRA) e a Boa Vista.



Área sombreada correspondente à fronteira e Boa Vista.

Faço o destaque à fronteira e à Boa Vista para reforçar que não necessariamente se chega diretamente à Recife ou Pernambuco. Há deslocamentos dentro da Venezuela e dentro do Brasil até chegar aqui. E, nesses percursos, os meios de transporte usados são vários. Os interlocutores comentaram sobre o uso de carro, bicicleta, caminhão, ônibus, táxi, avião, carona, assim como trechos que fizeram a pé. Sobre o trajeto de sua família, Fernanda comentou:

Fernanda.: É, no dia que a gente tomou a decisão pra vir, não tinha passagem. Realmente não tinha como sair, e como a gente tava tão desesperado de sair, a gente foi no passeio do ônibus, na separação de um posto no outro. A gente foi no chão com meus dois filhos, sentado. A gente chegou até (...) Santa Elena de Uairén, que é a rodoviária mais perto da fronteira. E daí, da rodoviária pra frente, a gente foi andando (até Pacaraima, cidade já do lado brasileiro). Tipo assim, eu acho que andando era tipo quatro horas, cinco horas de... Cinco horas de pé, andando em pé. Eu acho que são quatro, cinco horas aproximadamente, mas só que foi assim, um pouquinho andando, um pouquinho de carona, um pouquinho andando, um pouquinho de carona. E assim fiz uma viagem um pouquinho mais, mais ligeiro né? Depois de a gente chegar na fronteira, que a gente fez, é, o negócio do papel e tal, da... Do cadastro, se cadastrou aqui no Brasil pra chegar até Boa Vista, é, a gente passou... A gente passou, passou, foi o que, dois, três dias fazendo o negócio do papel, né? Aí a polícia acolheu a nós, é, mas ele falou desde o começo “depois do que você faz o cadastro, que você tenha CPF, tenha o protocolo do refugiado e tal, você tem que ir embora, porque não tem vaga pra vocês”. E realmente tava muito, muito cheio de pessoa. (...) A gente não tinha como seguir, porque... trinta reais, trinta e um reais, trinta e dois reais, era o que a gente tinha. E a passagem era trinta reais por pessoa, era trinta e cinco reais por pessoa, eu lembro. E tinha que pagar minha passagem, a passagem do meu marido e o passagem de meu filho, que nesse momento tinha seis anos. Então, é, muita gente falou “não, você pode ir andando, que muita gente ajuda vocês”, “e quantos quilômetros é?”, “não, é pertinho”. Duzentos, duzentos quilômetros falaram pra nós. “não, é só duzentos quilômetros, é pertinho”. A gente andou eu acho que... Quatro horas. Meu marido fala uma hora, eu lembro que foi uma eternidade, viu? E... Só que como a gente tinha os meninos, meu filho... Meu filho maior, ele tava ajudando a nós com um bolso que a gente tinha. Meu marido tinha dois bolsos, mais o menino mais novo, que ele tinha dois anos. E ele já não queria caminhar nada, já não queria andar. E é mais que do que entendível, né? Mais que compreensível. E eu que também tava andando e tinha dois bolsos mais, dois mochilas. Só que andando, a gente olhou... Meu filho, meu filho tava muito estressado, os dois, e a gente tava muito cansado. E a gente olhou, tipo uma paradinha de... (...) a gente pegou aí e ficou sentado pra pedir, pra pedir carona. Meu marido falou “não, a gente pode ficar aqui, porque se a gente não ganha carona, ali na frente tem água, aqui tem teto e se a gente tiver que dormir aqui, a gente pronto, dorme aqui”. Então a gente ficou, passou o dia todo, ninguém deu carona pra nós. Já como de seis horas, sete horas da noite, que empezou a ficar escuro, veio um, um indígena. (...). Eu lembro que o rapaz, o indígena, ele chega perto de nós e ele tá falando pra nós que a gente não pode ficar aí à noite, que não tem como ficar por, é, pelos meninos né? E ele fala “não, eu moro ali, eu moro ali. essa é minha casa, você não pode ficar aqui. Vem pra minha casa, eu ali tem um teto, vem”. E a gente tava compreendendo (...) que estava mandando nós embora. Então, meu marido olhava a mim, eu olhava meu marido, a gente não compreendia nada.

Marido de Fernanda: E largamo a chorar.

Fernanda.: E o que fiz e meu marido fez foi chorar. E eu tava preocupada com meus filho né? É... Mas se ele tentava explicar pra nós “é só que eu moro aqui. Venham, venha, com o filho, pega o filho. Venha, a gente mora ali”. É... E, é, aquele indígena, ele deu morada pra nós. Eu acho que três, quatro dias a gente ficou morando com o indígena. Daí meu marido saía todos dias, bem cedinho, pra parte de cima da rodoviária ali, e ele ali vendia pulseirinha (...). E meu marido vendeu pulseirinha de nome, colocava o nome, e assim a gente foi juntando o passagem pra chegar até Boa Vista.(...)

Entrevistadora 1: E aí então vocês conseguiram ir pra Boa Vista de ônibus?

Fernanda.: Sim. A gente entrou no Boa Vista, graças a Deus, de ônibus. (Entrevista, 04/06/2021)

Como fica exposto no relato de Fernanda, o trajeto de vinda até o Brasil e de deslocamento dentro do estado de Roraima pode envolver não apenas uma série de meios de transporte, como uma série de atores (crianças, pais, indígenas, militares) que vão compondo as redes dos interlocutores no Brasil para além de Recife. Ademais, também fica explícita uma série de emoções a cada etapa vivenciada (cansaço, tristeza, raiva, desconfiança) neste deslocamento, tanto que Fernanda comentou: “*Meu marido, cada vez que ele lembra disso, ele sente vontade de chorar, é porque aconteceu muita coisa*” (Entrevista, 04/06/2021).

Outros interlocutores também comentaram sobre suas experiências na fronteira e em Roraima, o que me fez pensar na fronteira não só como passagem mas também com estadia. Falando em fronteiras, Michel Agier (2015) destaca a importância de estudá-las, e de dar atenção ao espaço e às experiências vividas ali. Segundo este autor, a globalização não diminuiu as fronteiras, mas as modificou e até as multiplicou. Há um aumento de muros e confinamentos e assim, aumentaram o tempo e o espaço do ficar-se na fronteira. Há uma vida mais longa no espaço entre dois (AGIER, 2015). Em campo, o que me foi relatado é que muitas vezes a estadia na fronteira é intercalada por experiências de morar na rua, passar fome e frio. Milagros, por exemplo, ficou morando vinte dias na rua em Boa Vista com sua família.

A importância da passagem por Roraima também foi destacada por Juan. Ele comentou que: “*Eu me encontrei com a realidade da migração quando cheguei a Boa Vista. Entendesse? Porque antes disso, eu estava fazendo uma viagem ao meu jeito*” (Entrevista, 18/03/2021). Juan seguiu falando sobre seu tempo em Roraima em outro momento da entrevista:

Em Boa Vista, me acolheu Rogério a su espaço super legal e ao dia seguinte foi à Polícia Federal para fazer a fila, né? E aí foi que eu comecei a encontrar com a

migração. Uma grande fila de pessoas, acordar de muito cedo e tal. Comecei a ver o pessoal que estava na rodoviária, em barracas, dormindo na chão. E eu ‘poxa, nunca tinha visto isso e tal’. A galera procurando emprego. Em toda parada de ônibus, eu me encontrava com um venezuelano, um pouco perdido sempre. (Entrevista, 18/03/2021).

Desta forma penso, assim como disse Juan e discutiu Agier (2015), que a fronteira é um espaço privilegiado para se pensar a migração. Além do que trouxemos sobre a experiência de Fernanda, Milagros e Juan, houve relatos sobre muitas sensações, assim como as experiências de trabalhar na fronteira, vendendo cigarro ou café, como no caso do marido de Milagros. Houve falas também sobre momentos de caminhada onde se construíram novas amizades. Milagros comentou conosco que morou por um ano na fronteira do lado venezuelano (Santa Elena de Uairém), onde aguardava com seus filhos a liberação para entrada no Brasil com crianças. Seu marido José, por sua vez, no momento da entrevista, estava trabalhando à distância junto com seu pai que está na fronteira oferecendo serviço de remessa e comunicação com a Venezuela. Por isso, ainda que a fronteira não seja o foco desta pesquisa, ela também surgiu nas falas dos interlocutores, me fazendo pensar sobre ela como mais do que um espaço de passagem, mas também como um local de relações, como coloca Agier (2015).

O deslocamento dos interlocutores foi feito em rede. Rede esta que tem seus nós em diversos lugares. E a fronteira é um destes lugares. Para Agier (2015), a questão das fronteiras tensiona o pensamento identitário e reintroduz a problemática da relação, a qual é central à Antropologia e à discussão sobre redes. A reflexão de Agier (2015) sobre o aumento do tempo que se passa na fronteira e todos os relatos dos interlocutores que falam sobre a fronteira, também nos fazem pensar que a trajetória dos interlocutores não é resumida ao constante movimento. Há momentos em que eles são parados ou ficam imobilizados, como na fronteira. Seja porque esperam seus documentos, porque não têm certeza do próximo local aonde irão ou porque aguardam que a fronteira seja aberta.

No estado que faz fronteira com a Venezuela, mais especificamente, em Boa Vista, Fernanda se viu obrigada a ficar parada, à espera de uma decisão sobre a vaga de sua família em um abrigo. Em campo, como já comentei, pude ouvir alguns relatos sobre incômodos em relação a algumas instituições presentes nas redes dos interlocutores. Fernanda, por exemplo, comentou sobre o tanto que tiveram que esperar por uma resposta sobre se conseguiriam ou não uma vaga em um abrigo em Boa Vista e seu desconforto decorrente disso.

Fernanda: Porque a gente já tinha passado tanta coisa né? Mas eu lembro que quando a gente tava esperando, que tava aguardando ali... Quando a gente tava aguardando, é, eu lembro que meu marido falar pra mim, é, “eu não sei, será que vai dar certo?”, eu falava pra ele “eu não sei, por que se... ele não vai dar vaga, ele deixa nós aqui esperando, aguardando, ele não fala nada pra nós”. Porque eu lembro que a gente chegou eram de dez horas da manhã, pro negócio do cadastro e isso só se faz de manhã. Entences, eu lembro que era, tipo, nove horas da manhã quando a gente chegou, e eram quase dois horas da tarde e a gente ainda tava esperando uma resposta. E eu, e nós só olhamos a eles entrar e sair. Olhavam pra nós, voltavam mirada e entrava e saía, então... Eu tava tão, tão, tão, tão chateada, eu olhava pra eles e eu falava pra meu marido “eu não compreendo, porque brincam com a necessidade do outro. Tipo assim, não vai ter vaga, fala pra nós, a gente tá esperando. então eu tô perdendo de pegar o almoço de meu filho (...). Eu não fui pegar o almoço por causa de esperar aquela vaga e ele não fala nada”. Mas eu tava tão, tão, tão, tão, tão chateada, que quando ela falou pra nós “mas eu acho uma vaga”, meu deus do céu, eu me senti tão ruim. Eu senti, ô meu deus do céu, e eu falando tão errado. (Entrevista, 04/06/2021)

Na fronteira ou em outros lugares de Roraima há relação com atores não tão presentes aqui em Pernambuco, como os militares. Fernanda comenta sobre a ajuda que recebeu de vários deles, guardando alimento pra eles enquanto trabalhavam ou, por exemplo, brincando com seus filhos. Mas sobre a vivência no abrigo, não deixa de destacar a existência de muitas regras.

Fernanda: Assim, tem muita, muita... Muita regra, tem. Porque todo tem que ter um ordem né? Não todo pode ser assim. É tipo assim, tinha uma hora pra pegar banho, donde tinha banho pra cada sessão do, das carpa, tinha... Tinha, é, hora do almoço, de café de manhã, da jantar. Tinha hora donde tu podia, é, donde você podia pegar, é, sabonete pra lavar roupa, sabón. Mas eu lembro. É, um pouquinho, é, um copinho de detergente. Um copinho de sabão de coco, um pouquinho de água sanitária pro banheiro, pra, pra limpar carpa (barraca) e tal. (Entrevista, 04/06/2021)

As experiências nos abrigos são muitas vezes permeadas pelo controle dos migrantes feito não por eles mesmos, mas por quem administra o abrigo. Controle rígido, que nos faz lembrar mais uma vez das críticas feitas à Operação Acolhida, por sua supermilitarização e por sua lógica securitária (VASCONCELOS, 2020; FELDMAN-BIANCO, 2018a; MACHADO, 2020; CUSTÓDIO, 2024). Nos parece que mais uma vez, assim como no momento da escolta de chegada ao Recife, os migrantes nos abrigos também são encarados como perigosos em potencial.

Nas políticas globais da atualidade, há uma crescente criminalização das pessoas e um aumento no controle militarizado das fronteiras e das cidades (FELDMAN-BIANCO, 2018a). A fronteira é estigmatizada como um espaço da ilegalidade e da violência quando, na verdade, estudos mostram que os níveis de violência não são diferentes neste espaço em comparação com

outros locais urbanos (FELDMAN-BIANCO, 2018a). Mesmo assim, há um aumento do controle policesco e militarizado (FELDMAN-BIANCO, 2018). A forma como o Estado brasileiro lidou com a chegada de venezuelanos não fugiu a esta regra. Segundo Feldman-Bianco (2018a), no Brasil também se exacerbou o militarismo e a securitização das fronteiras, mostrando como o Estado brasileiro continua a lidar com a migração como um problema de segurança nacional (FELDMAN-BIANCO, 2018a).

A partir da concepção da migração como um problema, as pessoas que migram são caracterizadas como aquelas que causam uma crise ou invasão (FELDMAN-BIANCO, 2018a).

Mais recentemente, diferentes segmentos da população venezuelana (...) têm chegado principalmente via Roraima. Entretanto, esses fluxos de pessoas têm sido invariavelmente categorizados como causando uma “crise” ou “invasão”, seja no caso de haitianos, ou de venezuelanos. Para além da falta de infraestrutura e de políticas de acolhimento e acompanhamento, essas categorizações também apontam para a implícita discriminação e xenofobia contra o “outro”: estrangeiras e estrangeiros racializados, vivendo em situação de precariedade. (FELDMAN-BIANCO, 2018a, p. 24)

Reflexão esta que se relaciona com a fala de Fernanda:

no momento eu tava tão cansada de andar, tão cansada de olhar pra meu filho, com aquela roupa. Tipo assim, mesmo que a gente, é, traz um pouquinho de roupa, é, ali no... Na rodoviária, era terra. O negócio lá na Pacaraima, era terra. Então menino ali se suja né, ele fica sujo. Então não tinha onde pegar banho, a gente tinha que lutar pro banho da rodoviária, porque ele tinha um negócio que de manhã, como todo mundo procurava pra pegar banho, ele fechava o água. Deixava aberto só no horário que chegava o ônibus. E a gente não tinha como ficar na rodoviária. Porque você ficava perto da rodoviária e *venia* um militar “ô, você não pode ficar aqui. não pode ficar sentado. não pode ficar perto. não pode ficar aqui”. Então tem que ficar andando, então... Não sei se você sabe, mas Boa Vista é quente. É um sol que você compra um, uma sandália hoje e amanhã já não tem. É uma coisa surpreendente, inimaginável (...) . Então era muito difícil, realmente. (Entrevista, 04/06/2021)

Assim, a precariedade na assistência dada aos migrantes é uma grande problemática que eles enfrentam ao chegarem ao Brasil. Pudemos perceber que esta precariedade está presente tanto na fronteira como em Recife, como comentamos no capítulo anterior. Há também uma forte xenofobia. A partir do momento em que entende-se o migrante como problema, legitima-se a violência contra ele. Como diz Feldman-Bianco (2018a), ao criminalizar o migrante, legitima-se a violência do Estado, sendo possível perceber uma série de violências no cotidiano destes migrantes, como proibições referentes à higiene e exigências de circulação em temperaturas super altas, como relata Fernanda. Assim, percebemos que da mesma forma que

em Recife, na fronteira as relações que compõem as redes de venezuelanos também são permeadas por conflitos.

Se estamos pensando sobre a fronteira, é inegável que também refletimos sobre a relação entre estes dois lugares em fronteira, Brasil e Venezuela, nas redes dos interlocutores, o que vamos abordar na sequência deste capítulo.

4.2 Redes transnacionais nas experiências de transmigrantes

Com base em Agier (2015), podemos pensar também que venezuelanos em Recife e Região Metropolitana constroem redes entre o local de origem e o de destino. O trabalho de José na comunicação de migrantes com a Venezuela e no envio de remessas explicita que para além da fronteira, muitos migrantes estão construindo uma rede de contatos no Brasil sem se desconectarem da Venezuela, dando elementos para pensarmos a rede também como transnacional.

Nas interações em campo, a Venezuela ganhou destaque dentre estes outros lugares onde estão os nós das redes dos interlocutores. Pensar a relação de venezuelanos que estão em Recife com a Venezuela nos leva diretamente à ideia de transmigrantes. Para isso, me refiro a Nina Glick Schiller (2000) e sua reflexão de que migrar não significa romper relações com o local de origem, mas rearticulá-las. A transnacionalidade opera justamente através das redes (GUIZARD, 2018). Dessa forma, quando pensamos sobre transnacionalidade, também estamos refletindo sobre redes.

Como afirma Bela Feldman-Bianco (2018b), a perspectiva transnacional sobre migração surge na década de 80 nos Estados Unidos e problematiza estudos anteriores que analisavam os migrantes predominantemente como desenraizados e priorizavam análises feitas com base na experiência dos migrantes no local destino. Por outro lado, a perspectiva transnacional teria estimulado estudos sobre as relações dos migrantes com os locais de origem (FELDMAN-BIANCO, 2018b). Mas, como Feldman-Bianco (2018b) também mostra, esta perspectiva se reformulou e também considerou a importância de se analisarem experiências transnacionais e seus impactos nas cidades destino.

é inegável que migrantes e outras pessoas deslocadas reconstróem seus conhecimentos e experiências e que seus deslocamentos tendem a ser centrais para os projetos transnacionais de suas famílias nas localidades que deixaram, enquanto simultaneamente se tornam parte dos lugares para onde se mudam (FELDMAN-

BIANCO, 2018b, p.209, tradução nossa)

Quando consideramos a análise sobre migrantes como transmigrantes e a importância da reflexão sobre o transnacionalismo, não negamos a relevância de se problematizar também esta categoria. Como fala Feldman-Bianco (2018b), a reflexão sobre o transnacionalismo pode incorrer no erro de não apresentar como são os cotidianos e os papéis transnacionais que migrantes desempenham também no local destino. Tanto que, nosso intuito foi apresentar tanto as relações construídas pelos interlocutores em Recife como para além desta cidade.

Segundo Guizard (2018): *“A maior parte dos pesquisadores concorda que os migrantes são transnacionais porque mantêm laços multidimensionais entre o país destino e o de origem, o que implica que as migrações tenham um impacto continuado em pelo menos dois âmbitos nacionais”* (p.140). Campos transnacionais são construídos pelos migrantes quando eles experienciam relações bi ou multinacionais. Relações estas que podem ser familiares, econômicas, sociais, organizacionais e religiosas. E, através destas relações, que envolvem diferentes lugares, são tomadas decisões (GLICK SCHILLER et al, 2005 apud GUIZARD, 2018).

Uma das decisões tomadas nestes campos transnacionais diz respeito a quem será o próximo a migrar. Como vimos, vários interlocutores, depois de migrarem, articularam a chegada de outros amigos ou familiares. Decisões estas que foram pensadas e tomadas a partir de pelos menos dois lugares, Brasil e Venezuela. No capítulo anterior, comentei sobre a influência das redes nesta migração “em sequência” mas não havia atribuído a esta experiência seu caráter transnacional. Considero que o fato de um migrante organizar a vinda de outro migrante mostra como o contato com o local de origem não se rompeu, mas se reconfigurou e como, com a migração, decisões e planos são traçados através das redes em um cenário transnacional.

Nesse sentido, conversei com um dos interlocutores, Luis, sobre a decisão de quem migra e como isso implica nas relações e compromissos com os que ficam no local de origem:

Eloah: E aí, vocês costumam enviar dinheiro pra familiares?

Luis: Sim a gente manda, tem uns primos lá que tipo, a irmã da minha mãe lá faleceu faz uns meses já. Faz uns seis meses aproximadamente que ela faleceu pela questão do Covid (...). Então ela morreu. E os meus primos, eles ficaram muito tristes, e até hoje a gente tá meio que ajudando eles, procurando trazer eles pra cá porque lá não tem mais condições não. Eles tão meio que empreendendo algum tipo de negócio e também com vendas de comida, algumas coisas assim pra se ajudar também, mas a

gente tá mandando pra eles. Também tem o avô, o pai da minha mãe que está morando lá na Venezuela. Ele, a gente não pode trazer pra cá por ser uma pessoa *mayor*, né? Ele tem um pouco de anos, fica muito difícil, entendeu? Pra pagar a passagem, a gente não sabe se ele possa resistir o caminho até chegar até aqui, entendeu? É muito difícil mesmo. Então a gente tem que mandar dinheiro pelo menos cem reais, cinquenta reais pra ajudar ele, né, pra que ele possa se manter também, né, e comprar alimentos, comida, entendeu? (Entrevista, 25/04/2021)

Como comentou Luis, com sua família estando em diferentes lugares, pensou-se sobre quem iria migrar e quem iria permanecer na Venezuela. Seus primos, no momento da entrevista, ainda não haviam migrado, mas isto já estava sendo organizado. Além disso, Luis explicitou como, entre as redes que articulava, circulavam não só informações e decisões sobre quem migraria, como também questões de dinheiro, as conhecidas remessas.

Outros interlocutores também comentaram sobre o envio de remessas para pessoas que ficaram na Venezuela. Paola mencionou que enviava dinheiro para seus pais na Venezuela. Ela até gostaria que eles viessem, mas eles não queriam. Milagros também comentou sobre as remessas para sua mãe. E Elizabeth disse sobre o dinheiro que mandava para suas tias e também para amigas. Consideramos que enviar remessas para a Venezuela é uma das formas como os interlocutores mantêm relações com o país de origem e constroem suas experiências como transmigrantes. Em redes transnacionais, o dinheiro é uma das coisas que circula.

O envio de dinheiro no sentido contrário, da Venezuela para o Brasil, apareceu muito pouco em campo. Nancy e Ramón foram os únicos que fizeram comentários nesse sentido. Nancy comentou sobre ter recebido dinheiro de sua família para auxiliar nos custos do seu trajeto de Porto Alegre para Recife com suas filhas. E Ramón também comentou que já recebeu dinheiro de seus pais:

Eloah: Você tem a necessidade de enviar algum tipo de apoio financeiro pra sua família, alguma ajuda financeira, remessa... Isso chega a acontecer?

Ramón: Não, eu não... Graças a Deus nunca tive, nunca... Pelo contrário né? Eles às vezes me ajudam pra cá, para sobreviver um pouco (Entrevista, 25/03/2021).

O fato de não ter tido que enviar dinheiro para sua família mas, pelo contrário, ter recebido, fez Ramón diferenciar sua experiência de outras, chegando a, como já comentamos, classificá-la como “*fresca*” porque “*tive tudo muito, muito fácil né? Não tive que enviar dinheiro pra minha família*” (Entrevista, 25/03/2021). Estes casos de não enviar mas sim receber dinheiro de familiares realmente não se apresentaram como a situação mais comum entre os interlocutores. Há outros contextos onde isso é o que mais ocorre, como comenta

Torresan (2006) ao estudar brasileiros em Portugal. Esta pesquisadora relata que ela pouco observou o envio de remessas para o Brasil (país de origem), sendo mais comum o migrante receber dinheiro de sua família, principalmente no momento de chegada ou em função de alguma dificuldade. Já no nosso campo, esta situação se apresentou como uma exceção. Entre os venezuelanos que observamos, o mais comum foi que se enviassem remessas à Venezuela e que não se recebesse dinheiro no sentido contrário.

Sobre o envio de remessas para a Venezuela, diferentes estratégias foram comentadas em campo. Nancy disse que usava um aplicativo específico porque por ele seria possível mandar pouco dinheiro, enquanto que algumas pessoas que fazem esse serviço só aceitariam realizar o envio a partir de um valor mínimo. Segundo Juan, em todo grupo tem alguém que faz esse trabalho de remessa. Ele mandava dinheiro para sua esposa e filhos enquanto eles ainda estavam na Venezuela. Juan também comentou que ele mesmo teria aprendido a fazer remessas. Não só ele falou sobre estar operando este serviço, como José, marido de Milagros, também explicitou que estava trabalhando com envios de dinheiro junto a seu pai.

Elizabeth também comentou sobre os diferentes meios para fazer estes envios e disse que não foi sempre que soube como fazê-los.

Elizabeth: Eu tenho umas pessoas que fazem esse trabalho, que têm contato com algumas pessoas que fazem isso pelo WhatsApp também. E tenho também uma, que eu acho que é mais institucionalizado, (...) que é uma casa de câmbio. (...) Eu não sabia de nada, de como enviar. Queria enviar dinheiro pra Venezuela e não sabia como. Aí perguntei pra uns amigos, alguma pessoa que trabalhava no consulado, e fui descobrindo esses caminhos. E na verdade, eu tenho... Acho que um ano e meio talvez, um ano que eu sei como se faz isso, que eu não sabia. E acho que é muito importante Eloah, porque assim, a gente começa a entender a história de um país, a história da América Latina, e a gente vê que no Equador aconteceu assim, que na Bolívia aconteceu assim. Muitas pessoas, países pequenos. Lembra que nosso país tem a população que tem em São Paulo, tem quarenta milhões de habitantes (...). Então, como é que voltou Equador a ter uma fluência de dinheiro depois das crises? Foi com os familiares que estavam fora. Como é que surgiu a Espanha depois da guerra civil espanhola, as regiões do Norte? Foram os espanhóis que foram mandando dinheiro pra Espanha. Então assim, nesse momento nosso país não tem uma economia forte. Assim, a gente já vinha vendo que ia perder a moeda. Hoje, acho que a nossa moeda já não existe, não tem valor comercial né? Nossa moeda... Circula na Venezuela o dólar, né? (...). Então o fato de a gente poder ajudar de fora eu acho que é cada vez mais importante. (Entrevista, 09/04/2021)

Além de falar sobre como enviar remessas, Elizabeth destaca a importância deste dinheiro para o local que o recebe, no caso, a Venezuela. A sua consideração condiz com o que argumenta Guizard (2018) sobre os impactos diretos que os recursos enviados pelas remessas

geram na localidade de origem. Isto também exemplifica o que afirmou Guizard (2018) sobre o impacto das redes transnacionais dos migrantes em pelo menos dois âmbitos nacionais. Como diz Elizabeth, enviar remessas seria uma forma de contribuir com a economia da Venezuela. Além disso, considero que quando os interlocutores enviam dinheiro para a Venezuela, viabilizam que os que estão lá, fiquem lá.

Segundo Carmen *“As pessoas idosas ficam e os filhos vão simhora”* (Entrevista, 24/04/2021). Já Luis comentou sobre seu avô que permaneceu na Venezuela através dos recursos que ele e sua família enviavam. E Elizabeth comentou que enviava recursos para amigas que cuidavam de suas mães idosas: *“Eu tenho amigas que realmente... Ou porque estão cuidando de mãe que está convalescente em casa, é, que eu tenho apoiado constantemente.”* (Entrevista, 09/04/2021). Então comecei a pensar sobre a influência das redes na permanência de pessoas na Venezuela.

Nos capítulos anteriores, comentamos que as redes dos interlocutores influenciavam na migração de novos migrantes. Nesse sentido, já disse que a rede movimenta, gera migrações. Mas estes relatos sobre as remessas, me fizeram refletir sobre a forma como as redes também permitem que algumas pessoas se mantenham na Venezuela e não migrem. Assim, analisando as redes dos interlocutores a partir de uma perspectiva transnacional, podemos associar a elas experiências tanto de saída como também de permanência na Venezuela. Desde Recife, portanto, também é possível saber e debater sobre as possibilidades de permanência daqueles que ficaram na Venezuela. Em campo, nos foi comentado sobre aqueles que permanecem na Venezuela em contato e em rede com os que migraram para outros lugares, como Recife.

Falar sobre permanência na Venezuela também nos remete à ideia de imobilidade e nos faz refletir que a possibilidade de movimento não é a mesma para tudo e para todos. Como comenta Feldman-Bianco (2018b) nem tudo circula fácil neste mundo que se diz globalizado.

ao mesmo tempo em que movimentos de capital, sinais e comunicação virtual parecem dissolver fronteiras, certos fluxos de pessoas, produtos e lugares têm sido foco de políticas restritivas e controle seletivo. ((FELDMAN-BIANCO, 2018b, p.204, tradução nossa).

Dessa forma, segundo a autora, a compreensão sobre migração e deslocamentos precisa se ampliar para compreender variadas formas de mobilidade, “incluindo restrições e limitações às mobilidades” (FELDMAN-BIANCO, 2018b, p.211, tradução nossa).

Ao pensarmos, por exemplo, sobre a experiência das remessas, é inegável perceber que o dinheiro circula de uma forma diferente de como circulam as pessoas. Enquanto a remessa chega ao avô de Luis, ele fica na Venezuela a partir do medo que há sobre as eventuais consequências de sua migração ao Brasil para acompanhar sua família.

Dessa forma, interlocutores também referiram-se ao termo rede em campo para mencionarem atividades que organizam em parceria com pessoas que ficaram na Venezuela dadas as restrições e limitações às mobilidades, como sugere Feldman Bianco (2018b). Na sua grande maioria, estas pessoas mencionadas foram familiares ou amigos. Mas, Juan e Santiago também comentaram sobre a articulação, desde aqui, para realização de projetos sociais na Venezuela. Quando perguntei a Juan sobre seu contato com pessoas fora do Brasil, ele disse:

A gente se comunica, a gente pensa inclusive até em projetos, coisas, como minha rede na Venezuela. Tenho uma rede na Venezuela de parceiros e que estamos tentando formar, na realidade, nós estamos tentando apoiar desde aqui a uma ONG que faz trabalho social lá e estamos apoiando desde aqui esta possibilidade lá na Venezuela também. Então minha rede é grande (Entrevista, 18/03/2021).

Assim, fica explícito como esta relação com a Venezuela é vista por ele como parte de sua rede. Sendo esta rede transnacional, ela o conecta a diferentes lugares e países. Relembrando o sentido que atribuiu Nancy à rede, como algo que sustenta, aguenta, mantém, podemos pensar que os nós sustentados e mantidos pelas redes dos interlocutores podem estar em diferentes países. Dessa forma, as redes dos interlocutores dizem respeito a experiências transnacionais e, portanto, para além de Recife, ainda que esta cidade e seu entorno tenham sido nosso maior foco.

Outro ponto importante a considerarmos é que as redes também estendem-se por diferentes locais porque alguns se movem mas outros não podem fazê-lo por limites e restrições a sua mobilidade. Dessa forma, a transnacionalidade e o contato entre diferentes lugares também há porque não só uns foram, como uns ficaram. Dessa forma, falar sobre a transnacionalidade, nos remete à mobilidade mas também à imobilidade.

4.3 Internet e redes sociais nas redes dos migrantes

Muitas vezes as relações dos interlocutores com pessoas em diferentes países se mantiveram através do contato pela internet, com uso de aplicativos, como Whatsapp e

Instagram. Em fala anteriormente citada, Elizabeth, por exemplo, comentou sobre o uso do Whatsapp para o envio de remessas. Estes aplicativos apareceram em campo como exemplos de como os interlocutores fazem para se manterem conectados com o local de origem. O contato com este local e com as pessoas que lá estão não é mais cotidiano e presencial. Como diz Glick Schiller (2000), as relações com o local de origem não acabam, mas se remodelam. E nesse caso, os aplicativos aqui mencionados ganham grande espaço nesta nova forma de se ter contato com a Venezuela. Num contexto de aumento do controle e da criminalização dos movimentos das pessoas, a comunicação virtual circula muito mais do que as pessoas (FELDMAN-BIANCO, 2018b). Neste cenário, há casos inclusive de familiares que nunca se conheceram pessoalmente, mas “*se conhecem pela tela*” como comenta Nancy (Entrevista, 06/04/2021):

Eu tô olhando a possibilidade de minha mãe vir nos visitar, né? Porque pelo menos, ela não conhece Carolina. Minha família não conhece Carolina porque Carolina nasceu aqui. Nasceu em Porto Alegre, aqui em Brasil, e eu não consegui forma de voltar, né, de visitar. *Bueno*, tudo é por *la* tela, eles se conhecem pela tela. (Entrevista, 06/04/2021)

Outros estudos também apontam que, nas relações entre o país de origem e o país destino, os meios de comunicação podem ter um papel importante. Em pesquisa realizada em Pernambuco com outros migrantes venezuelanos, estes meios apareceram como fundamentais para se ter informações sobre a Venezuela (LUCENA et al, 2021). A partir das experiências de imigrantes brasileiras na Venezuela, Iana Vasconcelos (2013) também destacou a importância dos meios de comunicação para que as mulheres acompanhassem as atividades de cuidado realizadas por outras mulheres no país de origem para com seus filhos que lá ficaram. Strathern (2017b) também evidenciou a importância de dispositivos eletrônicos no contato entre parentes distantes.

Pude perceber a importância dos meios de comunicação no contato com o país de origem em minha pesquisa de mestrado também, quando estudei as experiências de mulheres bolivianas em São Paulo (VIEIRA, 2019). Neste campo, me era relatada a importância de meios como telefones públicos, cartas, celulares e aplicativos de celular para a comunicação com pessoas que ficaram na Bolívia. Agora, nesta pesquisa de doutorado, os aplicativos de Whatsapp e Instagram, também chamados de redes sociais, foram os meios comentados.

Assim, nas redes dos interlocutores, relações foram mantidas e construídas também através da internet e suas ferramentas. Os interlocutores mencionaram a internet como estratégia para se comunicar tanto com quem está na mesma cidade como com quem está em

uma cidade ou país diferente. Em todos estes casos, houve a referência a estes aplicativos (Whatsapp e Instagram) como “redes sociais”. Foi esta uma outra forma como o termo rede apareceu em campo. Para não confundirmos este uso de rede com outros usos que já debatemos aqui, me refiro a estes aplicativos como “*redes sociais virtuais*”, como comenta Alex Vailati (2023). E por estas redes sociais virtuais, relações são mantidas com o país de origem, assim como relações são construídas, como no caso das relações com a filha de Nancy. Pelas redes sociais virtuais, também são experienciadas relações entre pessoas que estão todas aqui em Recife, como comentamos no capítulo anterior sobre grupos de WhatsApp e páginas de Instagram que conectam venezuelanos que aqui estão.

A internet, através das redes sociais virtuais, apareceu em campo como um elemento fundamental para pensarmos as redes de relações dos interlocutores. Redes de relações estas que envolveram pessoas não apenas em Recife como em outros lugares, com destaque para a Venezuela. Ao falar com os interlocutores sobre a internet e seus usos, pude saber sobre a circulação de informações, conversas, dinheiro e pessoas entre os dois países. E dessa forma, percebi como os laços com a Venezuela foram reconfigurados também através da internet e suas redes sociais virtuais, bem como outras relações foram tecidas nas redes dos interlocutores que fazem uso destes meios virtuais.

As rotinas diárias dos migrantes estão mediadas pelas redes sociais virtuais. Esta realidade não é exclusiva dos venezuelanos em Recife. Patricia Soto (2018) faz várias reflexões neste sentido ao considerar as experiências de venezuelanos no Uruguai. Segundo a autora, a partir do uso das redes sociais virtuais, podemos nos perguntar se muda a relação do migrante com o país de origem. Esta antropóloga afirma que, com as redes sociais virtuais, o migrante pode ter uma “comunicação imediata e instantânea com o local de origem e com outras pessoas no destino” (SOTO, 2018, p.52, tradução nossa). Ao mesmo tempo, a autora também reforça que não devemos deixar de considerar que o acesso a estas redes não necessariamente é um acesso democrático. Em campo, os interlocutores tanto comentavam que faziam bastante uso da internet e suas redes sociais virtuais, como outras vezes comentaram sobre a dificuldade de acesso a internet na Venezuela. Sobre isso, destaco um trecho da conversa com Fernanda:

Entrevistadora: A família de vocês, vocês mantém contato ainda?

Fernanda: É um pouquinho complicado por causa do sistema de lá né, porque a lá o governo tem pegado em tudo, internet é muito ruim. É, pra você ter internet lá tem que ter internet de fora, tem que pagar em dólar e tal. Então é complicado. Tipo assim, eu falo com minha mãe muito pouco, eu falo com minha mãe uma vez cada quinze dias,

vinete dias. Que ela consegue ir pra um negocinho do trabalho, que é do governo, então ele... Como é do governo, ele tem que ter internet, então ela fala pelo Facebook né, pelo Messenger e tal, ela fala comigo. Mas é complicado mesmo. (Entrevista, 04/06/2021).

Consequentemente, ainda que reconheçamos que as redes sociais virtuais modificam a possibilidade de contato dos interlocutores e seu acesso a parentes e demais pessoas tanto no país de origem como no local destino, percebemos que não necessariamente este contato via internet deixa de ter barreiras ou tem a mesma possibilidade de acesso para todos.

4.4 Refúgio e visitas à Venezuela

Como já dissemos, as relações com a Venezuela, ainda que tenham se reconfigurado, não se desfizeram após a migração dos interlocutores. Assim, redes transnacionais foram sendo traçadas. A existência da relação com a Venezuela é perceptível quando relatamos sobre as remessas, as conversas e o contato com pessoas neste país. Ademais, também repensei sobre a relação dos interlocutores com a Venezuela quando alguns me explicitaram que não desejavam seguir com a solicitação do refúgio. Isto porque enquanto refugiado, uma eventual ida deles à Venezuela e a consequente saída do Brasil só ocorreria mediante autorização do governo brasileiro. E, assim, uma visita ao país de origem seria mais burocratizada.

Sobre a decisão de não dar prosseguimento ao processo de refúgio, Luis teceu os seguintes comentários:

Luis: A gente quando entrou em Pacaraima, a gente já tava como turista, como se fosse turista, a gente vai de visita, sabe?

Eloah: Ah, tá.

Luis: Porque eram duas seções. A gente entrava como turista ou como refugiado. Só que refugiado não tinha possibilidade de voltar pra Venezuela (Entrevista, 25/04/2021).

Luis e sua família, depois de três meses no Brasil, deram entrada no processo de residência. A respeito da decisão de optar pela residência e não pelo refúgio, Juan, assim como Luis, comentou, em uma de nossas interações em campo, que preferiu não escolher o refúgio para poder manter a possibilidade de voltar ao seu país. No caso de Juan, esta volta à Venezuela chegou a acontecer bem cedo. Enquanto aguardava que seus documentos ficassem prontos em Roraima, ele retornou por um período ao país de origem.

Como argumentam Leite e Castro (2021) os migrantes também agem de forma estratégica ao optarem pela solicitação de refúgio ou residência, existindo situações em que a solicitação de refúgio acaba não sendo a opção de alguns migrantes que têm o desejo de ir à Venezuela com certa frequência. Tanto Juan como Luis, ao migrarem, também estavam refletindo sobre suas estratégias para manterem seus laços com a Venezuela. Estas experiências vão compondo as vivências dos interlocutores como transmigrantes, reelaborando as suas relações com a Venezuela em redes transnacionais.

O vínculo com o país de origem ficou explícito quando alguns interlocutores comentaram sobre suas escolhas entre refúgio ou residência, assim como quando falaram sobre suas visitas à Venezuela. Em campo, o que pudemos observar é que, ainda que a visita seja um desejo bastante comum, ela não é algo simples. Aqueles que migraram há mais tempo comentaram que já foi mais fácil visitar a Venezuela em comparação com os dias atuais.

Por vezes, visitar a Venezuela ou receber visitas vindas de lá apareceu em campo como uma das formas através das quais rearticula-se e mantém-se a relação com o país de origem. Elizabeth me fez refletir sobre os afetos e sobre a possibilidade de vivenciá-los visitando a Venezuela. Segundo ela, a situação atual é diferente de anos atrás quando era mais fácil realizar visitas:

Já fui pra Venezuela, mas era período curto, no máximo de um mês, que coincidia com as férias da gente. Mas agora não é mais possível. Você vê, já tem uns sete anos que não vou pra Venezuela, porque as passagens são super caras, não tem quase vôos pra Venezuela. Por tudo isso, da situação também da Venezuela né? (...) Eu acho que essa oportunidade de poder voltar é muito diferente. Por exemplo, é, voltar pra ver seus queridos que estão velhinhos. Isso para mim é fundamental. Meus tios estão com setenta, oitenta anos. E meu sonho é voltar pra Venezuela pra poder abraçar eles. Eu não sei se vou ver eles novamente, né?(...) Então assim, eu acho que... Eu hoje, os afetos né? Ver a família é o que, o que tá mais presente, porque você não tem essa facilidade de ir e vir, né? (...) E aí você pensa duas vezes: eu vou sozinha pra ver meus velhinhos ou eu vou levar meus filhos pra ver meus, os tios-avós, né? Eu vou, não sei. (Entrevista, 09/04/2021)

Como explicitado por Elizabeth, o desejo de visitar a Venezuela está presente. E, mais do que isso, esta visita seria “*fundamental*” (Entrevista, 09/04/2021). Ela já teve a oportunidade de fazer esta visita mas atualmente está mais difícil. A oportunidade de ir para a Venezuela dita por Elizabeth em referência a uma realidade de anos atrás é uma experiência diferente da vivida por Paola e sua família. Ela, que emigrou em 2015, nunca mais voltou para a Venezuela. Segundo ela, sua mãe fica preocupada sobre possíveis impactos emocionais em Paola se ela for à Venezuela e vir a atual situação em que o país se encontra. Elizabeth também comentou sobre as

ponderações referentes a uma eventual visita futura à Venezuela. Ela pensa se levaria ou não seus filhos. Dessa forma, pelas redes transnacionais, decide-se não só quem migra, mas também sobre as visitas ao país de origem.

Com estes relatos, comecei a pensar em como existem diferentes experiências de migração e diferentes possibilidades de manter relações com a Venezuela nas trajetórias transmigrantes. Ao estudar as migrações considerando os Estados-Nação, Feldman-Bianco (2018b) diz que precisamos localizá-los em uma economia política global. Feldman-Bianco (2018b) identifica que mundialmente há simultaneamente a retórica dos direitos humanos e do humanitarismo, e o crescimento de governanças em níveis globais e locais baseados na securitização. Contexto este em que o controle de circulação se apresenta como uma prioridade das agências e governos (FELDMAN-BIANCO, 2018a). Segundo Feldman-Bianco (2018b), é justamente a partir de sua análise sobre processos sociais de crescente securitização, exploração e desapropriação, que ela percebeu a necessidade de adotarmos uma perspectiva global que analise a variabilidade dos movimentos e a imobilidade, além da mobilidade. Pensar sobre as relações dos interlocutores com a Venezuela mostra-nos que nem todos têm ou que nem sempre tiveram a mesma possibilidade de se movimentar. Como afirmado no capítulo 03, para analisar as migrações, dimensões macro-estruturais também devem ser consideradas para que não pareça que a decisão de migrar ou visitar é meramente individual.

As dificuldades enfrentadas pela Venezuela e a consequente saída de muitas pessoas do país também fizeram Ramón refletir sobre a possibilidade de voltar a reunir toda a sua família. Ainda que ele já tenha tanto visitado a Venezuela e também recebido visitas, ele diz que:

É complicado (...). Uma das coisas mais fortes dessa crise que está na Venezuela é a reunificação familiar. Impossível você reunificar toda a família de novo (...). Assim, seja por um, por um dia. (...) coincidir é... Eu acho que vai ser nunca mais né, porque... (...) Todo mundo tem sua própria vida, outro país e... E depois, todo mundo tem suas coisas né? E estabelecer um lugar, um dia para se encontrar, se seja pra, sei lá, Natal, que é a festa mais importante na Venezuela, é praticamente impossível (...). Complicado né, então... Assim, eu acho que a família do meu avô materno... (...) Toda a família assim, passar um Natal, a gente tem mais de, provavelmente, vinte anos. (...). Então já fica impossível, praticamente impossível (Entrevista, 25/03/2021).

A partir desta fala de Ramón, considero ser importante destacar que quando afirmo que as relações com o país de origem se mantêm, não quero dizer que elas se mantêm de forma simples e que a visita ao país de origem ocorre com constância e facilidade. Percebemos que esta conexão se expressa pela visita, mas também está para além dela. Como diria Glick Schiller (2000), a relação com o país de origem se reconfigura com a migração.

Questões políticas e sanitárias nacionais e transnacionais influenciaram nas formas como a experiência transmigrante se construiu para os interlocutores. A situação política da Venezuela foi comentada por mais de um entrevistado como algo que influencia nas suas decisões e possibilidades de visitar a Venezuela. Além disso, a pandemia também foi o contexto desta pesquisa e surgiu em campo como algo que também impactou as visitas à Venezuela. Como comenta Santiago, a pandemia influenciou sua impossibilidade de visitar a Venezuela devido às fronteiras estarem fechadas e à alta nos preços das passagens.

Eloah: E pra Venezuela, tu já chegasse a visitar?

Santiago: Não, não voltei. (...) Venezuela não tenho ido, quando pensei em ir (...) aí fecharam a fronteira. Depois não fecharam a fronteira, mas tinha problemas a gasolina, aí... (...). Aí então, assim, como que em algum momento o cenário para viajar se complicou. As passagens aéreas são caras. Agora por terra é impossível, então eu tô pensando... Assim, eu, se fosse por mim eu viajaria. Tô louco pra ir lá, pra dar um abraço em toda a galera, saber como está a coisa, entender as mudanças do processo político e social venezuelanos e poxa, é minha, minha gente. Com essa galera com quem militava como estão, a galera do... As rádios comunitárias, a galera... Assim, me encantaria ter o curso de um monte de coisas. Mas agora não... Assim, agora tá muito complicado para ir, então tô dando uma pausa. (06/04/2021)

Diante da pandemia e da impossibilidade de encontros presenciais, Santiago destacou o crescimento de contatos virtuais.

Eloah: Mas tu também mantém contato com pessoas, não sei se familiares, na Venezuela?

Santiago: Mantenho, mantenho. *Non* tanto... Ah, *bueno*, como te falei, é, mantenho. Particularmente com galera que trabalhava(...). É, *bueno*, assim, com esses dois professores com que... Bueno, as coisas boas da pandemia né, agora todo mundo quer fazer videoligação, todo mundo acha de boa, tudo... Então assim, como que a partir do negócio da pandemia a gente tem retomado um pouco de contato. Tamo, sei lá, duas semanas, como uma vez cada mês e meio a gente termina tendo alguma, alguma conversa, é... Tá outro grande amigo com que eu trabalhei que foi uma parte mais ou menos da mesma **rede** e *tenemos* um projeto em conjunto aí, que é mais... Bueno, era... Ele é professor de sociologia quando eu tava lá, enfim, um amigo também no meio acadêmico, que como mantenho bastante contato, é... Minhas amizades mais, assim, tenho duas... É curioso, porque por exemplo, dois amigos com quem eu morava, que são grandes amigos. (...) Ismael, tá, tá na Venezuela, mas a situação tá complicada lá, mas a gente tem retomado um pouquinho o contato, aí... (...) Juntei pouca grana, mas sei lá, duzentos reais e mandei para lá porque poxa, tá fazendo um monte de coisa super massa (...). E como que a partir da isso a gente tem retomado um pouco o contato com ele, com a companheira, mas honestamente... assim, galera, eles... Assim, na Venezuela toda essa galera é minha galera, é o mundo emocional... Assim, é o mundo central emocional, mas não é a galera com quem eu falo todos os dias. Talvez da Venezuela terá três, quatro pessoas com quem eu falo, assim, falo

cotidianamente. E o resto da galera, a galera com quem me lembro de me reconectar, mas também que eu sei que quando eu volto à Venezuela, assim, meus amigados vão estar aí, são meus... A galera que eu conto na Venezuela e que... Assim, eu volte a trabalhar na Venezuela ou não, eu vou estar sempre... Digamos, se Deus permite, se a gente consegue algum tipo de emprego nessa academia louca, é, vou tá sempre tentando viajar pra Venezuela. Assim, meu projeto... Assim, me toca de morar em qualquer outro lado do mundo, pero poder viajar. Não sei, a cada um ano, dois anos cada, seria como que meu ritmo ideal, então... Mas é galera com quem não tenho contato tão... Assim, um contato frequente, mas não, sem eles, mas... (...) E de resto sim, assim, tenho contato com galera na Venezuela, mas realmente não é, não é a galera que tô todo tempo me messageando pelo WhatsApp (Entrevista, 06/04/2021, grifo nosso).

Como diz Santiago, ele mantém contato com algumas pessoas de sua “rede” através da internet, por redes sociais virtuais. Entre ele e estas pessoas circulam valores e conversas. Ainda que ele não fale todos os dias com algumas pessoas da Venezuela, ele destaca que elas são de extrema importância para ele, tanto que, em seus planos, projeta poder sempre visitá-las. A frequência do contato não parece interferir na manutenção da centralidade destas pessoas em sua vida. Elas são parte de sua rede que, enquanto transmigrante, tem caráter transnacional. Dessa forma, o contato com estas pessoas se reformulou no tempo e se reconfigurou com a migração e em contextos específicos, como a pandemia. Na experiência transmigrante, diante das dificuldades pelo contexto político e/ou sanitário, as redes sociais virtuais ganharam destaque nesta reconfiguração das redes dos interlocutores. Destaque este feito não só por Santiago como por outros interlocutores como já comentei anteriormente sobre outras falas. Este foi o caso de Nancy e sua fala sobre o contato de sua filha com os familiares que ainda não a conhecem pessoalmente, mas mantêm contato pela tela diante da impossibilidade da visita. Dessa forma, é impossível que deixemos de perceber que a mobilidade das mensagens pelas redes sociais virtuais é completamente diferente da mobilidade dos interlocutores. Ainda assim, não podemos deixar de considerar que o acesso a internet não necessariamente é simples e fácil para todos, como comentamos anteriormente.

Ao falar sobre as redes sociais virtuais, concordamos com Angela Facundo Navia (2014) sobre estas serem estratégias para a manutenção do contato com amigos e parentes, entregando imagens que comunicam sobre as mudanças ocorridas na distância do país de origem. Mais do que isso, a autora retoma Sayad (1991, apud FACUNDO NAVIA, 2014) para dizer que o uso das redes sociais virtuais seria uma forma de *“trabalhar a ausência que existe porque sua presença está nesse outro país”* (FACUNDO NAVIA, 2014, p.267). Assim, relações são reelaboradas e, na ausência da presença cotidiana ou na dificuldade da visita, as redes sociais virtuais ganham

destaque para a manutenção das redes transnacionais dos interlocutores.

Por isso, reforçamos que uma análise transnacional não deve incorrer no erro de considerar que há uma completa facilidade de movimento e contato. Ao estudar as categorias de uma antropologia transnacional, Hannerz (1997) também reflete que pensar sobre o transnacionalismo e consequentemente no contato cultural não deve apagar a reflexão sobre assimetrias. Ao analisar “fluxo” como uma das categorias utilizadas pelo que ele chama de antropologia transnacional, Hannerz (1997) pontua que:

como já afirmei em outro lugar, quando se brinca intelectualmente com uma metáfora, é importante saber onde parar. Se para certos fins parece válido pensar a cultura como fluxo, (...) alguns analistas alegaram que a metáfora faz com que os processos culturais pareçam fáceis demais, tranquilos demais. Certamente não se deve interpretá-la como uma questão de simples transposição, simples transmissão de formas tangíveis carregadas de significados intrínsecos. Ela deve ser vista como originando uma série infinita de deslocamentos no tempo, às vezes alterando também o espaço, entre formas externas acessíveis aos sentidos, interpretações e, então, formas externas novamente; uma sequência ininterrupta carregada de incertezas, que dá margem a erros de compreensão e perdas, tanto quanto a inovações. O que a metáfora do fluxo nos propõe é a tarefa de problematizar a cultura em termos processuais, não a permissão para desproblematizá-la, abstraindo suas complicações (HANNERZ, 1997, p.14-15).

Ao falarmos que há contato entre Brasil e Venezuela, ou ao apontarmos para fluxos nestes e entre estes dois locais não consideramos que isto acontece tranquilamente ou sem obstáculos. Como vimos, nem todos podem se mover entre Brasil e Venezuela da mesma forma. Há diferenças entre a forma como as pessoas são autorizadas a circular, em relação a como as comunicações ocorrem em meios virtuais ou como remessas são enviadas. Além disso há desigualdades no acesso à internet. O que pudemos perceber ao expandir nossa reflexão para pensar as redes dos interlocutores em Recife, e para além desta cidade, é que falar em migrações também nos leva à reflexão sobre restrições à mobilidade. Quem ficou na Venezuela? Quem teve de permanecer por um tempo na fronteira? Como são estas relações? Tanto em Recife como em outros espaços, como a fronteira, pudemos perceber que a precariedade no acolhimento apresenta-se como um fator importante nas redes dos interlocutores, sendo que estas apresentam-se repletas de conflitos, mas também de solidariedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta tese, tive como objetivo analisar as redes articuladas por migrantes venezuelanos residentes na cidade de Recife e Região Metropolitana, pensando sobre como estas redes influenciaram não só na chegada deles como na sua permanência aqui.

Para refletir sobre estas questões, realizei trabalho de campo entre 2019 e 2022 em Recife e região. Neste campo, foi possível conhecer muitas pessoas que migraram da Venezuela para cá. Dentre estas, dialoguei mais intensamente com 11 pessoas. Por isso, foram elas as principais interlocutoras desta pesquisa. Com elas foi possível conversar e aprender sobre experiências diversas, que se aproximaram mas também se diferenciaram entre si. A partir destes diálogos, construí esta pesquisa. Neste processo, surgiram vários desafios. Um primeiro desafio foi desenvolver a pesquisa na cidade onde cresci e moro, Recife. Foi diferente perceber como relações pessoais por vezes se misturaram bastante com o desenvolvimento do campo e da pesquisa como um todo.

Mas, no que se refere ao campo, gostaria de destacar o maior desafio: a pandemia do coronavírus. Quando foi deflagrada a pandemia, eu me perguntava: como fazer pesquisa a partir do isolamento? Para isso, recorri à internet e a recursos digitais que me permitiram continuar o campo e coletar uma série de informações.

Ao longo do campo, já fui percebendo algumas relações entre os dados e o que eu já havia lido. Mesmo assim, obviamente a partir da análise dos dados, novas leituras e enquadramentos foram necessários para a escrita desta tese.

Ao analisar a migração venezuelana, senti a necessidade de dar um passo atrás e refletir sobre a migração internacional para Recife e Pernambuco de uma forma mais ampla. Esta foi uma maneira de analisar a migração venezuelana em perspectiva, diferenciando-a de outras experiências migratórias na cidade e no estado. A primeira reflexão consequente desta análise foi perceber que a migração internacional não é uma novidade para a cidade, mas talvez haja especificidades na forma como a migração venezuelana mais recente vem acontecendo. Com isso, afirmo que migrantes venezuelanos não começaram a chegar em Recife e Pernambuco em 2016, 2017 ou 2018. Já havia migrantes venezuelanos e de outras nacionalidades na cidade antes disso. Mas, a presença de instituições atuando junto a migrantes não era algo tão destacado nestas outras migrações. Experiências de outros migrantes em Recife e Pernambuco, como italianos, palestinos e senegaleses foram caracterizadas como independentes e desassistidas (ALBUQUERQUE, 2017; ANDRADE, 1992; HAZIN, 2016 ; KUROWICKA, 2020). Por outro

lado, chegamos a ouvir em campo que a migração venezuelana recente seria uma migração institucionalizada (Diário de Campo, 12/03/2020). A Operação Acolhida ganhou bastante destaque na atuação junto a venezuelanos no Brasil. E junto a esta operação, foi possível observar não só a forma como o Estado brasileiro se mostrou presente e ausente, mas como instituições da sociedade civil organizada também atuaram junto a imigrantes venezuelanos.

Entretanto, como já pude afirmar em outro momento desta tese, a existência de ações institucionais, governamentais ou não, não significou a inexistência de negligências, tensões ou violências contra migrantes venezuelanos. Assim, ao confrontar os dados coletados com os debates teóricos que nortearam a pesquisa, também pudemos pensar as dinâmicas, disputas e tensões das redes acessadas pelos venezuelanos em Recife e Região Metropolitana.

Debater sobre rede a partir das experiências dos interlocutores foi uma forma de compreender como dinâmicas micro se relacionavam com instâncias macro estruturais. Pudemos, como sugere Bela Feldman Bianco (2018a8), relacionar dimensões do cotidiano com instâncias nacionais, internacionais e geopolíticas. No que se refere ao cotidiano e à forma como os interlocutores dialogavam sobre suas experiências, rede foi um termo recorrente. Assim, para além de rede ser um recurso teórico e analítico, esta palavra se apresentou em campo como um termo muito usado pelos próprios interlocutores. Por isso, dediquei parte desta tese a entender como migrantes venezuelanos usavam e definiam esta palavra. Dessa forma, não só apresentei a ideia de rede a partir de autores como John Barnes (2010), Clyde Mitchell (2010), Ulf Hannerz (2015) e Gláucia Assis (2004), como quis compreender rede em contexto, como sugere Marilyn Strathern (2017c), a partir da forma como os interlocutores utilizavam e significavam esta palavra.

A partir dos usos dados à palavra rede pelos interlocutores, pude perceber que eles se referiam a rede para falar em conexão, ajuda, suporte, manutenção, assistência, retroalimentação. Ao observar como os interlocutores não só significavam suas redes, mas as vivenciavam, pude ver como suas redes influenciaram suas migrações desde o início. Digo isto porque, como afirmei no terceiro capítulo, as redes geraram uma série de migrações. Mais de um interlocutor comentou sobre como acessou sua rede para migrar ou para organizar a migração de parentes e amigos. Por isso, considero que uma das ideias mencionadas por Nancy para explicar rede como sendo aquela estrutura que sustenta, poderia ser aplicada para compreender o processo migratório. Ao observar que pelas suas redes os migrantes organizavam suas vindas e as de outros, considero que a rede sustenta a própria migração.

Além de influenciar a vinda dos migrantes, a rede apareceu como um fator que influenciava definitivamente a permanência dos migrantes aqui. Isto porque ela definitivamente influenciou no acesso dos migrantes a, por exemplo, estudo, trabalho, dinheiro, informação e documentação.

Muitas das vezes em que perguntei aos interlocutores sobre o que seria rede para eles, eles mencionavam relações com amigos, colegas de trabalho e familiares para resolver demandas de suas vidas. Entretanto, para além disso, percebia em campo que eles também acessavam instituições a partir de suas demandas como migrantes. Por isso, reforcei, no terceiro capítulo, que as redes dos interlocutores são compostas por pessoas e instituições. Para aprofundar este assunto, expus desenhos e esquemas que fiz de suas redes, como uma forma de reforçar a presença de variados atores nestas redes.

Refletir sobre a presença de instituições nas redes dos interlocutores foi uma das reflexões que me levaram à constatação da presença de conflitos e tensões nestas redes. Pude obter relatos sobre o intenso controle e o desrespeito a migrantes na fronteira e noutras partes de Roraima, assim como sobre o desamparo sofrido por imigrantes venezuelanos indígenas e não indígenas em Recife e Região Metropolitana. De forma que ficou evidente que a assistência dada pelo Estado e por outras instituições precisava ser problematizada para além da solidariedade. Isto me fez refletir sobre o quanto a tensão também é parte das redes, como afirma Assis (2004), e sobre como que políticas locais, como as daqui, podem refletir lógicas multilaterais de uma política global que criminaliza o migrante e legitima a violência contra este, como diz Bela Feldman Bianco (2018a).

Uma das conclusões desta tese é a de que a presença de instituições governamentais e não governamentais nas redes dos interlocutores não garantiu o pleno acesso a direitos por parte dos migrantes. Dessa forma, foi possível perceber o que comenta Bela Feldman Bianco (2018a) como uma precariedade no acolhimento. As ações que observamos foram majoritariamente ações realizadas por instituições não governamentais devido à inexistência de políticas públicas eficientes de acolhimento. Quando comentamos sobre trabalho e revalidação de diplomas, ficou evidente que não há uma política que vise garantir o acesso de migrantes venezuelanos a trabalhos dignos e que se relacionem com suas formações. Diante deste cenário, muito se explora o empreendedorismo dos migrantes. Cenário este que não garante nenhuma segurança social a estes trabalhadores (ZANFORLIN, 2020; ZANFORLIN e AMARAL, 2019).

A experiência dos interlocutores na fronteira também nos mostrou como desde a chegada ao Brasil há um acolhimento institucional precário. Pudemos ouvir sobre longas esperas na fronteira, assim como sobre violências sofridas no estado de Roraima quando, por exemplo, Fernanda era obrigada a seguir andando pela cidade super quente junto a sua família sem poder parar, como desejava, no espaço da rodoviária, onde o banho estava controlado e o acesso à água não era garantido. É inegável que a fronteira está supermilitarizada e o que acontece ali reforça a forma como o Estado brasileiro vem lidando com a migração como um problema de segurança nacional.

Assim, refletir sobre a fronteira me permitiu perceber mais uma faceta da assistência precária e violenta prestada aos migrantes venezuelanos. Além disso, pensar sobre a fronteira também reforçou o caráter transnacional de muitas das redes dos interlocutores. Pude, como sugere Nina Glick Schiller (2000), analisar como as relações com o país de origem não são rompidas mas são rearticuladas diante da migração. E, dentre as relações com a Venezuela, pude observar a circulação de remessas, visitas e mensagens. Entretanto, como comenta Bela Feldman Bianco (2018b), quando observamos as migrações a partir da política global, que cada vez mais controla o movimento das pessoas, é possível perceber uma série de restrições à mobilidade. Os interlocutores da pesquisa relataram não conseguir visitar a Venezuela como gostariam. Diante da imobilidade em Recife e Pernambuco, ou da obrigatoriedade de permanecerem cada vez mais tempo na fronteira, como já havia observado Agier (2015), as redes sociais virtuais apareceram com grande força em campo, como um recurso acessado pelos migrantes para poderem se contatar com aqueles que fazem parte de suas redes. Mesmo assim, pudemos escutar que nem sempre se contactam aqueles que estão na Venezuela como se gostaria porque as possibilidades de acesso à internet nem sempre são garantidas e democratizadas. O que mostra, mais uma vez, como falar sobre redes nos faz pensar as relações pessoais, mas também como estas estão relacionadas a dinâmicas macro-estruturais. Em campo, pudemos observar como questões macro políticas e sanitárias, como a pandemia, influenciaram a maneira como os interlocutores constroem e acessam suas redes.

Com esta tese, foi possível não só analisar a migração venezuelana em Recife e Região Metropolitana, como colocar esta migração em perspectiva com outras migrações. O fio condutor desta comparação foi a análise sobre a rede dos migrantes. Com esta análise, pude tanto pensar sobre o cotidiano dos venezuelanos, quanto sobre a relação destas experiências com dinâmicas macro estruturais. Para isso, foi necessário recorrer a teorias sobre rede, mas

também entender como os próprios migrantes significam e usam este termo. Além disso, mais do que solidariedade, foi possível perceber a forma como a precariedade também permeia o acolhimento a migrantes, principalmente a partir das relações com as instituições. Refletir sobre as redes de interlocutores venezuelanos, foi uma forma de relacionar suas experiências historicamente e em relação a políticas globais. Dessa forma, questões micro e macro-estruturais foram evidenciadas para se alcançar o objetivo de refletir sobre como as redes influenciaram a chegada e a permanência de venezuelanos em Recife e Região Metropolitana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR. **Os Warao no Brasil**: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e imigrantes. 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/04/WEB-Os-Warao-no-Brasil.pdf> . Acesso em abril de 2021.

AGIER, Michel. Viver muito tempo na fronteira: investigações sobre o cosmopolitismo banal, (CAP. 3) in **Migrações, descentramento e cosmopolitismo**. Uma antropologia das fronteiras, 2015. São Paulo: EDUFAL/EDITORA UNESP, pp. 113-154.

ALBUQUERQUE, Vanessa Pereira de. *Controcorrente*: episódios da presença italiana em Pernambuco (1880-1930). Dissertação (Mestrado em História Social e Cultura Regional) – Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/7117?mode=full> . Acesso em agosto de 2022.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A Itália no Nordeste*: contribuição ao Nordeste do Brasil. Torino; Recife: Fondazione Giovanni Agnelli, FUNDAJ, Ed. Massangana, 1992.

ASFORA, João Sales. **Palestinos**: a saga de seus descendentes. Recife: Indústria Gráfica e Editora Primeira Edição, 2002.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo**: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. 2004. 348 folhas. Tese (Doutorado, Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas – SP.

ASSIS, Gláucia; SIQUEIRA, Sueli. Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. In.: **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** (REMHU), n. XVII, Número 32, 2009. p. 25 – 46.

ATHIAS, Renato. **A sorveteria Gamba e as dinâmicas da identidade**. In: MOTTA, Antonio (Org.). *O Japão não é longe daqui: interculturalidades, consumo e estilos de vida*. Ed. UFPE e Japan Foundation, 2011. p. 77 – 88.

BAENINGER, Rosana . SILVA, João Carlos Jaroshinski(Coord.); Catarina von Zuben; Paolo Parise; José Carlos Pereira; Francisco Max; Luís Felipe A. Magalhães, Daniel Menezes; Duval Fernandes; Alberto Jakob; Luis Renato Vedovato; Camila R. da Silva; Natália Demétrio; Joice Domeniconi;;Victor Del Vecchio; (Organizadores). **Migrações Venezuelanas** – Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018. 400 p.

BAENINGER, Rosana; DEMÉTRIO, Natália Belmonte ; DOMENICONI, J. O. S. ; FERNANDES, D. ; SILVA, J. C. J. ; MAGALHAES, Luis Felipe A. ; ZUBEN, C. V. ; VEDOVATO, L. R. ; VEGA, S. L. . **Atlas Temático do Observatório das Migrações em São Paulo- Migrações Venezuelanas**. 1. ed. NEPO/UNICAMP: NEPO/UNICAMP, 2020. v. 1. 444p .

BAENINGER, Rosana; DEMÉTRIO, Natália Belmonte; DOMENICONI, Joice; QUEIROZ, Silvana Nunes; SILVA, Carla; ZUBEN, Catarina von; VEDOVATO, Luis (Org.) . **Atlas do Observatório das Migrações em São Paulo -Migrações Internacionais Nordeste**. 1. ed. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2019. v. 1. 200p .

BARNES, John. Class and Committees in a Norwegian Island Parish. In.: Human relations, 7, 1954, p. 39-58.

_____. Networks and political process. In.: MITCHELL, Clyde (Org.). Social networks in urban situations. Manchester: Manchester University Press, 1969.

_____. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas**. Métodos. São Paulo; Editora UNESP, 2010, p. 171-204.

BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. Diário de campo. (Sempre) um experimento etnográfico-literário? In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Org.). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Gênero e etnografia na antropologia brasileira recente. Porto Alegre, 2006.

BRASIL. **Portaria interministerial n. 9, de 14 de março de 2018**. Dispõe sobre a concessão de autorização de residência ao imigrante que esteja em território brasileiro e seja nacional de país fronteiriço, onde não esteja em vigor o Acordo de Residência para Nacionais dos Estados Partes do MERCOSUL e países associados, a fim atender a interesses da política migratória nacional. Disponível em: <<http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/cedula-de-identidade-de-estrangeiro/portarias-interministeriais/PORTARIAINTERMINISTERIALN9DE14DEMARODE2018DirioOficialdaUnioImprensaNacional.pdf>>. Acesso em: fev. 2020.

CAPPELLI, Vittorio. **A propósito de imigração e urbanização**: correntes imigratórias da Itália meridional às “outras Américas”. In: *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXIII, n. 1, p. 7-37, junho 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/2238> . Acesso em: agosto de 2022.

CAPELLO, Carlo; CINGOLANI, Pietro; VIETTI, Francesco. **Etnografia delle migrazioni**: temi e metodi di ricerca. Carocci editore, Roma. 2022.

CÁRITAS Brasileira e IHU inauguram Casa de Direitos para atender migrantes e refugiados no Recife. Informação Postada no site do Boletim UNICAP em 07 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://www1.unicap.br/assecm1/caritas-brasileira-e-ihu-inauguram-casa-de-direitos-para-atender-migrantes-e-refugiados-no-recife/>>. Acesso em: jan. 2021.

CARTA-denúncia sobre violações de direitos de migrantes indígenas Warao. 03 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.caritasne2.org.br/wp-content/uploads/2020/12/2020.12.03-Carta-Den%c3%bancia-sobre-Viola%c3%a7%c3%b5es-de-Direitos-de-Migrantes-Ind%c3%adgenas-Warao-2-1.pdf> . Acesso em: julho de 2021.

CAVALCANTI, Josefa Salete. **Products of the San Francisco Valley**: Japoneses e exportação de alimentos. In: MOTTA, Antonio (Org.). O Japão não é longe daqui: interculturalidades, consumo e estilos de vida. Ed. UFPE e Japan Foundation, 2011. p. 91 – 101.

COSTA, Valéria Gomes. O Recife nas Rotas do Atlântico Negro: tráfico, escravidão e identidades no oitocentos. In: REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA, PPGHC/UFRJ, Rio de Janeiro, 7,1: 186-217, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/372> . Acesso em: agosto 2022.

CLUBE. Informação postada no Site do Clube Alemão em 2022. Disponível em: <<https://clubealemao.org.br/clube/>>. Acesso em: ago. 2022.

CUSTÓDIO, Rafael. **Migrantes e trabalhadores relatam violência, crime e medo na Operação Acolhida em Roraima**. Agência Pública, julho 2024. Disponível em: <https://apublica.org/2024/07/migrantes-e-trabalhadores-relatam-violencia-crime-e-medo-na-operacao-acolhida-em-roraima/> . Acesso em jan. 2025.

DIAZ, Oriana. **Islã, migração e tecnologias digitais**: reflexões sobre a Muridiyya transnacional a partir de Caxias do Sul (RS). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2017.

DOMINGUES DA SILVA, Daniel Barros. O Tráfico Transatlântico de Escravos de Pernambuco (1576- 1851): Notas de Pesquisa. In: VI Congresso Brasileiro de História Econômica, 2005a, Conservatória. Anais do VI Congresso Brasileiro de História Econômica, 2005a. Disponível em: <https://www.abphe.org.br/arquivos/daniel-b-domingues-silva.pdf> . Acesso em agosto 2022.

DOMINGUES DA SILVA, Daniel Barros. O Tráfico Transatlântico de Escravos de Pernambuco (1576-1851): Aspectos Conjunturais. 2005b. In: ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005b. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206571_63aacaecd42fc49bda5d38847a2a25f3.pdf . Acesso em agosto 2022.

ELTIS, David; BEHRENDT, Stephen; RICHARDSON, David; KLEIN, Herbert (Orgs.). **The Trans-Atlantic Slave Trade**: a database on cd-rom. Cambridge University Press. 1999.

ESTRATÉGIA de interiorização. Informação postada no site do painel da interiorização. 2022 Disponível em: <http://aplicacoes.mds.gov.br/snas/painel-interiorizacao/> . Acesso em setembro de 2022.

FABREAU, Martín. **Trânsitos, conexões e narrativas de imigração em um contexto transnacional** : uma etnografia em Rio Bonito PE. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós Graduação em Antropologia. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1104> . Acesso em: agosto 2022.

_____. **Rio Bonito reloaded:** nikkeis, trânsitos e conexões. In: MOTTA, Antonio (Org.). O Japão não é longe daqui: interculturalidades, consumo e estilos de vida. Ed. UFPE e Japan Foundation, 2011. p. 57 – 75.

_____. **“Entre o sakura e as uvas”.** Transformações e continuidades familiares, organizacionais e identitárias entre os nikkeis do Vale do São Francisco. Uma etnografia sobre trajetórias na agricultura irrigada. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/27078> . Acesso em agosto 2022.

FACUNDO NAVIA, Angela. **Êxodos e refúgios:** colombianos refugiados no Sul e Sudeste do Brasil. Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/427794016/Tese-Angela-Facundo-2014-Ppgas-mn> . Acesso em jan. 2025.

FELDMAN-BIANCO, Bela. O Brasil frente ao regime global de controle das migrações: Direitos humanos, securitização e violências. In: Dossiê - migrações e políticas de acolhida: o direito à acolhida e o caráter securitário das leis de migração. **TRAVESSIA** - Revista do Migrante - Ano XXXI, No 83 - Maio - Agosto / 2018a.

_____. **Anthropology and ethnography:** the transnational perspective on migration and beyond. In: Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia. vol. 22 (1) | 2018b. p. 195-215. <http://journals.openedition.org/etnografica/5203>

FERNÁNDEZ, Adrián. **Venezuela entra la hegemonía y la contra-hegemonía** (una lectura contextual para comprender una complejidad socio-histórica). In: TEXTOS E DEBATES, Boa Vista, n.32, jan./jun. 2019, p. 175-198.

FFRRAZ, Luiz Paulo Pontes. **“Deus te leve a Pernambuco”:** antilusitanismo, legislação e estatística na história da imigração portuguesa para Pernambuco (1945-1964). Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

FREYRE, Gilberto. *Nós e a Europa germânica*. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Bra-Deutsch Ltda., 1987.

GALLARDO, Francisco José Cuberos. Redes Sociales e Integración de los Inmigrantes. El caso de las mujeres ecuatorianas residentes en Sevilla. In.: **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** (REMHU), n. XVII, Número 32, 2009. p. 61-80.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W. (org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** : um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

GOMES, Alessandro Filipe de Meneses. **Das docas de comércio ao cais contínuo:** as tentativas frustradas de melhoramento do Porto do Recife no Oitocentos. Recife: Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2016

GLICK SCHILLER, Nina. Teorização Feminista sobre Nação e Estado. In: Caderno CRH, Salvador, n.33, p. 113-142, jul./dez. 2000. Disponível em: <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=98> . Acesso em: 2 set. 2016.

GLICK SCHILLER, Nina; BASCH, L; BLANC-SZANTON, C. Transnacionalismo: un nuevo marco analítico para comprender la migración. In.: **Revista Bricolage**, v.3, n.7, p.68-84, 2005.

GLUCKMAN, Max. **The Judicial Process among the Barotse of Nothern Rhodesia**. Manchester: Manchester University Press. 1955.

GUIZARDI, Menara Lube. **Para pensar as redes transnacionais:** itinerários e histórias migratórias dos capoeiristas brasileiros em Madri. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; SANJURJO, Liliana; AZEVEDO, Desirée; SIVA, Douglas Mansur da (Orgs.). Migração e Exílio. São Carlos: EdUFSCAR, 2018. p. 137-177.

HANNERZ, Ulf. **Explorando a cidade:** em busca de uma antropologia urbana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da Antropologia transnacional. In: **Mana**, Rio de Janeiro, 1997, v. 3, n. 1, p. 7-39. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/bsg6bwchcBbqfnpW6GYvnPg/> . Acesso em: jan. de 2025.

HARREL-BOND, Barbara; VOUTIRA, Eftihia. Anthropology and the Study of Refugees. In: *Anthropology Today* Vol. 8, No. 4 (Aug., 1992), pp. 6-10. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2783530?read-now=1&refreqid=excelsior%3A033646059cc9565a6341c99c99ffba03&seq=3#page_scan_tab_contents>. Acesso em jan 2021.

HAZIN, Hissa Mussa. **Imigrantes palestinos, identidades brasileiras:** compreendendo a identidade palestina e suas transformações. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Centro de FiloElizabeth e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia. Recife, 2016.

HEBENBROCK, Mariano; FIDELES, Kywza. Recife Quilombo Urbano: Fluxo Afro-Transnacional Através das Redes Sociais. In: Revista Comunicação, cultura e sociedade. n.03, vol. 3, ed.Jan-Ago , ano 2014. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/62> . Acesso em agosto de 2022.

KAUFMAN, Tânia Neumann. Da Península Ibérica para Pernambuco... Eles vieram para ficar. In: LEWIN, H., Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 9-20. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/583jd/pdf/lewin-9788579820182-04.pdf> . Acesso em agosto 2022.

_____. Etnia, Credo ou Nação: Explicações de Uma Identidade. Um estudo de caso sobre a comunidade judaica do Recife. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 1991. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17004> . Acesso em agosto 2022.

KUREMATSU, Shiro. **Pré-História da Imigração Japonesa em Pernambuco**. Editora Cultural Brasil-Japão. Recife, 1996.

KUROWICKA, Anna. **Infraestruturas Migratórias Transnacionais**: O Centro Islâmico de Recife na mediação de mobilidades ‘sul’-‘sul’. In: VAILATI, Alex; D’Carmen(Org.), Anthony. Dossiê Visões Críticas e Cosmopolíticas para uma Antropologia da Infraestrutura Latino-Americana. Revista ANTHROPOLÓGICAS: Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE. Ano 24, v. 31 (2) : 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/issue/view/2925/showToc> . Acesso em: agosto de 2022. p. 180 – 199.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012.

LEITE, Carolina; CASTRO, Mariana. Migrações venezuelanas, crise da reprodução social capitalista e necropolíticas de fronteira. In: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS Vol. 13 Nº 26, Janeiro - Junho de 2021. p. 73 – 103.

LIMA, EDUARDO. Recife entra em campo: história social do futebol recifense 1905-1937. XIV Jornadas Interescuelas/ Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.(2013). Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-010/292.pdf> . Acesso em agosto 2022

LUCENA, Camila; VIEIRA, Eloah; BASTOS, Antonio; RAMOS, Juand; LIMA, Luciana. Um panorama da migração venezuelana em Pernambuco e seus desafios nas áreas do cuidado e da educação. In: Livro do Grupo de Estudos em Teoria Sócio Histórica, Migração e Políticas Sociais da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). 2021.

MAC CORD, Marcelo. Dois mestres de ofício alemães no Recife oitocentista: mundo do trabalho artesanal e sociabilidades cotidianas. In: Almanack, v. 25, p. 1-39, 2020a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alm/a/4KPQ3DQjx68bpxgGfvJ6jFv/?lang=pt> . Acesso em agosto 2022.

MAC CORD, Marcelo. Operários e operárias da fábrica a vapor de chapéus de Antônio José Maia & Cia.: gênero, idade, qualificação profissional e nacionalidade. Recife, década de 1880. In: **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 12, p. 1-31, 2020b. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2020.e69916>. Acesso em: ago. 2022.

MACHADO, Igor José de Reno. Introdução: Refúgios e hierarquias de diferença. In: MACHADO, Igor José de Reno (Org.). **Etnografias do Refúgio no Brasil**. São Carlos: EDUFSCar, 2020. p.9-32.

MENDONÇA, Luís Eduardo Cavaleira de. *O empreendedorismo português na cidade do Recife na primeira metade do século XX*. Tese (Doutor em Gestão Industrial), Universidade de Aveiro (PT), 2010. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3807/1/tese%20vers>

[%C3%A3o%20com%20juri%2015%2004%202010%20-%20final.pdf](#) . Acesso em agosto 2022.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. ETNOGRAFIA ON E OFF-LINE: CIBERCAFÉS EM TRINIDAD. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. In: Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo, v.5, n.7, p.01-12, abril 2017.

MITCHELL, Clyde. A questão da quantificação na Antropologia Social. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas**. Métodos. São Paulo; Editora UNESP, 2010. p. 89-138.

_____. Networks, Norms and Institutions. In.: BOISSEVAN, J.; MITCHELL, C. (Orgs.). **Network Analysis**. The Hague: Mouton.

_____. The Concept and Use of Social Networks. In.: MITCHELL, Clyde (org.), **Social Networks in Urban Situations: Analyses of Personal Relationships in Central African Towns**, Manchester, UNIVERSITY OF MANCHESTER –INSTITUTE FOR AFRICAN STUDIES UNIVERSITY OF ZAMBIA, 1969, pp. 1-50.

PACÍFICO, Carmen Pacheco; SANTANA, Mônica; SILVA, Sarah Fernanda Lemos. A proteção aos refugiados na Para[iba: uma análise descritiva do programa nacional de interiorização (PNI) dos venezuelanos. In: BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos Jaroshinski (Org). **Migrações Venezuelanas**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018. p.271-275

MOTTA, Antonio (Org.). **O Japão não é longe daqui: interculturalidades, consumo e estilos de vida**. Ed. UFPE e Japan Foundation, 2011.

MOTTA, Antonio; LOBO, A.; TRAJANO, W.. (Org.). **África Fora de Casa**. 2ed.Brasília/Recife: ABA Publicações/ EDUFPE, 2018.

OLIVIER DE SARDAN, Jean-Pierre. Le je méthodologique: implication et explication dans l'enquête de terrain. IN: **Revue Française de sociologie**, 41 (3), 2000, pp. 417-455.

OIM. Informe 6 de janeiro de 2025. SUBCOMITÊ FEDERAL PARA RECEPÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E TRIAGEM DOS IMIGRANTES. **MIGRAÇÃO VENEZUELANA**. JANEIRO 2017 - NOVEMBRO 2024. Publicado em 2025. 2025a Disponível em : <https://brazil.iom.int/pt-br/dados-e-informacoes> . Acesso em Janeiro de 2025.

OIM. Informe 17 de janeiro de 2025. SUBCOMITÊ FEDERAL PARA RECEPÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E TRIAGEM DOS IMIGRANTES. **DESLOCAMENTOS ASSISTIDOS DE VENEZUELANOS** ABRIL 2018 - DEZEMBRO 2024. 2025 b Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/dados-e-informacoes>. Acesso em Janeiro de 2025.

OPERAÇÃO acolhida. Informação postada no Portal de Imigração do Ministério da Justiça. 2022. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Subcomit%C3%AA_federal/publica%C3%A7%C3%B5es/informe-migracao-venezuelana-jan2017-fev2022-v5.pdf . Acesso em setembro de 2022.

OPERAÇÃO acolhida. Informação postada no site da Operação acolhida. 2020 Disponível em: < <https://www.gov.br/acolhida/historico/> > . Acesso em nov 2020.

PACÍFICO, Carmen Pacheco; SANTANA, Mônica; SILVA, Sarah Fernanda Lemos. A proteção aos refugiados na Paraíba: uma análise descritiva do programa nacional de interiorização (PNI) dos venezuelanos. In: BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos Jaroshinski (Org). **Migrações Venezuelanas**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018. p.271-275

PAEZ, Tomas; PEÑALVER, Leonardo. **The Venezuelan Diaspora, Another Impending Crisis?** Freedom House, p. 2-32, abr. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317099053_The_Venezuelan_Diaspora_Another_Impending_Crisis. Acesso em ago. 2022.

PERGUNTAS frequentes. Informação postada no site do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/perguntas-frequentes>>. Acesso em: fev. 2020.

PERNAMBUCO. Lei nº 17.350, de 2021. Dispõe sobre os objetivos, os princípios, as diretrizes e as ações prioritárias a serem observadas na elaboração das políticas públicas voltadas à população migrante no âmbito do Estado de Pernambuco. Disponível em: <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?tiponorma=1&numero=17350&complemento=0&ano=2021&tipo=&url=> . Acesso em setembro de 2022.

POLÍCIA Federal. O que é o Registro Nacional Migratório. Informação postada no site do Ministério da Justiça e Segurança Pública em 13 de maio de 2021. Disponível em: < <https://www.gov.br/pf/pt-br/assuntos/imigracao/duvidas-frequentes/autorizacao-de-residencia-e-registro-nacional-migratorio-rnm/o-que-e-registro-nacional> > . Acesso em junho de 2023.

PORTO Digital. Informação postada no site do Porto Digital. Disponível em: < <https://www.portodigital.org/paginas-institucionais/o-porto-digital/o-que-e-o-porto-digital> > . Acesso em junho de 2023.

RECIFE. Lei municipal nº 18.798, de 2021. Institui as bases para a elaboração da "Política Municipal de Promoção dos Direitos dos Migrantes e Refugiados" no município do Recife. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/2021/1880/18798/lei-ordinaria-n-18798-2021-institui-as-bases-para-a-elaboracao-da-politica-municipal-de-promocao-dos-direitos-dos-migrantes-e-refugiados-no-municipio-do-recife> . Acesso em setembro de 2022.

ROSA, Marlise. **A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito**: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA. Tese (doutorado) -

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2020.

SANTOS, Wilza Betania dos. Caminhos identitários: Imigrantes Portugueses em Pernambuco. In: Revista de História, v. 177, p. 01-33, 2018.

SAYAD, Abdelmaek. **L'immigration ou les paradoxes de l'altérité**. Bruxelles: De Boeck Université, Paris: Universitaires, 1991.

SCOTT, Parry; VICENTE, Mariama; NÓBREGA, Leonardo; ACIOLY, Rafael. As rearticulações de sociabilidade decorrentes de migrações internacionais. In **Áltera** - Revista de Antropologia, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 37-55, jul./dez. 2015.

SCHÖRNER, Ancelmo. Migração e família: a consolidação de paranaenses em Jaraguá do Sul / SC. In: IN.: **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana (REMHU)**, n. XVII, Número 32, 2009. p. 133 – 144.

SEYFERTH, Giralda. Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político. Trabalho apresentado na Mesa Redonda Imigrantes e Emigrantes: as transformações das relações do Estado Brasileiro com a Migração. 26a **Reunião Brasileira de Antropologia**, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Brasil. Disponível em: http://www.imigracaohistorica.info/uploads/1/3/0/0/130078887/seyferth_giralda_imigrantes_estrangeiros_a_trajet%C3%B3ria_de_uma_categoria_inc%C3%B4moda_no_campo_pol%C3%ADtico.pdf . Acesso em setembro de 2022.

_____. A Imigração no Brasil: Comentários sobre a Contribuição das Ciências Sociais. In: **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais BIB**, São Paulo, n. 57, 1.o semestre de 2004. p. 7 - 48.

SILVA, Marcos de Araújo. Guanxi nos trópicos : um estudo sobre a diáspora chinesa em Pernambuco. Dissertação (mestrado) em Antropologia na Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2008. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/handle/123456789/445> . Acesso em agosto de 2022.

SIMÕES, Gustavo da Frota. Venezuelanos em Roraima: características e perfis da migração venezuelana para o Brasil. In: **CADERNOS ADENAUER (SÃO PAULO)**, v. 7, p. 45-56, 2017.

SOARES, Weber. Da associação entre os retornados internacionais e os intermediários da rede migratória valadarense. IN.: **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana (REMHU)**, n. XVII, Número 32, 2009. p. 47 – 59.

SOTO, Patricia Mazzei. Redes migratorias online. Reflexiones teoricometodológicas en torno a un campo fuertemente mediado por internet: el caso de venezolanos en Uruguay. Aportes hacia una antropología (de lo) digital. In: **Avances de Investigación**. Tomo II. Estudiantes. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, Uruguay, 2018. p.45-57

SOUZA, George F. Cabral de. Prefácio. In: VIEIRA, Daniel de Souza Leão. Frans Post e a paisagem da Nova Holanda. Recife: Ed. UFPE, 2019. p. 11 -13.

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico. IN: **O efeito etnográfico**, São Paulo: Cosac Naify, 2014a, pp. 345-406.

_____. Os limites da autoantropologia. IN: **O efeito etnográfico**, Cosac Naify, 2014b, pp. 133-158.

_____. Cortando a Rede. In: STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo, Ubu Editora, 2017c. p. 259-285

TCHAM, Ismael. A África fora de casa: sociabilidade, trânsito e conexões entre os estudantes africanos no Brasil. Recife, 2012. 99 folhas Dissertação (mestrado) - UFPE, Centro de FiloElizabeth e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia. Recife, 2012.

_____. **Estar, ficar e retornar** : estudantes africanos no Brasil e os dilemas da migração. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2016.

TEIXEIRA, Rosane Siqueira. Agente de emigração: instruções aos emigrantes norte-americanos com destino a Pernambuco, 1866-1868. 2020 (Texto escrito para o site Imigração Histórica). Disponível em: <http://www.imigracaohistorica.info/recifeimigraccedilatildeo-imigrantes.html> . Acesso em agosto 2022.

_____. **Retrospectiva**: a presença dos imigrantes estrangeiros no Recife. (Texto escrito para o site Imigração Histórica). Disponível em: <http://www.imigracaohistorica.info/imigraccedilatildeo-no-recife.html> . Acesso em agosto 2022.

TEDLOCK, Barbara. From Participant Observation to the Observation of Participation: The Emergence of Narrative Ethnography. IN: **Journal of Anthropological Research**, 47, 1991, pp. 59-94.

TORRESAN, Ângela. Emoções fora do lugar: negociando amizade em Lisboa. In.: MACHADO, Igor (Org.). **Um mar de identidades**. A imigração brasileira em Portugal. São Carlos: EdUFSCAR, 2006. p. 189 – 228.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. In.: **Tempo social, revista de sociologia da USP**. v. 20, n. 1. 2008. p.199 – 218.

VAILATI, Alex; D'Carmen(Org.), Anthony. **Dossiê Visões Críticas e Cosmopolíticas para uma Antropologia da Infraestrutura Latino-Americana**. Revista ANTHROPOLÓGICAS: Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE. Ano 24, v. 31 (2) : 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/issue/view/2925/showToc> . Acesso em: agosto de 2022.

VAILATI, Alex. In: RIAL, Carmen; ALMEIDA, Caroline (Orgs.). **Pesquisando além-mar: Dilemas metodológicos de campos realizados no exterior**. Brasília: ABA Publicações, 2023. p. 105 – 122. Disponível em: <http://www.portal.abant.org.br/aba/publicacoes/publicacao-413370> . Acesso em maio de 2024.

VASCONCELOS, Iana. **Articulações familiares transnacionais: Estratégias de cuidado e manutenção familiar na fronteira Brasil/Venezuela**. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós Graduação em Antropologia. Mestrado Interinstitucional UFPE, UFRR. (Recife): Boa Vista, RR. 2013.

_____. Entre acolher e manter a ordem: Notas etnográficas sobre a gestão das Forças Armadas brasileiras nos abrigos para venezuelanos/as solicitantes de refúgio em Boa Vista - RR. In: MACHADO, Igor José de Reno (Org.). **Etnografias do Refúgio no Brasil**. São Carlos: EDUFSCar, 2020.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, G; KUSHNIR, K. (orgs.) **Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003. (pp. 11-19). Disponível em: [file:///tmp/mozilla_eloah0/VELHO,%20Gilberto.%20O%20desafio%20da%20proximidade%20II%20\[artigo\].pdf](file:///tmp/mozilla_eloah0/VELHO,%20Gilberto.%20O%20desafio%20da%20proximidade%20II%20[artigo].pdf) . Acesso em: fevereiro de 2023.

VIEIRA, Daniel de Souza Leão. **Frans Post e a paisagem da Nova Holanda**. Recife: Ed. UFPE, 2019.

VIEIRA, Eloah Maria Martins. **Estratégias articuladas por mulheres bolivianas em São Paulo para a realização do trabalho doméstico em suas casas e famílias** . Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2019.

ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre : Pallotti, 2004. 179 p . Disponível em: http://www.imigracaohistorica.info/uploads/1/3/0/0/130078887/o_processo_migratorio_no_brasil.pdf. Acesso em agosto 2022.

ZANFORLIN, Sofia. Cavalcanti. Migrantes empreendedores: um estudo sobre ONGs e inclusão econômica de imigrantes no Brasil. In.: ELHAJJI, Mohammed; COGO, Denise; HUERTAS, Amparo (Eds.) **Migrações transnacionais, interculturalidade, políticas e comunicação**. InCom-UAB Publicacions, 20. Bellaterra: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona. 2020 p. 341 – 348.

ZANFORLIN, Sofia. Cavalcanti.; AMARAL, Renata Maria. Empreendedorismo para migrantes: relações entre gastronomia, consumo cultural e economia criativa. In.: **E-Compós** (Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação), v.22, jan – dez, 2019, p. 1 -27.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Duas vias: uma sob posse da pesquisadora e outra do/a informante.

Declaro que estou ciente de estar participando da pesquisa de doutorado de Eloah Vieira, pesquisa esta intitulada como: **Redes acessadas e construídas por venezuelanos e venezuelanas na Região Metropolitana do Recife**. Esta pesquisa tem como objetivo compreender as experiências de venezuelanos, com foco nas relações, associações e redes que influenciam tanto sua chegada como sua permanência na região. Minha participação está em responder a uma entrevista. Esta entrevista será feita de forma online através do Google Meet. Esta entrevista será gravada se eu permitir.

Estou ciente de que trata-se de uma atividade voluntária, de que posso desistir a qualquer momento e que a participação não envolve remuneração. Os dados coletados nesta entrevista ficarão armazenados no computador pessoal da pesquisadora. Nestes termos, posso recusar e/ou retirar este consentimento, informando à pesquisadora, sem prejuízo para ambas as partes a qualquer momento em que eu desejar fazê-lo. Tenho o direito também de determinar que sejam excluídas do material da pesquisa informações que já tenham sido dadas. Fui informado que a pesquisa não envolve riscos ou danos à saúde e que a pesquisadora garantirá a confidencialidade e o anonimato. Fica acordado que as informações por mim fornecidas não serão utilizadas para outro fim além deste e a assinatura deste consentimento não inviabiliza nenhum dos meus direitos legais.

Caso ainda haja dúvidas, tenho direito de tirá-las agora, ou, em surgindo alguma dúvida no decorrer da entrevista, posso esclarecê-las a qualquer momento. Os pesquisadores responsáveis por esta pesquisa são:

Eloah Vieira (Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia - UFPE) Telefone de contato: (81) XXXXXXXX e-mail: eloah.backup@gmail.com

Profº. Drº. Alex Vailati - Orientador (Programa de Pós-Graduação em Antropologia-UFPE) e-mail: alex.vailati@ufpe.br

Após ter lido e discutido com a entrevistadora os termos contidos neste consentimento esclarecido, concordo em participar como informante, colaborando, desta forma, com a pesquisa.

Recife, ____/____/2021

() Aceito participar da pesquisa

() Não aceito participar da pesquisa

Nome completo do(a) do entrevistado (a):

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista

Trajetória e relações

Me conta um pouco sobre a tua história....

- 1 - Nome
- 2 - Onde nasceu?
- 3 – Idade
- 4 - Quando veio pra cá? (Por quê?) Por que Recife?

Chegada

- 5 - Como foi a sua trajetória até chegar aqui em Recife (outra cidade/meios de transporte)?
- 6 - Chegou direto em Recife?

7 - Você recebeu ajuda ou assistência de alguém ou de algum grupo/instituição pra chegar até aqui? Como conheceu essas pessoas?

Participou da interiorização?

(Interiorização): Como ficou sabendo da interiorização?

- 8 - Já conhecia pessoas aqui quando chegou?
- 9 - Alguém ou alguma instituição te ajudou quando chegou?

Permanência

10 - Atualmente você costuma procurar alguém ou algum grupo / instituição quando precisa de ajuda/assistência? Quem? Qual?

11 - Participa de atividades com outros venezuelanos? Brasileiros?

12 - Participa de atividades de alguma instituição ou grupo de imigrantes? Cáritas? RAFA? Consulado? Red de Venezoelanos? Grupo de whatsapp? Grupo de facebook?

13 - Se participar:
quais atividades?
como ficou sabendo?

14 - Por que o nome “rede”?

Venezuela

15 - Mantém contato com a Venezuela? Como (meio de comunicação)? Ficaram familiares?

16 - Envia remessas? Como faz? Banco, terceiros, diretamente?

17 - Já chegaram mais pessoas conhecidas/familiares aqui depois que você chegou? Como? Você as ajudou a chegar aqui?

18 - Você trouxe algum objeto importante pra você? Qual? Por quê?

Tem alguma foto que trouxe? Gostaria de mostrar?

Trabalho

19 - Você trabalha? Onde? Como ficou sabendo desse trabalho?

20 - Qual é a sua renda? E da sua família? (se se sentir confortável pra falar)

E na Venezuela, qual a era a classe social da sua família?

Moradia

21 - Onde mora?

22 - Com quem mora?

23 - Como ficou sabendo sobre essa casa?

Rotina

24 - Como costuma ser sua rotina? Trabalho e outras atividades, em casa também.

25 - Como tem se divertido?

Status Migratório (se sentir espaço para)

26 - Residente? Refugiado? Solicitante? Por quê? Por que residente e não refugiado? Ou o contrário?

Telefone de whatsapp, insta, face da pessoa

Tem algo que eu não perguntei que você gostaria de falar?

Me indicaria outra pessoa pra conversar?

Posso disponibilizar a gravação.

Muito obrigada!